

Michelle Ferreira de Oliveira
Adriana Aparecida Ribon Ogera
Thyago Madeira França
(Organizadores)

Extensão Universitária na Região Centro-Oeste:

Conquistas e Desafios

no século XXI



PRESIDENTE

Antonio Borges Cruvinel Neto
Reitor

VICE-PRESIDENTE

Cláudio Roberto Stacheira
Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação

COORDENADORA GERAL

Elisabete Tomomi Kowata

REVISÃO TÉCNICA

Ana Paula de Oliveira Lima (Bolsista DI/UEG)
Elisabete Tomomi Kowata

REVISÃO LINGUÍSTICA E TEXTUAL

Thyago Madeira França

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Natã Silva de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Alessandro José Marques Santos (UEG)
José Leonardo Oliveira Lima (UEG)
Julierme Sebastião Morais Souza (UEG)
Luciana Rebelo Guilherme (UEG)
Leonardo Lopes do Nascimento (UEG)
Osvaldo José da Silveira Neto (UEG)
Sabrina do Couto de Miranda (UEG)
Thiago Henrique Costa Silva (UEG)
Vinicius Gomes de Vasconcellos (UEG)
Wellington Hannibal (UEG)

COMISSÃO CIENTÍFICA -

AValiação EXTERNA

Marcela Henrique de Freitas (UEPB)
Vanessa Maria Marques Salomão (IFG)

Extensão Universitária na Região Centro-Oeste:

Conquistas e Desafios

no século XXI

**Michelle Ferreira de Oliveira
Adriana Aparecida Ribon Ogera
Thyago Madeira França**

Organizadores



Anápolis-GO | 2022

© 2022, Editora UEG
© 2022, Autoras e autores

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Universidade Estadual de Goiás

Extensão Universitária na Região Centro-Oeste [livro eletrônico]:
conquistas e desafios no século XXI / Organizadores: Michelle
Ferreira de Oliveira, Adriana Aparecida Ribon Ogera, Thyago
Madeira França. -- Anápolis, GO : Editora UEG, 2022.
20 MB ; PDF

ISBN: 978-65-88502-21-1 (e-book)

1. Educação - Extensão Universitária. 2. Extensão – Educação
- Pesquisa. 3. Seminário Regional de Extensão Universitária da
Região Centro-Oeste. 4. Goiás. I. Universidade Estadual
de Goiás. II. Título.

CDU 378(817.3Goiás)

Catálogo na fonte por Carmina de Aguiar Pereira CRB-1/2974

Esta obra foi produzida com recursos dos próprios autores. A exatidão das
referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos
textos são de inteira responsabilidade dos autores.

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Br-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903 Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis -GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

SUMÁRIO

Capítulo 1	9
Conquistas e desafios na extensão Universitária no século XXI – retratos a partir do SEREX	
Capítulo 2	27
Canal chá com drama: um projeto/processo de ensino-aprendizagem online durante a pandemia	
Capítulo 3	40
Instagram uma plataforma que fornece informações sobre o câncer	
Capítulo 4	52
Investigando indícios de política pública de esporte na base de extensão universitária	
Capítulo 5	72
Extensão universitária na prevenção e tratamento da obesidade na atenção primária em saúde	
Capítulo 6	83
Emissoras de rádio e tv na universidade como canais da extensão universitária	
Capítulo 7	95
Desafios na execução das atividades extensionistas em período pandêmico – PET educação interdisciplinar	
Capítulo 8	108
Projetos de extensão: temas de interesses dos alunos do curso de matemática da UEG / UnU-Posse	
Capítulo 9	121
Agruras históricas da educação brasileira	
Capítulo 10	132
Pequi crítica: florescimento de novas perspectivas sobre o cinema a partir da crítica	

SUMÁRIO

Capítulo 11	145
Cartas em tempos de pandemia: narrativas de idosas praticantes de ginástica para todos	
Capítulo 12	163
Mapeamento colaborativo: cartografia da arborização urbana e sua relação com as ilhas de calor e zonas de conforto térmico em Goiânia (GO)	
Capítulo 13	176
Agência mais comunicação: ação compre do vizinho CG	
Capítulo 14	189
Reciclar: projeto de educação ambiental, coleta seletiva de pilhas e baterias portáteis usadas	
Capítulo 15	201
A violência contra a mulher na extensão universitária	
Capítulo 16	215
Ação afirmativa no ensino superior: o processo formativo de estudantes cotistas na extensão universitária	
Capítulo 17	227
Jogos de tabuleiro... Vamos jogar online!	
Capítulo 18	239
Revista Darcy nas escolas: contribuições da extensão universitária para a divulgação científica e a formação discente	
Capítulo 19	252
Concepções de agricultores sobre efeitos da lua na agricultura e nos animais	
Capítulo 20	264
Oficina de elaboração de cardápio para o PNAE: uma oportunidade de aprimoramento acadêmico-profissional e extensionista	

PREFÁCIO

Ser responsável pela realização do SEREX é motivo de orgulho para qualquer instituição do Centro-Oeste. Para a UEG, em 2021, foi não só um orgulho, mas também uma oportunidade toda especial. Oportunidade de enfatizar, uma vez mais, a importância que devemos dar, e procuramos dar, às atividades extensionistas e à sua inserção no tripé fundamental que sustenta o ensino superior. Extensão é ciência de forma plena. O SEREX.12 foi expressão veemente dessa convicção.

Os números do evento foram encorajadores: 222 trabalhos apresentados, 753 inscrições individuais e 150 profissionais atuando como pareceristas para a análise desses trabalhos. Tantas pessoas envolvidas eram um sinal claro de que o evento seria riquíssimo. E realmente foi.

Eu inscrevi um trabalho, quando ainda não estava à frente da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da UEG. Era um trabalho sobre um curso que desenvolvi, via internet, tratando de partidos políticos na história brasileira. Imagine que situação: eu estava animado com a perspectiva de participar do SEREX.12 apresentando um trabalho e, poucos meses depois, me vi diante do dever de estar em algumas cerimônias e atividades como o Pró-Reitor e representante da entidade organizadora e anfitriã. Posso garantir que foi uma experiência para não esquecer jamais.

O SEREX.12 deixou na UEG sensações muito positivas: sensação de intercâmbio intelectual enriquecedor, sensação de capacidade organizativa (importante para reerguer o ânimo de uma comunidade acadêmica recém-saída de um processo de intervenção) e, ao fim do evento, uma sensação muito importante de dever cumprido. Consideramos que a rota traçada foi seguida como esperávamos e, afinal, atingimos os objetivos que foram propostos.

A publicação deste e-book, composto por um capítulo de introdução e por textos de notável relevância e qualidade, fecha do melhor modo (com “chave de ouro”, como se costuma dizer) todo o trabalho que deu origem e depois impulsionou esse evento. A UEG tem, de fato, muito a se orgulhar pelo que foi realizado e por essa publicação que é filha do SEREX.12.

Eu, que pude participar de modo tão especial desse evento, deixo a todos uma ótima leitura.

FÁBIO SANTIAGO SANTA CRUZ

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis da UEG

CONQUISTAS E DESAFIOS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO SÉCULO XXI – RETRATOS A PARTIR DO SEREX

ACHIEVEMENTS AND CHALLENGES
IN THE UNIVERSITY EXTENSION
IN THE 21ST CENTURY -
PORTRAITS FROM SEREX

Adriana Aparecida Ribon Ogera
Júlio César Maia
Michelle Ferreira de Oliveira
Thyago Madeira França

Resumo: O ano de 2021 foi marcado pelas várias reflexões acerca das práticas que foram desenvolvidas com o processo pandêmico vivenciado em 2020. Para além das práticas, a necessidade de registros históricos e manter viva a memória das ações em um só lugar. A equipe organizadora do Serex do ano de 2021 buscou esse resgate: disponibilizando os anais do evento em apenas um sítio e inaugurou um site com o intento de manter esse registro vivo. E ainda, com o objetivo de sistematizar os dados do SEREX2021, organizamos esse capítulo, com os dados obtidos a partir da análise dos anais disponibilizados no <https://anais.ueg.br/index.php/serex>.

Palavras-chave: Seminário Regional; Extensão Universitária; Anais; História.

Abstract: The year 2021 was marked by the various reflections about the practices that were developed with the pandemic process experienced in 2020. In addition to practices, the need for historical records and keep alive the memory of actions in one place. The serex organizing team of the year 2021 sought this rescue: making available the events in only one site and inaugurated a website with the intention of keeping this record alive. Furthermore, in order to bring the memory of serex data, we organized this chapter, with the data obtained from the analysis of the annais available in the <https://anais.ueg.br/index.php/serex>.

Keywords: Regional Seminar; University Extension; The annais; History.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é um espaço peculiar para a construção e partilha dos saberes. É na extensão universitária que a formação acadêmica se completa na práxis, na relação teoria e prática e na comunicação com a sociedade. Na Região Centro-Oeste, em sua magnitude e diversidade, as ações de extensão universitária têm recebido destaque e promoção por meio da realização do Seminário Regional de Extensão Universitária, o SEREX.

Doze edições foram realizadas entre os anos de 2007 e 2021, com diferentes temáticas e sediadas por diferentes Universidades: Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT; Universidade Federal Mato Grosso (UFMT); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS); Universidade Estadual da Grande Dourados (UEGD); Universidade de Rio Verde (UNIRV) e pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

A imersão e o compromisso de centenas de pessoas na região Centro-Oeste com a extensão universitária protagonizaram anos de

produções que foram compartilhadas em encontros locais e sistematizadas por meio de impressões ou da publicação dos anais dos eventos. Em 2021, a inquietação: embora se tratasse de um evento itinerante, cuidado por diversas mãos era necessário um resgate e cuidado com sua memória.

Essa preocupação ocorreu especialmente porque os anos de 2020 e 2021 foram suscitados por um período pandêmico, provocado por um vírus (denominado Coronavírus) e, consequentemente, pelo distanciamento social e por um maior acesso às plataformas digitais. Por conta disso, as edições do Serex de 2020 e 2021 foram realizadas de modo virtual, o que se transformou em uma forma de aproximação em meio a tantas dificuldades vivenciadas.

Ser virtual não diminuiu sua beleza, porém intensificou a necessidade dos registros. Dessa forma, os anais das edições dos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021 foram disponibilizados no site <https://anais.ueg.br/index.php/serex/issue/archive>, com registro do ISSN de número 2764-1570, de modo a manter reunido em um espaço o acervo das diversas edições do evento, para se tornar uma fonte de pesquisa. Além disso, outros espaços virtuais foram criados, como o perfil no Instagram e uma página com objetivo de agregar as informações e a trajetória histórica do evento. Para tanto, empreendemos, um processo de registros, análises e sistematizações da história desse evento.

Este capítulo reforça os retratos da extensão universitária no Centro-Oeste, a partir dos debates que vêm sendo realizados, aqui representados pela análise das publicações dos anais do evento dos anos de 2017 a 2021.

2. RETRATOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Retratar a extensão universitária é traçar em sua linha do tempo todo o seu processo de fortalecimento frente a muitas resistências presentes na Educação Brasileira. Nem sempre a extensão foi estabelecida pelo dialogismo do tripé ensino-pesquisa-extensão. Foi no início da década de 1960 que a extensão iniciou como conhecemos hoje, indissociável do ensino e pesquisa, tomando corpo quando surgiram ações de compromisso com as classes populares e com a intencionalidade de conscientizá-las sobre seus direitos (GADOTTI, 2017).

O artigo 2017 da Constituição Federal Brasileira (1988) consagrou o princípio da indissociabilidade entre o Ensino-Pesquisa e Extensão, e a LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96) estabeleceu a Extensão Universitária como uma das finalidades da Universidade (Artigo 43). Assim, Extensão Universitária se consolida como a ação da Universidade junto à comunidade (aberta a participação da população) ao compartilhar com o público externo o conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa.

Com cada vez ocupando mais espaço nas instituições de ensino, e concretizando-se como um dos grandes tripés- ensino, pesquisa e extensão, a discussão sobre a extensão vai muito além dos limites da relação entre esses três princípios, transformando-se em um importante item a ser inserido na formação curricular de acadêmicos e professores com o objetivo de estabelecê-la como uma ponte de interação, compreensão e aplicação dos conteúdos científicos a serviço da sociedade. (GIASSI *et al.*, 2017).

Nesse processo de interação cada vez mais atuante e dinâmico, encontra-se a curricularização da extensão como um dos Retratos da extensão Universitária, ainda em processo de implantação em muitas IES, mas com reflexos que permitem uma discussão cada vez mais atuante nos caminhos que a extensão universitária percorre.

Conforme a Política Nacional da Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) “a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.”

E diante do caráter transformador da extensão universitária e da necessidade de construção de sua identidade no contexto da inserção social da Universidade, a curricularização da extensão abre os caminhos para o desafio, para o novo. Dois anos após o Documento publicado pelo FORPROEX, tem-se as primeiras diretrizes desse processo que vem sendo discutido até hoje.

O início do processo de curricularização da extensão se dá pela Lei Nº 13.005 de 25 de julho de 2014 do Plano Nacional de Educação (PNE) que estabelece a implantação de até 10% da carga horária dos cursos de Graduação em atividades de extensão. Entretanto, a obrigatoriedade da implantação ocorreu somente quatro anos após com a Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.

De forma democrática, cada Instituição de Ensino Superior, por meio de reuniões colegiadas discutem as possibilidades de inserção das atividades curriculares de extensão. Todo o processo de curricularização da extensão ocorre de acordo com um Planejamento estratégico baseado na Estrutura das Universidades e tem levado em consideração as particularidades e especificidades presentes em seus diversos cursos de graduação e suas diretrizes são implantadas em normas internas vigentes após aprovação em seus Conselhos Superiores.

Assim, espera-se com o processo de curricularização, o fortalecimento da extensão com a igualdade de tratamento no tripé forma-

do pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, o eixo fundamental da Universidade brasileira.

3. COMPOSIÇÃO DO CENÁRIO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CENTRO-OESTE – RETRATO À PARTIR DOS ANAIS DO SEREX

O processo de editoração dos anais do XII SEREX suscita importantes reflexões sobre a produção científica decorrida de ações extensionistas da região Centro-Oeste. A quantidade de áreas temáticas consideradas pelo evento em questão, bem como o vasto número de Instituições de Ensino Superior (IES) evidenciado a partir da quantidade de trabalhos científicos publicados nos anais da edição atual (SEREX, 2021), são fatores que elevam consideravelmente o teor dessas reflexões.

Para além da viabilidade propiciada pela diversidade das áreas temáticas e do número de IES, a flexibilização do tipo de produção deve também ser compreendida como um fator relevante para a sustentação dessas reflexões. Vale considerar, no entanto, que a parametrização deste terceiro elemento, o tipo de produção presente nos anais do XII SEREX, não se desassocia da diversidade das áreas temáticas e do número de IES que compõem os anais.

Trata-se, portanto, de três elementos cujas respectivas análises não se desassociam, mas se encontram e relacionam: vale exemplificar como a análise das áreas temáticas, adiante observada, resgata os tipos de produção (“resumo simples”, “resumo expandido” e “trabalhos com menção honrosa”) para apresentação dos dados; bem como a análise do tipo de produção, também observada à frente, ampara-se nas áreas temáticas e no número de IES para ser apresentada.

Deste instante, portanto, a presente seção se orienta à apresentação de dados referentes aos elementos mencionados. Configura-se em três diferentes itens ligados à observação e reflexão, respectivamente, da área temática, do número de IES e do tipo de produção que compõem os anais do XII SEREX. A apreciação de tabelas e gráficos, com o objetivo de auxiliar a leitura e a compreensão dos dados apresentados, caracteriza o tipo de exposição optado pelos autores do presente capítulo.

3.1 ÁREA TEMÁTICA

A produção científica do XII SEREX, que por conseguinte muito tem a dizer sobre a extensão desenvolvida no Centro-Oeste brasileiro, tem relacionada a composição de suas áreas temáticas aos tipos de apresentação adotados pelo evento, “resumo simples”, “resumo expandido” e “trabalhos com menção honrosa”. Apesar de o tipo de produção caracterizar o terceiro elemento investigado por esta seção, mencioná-lo aqui é importante para fins de organização da

apresentação do próprio elemento da área temática.

Portanto, quanto ao tipo de produção “resumo simples”, a área temática pode ser dimensionada em: 1) Comunicação; 2) Cultura; 3) Direitos humanos e justiça; 4) Educação; 5) Meio ambiente; 6) Saúde; 7) Tecnologia e produção. Quanto ao tipo de produção “resumo expandido” a área temática pode ser assim dimensionada: 1) Artes; 2) Ciências agrárias; 3) Comunicação; 4) Cultura; 5) Direitos humanos e justiça; 6) Educação; 7) Educação e trabalho; 8) Linguística, artes e letras; 9) Meio ambiente; 10) Saúde; 11) Tecnologia; 12) Tecnologia e produção; 13) Tecnologia, produção e trabalho; 14) Trabalho. Com relação ao tipo de produção “trabalho com menção honrosa” esta é a dimensão da área temática: 1) Comunicação; 2) Cultura; 3) Direitos humanos e justiça; 4) Educação; 5) Letras; 6) Meio ambiente; 7) Produção e tecnologia; 8) Saúde (SEREX, 2021).

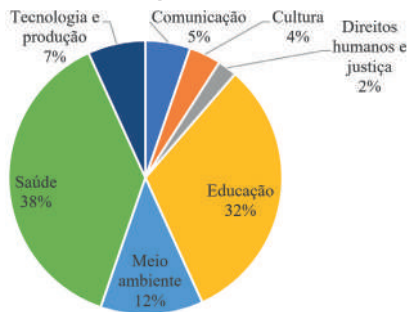
A Tabela 1 e os Gráficos 1, 2 e 3 representam, conjuntamente, a distribuição (n) e o percentual (%) de cada área temática de acordo com o tipo de produção.

Tabela 1 – Distribuição e percentual das áreas temáticas do XII SEREX de acordo com o tipo de produção

ÁREA TEMÁTICA	n	%
RESUMOS SIMPLES		
Comunicação	7	5
Cultura	5	4
Direitos humanos e justiça	3	2
Educação	42	32
Meio ambiente	16	12
Saúde	50	38
Tecnologia e produção	9	7
RESUMOS EXPANDIDOS		
Artes	1	2
Ciências agrárias	1	2
Comunicação	2	3
Cultura	2	3
Direitos humanos e justiça	4	6
Educação	26	38
Educação e trabalho	1	2
Linguística, artes e letras	1	1
Meio ambiente	9	13
Saúde	16	24
Tecnologia	1	1
Tecnologia e produção	1	1
Tecnologia, produção e trabalho	1	1
Trabalho	2	3
TRABALHOS COM MENÇÃO HONROSA		
Comunicação	6	23
Cultura	1	4
Direitos humanos e justiça	1	4
Educação	7	27
Letras	1	4
Meio ambiente	4	15
Produção e tecnologia	2	8
Saúde	4	15

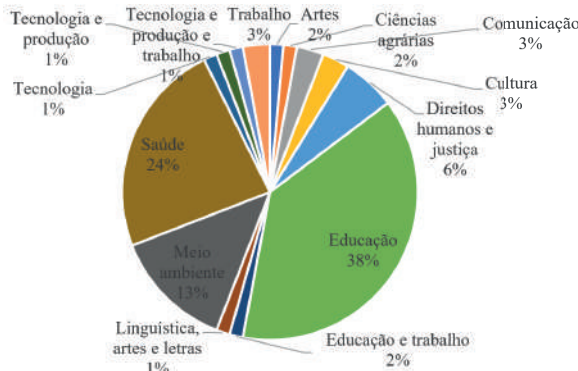
Fonte: elaboração dos autores.

Gráfico 1 – Percentual das áreas temáticas do XII SEREX em resumos simples



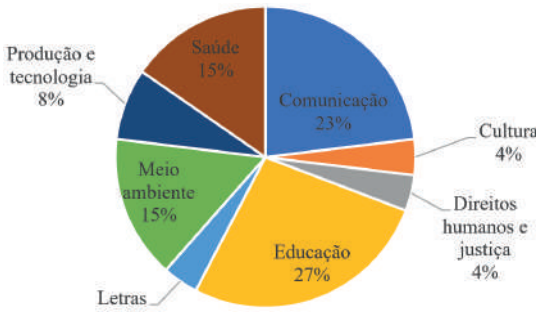
Fonte: elaboração dos autores.

Gráfico 2 – Percentual das áreas temáticas do XII SEREX em resumos expandidos



Fonte: elaboração dos autores.

Gráfico 3 – Percentual das áreas temáticas do XII SEREX em tipo de trabalhos com menção honrosa



Fonte: elaboração dos autores.

É possível observar uma prevalência, no tocante aos tipos de trabalho “resumo simples” e “resumo expandido”, das áreas temáticas educação e saúde. Somadas, ambas compreendem, respectivamente nos dois primeiros tipos de trabalho mencionados, 70% e 62% de toda a composição dos anais do XII SEREX. Sobre a particularidade de ambas, vale notar como no tipo “resumo simples” há prevalência de trabalhos orientados à área temática saúde e, no tipo “resumo expandido”, de trabalhos orientados à área temática da educação.

Na sequência dessas áreas que apresentam prevalência de trabalhos (educação e saúde), destacam-se trabalhos do tipo “resumo simples” sobre meio ambiente (12%), tecnologia e produção (7%), direitos humanos e justiça (2%), comunicação (5%) e cultura (4%). Com relação ao tipo “resumo expandido”, o quadro um pouco se altera se comparado aos “resumos simples”, cabendo destaque à área meio ambiente (13%) e, na sequência, às áreas direitos humanos e justiça (6%), comunicação (3%), cultura (3%), ciências agrárias (2%) etc.

Há que se observar, em alguns “resumos expandidos”, a junção de duas ou três áreas temáticas, como é o caso dos trabalhos de Carrilho e Imperatori (2021) com relação às áreas educação e trabalho; de Silva *et al.* (2021) com relação às áreas tecnologia e produção e trabalho e; de Gusmão e Silva (2021) com relação às áreas da linguística, artes e letras.

Também característico de trabalhos do tipo “resumos expandidos”, observa-se ainda o desmembramento de uma determinada área temática, como é o caso das produções de Soares (2021) e Oliveira *et al.* (2021). Ambas ocorrências, junções e desmembramentos de áreas temáticas, sugerem transitividade e interação, possibilitadas pelo SEREX, no entorno da produção científica.

Nos “trabalhos com menção honrosa”, destacam-se as áreas temáticas educação (27%) e comunicação (23%). Na sequência, trabalhos vinculados às áreas saúde (15%), meio ambiente (15%), tecnologia e produção (8%), cultura (4%), direitos humanos e justiça (4%) e letras (4%) são observados.

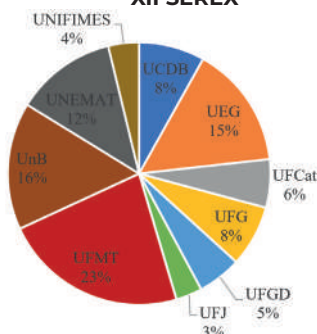
3.2. NÚMERO DE IES

Um segundo elemento que merece destaque, com relação a produção científica registrada nos anais do XII SEREX (SEREX, 2021), diz respeito à distribuição de IES. Deter-se à investigação desse elemento significa apreender a amplitude de ações extensionistas no Centro-Oeste brasileiro. Dentre as IES cujos pesquisadores mais se comprometeram no envio de trabalhos, considerando tanto aos tipos “resumos simples”, “resumos expandidos” e “trabalhos com menção honrosa”, destacam-se: 1) Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) com 42 trabalhos (equivalente à 23% do total); 2) Universidade de Brasília (UnB) com 29 trabalhos (16%) e; 2) Universida-

de Estadual de Goiás (UEG) com 28 trabalhos (15%).

Na sequência, como é possível observar no Gráfico 4, encontram-se Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade Federal de Catalão (UFCat), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) e Universidade Federal de Jataí (UFJ).

Gráfico 4 – Percentual da produção científica por IES nos anais do XII SEREX



Fonte: elaboração dos autores.

Algumas produções, não alocadas no escopo do Gráfico 4, caracterizam-se pela colaboração entre duas ou mais instituições. Seu elevado número denota não somente a existência de muitas parcerias entre integrantes de ações extensionistas de diversas universidades e instituições do Centro-Oeste brasileiro, mas também de colaborações externas à região em questão. Vale considerar, por exemplo, o estudo de Ribeiro *et al.* (2021), que demarca integração entre pesquisadores da UFG e pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP); o de Ferreira *et al.* (2021), entre pesquisadores da UFMT e pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); o de Lino da Silva *et al.* (2021), entre pesquisadores da UFMT e pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR); o de Santos Silva *et al.* (2021), entre pesquisadores da UnB e pesquisadores da Universidade Estadual do Maringá (UEM); dentre outros.

Mais informações sobre as colaborações entre instituições observadas nos anais do XII SEREX podem ser ilustradas pela Tabela 2: nela se observa que a UFMT detém a maior quantidade de colaborações, fato que corrobora com o maior número de trabalhos, anteriormente observado, remetidos aos pesquisadores dessa IES.

**Tabela 2 – Relação de IES e instituições colaboradoras nos
anais do XII SEREX**

IES	INSTITUIÇÃO(ÕES) COLABORADORA(S)
UDF	1) Universidade Cidade de São Paulo (UNICID).
UEG	1) Instituto Federal Goiano (IFGoiano); 2) Secretaria da Educação do Estado de Goiás (SEDUC-GO); 3) Secretaria Municipal de Educação Aparecida de Goiânia e; 4) Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
UFG	1) Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia; 2) Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santa Helena de Goiás e; 3) USP.
UFGD	1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).
UFJ	1) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; 2) Secretaria Municipal de Jataí; 3) UFG e; 4) UFMT.
UFMT	1) Colégio Avançado de Desenvolvimento Educacional; 2) Instituto Cuiabá de Ensino (ICEC); 3) Cultura e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); 4) Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT); 5) UFG; 6) UFPB; 7) UFPR; 8) Universidade de Cuiabá (UNIC) e; 9) Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
UFR	1) Promotoria de Justiça do Meio Ambiente de Rondonópolis.
UNB	1) Centro de Formação em Saúde (CEAFI); 2) Instituto Federal de Brasília (IFB) e; 3) UEM.

Fonte: elaboração dos autores.

1.3. TIPO DE PRODUÇÃO

O tipo de produção cuja análise prévia pode ser observada nos dados sobre as áreas temáticas carece ainda de uma investigação mais cuidadosa. Ao se levar em conta as principais áreas temáticas (educação e saúde), pode-se notar, como anteriormente visto, uma prevalência do tipo “resumo simples” no campo da saúde e do tipo “resumo expandido” no campo da educação. Com relação às demais áreas, vale notar como pressupõe a distribuição da Tabela 3, o considerável número de “trabalhos com menção honrosa” para a área temática “comunicação” (25% do total de trabalhos desse tipo), o representativo número de “resumos simples” e “resumos expandidos” para a área temática “meio ambiente” (respectivamente 12% e 14% do total de trabalhos dos tipos considerados) e o pequeno, mas ainda assim importante, número de “resumos expandidos” desenvolvidos a partir da correspondência de duas ou mais áreas (aproximadamente 9% do total desse tipo).

Tabela 3 – Distribuição de área temática por tipo de produção nos anais do XII SEREX

ÁREA TEMÁTICA	RESUMOS SIMPLES	RESUMOS EXPANDIDOS	TRABALHOS COM MENÇÃO HONROSA	TOTAL
Educação	42	26	7	75
Saúde	50	16	4	70
Meio ambiente	16	9	4	29
Comunicação	8	2	6	16
Tecnologia e produção	9	1	1	11
Cultura	5	2	1	8
Direitos humanos e justiça	3	1	1	5
Ciências agrárias	-	1	-	1
Artes	-	1	-	1
Educação e trabalho	-	1	-	1
Linguística, artes e letras	-	1	-	1
Tecnologia e produção	-	1	-	1
Tecnologia, produção e trabalho	-	1	-	1
Trabalho	-	1	-	1
TOTAL	133	64	24	221

Fonte: elaboração dos autores.

Também merece ser feita uma reflexão que aproxime o elemento tipo de trabalho ao elemento número de IES. Nesse sentido, conforme Tabelas 4 e 5, vale observar como a UFMT, tanto com relação aos tipos “resumo simples” e “resumo expandido”, alcança a maior quantidade de trabalhos publicados nos anais do XII SEREX (respectivamente 23% e 17% da produção referida a cada tipo de publicação). Na sequência dos “resumos simples”, encontram-se UEG (16%), UnB (13%), UNEMAT (12%), UCDB (10%) etc. A classificação se altera, no entanto, quando se pensa o tipo de produção “resumo expandido”, que na sequência da UFMT empatam as IES UNEMAT e UnB (cada uma com 16%) e, posteriormente, UEG (13%), UFCat (9%), UFG (8%) etc.

Vale situar, com relação a distribuição das Tabelas 4 e 5, que os “trabalhos com menção honrosa” não estão inclusos. Uma rápida conferência desses, entretanto, possibilita perceber que UFMT, UnB e UFGD lideram, respectivamente, com 23%, 19% e 15%, o total de trabalhos dessa categoria. Outra observação sobre os trabalhos dispostos nas Tabelas 4 e 5 diz respeito ao fato de existirem colaborações entre duas ou mais instituições, anteriormente mencionadas, terem sido remetidas, em cada produção, à IES da região Centro-Oeste cuja maior quantidade de co-autores se associa.

Tabela 4 – Distribuição de IES por tipo de produção “resumo simples” nos anais do XII SEREX

IES	n	%
UFMT	31	23
UEG	21	16
UnB	17	13
UNEMAT	16	12
UCDB	13	10
UFG	10	8
UFR	7	5
UFCat	5	4
UFJ	5	4
UFGD	3	2
UNIFIMES	3	2
UDF	1	1
UNICSUL	1	1
TOTAL	133	-

Fonte: elaboração dos autores.

Tabela 5 – Distribuição de IES por tipo de produção “resumo expandido” nos anais do XII SEREX

IES	n	%
UFMT	11	17
UNEMAT	10	16
UnB	10	16
UEG	8	13
UFCat	6	9
UFG	5	8
UFGD	4	6
UNIFIMES	4	6
UFR	3	5
UFJ	2	3
UCDB	1	2
TOTAL	64	-

Fonte: elaboração dos autores.

Esses números demonstram a relevância do XII SEREX e nos permitem ampliarmos o diálogo sobre a necessidade das universidades questionarem o fato de que, por vezes, também são responsáveis por contribuir para a perpetuação de processos de elitismo e desigualdades sociais. Por isso, ao propor práticas acadêmicas que interligam a universidade e as demandas diversas dos sujeitos sociais, as inúmeras ações de extensão universitária apresentadas no evento contribuíram para a democratização do conhecimento acadêmico e para, de certa forma, equalizar a função social, cultural e política das universidades públicas, por meio da participação efetiva das diversas comunidades atendidas pelas instituições envolvidas.

Mendonça e Silva (2002) compreendem que, em nossa sociedade, somente uma pequena parcela da população tem acesso direto aos saberes institucionalizados academicamente no interior das universidades públicas. Dessa forma, é indispensável que a extensão universitária articule e protagonize processos de democratização das ciências que visem o diálogo com as demandas sociais, ao mesmo tempo que questionem processos hegemônicos e excludentes de (re)produção dos conhecimentos. Por isso a importância de eventos como o XII SEREX, uma vez que, por meio do fortalecimento do vínculo interinstitucional, viabilizam que seus pesquisadores extensionistas apresentem e divulguem resultados e efeitos práticos de suas ações de extensão em toda a região Centro-Oeste.

No caso específico da UEG, instituição anfitriã do XII SEREX, é essencial lembrar que sua estrutura multicampi é responsável por uma inquestionável capilaridade em um grande número de cidades goianas, o que a faz uma instituição com um singular projeto de interiorização das práticas de ensino, pesquisa e extensão. Presente com uma estrutura física em 39 municípios, a UEG possui mais de 20.000 acadêmicos e, anualmente, é responsável por eventos, cursos e projetos de extensão das diversas áreas do conhecimento que atendem centenas de milhares de beneficiados.

Assim, o princípio da democratização do conhecimento científico, por meio da participação efetiva da sociedade na universidade, ganha contornos específicos na UEG, uma vez que a instituição está em todas as regiões goianas, o que exige que sua atuação extensionista reconheça e esteja em consonância com as singularidades das regionalidades e dos contextos socioeconômicos e culturais de suas populações.

Segundo a revista institucional UEG em dados de 2018, naquele ano a instituição possuía 1082 ações de extensão, vinculadas a 585 projetos, atendendo quase 400 mil pessoas em todo o estado. Mesmo ao longo dos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia, a universidade incentivou que sua comunidade acadêmica continuasse atuando ativamente em ações de integração entre os saberes locais das comunidades e o conhecimento científico organizado. Assim,

ainda que, por conta do isolamento social, muitas ações tenham sido interrompidas pela inviabilidade de execução, muitas outras ações se reinventaram e conseguiram se adequar em formatos remotos, de modo que parte das ações extensionistas continuaram sua missão de articular o conhecimento científico com as necessidades da comunidade.

Em um estudo intitulado *A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19*, Mélo *et al.* (2021) pesquisaram caminhos percorridos pelas IES brasileiras para adaptar as ações extensionistas existentes e pensar novas ações de extensão durante o período pandêmico. No estudo, os pesquisadores identificaram que:

o percentual das IES públicas que possuem a extensão formalizada como atividade curricular e que continuaram exercendo suas ações durante a pandemia da COVID-19 foi de 78,6%, no Brasil. Observou-se que as instituições da região Centro-Oeste apresentaram maior adesão ao processo de continuidade das ações extensionistas (91,6%), em contrapartida, apenas 56,1% das IES da região Sudeste continuaram com a extensão no momento inicial da pandemia. (MÉLO *et al.*, 2021, p. 4)

Tais dados são significativos para a comunidade extensionistas da UEG, bem como para todas as IES envolvidas no XII SEREX, uma vez que a região Centro-Oeste apresentou maior adesão ao processo de continuidade das ações extensionistas. Esses procedimentos de ininterrupção das atividades de extensão somente foram possíveis por meio do planejamento de ações adaptadas que pudessem acontecer de forma virtual, de modo a respeitar protocolos rígidos de biossegurança. Inclusive muitas dessas ações tiveram como foco o enfrentamento da COVID-19.

A missão e os vários desafios da extensão universitária se ampliam quando lançamos um olhar contextualizado para a necessária implementação da curricularização da extensão. Tomada como o processo de inclusão de atividades de extensão no currículo dos cursos, a partir do que preconiza a Resolução n. 7 de 18 de dezembro de 2018 do Conselho Nacional de Educação, essa implementação precisará estar alinhada à política de extensão da instituição, aos seus Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDIs), aos seus Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e, ainda, às políticas de egresso da universidade.

A UEG já começou o processo de implementação da curricularização da extensão, por meio da resolução do CsU n. 990, de 19 março de 2021 e da instrução normativa n. 1/2022 de 19 de janeiro de 2021, documentos os quais estabelecem diretrizes para curricularização da extensão nos cursos de graduação da instituição. Trata-se de uma mudança de perspectiva que também combate visões elitistas que desacreditam ou diminuem a importância da extensão

no contexto de construção dos saberes científicos e acadêmicos, uma vez que o viés extensionista deverá atravessar, de forma transversal e constitutiva, o processo formativo nos cursos da universidade.

Para o estado de Goiás, a implantação dessa política significa a formação de acadêmicos e cidadãos que, em sua formação universitária, reconheçam a importância de se possuir competências necessárias tanto à atuação profissional para o mercado de trabalho, quanto à formação cidadã, sendo capazes de se reconhecerem como agentes de garantia de direitos, deveres e processos de transformação social.

REFERÊNCIAS

CARRILHO, Anabelle; IMPERATORI, Thaís Kristosch. Colóquio de Estágio em Serviço Social: possibilidades de diálogo entre universidade e campo profissional. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 532-537.

FERREIRA, Jessika Fernanda Nunes; MOREIRA, Paula Sueli Andrade; SILVA, Fiorella Burga da; URNHANI, Ana Claudia Troleis; CRUZ, Carlos Antônio Momo; ASSIS, Giulia Dall'Oglio. Arborecer: florescendo ideias verdes. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 162-163.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê? Instituto Paulo Freire**, 2017. Disponível em: Acesso em: www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-paraque Acesso em: 15 fev. 2022.

GIASSI, Maristela Gonçalves; BORGHEZAN, Juliana Medeiros; FELANI, Suelane Cardoso; NUNES Luís Paulo Cezar. Extensão curricular vivenciada por estudantes de ciências biológicas em uma Universidade do sul de Santa Catarina. **Revista Extensão & Cidadania**. v. 4, n. 8, jul./dez. 2017.

GUSMÃO, Maria Eduarda de Azevedo; SILVA, Nicole Caroline Lima Ferreira da. Bruxaria e colonialismo em A Tempestade de Shakespeare. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 538-542.

LINO DA SILVA, Clécia; SEWO, Mírian Toshiko; COBALCHINI, Cláudia Cibele Bitdinger; BARROS, Amailson Sandro de; FIGUEIREDO, Gislayne Cristina. Rodas de conversa on-line: uma prática de cuidado da PSC em tempos de Covid-19. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 295-297.

MÉLO, Cláudia Batista; FARIAS, Gabrieli Duarte; NUNES, Vitória Régia Rolim; ANDRADE, Tifany Shela Albuquerque Borba De; PIAGGE, Carmem Sílvia Laureano Dalle. **A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19**. Research, Society and Development, v. 10, p. e1210312991, 2021.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. **Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública**. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002. OLIVEIRA, Bruna da Silva Duarte; MOURA, Laura Divina Alves;

CRUZ, Gabriela de P. S. F. da; MORAES, Marcela Cristina de. Serviço de orientação profissional para alunos do Ensino Médio em uma escola de tempo integral. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 755-760.

RIBEIRO, Rafaela Alves; CASTRO, Camila Loiola de; FRANCO, Donovan Humphrey de Nardo Baptista Condessa; SANTIAGO, Raquel de Andrade Cardoso. Sustentarea UFG: extensão como elo entre os diversos saberes envolvidos com o alimentar-se. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 300-302.

SANTOS SILVA, Caroliny Victoria dos; COSTA, Jéssica Luciano da; OLIVEIRA, Thaís Barbosa de; MONTAGNER, Miguel Ângelo; MONTAGNER, Maria Inez. Leitura literária compartilhada para criação de ambientes acadêmicos saudáveis. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 678-682.

Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, (SEREX). **Anais** do Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste: conquistas e desafios da extensão universitária no centro-oeste no século XXI, 12., 2021. Anápolis, Universidade Estadual de Goiás, UEG, 2021. 789p. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/serex/index>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SILVA, Janaina Tayna; ANDRADE, Wagner da Paz; DURÃES, Hellén Felicidade; GANDRA, Jefferson Rodrigues; NEVES, Nathalie Ferreira; OLIVEIRA, Euclides Reuter de. Produção e composição físico-química do leite cru de produtores do Assentamento Itamarati. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 735-738.

SOARES, José de Lima. Cinema, sociedade e mundo do trabalho. *In*: Seminário Regional de Extensão Universitária da Região Centro-Oeste, 12., 2021, Anápolis. **Anais**. Anápolis, UEG, p. 749-754.



CANAL CHÁ COM DRAMA: UM PROJETO/PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ONLINE DURANTE A PANDEMIA

TEA WITH DRAMA CHANNEL:
AN ONLINE TEACHING-LEARNING
PROJECT/PROCESS DURING
THE PANDEMIC

Ariane Guerra Barros

Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD), Artes Cênicas; Faculdade de
Comunicação, Artes e Letras. Dourados, MS, Brasil

Júnia Cristina Pereira

Universidade Federal da Grande Dourados
(UFGD), Artes Cênicas; Faculdade de
Comunicação, Artes e Letras. Dourados, MS, Brasil

Lucas de Oliveira Alves

Universidade Federal da Grande
Dourados (UFGD), Artes Cênicas;
Faculdade de Comunicação, Artes e
Letras. Dourados, MS, Brasil

Marcos Machado Chaves

Universidade Federal da Grande
Dourados (UFGD), Artes Cênicas;
Faculdade de Comunicação, Artes e
Letras. Dourados, MS, Brasil

Agência de Fomento: Universidade Federal
da Grande Dourados (UFGD)

Resumo: O projeto de extensão “Chá com Drama” iniciou de forma presencial, com encontros que culminariam em apresentações de leituras dramáticas de textos teatrais em espaços públicos/culturais. Ao reinventar-se na pandemia, a proposta voltou-se às redes sociais, lançando canal no Youtube e tornando esse meio como elo de comunicação com a comunidade; sugerindo distintas interlocuções às pessoas participantes, principalmente nos processos de ensino-aprendizagem atravessados por tecnologia, internet e ambiente online. Esta escrita relata a experiência de transformação deste projeto, de presencial a tecnovivial, abarcando reflexões sobre ambiente remoto e aprendizagem online durante a pandemia.

Palavras-chave: leitura dramática; pandemia; internet.

Abstract: The extension project “Tea with Drama” began in person, with meetings that would culminate in presentations of dramatic readings of theatrical texts in public/cultural spaces. By reinventing itself in the pandemic, the proposal turned to social networks, launching a YouTube channel and turning this medium into a communication link with the community; suggesting different dialogues to the participating people, mainly in the teaching-learning processes crossed by technology, internet and online environment. This writing reports the transformation experience of this Project, from presential to Techno-living, encompassing reflections on the remote environment and online learning during the pandemic.

Keywords: dramatic reading; pandemic; internet.

1. INTRODUÇÃO - O PROJETO DE EXTENSÃO CHÁ COM DRAMA

O projeto de extensão “*Chá com Drama: discussão e leitura dramática de textos teatrais (ODS 3 e 4)*” promovido pelas professoras Ariane Guerra Barros e Júnia Cristina Pereira, vinculadas ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), tem o objetivo de pesquisar e debater textos teatrais, gerando uma leitura dramática mensal à comunidade. Em sua segunda edição, após primeira interlocução em 2015, a ideia em 2020 era proporcionar leitura de textos dramáticos e seu estudo, sendo estruturado em encontros semanais, nos quais alunos e professores se aprofundariam no texto escolhido, pesquisando sobre o autor, o contexto e o panorama artístico da época em que o mesmo foi escrito, na forma de um “ensaio de mesa”, comum ao ambiente teatral. Após a investigação, o grupo passaria para a discussão e leitura do texto, dando forma e interpretação à obra que seria apresentada no final de cada mês para a comunidade douradense. A intenção do projeto é o aprimoramento do diálogo em cultura para a comunidade local, enfocando o vislumbre de textos teatrais e incentivo à

própria leitura para a comunidade acadêmica e municipal. Unindo cultura ao lazer, prazer e educação, a leitura dramática acrescenta conhecimento não só aos que participam do projeto, como também aos que assistem à leitura. Somaria-se a isso a cordialidade de um “chá” para tornar os encontros mais agradáveis.

Na primeira edição deste projeto, pudemos ter diversos professores colaboradores que nos auxiliavam na produção e na própria leitura dramática. Totalizando seis apresentações, realizadas entre dezembro de 2015 e outubro de 2016, com leituras dramáticas que abarcavam Aristófanes (“Lisístrata - A Greve do Sexo”), Molière (“Escola de Mulheres”) Shakespeare (“Macbeth”), entre outros; percebemos que o projeto foi bem recebido pelo público participante, e teve um saldo bastante positivo tanto nos atuantes da leitura dramática quanto nos que assistiram as leituras, sempre abertas à comunidade.

No ano de 2020, Ariane Guerra Barros e Júnia Cristina Pereira iniciaram a segunda edição do “Chá com Drama”, contando com a colaboração de Marcos Machado Chaves e o bolsista Lucas de Oliveira Alves. A bolsista Aline Silva Vieira chegou em agosto de 2021 para nos auxiliar em questões técnicas de vídeo e informática. Tendo iniciado a atual edição de forma presencial no final do mês de fevereiro de 2020, o projeto previa encontros semanais para leitura e contextualização de textos dramáticos teatrais - como na primeira edição -, culminando em sua apresentação em forma de leitura dramática para a comunidade, em espaços públicos e ambientes culturais.

Porém, em março de 2020, o mundo conheceu a força do Coronavírus (COVID-19), que obrigou a nos isolarmos em nossas residências, seguindo algumas restrições sociais para evitar um possível colapso da saúde pública, suspendendo ou alterando atividades das mais diversas áreas, desde lazer, esportes, trabalhos, ensino e outras. O setor cultural foi grandemente atingido, pois a interação e relação entre fazedores e consumidores de arte era pautada na presença física e no compartilhamento de espaços e ações. Da mesma forma, nosso projeto foi apanhado de surpresa, ficando suspenso por alguns meses e retomando as atividades após reconfiguração de execução e planejamento.

Sobre o contexto de pandemia, interessante observar que a cartunista e ilustradora Sarah Andersen, estadunidense criadora de quadrinhos sobre gatos, escreve, em 2018, um capítulo intitulado “Sair de casa é uma opção”, em que indica:

O que as pessoas não conseguem entender é que estamos vivendo em outra época. A internet e o “mundo real” não são mais conceitos distintos. Pelo contrário, eles se misturaram, e nós vivemos num mundo em que as duas coisas estão conectadas de forma quase indistinguível (ANDERSEN, 2018, p. 103).



Se em 2018 a citação acima já era entendida como afirmação, no panorama atual ela toma outras proporções. Privados de encontros presenciais, voltamo-nos para o meio virtual, em que a tecnologia impera e a demanda técnica também. Inundados de aplicativos digitais, novos programas e plataformas foram testados e aprendidos, e a internet tornou-se não apenas requerida, mas necessária e obrigatória em todos os setores e em nossas vidas diárias. O mundo real transformou-se, literalmente, na internet.

Para que pudéssemos dar continuidade ao nosso projeto, o convívio cedeu lugar ao “tecnovívio”, termo cunhado por Jorge Dubatti (2020), crítico, historiador e professor universitário em Buenos Aires, Argentina, que indica que a presença corporal viva deu lugar a uma presença virtual e tecnológica. As materialidades do corpo e do espaço, no atual contexto, conectam-se com a virtualidade de dispositivos eletrônicos. Como indicado no título de seu artigo, a ideia não é comparar, nem superar, nem destruir, apenas inferir que são experiências distintas, nem melhores nem piores uma que a outra.

Neste estudo, trazemos o conceito de tecnovívio por entendermos que foi o que abarcamos na pandemia para o projeto “Chá com Drama”, em que a presença física e corporal necessária em nossos encontros e leituras foi substituída pelo encontro virtual, remoto.

Necessário apontar que, também como Dubatti (2020) afirma, o teatro é essencialmente corporal, físico, presente e convivial. Ele pode se utilizar de ferramentas digitais, ser inclusive mediado tecnologicamente, mas o convívio, a presença de corpos em proximidade, em um mesmo espaço compartilhado no acontecimento teatral a um mesmo momento é o faz o teatro ser teatro. Trazemos o teatro não apenas por nos encontrarmos em um curso de Artes Cênicas, mas por entendermos o projeto de extensão aqui mencionado como teatro. Mas como fazer teatro/leitura dramática sem corpos presentes? Como adentrarmos o ambiente virtual da mesma forma que penetramos um palco? Como realizar leitura dramática em plataformas virtuais? Esse foi nosso desafio e, na presente escrita, buscamos desenvolver um pouco de nossa transformação e investigação a esse respeito.

2. MATERIAIS E MÉTODOS / RELATO DE EXPERIÊNCIA - NOVAS METODOLOGIAS: O AMBIENTE VIRTUAL YOUTUBE

Atravessados pelo cenário adverso em pandemia, ingressamos na plataforma Youtube com um canal homônimo ao nosso projeto, a fim de debater, explicar e apresentar temas referentes à leitura dramática em si a partir de vídeos como episódios para acompanhamento do público. Lançamos, ainda em 2020, a radionovela “O Beijo no Asfalto”, do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues. Na ocasião, convidamos professores e técnicos do curso de Artes Cênicas da UFGD, bem como egressos do curso, numa primeira tenta-

tiva de retomada do projeto. As reuniões de estudo do texto eram realizadas através da plataforma virtual Google Meet, em que cada ator/atriz/personagem aprofundava-se em seu texto para depois gravar sua parte vocal pelo aplicativo WhatsApp. Em grupo específico do projeto, as falas eram colocadas individualmente através do aplicativo telefônico, e o bolsista Lucas Alves e o colaborador Marcos Chaves reuniam todos os áudios e realizavam a edição através do programa Audacity. Em outubro de 2020, foram lançados os três atos da peça, ou três episódios de leitura dramática, totalizando a radionovela *“O Beijo no Asfalto”*, que está disponibilizada no canal de Youtube <http://www.youtube.com/c/ChácomDrama>.

Dando continuidade ao projeto no ano seguinte, no mês de julho/2021 - os dois primeiros episódios em vídeo (gravados no primeiro semestre), com apoio e divulgação do setor de comunicação da Universidade Federal da Grande Dourados, foram divulgados e apresentados ao público, no mesmo canal de Youtube: 1) O que é leitura dramática?; 2) Por que fazer leitura dramática hoje?

Os vídeos foram elaborados no intuito de aproximar o projeto da comunidade, em temas acessíveis e pedagógicos para fomentar a discussão e o conhecimento sobre leitura dramática. Os títulos dos episódios foram pensados de forma estratégica, a fim de tentar corresponder de forma mais imediata à seleção automática dos algoritmos a possíveis perguntas lançadas em pesquisas online.

Nas conversas, abordamos de forma descontraída o tema da leitura dramática, começando por uma brincadeira sonora entre “leitura dramática” e “leitura traumática”, a partir da qual evocamos diferentes situações, escolares ou não, nas quais a leitura em voz alta está associada às memórias de exposição, erro, medo ou sensação de ridículo. Além disso, a palavra “dramática” também cria expectativas em relação à presença da emoção e da teatralidade, o que acaba muitas vezes por gerar ainda mais tensão em leitores e leitoras.

Por outro lado, as práticas de leitura do projeto *“Chá com Drama”* desde sua primeira edição em 2015/2016, tem nos mostrado que tais tensões são desnecessárias e podem ser vencidas a partir de dinâmicas de leitura em grupo que favoreçam a criação de um ambiente criativo e acolhedor, no qual as pessoas leitoras sintam-se à vontade para experimentar a voz e o corpo e para se deixarem afetar pelos textos lidos e pelas situações propostas nos mesmos. De maneira diferente da contação de histórias, na qual há a presença de um(a) narrador(a) que media os acontecimentos e, apenas eventualmente, assume a voz de um(a) personagem, na leitura dramática temos, na maior parte das vezes, a predominância do diálogo e do jogo entre diferentes vozes/personagens, sendo necessário uma conexão e uma disponibilidade grande por parte das pessoas leitoras para se deixarem afetar pelas expressões vocais e corporais das outras pessoas, durante o jogo/leitura.

Nesse contexto, o sentido do texto não está pré-determinado,

mas se configura no ato de leitura/recepção, podendo variar bastante de acordo com o contexto da leitura e com as pessoas leitoras e espectadoras presentes, levando-se em conta o ritmo e a sonoridade presentes na oralização, bem como a alternância de diferentes vozes, para a produção do sentido do diálogo. No caso de uma leitura virtual, considera-se a grande diversidade dos contextos de recepção, que adentram espaços privados de cada espectador(a) e podem se desdobrar em diferentes experiências de tempo, levando-se em conta a possibilidade, não existente na leitura presencial, de assistir à leitura de forma descontínua ou parcial.

Os vídeos foram realizados em formato experimental, pois ainda estamos entendendo tais atravessamentos em ambiente virtual e online - e por tal temos liberdade de adaptações no decorrer do planejamento, mas já entende-se a potência do registro destes materiais. Os dois primeiros episódios foram elaborados como um bate-papo descontraído em uma mesa, regados por chá como propõe o projeto em metáfora/convite à socialização, e contaram com a condução das professoras coordenadoras do projeto e do bolsista de extensão.

No segundo episódio, somamos a participação (através de encontro online na plataforma Google Meet) da professora Fernanda Vieira Fernandes, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que possui projetos de pesquisa e extensão envolvendo a atividade de leitura dramática, denominado *“Leituras do Drama Contemporâneo”*, vinculado ao curso de Artes Cênicas de sua instituição. Inicialmente, o projeto tinha como objetivo pesquisar textos da dramaturgia contemporânea, e a leitura dramática surgiu como possibilidade de divulgar novos(as) autores(as) e novos formatos dessa dramaturgia.

O diálogo entre os dois projetos foi muito rico e proporcionou trocas em diferentes âmbitos, levando-se em conta as semelhanças entre os Projetos (foco na leitura dramática, temporalidade da execução - ambos os Projetos iniciaram-se em 2015) e também as diferenças, pois enquanto o Projeto da UFPEL nasceu com o foco na dramaturgia contemporânea, o Projeto *“Chá com Drama”* tem privilegiado textos canônicos. A professora Fernanda Vieira Fernandes também relatou, nesse bate papo que foi gravado e disponibilizado em nosso site, sobre o Projeto de Extensão *“Leituras Compartilhadas”*, nas quais o foco é a leitura de diversos textos dramáticos junto à comunidade.

Durante o período de pandemia, Fernanda Vieira Fernandes destacou como a realização de leituras em formato online foi importante para a criação e manutenção de vínculo social entre diversas pessoas que estavam sofrendo os efeitos psicológicos das medidas de isolamento social. Também destacamos que a realização do nosso bate papo e dessa interlocução entre os dois projetos foi impulsionada pela predominância do modo online, que caracterizou

as interações durante o período pandêmico, pois, de outra forma, mesmo já existindo tecnologia para que esse encontro acontecesse, a nossa cultura acadêmica e nosso modo de organização predominante nos levaria a pensar na realização do encontro de forma presencial, o que envolveria compra de passagens aéreas, reserva de datas, hospedagem e toda uma infraestrutura que nem sempre está acessível para a realização de intercâmbios entre docentes de diferentes universidades.

No final do ano de 2021, outros dois episódios foram disponibilizados no canal do Youtube, um com participação de Thiago César na abordagem de como produzir e realizar leitura dramática; e, por fim, outro episódio sendo a leitura dramática do texto “O Rato no Muro”, de Hilda Hilst, realizado em novembro de 2021 com a comunidade acadêmica da UFGD, e feito em forma de Live.

Importante salientar que, gravando os episódios através de câmeras de aparelhos celulares, outros aparatos e demandas foram necessárias; como iluminação adequada de ambiente para filmagem (ring lights ou equipamentos similares), posicionamento de objetos para uma melhor estética e visualidade na gravação, projeção e articulação vocal para melhor fruição e entendimento do público, manejo de aplicativos e programas de edição de som e vídeo, além de requerer um tempo maior para executar, editar e finalizar cada episódio. Os programas escolhidos para edição de vídeo foram o Vídeo Editor Plus Movavi, cujas ferramentas entendemos como mais simples e facilitadas ao uso, investimento realizado de forma independente; e o já citado Audacity para edição gratuita de som.

Contamos também com a divulgação dos episódios através de plataformas digitais como Facebook, Instagram e WhatsApp, em que as informações de horários e temáticas do bate-papo estavam expostas em um folder digital, a fim de alcançar o maior número de pessoas possíveis para a live de estreia, com difusão dos materiais, e o apoio de nossa universidade nas postagens em canais oficiais da instituição. A inserção do projeto em redes sociais virtuais acelerou a propagação do mesmo, e sua visualização.

Quando estávamos em encontros presenciais, toda a demanda era sanada ali, na interação e no compartilhamento físico, na resolução de problemas de forma dinâmica e presencialmente, sem intermédio de outrem, seja de ordem tecnológica ou não. Já no ambiente virtual, ganha-se a velocidade na fruição, o acesso rápido e instantâneo, o que nos dá a impressão de uma possível simplicidade, porém percebemos que 15 minutos de vídeo no Youtube na verdade correspondem a alguns dias de trabalho fora desse ambiente cibernético.

Exatamente pela velocidade e acesso fugaz, os vídeos eram editados para ficarem com o menor tempo possível, pois ao toque de um clique, já poderíamos ter perdido alguma espectadora ou espectador mais ansioso por outros assuntos. A visualidade também



foi pensada e as gravações, apesar de feitas em residência, tinham um cuidado com a estética, com enquadramento de mesa, cadeiras, plantas, frontalidade para a câmera por parte dos debatedores, maquiagem e figurino que compuseram a “cena”, além de adereços como xícaras de chá, biscoitos, canecas e outros itens culinários. O mesmo episódio foi gravado e regravado, em que um quadro branco com os itens a serem discutidos era visível para os participantes. Algumas vezes a gravação parava e retomava por conta de ruídos externos, que abafavam ou impediam o entendimento do que estava sendo dito.

Após a gravação dos episódios com entrevistas e bate-papos, que duravam cerca de um turno, iniciou-se o trabalho de edição, com cortes, aproximação de enquadramento, enfoque escrito para alguns detalhes, além de inserções de pequenos trechos de outros vídeos (como comentário ou aparte) para gerar dinâmica ao episódio. Todo esse trabalho foi revisado em colaboração com a equipe do projeto que, por meio do ambiente virtual, acessou versões provisórias e pôde opinar para que se editasse mais alguma fala, ou se priorizasse algum outro detalhe nos materiais audiovisuais. Cerca de uma semana foi requerida neste processo. Após essa etapa, os vídeos (os dois primeiros episódios) foram uploadados para o canal, com data de estreia já prevista, em que todos os participantes estiveram presentes ao vivo para retirada de dúvidas e conversas com os participantes.

O contexto nos leva à internet, atravessados pelos temas informação e tecnologia, em novos entendimentos que precisamos ponderar, como comenta Pierre Lévy: “dar a uma coletividade o meio de proferir um discurso plural, sem passar por representantes, é o que está em jogo, do ponto de vista tecnopolítico, na democracia do ciberespaço” (LÉVY, 2007, p. 65-6). Propor materiais acessíveis e públicos na rede, na tentativa de colaborar com o conhecimento de quem busca tais propostas, é, também, um diálogo democrático.

Com a pandemia, o ambiente online recebeu distinta importância e nos tangencia a pensar sobre virtualidade ao falar nas tecnologias utilizadas, as quais “caracterizam-se também por terem uma base imaterial, ou seja, não são tecnologias materializadas em máquinas e equipamentos. Seu principal espaço de ação é virtual e sua principal matéria-prima é a informação” (KENSKI, 2012, p. 25). O palpável relativo nos leva a conversações entre os termos real e virtual I - que são discussões frequentes nas Artes Cênicas quando, por exemplo, lida-se com materiais audiovisuais gravados ou transmitidos ao vivo, em reverberações sobre presença cênica.

São questões também suscitadas e que perpassam o projeto *“Chá com Drama”*. Um diferente pulsar de ideias nos atravessa pela necessidade de atualização conectada à internet e às redes sociais, e estas novas reverberações têm potencial para alterar cenários de nossas interlocuções pedagógicas. Tal constatação é uma adapta-

ção e não um ganho decorrente da pandemia, pois não existem benefícios quando sabemos da consequência devastadora decorrente do coronavírus (COVID-19); pontuação que precisa ser ressaltada porque observamos dificuldades no entendimento da tragédia por parte da população, quando a mesma insiste em não respeitar protocolos sanitários, bem como, frequentemente, lemos equívocos de gestores públicos na condução do atual cenário.

3. VISITANDO QUESTÕES TÉCNICAS NA EDIÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEO

Descobrir programas de edição de som e vídeo foi um processo paralelo durante o *“Chá com Drama”* neste período atravessado pela pandemia, uma vez que tais tecnologias possibilitaram a preparação e difusão dos materiais que publicamos na plataforma YouTube. Revisitamos um anexo publicado na tese de doutoramento de Marcos Chaves, professor de Música e Cena, que atua em nosso projeto de extensão, para entendermos o uso de editores de som gratuitos e disponíveis: “Os programas de edição de som livres para instalação em computadores, como o Audacity, fornecem muitas possibilidades de edição e efeitos nos materiais sonoros” (CHAVES, 2016, p. 276). Tal acepção pode ser corroborada em uma linha interessante para as alunas e os alunos, ao utilizar esses recursos técnicos para ampliarem seus repertórios de possibilidades no trabalho com a área das Artes.

O aluno-ator [aluna-atriz] que deseja ampliar conhecimento nas referidas funções específicas, pode buscar capacitação em cursos e/ou oficinas especializados na área. A proposição presente em preparação musical para atores não é a de que o aluno-ator seja perito em todas as áreas da encenação teatral, mas ao buscar fortalecer sua atuação deve, da perspectiva que observo, transitar com propriedade por todos os elementos cênicos que agem na performance. Dessa forma, não se pede que ele seja necessariamente, por exemplo, figurinista (criação) ou costureiro (execução), mas que se aproprie do figurino (material) com que vai trabalhar, saiba movimentar-se na peça em tempo que a mesma sugere novas ações criativas ao atuator em diálogo. Experimentar o material é necessário. Trabalhar com o material sonoro que é (re)produzido nas caixas de som, é exercício que se amplia na prática, na escuta e no fazer/interagir música. Voltando ao figurino, se o material estiver sujo cabe ao artista resolver ou indicar manutenção; da mesma forma acontece se o som estiver “sujo” devido à reprodução técnica. (CHAVES, 2016, p. 279).

É possível dizer que os/as participantes/bolsistas do projeto de extensão *“Chá com Drama”*, que se aventuraram nas questões de edição de som e vídeo – Lucas Alves e Aline Vieira –, apreenderam

elementos que poderão aprimorar em suas trajetórias acadêmicas e/ou artísticas. Também arroga-se o fator democrático na publicação destes materiais audiovisuais em plataformas virtuais de acesso público.

Nas questões pedagógicas entre som e tecnologia, ou música e tecnologia, que acabamos perpassando na ação - a qual descreve-se no presente capítulo, lembramos a abordagem compartilhada por Eujim Kim, em caso que o autor vivenciou na Coreia do Sul:

Para implementar música integrada com tecnologia em nosso programa curricular, nós incorporamos cinco categorias em nossas aulas de música, a saber: 1) a criação de toques para telefone celular, 2) a criação de efeitos sonoros, 3) composição de música de fundo para histórias, 4) elaborar efeitos sonoros para vídeos, e 5) criação de música comercial. Estas cinco categorias foram selecionadas porque nós as julgamos mais adequadas para despertar o interesse dos alunos da geração Internet. Como parte de nossa tecnologia musical integrada no programa curricular, combinamos as seguintes áreas de estudo: introdução à informática (ciência da computação prática), os papéis da música na vida cotidiana (música), conhecimentos de informática (educação de informação e comunicação), [...] e aspectos da era da informação e seu impacto na vida cotidiana (estudos sociais). (KIM, 2013, p. 416).

Kim nos mostra algumas vertentes que foram ressaltadas no período complexo que vivenciamos com a pandemia, em que muitas pessoas tiveram de criar novas relações com o mundo virtual e com as tecnologias de áudio e vídeo. “Nas artes cênicas é possível seguir a mesma trajetória: estudar os equipamentos de áudio como componentes da sonorização teatral, e usar tais equipamentos como elemento criativo no teatro” (CHAVES, 2016, p. 183). Desta forma, os participantes e as participantes do “Chá com Drama” utilizaram a necessidade de entender novas questões, referente à edição de som e vídeo, como anexo pedagógico que se conectou com a extensão.

O canal “*Chá com Drama*”, no YouTube, conta até o final de 2021 com os episódios abordados neste capítulo e duas leituras dramáticas online: uma experimentação como radionovela de “*O Beijo no Asfalto*”, de Nelson Rodrigues, e Anemia, de Júnia Pereira. Todos estes materiais tiveram intervenção dos/das participantes do projeto de extensão. Lucas Alves, Aline Vieira e Marcos Chaves cuidaram desta parte na edição de áudio e vídeo, com colaboração e indicações de Ariane Guerra e Júnia Pereira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido aos novos formatos de interações e dinâmicas de trabalhos, o projeto se viu diante de adaptações necessárias para seu

segmento, o que resultou em um trabalho conciso, dando uma nova roupagem para o mesmo, onde as plataformas digitais serviram como instrumento de produção e execução do projeto “Chá com Drama”.

Sabemos, na verdade, que tais plataformas são mais do que meros instrumentos, alterando também nossa forma de construção do conhecimento e de relação com a comunidade. Assim como as variadas formas de teatro online tem passado por diversos questionamentos acerca do seu formato, a exemplo da famosa pergunta: “isso é ou não é teatro?”, também nos perguntamos como e em que medida o canal no Youtube altera nosso relacionamento com o público do projeto, o qual se dava, anteriormente, de forma presencial. Na esteira dessa discussão, Hannah Lopes nos lembra que mutações e adaptações fazem parte da história do teatro. Segundo essa autora, o momento é de:

[...] refletirmos sobre quais as possibilidades para o teatro com as formas que estão surgindo e como podemos utilizá-las a nosso favor daqui em diante, ao invés de nos apegarmos ao que estaríamos perdendo com esse processo, pois certamente, a arte tem como uma de suas características principais o transgredir-se (LOPES, 2020, p. 157).

Concordamos com Lopes acerca da necessidade de exercitar o desapego nesse momento em que não podemos lançar mão de nossas ferramentas habituais.

Também em relação ao aspecto transgressor, nos identificamos com suas palavras, pois se palestras e rodas de conversa são comumente transpostas do meio acadêmico presencial para o virtual, em nossas propostas ousamos quebrar com a formalidade acadêmica, inserindo memes e relatos pessoais em nossas conversas e dialogando com o senso comum.

Assim, os vídeos mesclam conversas informais e descontraídas com as relevâncias que a leitura dramática carrega em sua essência (contextos artísticos e acadêmicos) e como os atravessamentos pela leitura resultaram em processos de diferentes projetos, segundo relato de nossos convidados em cada episódio do bate papo, sendo possível entender diversos olhares para com a leitura dramática e suas possibilidades.

Acreditamos que os vídeos sejam de valia para quem procura informações rápidas sobre a leitura dramática em pesquisas pela web, trazendo conceitos e reflexões teóricas em linguagem leve e acessível, um distinto processo de ensino-aprendizagem online durante a pandemia - mediados pelo projeto “Chá com Drama” - e, quiçá, para além desta época atravessada por situações complexas de saúde.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Sarah. **A louca dos gatos**. [Ilustrações da autora]: tradução de André Czarnobai. São Paulo: Seguinte, 2018.

CHAVES, Marcos. **Preparação musical para atores: Princípios pedagógicos norteadores de três disciplinas musicais em curso teatral**. 2016. 283 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DUBATTI, J. Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos. **Revista Rebento**. São Paulo, n. 12, p. 8-32, jan - jun 2020.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KIM, Eujin. **Music technology-mediated teaching and learning approach for music education: A case study from an elementary school in South Korea**. International Journal of Music Education 2013 31: 413, 28 August, 2013.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LOPES, H. Experiência cênica e cultura digital: possibilidades teatrais em meios virtuais. **Manzuá-** Revista de pesquisa em artes cênicas da UFRN. Corpo em tempos de isolamento: reflexões e experimentos artísticos. v. 3, n. 2, p. 139-159, 2020.



INSTAGRAM UMA PLATAFORMA QUE FORNECE INFORMAÇÕES SOBRE O CÂNCER

INSTAGRAM A PLATFORM THAT
PROVIDES INFORMATION
ABOUT CANCER

Gabriele Mendes

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Debora Cristina dos Santos Pereira

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Ana Claudia de Souza Borges

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Lukas Vinicius Rodrigues da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Daiely Campos Farias

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Juliana Benevenuto Reis

Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT), de Tangará da Serra, Brasil

Grupo de Estudos e Pesquisa: Núcleo de Pesquisa
e Extensão em Política, Planejamento, Organização
e Práticas (individual e coletiva) em Saúde (NPEPS) e
Programa de Extensão Universitária (PROEXT)

Resumo: Trata-se de um relato de experiência realizado pelos acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra, nas atividades realizadas pela Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), essa liga desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão. Esse relato tem como objetivo descrever as ações e atividades promovidas à comunidade que possibilitam a disseminação de conhecimento através das redes sociais com a criação da conta no Instagram @laeounemat. A rede social tem sido um dos principais instrumentos utilizados por estudantes universitários e profissionais para propagar conteúdo, que nesse caso têm como finalidade abordar a temática das neoplasias malignas, trazendo informações sobre os tipos de cânceres, conceitos, formas de prevenção, tratamentos, perfil epidemiológico e a atuação do profissional de enfermagem na oncologia, com destaque maior para a prevenção dos tumores. Essas informações são disseminadas por meio da divulgação de conteúdo teórico que é planejado e executado por participantes do projeto de extensão *“Ações Educativas nas Redes Sociais para a Prevenção do Câncer”*. Os visitantes e seguidores do perfil @laeounemat podem enviar as dúvidas e essas são discutidas com os administradores da conta que são integrantes do projeto acima citado. Nesse sentido, o compartilhar de experiências pode somar saberes, já que as mídias sociais têm sido uma grande ferramenta para a área da saúde, usada como meio de interagir com o público-alvo de maneira clara e objetiva.

Palavras-Chave: Câncer; Educação em Saúde; Mídias Sociais.

Abstract: This paper is an experience report conducted by the undergraduate nursing students of the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra campus, in the activities performed by the Academic League of Oncological Nursing (LAEO), this league develops teaching, research and extension actions in academia. This report aims to describe the actions and activities promoted, which enable the dissemination of knowledge through social networks with the creation of the Instagram account @laeounemat, which has been one of the main tools used by university students and professionals to spread content, which in this case aim to address the issue of malignant neoplasms, bringing information about the types of cancers, concepts, their forms of prevention, treatments, epidemiological profile and the role of nursing professionals in oncology, but especially the prevention of these tumors. This information is disseminated through theoretical teaching, promoted by the extension project, so it is in social networks that questions can be answered and the sharing of experiences can add knowledge, since social media have been a great tool for the health area because it is a way to interact with the target audience

in a clear and objective way and also because there are 110 million Internet users in Brazil.

Keywords: Neoplasms; Health Education; Social Media.

1. INTRODUÇÃO

A internet é um meio de comunicação onde pessoas passam maior tempo de sua rotina conectados à Rede, possibilitando o compartilhamento instantâneo de dados. Segundo Statista (2021), no Brasil, são 110 milhões de usuários, sendo a terceira maior base de usuários no mundo. Esse acesso é realizado através de computadores ou por smartphones e isso ocorre porque em plataformas, como o Instagram, há uma forma prática e simples de receber informações e interagir com outras pessoas.

Segundo Oliveira *et al.* (2019), as mídias sociais têm sido uma grande ferramenta para a área da saúde, pois possibilitam de forma fácil um meio de interagir com o público-alvo de maneira clara e objetiva. Essa inovação proporcionou uma infinidade de possibilidades para as instituições e para os seus profissionais, que dispõem das redes sociais como material de divulgação e democratização das informações para os usuários que procuram informações de qualidade em determinada área temática. No caso do nosso estudo, iremos infantilizar conteúdos sobre a oncologia.

O Instagram foi atualizado em 2020 e tem sido um dos principais instrumentos utilizados por estudantes universitários e profissionais para pesquisa de diversos assuntos “[...] usuários do Instagram tem comportamento participativo que extrapola simples visualização de imagens; os adeptos do aplicativo se envolvem por meio de curtidas e comentários [...]” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 786). Essa praticidade faz com que aconteça interação entre profissionais e a população de forma geral e que é através dessa dinâmica acontece o compartilhar de saberes e experiências:

[...] quanto mais curtidas e comentários, mais usuários têm acesso àquele conteúdo, uma vez que o Instagram, como outras mídias sociais, desenvolve dispositivos para calcular e modular como apresentará o conteúdo a outros usuários a partir de um algoritmo” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 786).

Oliveira *et al.* (2019) também afirmam que as buscas por conteúdos podem ser realizadas a partir do uso de hashtags, que são caracterizadas pelo uso de uma palavra-chave antecedida pela cerquilha (#). No caso do projeto de extensão deste estudo, por exemplo, podem ser citadas: #câncer, #neoplasias, #enfermagemoncológica, #ligaacadêmica, #prevenção, #enfermagem, #oncologia e #ligaoncológica.

Os usuários ou instituições, geralmente, utilizam esse mecanismo para identificar o tema do conteúdo que estão compartilhando ou pesquisando e, dessa forma, facilitar o acesso de outros usuários em suas buscas pelo assunto de seu interesse.

O objeto de estudo da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica é o câncer. “O Instituto Nacional do Câncer (INCA) aponta o câncer como um problema de saúde pública, principalmente em países em desenvolvimento, relacionando-se a causas multifatoriais” (SANTANA *et al.*, 2021, p. 142).

A divulgação de informações relacionadas ao câncer é extremamente necessária, sendo assim este relato de experiência tem como objetivo descrever as ações de extensão que possibilitaram a disseminação de conhecimento através das redes sociais para a população. Tais ações foram promovidas pelos acadêmicos e profissionais que participam do Projeto de Extensão da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esse trabalho trata-se de um relato de experiência realizado por participantes de uma Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), que foi criada em maio de 2015, no curso de enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no campus de Tangará da Serra.

As ações de extensão da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO) têm como finalidade abordar a temática sobre as neoplasias malignas, trazendo informações sobre os tipos de cânceres, conceitos, tratamentos, perfil epidemiológico e a atuação do profissional de enfermagem na oncologia, mas tendo como foco principal a divulgação de conteúdo para promover prevenção do câncer por meio da extensão à comunidade.

Essa área extensionista divulga as atividades e conteúdo acerca da temática câncer em algumas mídias sociais como o Facebook com posts informativos, no Tik Tok com vídeos dinâmicos, Spotify com podcasts intitulados “*Oncocast - podcast da LAEO*” e no Instagram, que compartilha todas essas produções de posts informativos, parcerias e divulgações de eventos, IGTVs, Reels, podcasts, stories, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema câncer é um assunto que deve ser abordado por ser de extrema importância para a saúde pública; diante disso, que a Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO) (figura 1) da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Tangará da Serra, teve a iniciativa da criação do Instagram @laeounemat, para a disseminação de informações através da atividade de extensão (figura 2 e 3).

Figura 1 – Logo da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra



Fonte: próprio autor.

O conteúdo foi elaborado semanalmente, com um cronograma pré estabelecido de posts, com o intuito de disseminar informações à comunidade, como forma de prevenção e promoção da saúde, buscando sempre meios de atingir os diversos públicos da rede social Instagram.

O perfil da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica no Instagram foi criado no ano de 2019 inicialmente com a finalidade de compartilhar as ações e encontros dos membros do projeto e pequenos posts de datas comemorativas da saúde. Posteriormente em 2021, com a pandemia da COVID-19, tornou-se o foco principal de criação de conteúdo para o projeto de extensão intitulado “Ações educativas nas redes sociais para a prevenção do câncer” que está agrupado a Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO).

Devido às restrições em decorrência do cenário pandêmico, nossos encontros de planejamento para elaborar conteúdo a ser postado nas mídias sociais passaram a ser realizados de maneira remota, através da plataforma Google Meet com os acadêmicos de enfermagem pertencentes ao projeto. Os encontros foram realizados quinzenalmente durante todo o ano e o material produzido foi veiculado nas semanas seguintes nas redes sociais.

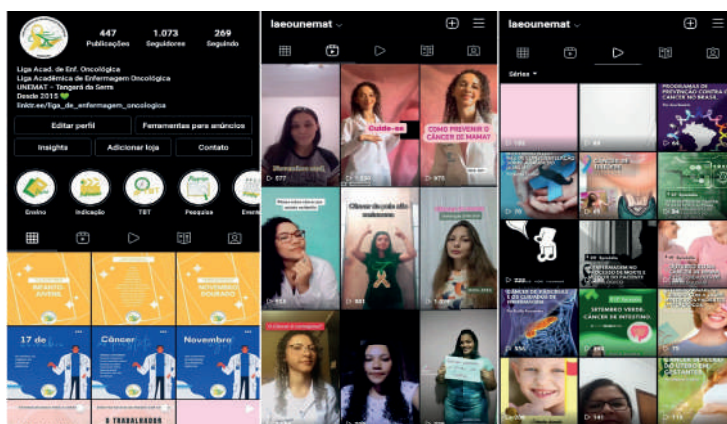
Como não havia a possibilidade de realizar extensão presencialmente (empresas, escolas, unidades de saúde, etc.), o foco das ativi-

dades do projeto de extensão foi o de alcançar a população através do Instagram, com publicações e vídeos curtos que buscavam esclarecer informações referentes à oncologia, com enfoque na prevenção do câncer.

No Instagram da Liga, intitulado como usuário @laeounemat, foram realizadas, em média, seis (6) postagens semanais com conteúdo programados através do cronograma pré estabelecido: segundas, terças, quartas e sextas-feiras com conteúdo diversos, às quintas-feiras com as postagens programadas sobre fatores de risco para o desenvolvimento do câncer (figura 2).

Quinzenalmente um vídeo foi produzido pelos membros da LAEO e postado no Reels ou no IGTV (figura 2) e, aos sábados, o conteúdo era sobre terminologias relacionadas com a área de saúde oncológica, em que era esclarecido o significado dos termos técnicos utilizados nesta área.

Figura 2 – Posts e vídeos do Instagram da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra



Fonte: próprio autor.

O cronograma de postagens abrange desde datas comemorativas da saúde a meses dedicados à conscientização da prevenção e detecção precoce de determinado tipo de câncer, por exemplo o junho preto: câncer de pele melanoma; julho amarelo: câncer ósseo, agosto verde claro: linfoma ou doença de Hodgkin e setembro dourado: câncer infanto-juvenil, entre outros meses.

Ao longo do ano, foram abordados os mais diversos tipos de conteúdo sobre os cânceres na página do Instagram da LAEO, desde informações básicas do “O que é o câncer?”, “Como o câncer se desenvolve?” e até conteúdos mais complexos sobre os “Genes supressores de tumor BRCA1 e BRCA1” e “Terapia alvo para o tratamento do câncer”.

Todos dispostos de forma resumida para que chegue até os seguidores do Instagram com qualidade e com comprovação de pesquisas em sites e publicações confiáveis como as encontradas no site do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), que é o órgão vinculado ao Ministério da Saúde, e que atua no desenvolvimento e coordenação de ações integradas para a prevenção e controle do câncer no Brasil.

Além disso, são abordados temas referentes aos cuidados para a prevenção do câncer e outros, como: tratamentos oncológicos; sinais e sintomas de alguns cânceres; fatores de risco para o desenvolvimento de uma neoplasia; processo de desenvolvimento do tumor; formas de se diagnosticar alguns tipos de cânceres; dicas de saúde mental para pacientes oncológicos; números e estatísticas do câncer no Brasil e no mundo; realização de exames, entre outros. Há também postagens do *“LAEO tira dúvidas”*, com questionamentos populares e dúvidas frequentes, em que o seguidor pode enviar sua pergunta e a equipe do projeto responde o mais breve possível (figura 3).

Os conteúdos são dos mais variados durante a semana e com o tempo são trocados por novas ideias de divulgação de conteúdo, para assim ter renovação na estética do perfil e continuar promovendo informações com uma didática simples para alcançar os seguidores potencialmente interessados.

Figura 3 - Posts informativos do Instagram da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra



Fonte: próprio autor.

Atualmente em 2021 o perfil da @laeounemat, possui mil e setenta e três (1.073) seguidores no Instagram e quatrocentos e quarenta e sete (447) publicações feitas desde sua criação no ano de 2019. Dados das publicações do perfil fornecidos pela rede do Instagram informa que, nos últimos catorze (14) dias, do dia 17 a 30 novembro de 2021 foram alcançadas oitocentos e trinta e uma (831) contas representando +88,8% do que nos últimos quatorze (14) dias anteriores, com um engajamento de quarenta e duas contas (42) equivalente a +31,2% e com +0,1% a mais de seguidores.

A divulgação dos conteúdos com a temática câncer teve bastante aceitação do público e alcance considerável, principalmente em tempos de distanciamento social. O apoio a eventos desenvolvidos por outras instituições também foi uma forma de alcançar a população alvo, principalmente os estudantes e profissionais da área de ciências da saúde.

Figura 4 - Informações e insights do Instagram da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra



Fonte: próprio autor.

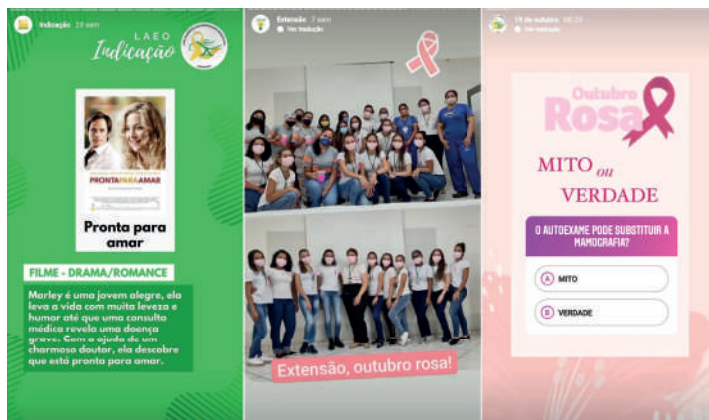
Além dos conteúdos sobre o câncer, a Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO) realiza parcerias com outras instituições para a divulgação de outras informações importantes, tais como a parceria com a Unidade de Coleta e Transfusão de Tangará da Serra (UNITAN), divulgando informações pertinentes para a doação de sangue.

Também são divulgadas ações de extensão com a divulgação de conteúdos produzidos por alunos de enfermagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), do campus de Tangará da Serra, como parceria de realização e divulgação de eventos, como o projeto de extensão e pesquisa *“Vigilância do Câncer e seus fatores associados”* do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atuando também como apoio na divulgação de eventos voltados para estudantes e profissionais da enfermagem, além de auxiliar no esclarecimento de dúvidas dos inscritos nos eventos.

A interação com os seguidores da página também ocorre através dos stories do Instagram com a divulgação dos posts realizados,

dos encontros de ensino com os membros do projeto, divulgação de filmes e livros relacionados com a oncologia, divulgação e realização de eventos da área da saúde, principalmente eventos de oncologia ou enfermagem oncológica, ações de extensão em empresas, escolas e unidades de saúde, pesquisas, projetos, resumos e trabalhos de conclusão de curso (TCC) realizados pelos acadêmicos, mitos e verdades sobre o câncer, perguntas e curiosidades, entre outros (figura 5).

Figura 5 - Stories do Instagram da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Tangará da Serra



Fonte: próprio autor.

Ao longo do ano de 2021, foram feitas duzentos e trinta e três (233) postagens no Instagram da Liga Acadêmica de Enfermagem Oncológica (LAEO), entre elas dezenove (19) vídeos postados no Reels e IGVT produzidos pelos acadêmicos e duzentos e quatorze (214) posts de conteúdos teóricos diversos.

Durante esse período, o projeto de extensão favoreceu a discussão da problemática que é o câncer na nossa realidade social, fazendo uso de uma ferramenta de mídia digital que é a divulgação através das redes sociais, e colaborou na implementação de ações que são reconhecidamente efetivas na prevenção e detecção precoce do câncer devido o repasse de informações.

Procurou-se prestigiar os envolvidos nas “rodas de conversa” nas redes sociais, lives e palestras, não validando-os apenas como espectadores e sim como sujeitos envolvidos numa ação que visa trazer mudanças no cenário atual, que é o crescente número de pessoas acometidas pelo câncer.

Prova disso é o feedback positivo recebido nas mensagens e comentários de postagens, além de inúmeras dúvidas e questio-

namentos que acabaram gerando conteúdo para os perfis, o que comprova a participação direta do público em resposta à produção de conteúdo.

4. CONCLUSÕES

Evidencia-se a grande importância da ferramenta do Instagram tanto para os estudantes/profissionais como para a população em geral, e notamos o quanto a internet é útil nos dias atuais, pois através dela podemos levar informações que beneficiarão diversos públicos em toda parte do mundo.

O câncer é uma doença que merece enfoque por se tratar de uma doença muito agressiva, sendo necessário diversas estratégias para auxiliar e conscientizar a população, e com isso diminuir a incidência da doença que acomete milhares de pessoas todos os anos.

Notamos que a educação em saúde é indispensável e que, a partir dessas informações, é possível promover e levar conhecimento para toda população, pois através do conhecimento é que podemos compartilhar inquietações e dividir experiências referentes aos mais prevalentes e diversos temas no nosso meio.

A combinação da ferramenta com informações relacionadas à saúde enfatizando o tema câncer é vista como um recurso que atingirá ainda mais o público alvo, alcançando resultados e metas traçadas no início do projeto e que hoje são dadas como cumpridas, buscando continuamente inteirar o público a respeito do tema câncer.

Através do trabalho realizado pelo projeto de extensão *“Ações Educativas nas Redes Sociais para a Prevenção do Câncer”* e empenho na divulgação de conhecimento, a LAEO vem ganhando reconhecimento ao longo do tempo e, assim, tornando possível realizar seu principal objetivo, que é levar informação sobre prevenção e detecção precoce do câncer para a população em geral. Muitas empresas procuram a coordenação do projeto a fim de realizar extensão aos funcionários através de palestras e rodas de conversa devido o interesse na página do Instagram.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, E. M. *et al.* Esperança x sofrimento nas mídias sociais: o que motiva seguidores do Instagram a seguir a temática câncer? **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 784-802. 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1776>. Acesso em: 05 set. 2021.

SANTANA, A. C. O. *et al.* Mídias digitais e cuidadores da pessoa com câncer: comunicação em saúde e apoio psicossocial. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde ao Conte. Social**, Uberaba, v. 9, n. 1, p. 141-150, 2021. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/5110>. Acesso em: 05 set. 2021.

STATISTA. **Countries with the most Instagram users 2021**. New York, 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>. Acesso em: 05 set. 2021.





INVESTIGANDO INDÍCIOS DE POLÍTICA PÚBLICA DE ESPORTE NA BASE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

INVESTIGATING EVIDENCE
PUBLIC POLITICS OF
SPORT ON THE BASIS OF
UNIVERSITY EXTENSION

Erasmu Braz dos Santos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS),
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São
Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil
Bolsista PROSUC/CAPES

Elisama Santos da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT),
Gerência de Projetos Esportivos e Lazer, Pró-Reitoria de
Cultura, Extensão e Vivência, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

Resumo: O esporte proporciona inúmeros benefícios para diversos aspectos da vida humana, dentre eles podemos citar físico, motor, social e mental. A partir da Constituição Federal, ofertá-lo à sociedade passa ser um dever do Estado. O objetivo do trabalho foi verificar os indícios de política de esporte na base extensionista via registro no Sistema de Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso. O período de recorte foi de 2016 e 2020. Pesquisa de cunho descritivo e de análise documental. Os achados foram baixa incidência de projetos com a temática desporto frente às outras temáticas extensionistas tanto absoluta quanto relativa; e a não menção ou documentação anexada de comprovação de política de esporte institucional no corpus pesquisado. Os projetos pesquisados aparentaram estarem calcados em sistema de demanda e em processo de fazejamento. Considera-se que no conjunto de projetos pesquisados há evidências de política de esporte na base de extensão da UFMT, porém não foi feita menção nem há comprovação de que a mesma exista de forma concretamente implantada.

Palavras-Chave: política de esporte; extensão; universidade.

Abstract: Sport provides numerous benefits for different aspects of human life, including physical, motor, social and mental. From the federal constitution onwards, offering it to society becomes a duty of the State. The objective of the work was to verify evidence of sport policy in the extensionist base via registration in the Extension System of the Federal University of Mato Grosso. The cut-off period was from 2016 to 2020. Descriptive research and document analysis. The findings were low of projects with the sport theme compared to other extension themes, both absolute and relative; and, the non-mention or attached document of proof of institutional sport policy in the researched corpus. The researched projects appeared to be based on a demand system and in a “fazejamento” (on the flay). It is considered that in the set of research projects there is evidence of sports policy in the UFMT extension base, but there was no mention or proof that it exists in a concretely implemented way.

Keywords: sports policy; extension; university.

1. INTRODUÇÃO

É muito comum encontrar afirmações sobre a relevância do esporte para o desenvolvimento humano. Existem inúmeras comprovações desta premissa que estão fartamente distribuídas sobre o tema na literatura (PAES, 2006; BALYI, HAMILTON, 2004; SANTANA, 2005; TUBINO, 2005). Porém, também é comum encontrar na literatura no que tange ao Brasil, o quanto o esporte é negligenciado e precarizado, não atingindo plenamente os seus preceitos junto à



sociedade, principalmente pela ausência ou consolidação de políticas públicas robustas para tal fim (VERONEZ, 2005; BUENO, 2008; MENDES, AZEVÊDO, 2010). Como um fenômeno social, não raro, no cotidiano podemos observar a utilização do esporte em forma apenas de alegoria em discursos que visam atender preceitos nem sempre valoráveis, reverberando muitas vezes apenas seus valores e relevância, nas “formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder” (ROCHA e ECKERT, 2008, p. 4), negligenciando de fato, no campo a oferta do esporte com qualidade social.

Em discursos oficiais, é dito que o esporte é importante na vida da pessoa, mas no ambiente escolar, por exemplo, um lócus de excelente oportunidade de desenvolvimento do esporte, continua precarizado, sem políticas públicas robustas com fins de fato de desenvolver o esporte junto às crianças, adolescentes, jovens e adultos. O ambiente escolar é um local profícuo para tal fim, pois nele (e sob condições minimamente ideais) se encontra os profissionais gabaritados, a infraestrutura minimamente instalada e com segurança, e principalmente a não preocupação com resultados imediatistas e nem com a hipercompetitividade (SANTOS, 2016). Não pensamos aqui que seria o ambiente escolar uma fábrica fornecedora de atletas para o alto rendimento, mas sim um local que propiciaria a formação esportiva comprometida com os valores educacionais, cuidados com a saúde, formação cidadã e para o lazer livre. E é razoável pensar que mesmo os talentos esportivos também tenham direito de acesso a essas premissas, e como tal os talentos também devem estar ou passar pela escola.

Embora pesem críticas sobre a esportivização das aulas de educação física escolar ou de que ela não deve formar atletas (BRATCH, 2000; NEIRA, 2021), o que de fato ocorre na prática, o esporte precisa receber um tratamento mais adequado sendo alçado por exemplo, em turno e em contraturno escolar para que os profissionais de educação física possam desenvolver o seu trabalho a contento tanto como disciplina pedagógica preocupada com o desenvolvimento global do ser humano, quanto como fomentadora do aprendizado concreto do esporte (formação esportiva).

1.1. A FALTA DE SINERGIA ENTRE EDUCAÇÃO E O ESPORTE, DOIS ASPECTOS QUE COMPETEM ENTRE SI, MAS QUE DEVERIAM SER COMPLEMENTARES

Inúmeros estudantes que avançam do ensino básico para o ensino superior deveriam encontrar nesse novo nível, ambiente propício para a sequência da prática esportiva, quer seja dentro de uma dimensão educacional, de participação ou de formação. Além do que, os que possuem características de talento esportivo, ao final do ensino médio, na atual realidade brasileira, precisam optar por

seguir com os estudos ou optar pelo esporte. Marques e Samulski (2009), em estudo com escolares atletas, observaram que os mesmos tinham dificuldades de conciliar o esporte com os estudos, apresentavam defasagem série/idade e um número considerável abandonava os estudos por conta do esporte. Aqueles que optam pelo esporte e, ao final de sua carreira esportiva, acabam por não ter subsídio de formação universitária para dar sequência à sua vida, uma vez que o tempo de aposentadoria do atleta no esporte chega antes do atendimento dos requisitos necessários para aposentadoria nos sistemas de previdências (pública e privada). Já os que tentam conciliar o esporte com o estudo tensionam de forma exponencial o sacrifício necessário para contemplar as duas vertentes, enfrentando a dupla jornada (COSTA *et al.*, 2018). Problemas na conciliação entre estudos e esportes foram destaque da carta de Brasília.

No ano de 2013, foi divulgada a Carta de Brasília para o Esporte Universitário, que foi confeccionada no 1º Seminário Internacional sobre a Dupla Jornada do Atleta na Universidade que segundo Miranda, Loreno e Costa (2020)

[...]apresentando propostas de ações governamentais para o fomento do esporte universitário brasileiro. Entre os principais pontos discutidos, destaca-se a dificuldade de conciliação entre a carreira esportiva de alto rendimento e a formação acadêmica, apresentando-se, entre diversas sugestões: a) a realização de um diagnóstico e mapeamento do esporte universitário brasileiro; b) a oferta de um regime diferenciado para frequência, avaliação, acompanhamento e permanência de atletas no ensino superior; c) a criação de reservas de vagas; garantidas por legislação para esse público nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas. (MIRANDA; LORENO; COSTA, 2020, p. 3)

Esses itens contidos na carta corroboram fortemente com a ideia de que a política pública no âmbito da universidade é relevante e necessária e precisa abranger todas as dimensões do esporte, porque deve ser plural no sentido de atendimento à comunidade interna (acadêmicos servidores) e comunidade externa (via extensão). Essas premissas também reforçam a necessidade de uma política pública robusta de esporte ao mesmo tempo em que denota que essa lacuna pode estar calcada justamente numa política do esporte nesse nível de ensino, incipiente, precária ou inexistente para diversas instituições, além do fato que no Brasil não há o devido valor (robusto) do esporte universitário. Decorrendo destes aspectos, não é incomum que boa parte dos atletas de alto rendimento não posua ensino superior e, muitos, nem o ensino médio completo. Essa condição impacta fortemente na vida do indivíduo em casos de insucesso na carreira, incapacidade (lesão ou doença que limita ou

impede a continuidade da carreira), transição e aposentadoria (ter uma outra profissão para seguir).

1.2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E DE LAZER: PROGRAMAS QUE VISAM PREENCHER ESPAÇOS NÃO CONTEMPLADOS PELAS INSTITUIÇÕES

No que pese ainda o precário desenvolvimento esportivo de fato no ambiente escolar (ensino básico) e universitário, alguns projetos têm buscado diminuir essa precariedade numa tentativa de atender as dimensões educacional, de participação e de formação do esporte ainda não contemplados plenamente pela educação física. A bem da verdade, algumas tentativas têm ocorrido ao longo do tempo como o Programa Atleta na Escola, que foi desenvolvido pelos Ministérios da Educação e do Esporte e lançado em 2013 (BRASIL, 2013), com o intuito de promover a formação esportiva de crianças e adolescentes no ensino básico, calcado no contraturno escolar, mas que não teve continuidade devido à austeridade fiscal e contingenciamento de recursos financeiros que resultou em cancelamento do projeto (SILVA *et al.*, 2017). A questão orçamentária, geralmente espinha dorsal de políticas públicas, acaba por impactar o desenvolvimento do esporte em vários âmbitos quando não contemplada, que pode promover a descontinuidade de projetos e assolar de forma nada valorável o atendimento à comunidade. Com certa frequência políticas e projetos são impactados pela austeridade fiscal (ROSSI *et al.*, 2019). Outro programa governamental é o Programa Segundo Tempo (PST). Segundo seus preceitos, têm como finalidades

As práticas corporais devem ter caráter educacional e objetivar o estímulo ao desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes, de forma a favorecer a tomada de consciência de seu corpo, explorar seus limites, valorizar as suas potencialidades, trabalhar o espírito de solidariedade, de cooperação mútua e de respeito pelo coletivo (BRASIL, 2019a).

Notadamente a dimensão educacional é o foco principal do PST. Segundo Engelman e Oliveira (2012, p. 543), esses preceitos visam “contribuir para a democratização do esporte, diminuição das situações de risco social dos alunos, além de capacitar professores de Educação Física, monitores e estudantes de graduação, objetivando a gestão pública ampliada”.

O programa busca atender três vertentes, sendo uma no contraturno escolar que atende crianças e adolescentes na faixa etária de 6 aos 17 anos e oriundos de escola pública. Uma segunda vertente atende pessoas com deficiência a partir dos seis anos de idade e a terceira vertente é no âmbito da universidade que veremos mais adiante.

Um outro programa de fomento do esporte e lazer criado pelo governo federal é o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), que foi criado em 2003 (GOELLNER e JORAS, 2016) tendo como metas, segundo a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério da Cidadania:

Democratizar o acesso ao lazer e ao esporte recreativo, privilegiando comunidades menos favorecidas; Estimular a gestão participativa entre atores locais direta e indiretamente envolvidos; Promover a formação inicial e estimular a formação continuada dos agentes sociais e gestores municipais de lazer e esporte recreativo; Promover a resignificação e a qualificação de espaços e equipamentos públicos de lazer e esporte recreativo (BRASIL, 2019b).

O PELC tem uma cobertura mais ampliada que o PST, atendendo além de crianças e adolescentes, jovens, adultos e idosos, incluindo pessoas com deficiência. No seu caráter, o programa se assemelha à dimensão participativa do esporte. Para realização de convênio para implantação do PELC, é necessário ser de uma destas instâncias: governos de Estados, prefeitura e instituições públicas de ensino superior. O acesso se dá via edital de chamamento público e emendas parlamentares.

O PELC, embora tenha no âmbito universitário uma das possibilidades de ação, é voltado para o atendimento da comunidade externa e não interna. No que concerne a esse tipo de ação, ou seja, o recebimento de ações voltadas para o esporte e o lazer no âmbito universitário, é louvável, que venham de fora para dentro como parceria ou convênio, porém é ideal que a universidade tenha sua própria política de esporte institucionalizada, pois ações externas são geralmente resultado de ações executivas que podem constituir de efemeridades, deixando de existir de uma hora para a outra e prejudicando a continuidade das ações derivadas da política de esporte dentro do âmbito universitário, sem contar o fato de obediência a diretrizes do formato.

Ainda assim, esses programas públicos se consolidam como acesso ao direito social ao esporte e ao lazer. Porém, é dependente de aprovação em edital, o que limita sua cobertura, que por maior que seja, não consegue abarcar todos os municípios e as instituições, e por extensão ao menos grande parcela da população brasileira quanto ao acesso a esse relevante direito. Vieira *et al.* (2017), ao conduzirem um estudo acerca da cobertura do PELC, demonstraram que até o ano de 2015, somavam 126 convênios celebrados, sendo que apresentava distorção considerável por regiões brasileiras sendo no Norte 4, no Centro-Oeste 6, no Sul 13, no Sudeste 51 e no Nordeste 52. Considerando que o número de municípios no país é acima de cinco mil, entende-se que a cobertura fica substancialmente menor. Os autores fizeram ainda uma representação da

cobertura quanto à quantidade de beneficiários, conforme o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e chegaram ao seguinte achado ao qual reproduzimos aqui de forma sintética:

Tabela 1. Representação da cobertura do PELC quanto a quantidade de beneficiários, levando-se em consideração o censo demográfico de 2010 do IBGE

REGIÃO	POPULAÇÃO URBANA E RURAL	Nº DE BENEFICIÁRIOS PELO PROGRAMA	PORCENTAGEM DE COBERTURA
Centro-Oeste	12.482.963	21.400	0,15%
Nordeste	53.081.950	143.000	0,27%
Norte	11.664.509	14.400	0,09%
Sudeste	74.696.178	129.000	0,16%
Sul	23.260.896	55.800	0,20%

Fonte: Criação dos autores, baseado em dados de VIEIRA *et al.* (2017).

Considerando que o programa foi criado em 2003, nota-se que pelos dados apresentados pelos autores na tabela um demonstram que ainda falta muito trabalho para contemplar esse direito social, ao se observar as baixíssimas porcentagens de cobertura populacional nas regiões brasileiras pelo programa.

A partir da durabilidade dos programas PST e PELC e dos anseios das universidades em receber ações que englobam e contemplam o esporte e o lazer, principalmente já subsidiadas, que foi criado, derivado do PST, o Programa Segundo Tempo Universitário (PSTU). O PSTU, diferente do PELC, tem na universidade a prioridade de atendimento da comunidade universitária, principalmente o corpo discente. O programa, segundo a Secretaria Especial do Esporte tem como finalidades

[...] democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional, promovendo o desenvolvimento integral de adolescentes, jovens e adultos como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida da comunidade universitária (instituições públicas de ensino superior), prioritariamente do corpo discente (BRASIL, 2019, p. 6).

Grosso modo, para participação neste programa a universidade deve concorrer a um edital específico. No qual uma vez contemplada recebe recursos financeiros para o fornecimento de bolsas para equipe executora, professores e monitores, além de uniformes e material esportivo. Há no programa um estabelecimento de diretrizes que têm que ser cumpridas pela instituição incluindo uma contrapartida financeira. O convênio tem um prazo estipulado de vigência de 24 meses. Podendo a instituição concorrer a novo edital ou pedir prorrogação. Este modelo de programa tem diretrizes que devem ser seguidas pela instituição receptora. Relembramos aqui novamente, como já foi mencionado anteriormente, sobre a universidade não dispor de uma política de esporte implantada e ter que seguir um modelo externo. Nada temos contra esse tipo de

convênio, porém não deveria ser esta a principal fomentadora da política esportiva da universidade, mas sim uma parceira da política de esportes da universidade. Se não, vejamos, após o encerramento do convênio (cessão do financiamento), como a universidade irá buscar dar continuidade à política de esporte se não buscou constituir sua própria política? Como dar continuidade a partir daí ao atendimento das comunidades?

Gonçalves, Silva e Marins (2019), ao realizarem uma avaliação dos efeitos do PSTU numa instituição de ensino superior do interior de Minas Gerais, observaram que o programa foi benéfico para a comunidade. Segundo o relato dos autores

Os resultados apontaram que o programa cumpriu parte considerável dos objetivos traçados pelo programa. No que tange à eficácia da política pública, superou as metas de atendimento e oferta de modalidades pactuadas. Quanto à eficiência, conseguiu aumentar o atendimento e manter a qualidade das intervenções. Após o término do convênio com o Ministério do Esporte (ME), a UFV desenvolveu o Programa Esporte e Lazer na UFV (PELU) no Campus de Viçosa, ação que busca dar continuidade ao oferecimento de modalidades esportivas na perspectiva do esporte educacional. Concluiu-se que o PSTU na UFV, foi uma política pública eficaz, atendendo majoritariamente as metas do ME, sendo eficiente e efetiva socialmente, deixando uma estrutura técnica para o desenvolvimento de outras ações com o mesmo objetivo na UFV (GONÇALVES; SILVA; MARINS, 2019, p. 150).

Vale destacar que iniciativas exitosas como o caso relatado por Gonçalves, Silva e Marins não são corriqueiras. Uma vez que no exemplo citado, é decorrente de política de esporte e lazer advinda de fora da universidade. No que tange ao autofinanciamento (com recursos próprios) destinados ao esporte e ao lazer, estes são escassos nas universidades, que são dependentes principalmente dos recursos oriundos do Estado e, a cada ano, tem tido seus orçamentos reduzidos (BRASIL, 2021), principalmente nos recursos de capital (destinados à aquisição de equipamentos) e custeio (gastos com manutenção básica e aquisição de materiais).

Desta forma, restando às universidades a busca por um modelo do tipo híbrido, conforme nomeado por Starepravo *et al.*, (2010), ao definir a situação da CBDU quanto a busca por fomento para a realização de seus eventos, captando recursos vias parcerias e convênios com instituições do próprio governo (como o PELC e PSTU) e com a iniciativa privada e realização de ações com cobrança de taxas e mensalidades via Fundações e registro na base da extensão. Esta última, do ponto de vista do acesso, dificulta no caso de parcela da comunidade que não tem condições de custear essa despesa.

Uma observação a respeito do PSTU é que a instituição univer-

sitária contemplada, ao final do convênio (24 meses) herde o conhecimento técnico e convida a comunidade universitária para construir coletivamente uma política de esporte e lazer. Essa ação apresenta-se como motivadora neste processo, porém um dos fatores que sustentam uma política de esporte, sendo sua espinha dorsal, é o financiamento, demandando da instituição a busca por recursos fora do âmbito público, conforme já mencionado, portanto, nem sempre poderá ser atingida esta meta pela universidade.

Uma limitação à iniciativa do PSTU decorre do fato de que não se contempla todo o universo das universidades públicas, o edital é restritivo neste quesito, devido obviamente à limitação orçamentária. O outro fator a ser destacado é que o programa pode sofrer revezes, principalmente em momentos de austeridade fiscal, conforme movimentos da economia, pode ocorrer também possíveis atrasos no cumprimento por parte do governo na execução e liberação dos recursos para as universidades contempladas pelo programa.

1.3. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, O ESPORTE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

A extensão universitária é uma das bases inter-relacionadas que junto com o ensino e a pesquisa busca gerar conhecimentos. A extensão é definida como sendo como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15). É relevante que essa definição cause uma circularidade do conhecimento produzido ou construído em contexto além-muros resultado de interação na díade comunidade-universidade. A democratização e o compartilhamento político são tangíveis numa perspectiva da práxis de pensar o mundo social e a extensão proporciona essa premissa enriquecedora.

Por natureza, os preceitos da extensão visam ao atendimento da comunidade externa e não da interna (acadêmicos, docentes e técnicos administrativos). Porém, pensamos que uma política de esporte no âmbito da universidade, deve no seu bojo, ou seja, na sua constituição parte ser erigida sob os auspícios extensionistas (comunidade externa), mas ter uma vertente do atendimento interno (comunidade interna).

Dentre as diversas disciplinas fomentadoras da extensão universitária, o esporte é uma delas e tem diversas possibilidades de contribuir para o desenvolvimento do ser humano em variáveis como a socialização, saúde mental, fisiológica, dentre outras. O esporte se manifesta em diferentes dimensões, destacando-se no âmbito universitário a educacional e a de participação, esta última destacada por ações de extensão que visam atender demandas da comunidade externa principalmente no que tange ao lazer. Grosso modo, a dimensão educacional visa alcançar o desenvolvimento integral do

indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania, e a dimensão participação tem a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social de forma livre e na promoção da saúde (BRASIL, 1998). A Lei n. 9.615/1998, denominada de Lei Pelé, considerada como a política nacional do desporto vigente, foi fragmentada em diversas outras leis e decretos com fins de regulamentação, dentre elas pelo Decreto n. 7.984/2013 que constitui o desporto educacional em

I – esporte educacional, ou esporte de formação, com atividade em estabelecimentos escolares e não escolares, referenciado em princípios socioeducativos como inclusão, participação, cooperação, promoção à saúde, co-educação e responsabilidade; e

II – esporte escolar, praticado pelos estudantes com talento esportivo no ambiente escolar, visando à formação cidadã, referenciado nos princípios do desenvolvimento esportivo e do desenvolvimento do espírito esportivo, podendo contribuir para ampliar as potencialidades para a prática do esporte de rendimento e promoção da saúde. (BRASIL, 2013).

Determina ainda o decreto que o esporte escolar pode ser “...praticado em competições, eventos, programas de formação, treinamento, complementação educacional, integração cívica e cidadã” e, podendo ser realizados dentre eles, pela Confederação Brasileira do Desporto Escolar (CBDE) e Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU). Pelos preceitos observados, cabe ao esporte universitário o desenvolvimento das duas vertentes do desporto educacional: a educacional (desenvolvimento global para todos) e a escolar (formação esportiva, competições estudantis, seleções de escolas). (BRASIL, 2013).

Considerado como direito social, o esporte é garantido na carga magna brasileira. No seu Artigo 217 são estabelecidos que é “dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados a autonomia das entidades e a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional” (BRASIL, 2015).

Sendo assim, os direitos sociais, considerados como mecanismos constitucionais de proteção do cidadão, sendo um direito deste e o dever do Estado, tem como princípios contribuir para a redução das desigualdades sociais e também econômicas, propiciando aos entes o acesso ao estado de bem estar social (STAREPRAVO, 2011). Desta forma, são necessárias a implantação de políticas públicas.

Para Scalon (2011), as políticas públicas são ações que demandam as reduções das desigualdades sociais, que na sociedade brasileira é bem marcante devido, dentre outros fatores, à altíssima concentração de renda. Conforme Menicucci (2008, p. 141), política pública é a “ação das autoridades públicas na sociedade, referindo-

-se àquilo que os governos produzem, para alcançar determinados resultados” e que “nessa concepção, políticas públicas remetem a um conjunto de decisões e a um conjunto de ações para implementar aquelas decisões”. E para Lasswell (1984), falar em políticas públicas implica responder às seguintes questões: quem ganha o quê, quando e como? E acrescenta-se a essa pergunta: que diferença faz?

Segundo Frey (2000), para a implantação de políticas públicas, as tradicionais divisões de ciclos (policy cycle) são: formulação, implementação e controle dos impactos. Corroborando com essas divisões, Pereira e Silva (2019, p. 102), no que tange ao ambiente universitário, entendem que deveriam “pensar, elaborar/planejar, implementar, avaliar ou, no mínimo, incentivar ações, projetos e/ou grupos que desenvolvam estes objetivos”.

E a universidade, sendo um campo do desenvolvimento do conhecimento e da sua relação com a comunidade via a extensão, tem amplas possibilidades de propiciar o acesso ao esporte para a sociedade via política pública implantada.

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), localizada na Região Centro-Oeste do Brasil, foi fundada em 1970 e é composta por cinco campi, sendo nominados de Araguaia, Sinop, Cuiabá, Rondonópolis e Várzea Grande. A sede da reitoria encontra-se no campus de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, sendo este o primeiro campus fundado. O campus Rondonópolis se tornou independente recentemente e passou a se chamar Universidade Federal de Rondonópolis, porém os dados que foram computados neste trabalho se referem ainda a instituição como campus componente da UFMT. (UFMT, 2021a).

A UFMT criou o Sistema de Extensão (SIEx), no qual “foi desenvolvido com o objetivo de sistematizar e facilitar os trâmites de submissão e acompanhamento dos projetos de extensão cadastrados na Universidade” (UFMT, 2021b). A base SIEx atende todos os campi da UFMT.

Via sistema podem ser submetidos projetos, anexar documentos, relatórios finais, dentre outros. São ofertadas nove áreas temáticas: comunicação, cultura, desporto, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção e trabalho.

O objetivo deste trabalho foi verificar o indício de política pública de esporte no âmbito universitário, considerando os projetos registrados de todos os campi componentes da UFMT na base de dados extensionista SIEx no período de 2016 a 2020.

2. MATERIAL E MÉTODO

Este trabalho se configurou como pesquisa descritiva. Foi embasado na técnica de pesquisa documental (CELLARD, 2008). Foram utilizados como corpus os projetos e relatórios baixados do site da

extensão da UFMT e no SIEx que tiveram como a temática Desporto em conformidade com a Lei de Acesso à Informação 12.527/2011 (BRASIL, 2011). Foram utilizadas as frequências absoluta (dados globais) e relativa (dados percentuais) para a descrição dos resultados encontrados nos documentos quando se tratou de efeitos de comparação de temáticas extensionistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na tabela 2, estão descritos os números de projetos apresentados na base de extensão SIEx, de todos os campi da UFMT e em todas as nove áreas temáticas. Os dados consideram o campus de Rondonópolis como ainda um campus da UFMT, como citado anteriormente.

Tabela 2. Número de projetos de extensão submetidos ao SIEx/UFMT por campus

Campus	2016	2017	2018	2019	2020
Araguaia	74	80	71	107	71
Cuiabá	369	426	565	782	465
Rondonópolis	88	91	74	152	68
Sinop	96	128	152	174	119
V. Grande	9	13	16	35	11
Total	636	738	878	1.250	734

Fonte: Adaptação dos autores, conforme Relatório Coordenação de Extensão (UFMT, 2020b).

Observando a evolução no total de projetos ao longo dos anos de 2016 até 2019, na tabela dois, houve um substancial crescimento ao longo do período, chegando em 2019 a quase dobrar o número de 2016. Esse fator de crescimento pode ter sido afetado pela adoção do hábito de registro das ações nos campi (política impetrada pela gestão da época, que determinou que todas as ações realizadas nos campi deveriam ser registradas), pelo grau de investimento em editais de bolsas (extensão e ações afirmativas) e pela valorização da extensão no âmbito universitário. Porém, no ano de 2020, houve uma queda substancial no número de projetos. Esse fator foi impactado pela questão da pandemia da COVID-19 (OPAS, 2021) que impediu a realização de atividades presenciais e também por política de austeridade fiscal imposta pelo governo federal às universidades, que reduziu sobremaneira os recursos aplicados na extensão.

Na tabela 3, podemos observar o número de projetos apresentados por campus da UFMT, tendo como base a área extensionista com temática do desporto.

Tabela 3. Número de projetos de extensão submetidos (frequência absoluta) por campus da UFMT com a temática extensionista Desporto

Campus	2016	2017	2018	2019	2020
Araguaia	3	4	2	4	1
Cuiabá	5	3	14	21	13
Rondonópolis	0	0	0	2	1
Sinop	2	3	3	4	3
V. Grande	0	0	0	0	0
Total	10	10	19	31	18

Fonte: Adaptação dos autores, conforme Relatório Coordenação de Extensão (UFMT, 2020b).



Salientamos que apenas os campi Araguaia e Cuiabá possuem o curso de educação física. E que apenas o campus de Cuiabá possui técnicos desportivos que são formados em educação física, sendo um dos principais realizadores de atividades na base da extensão no tocante ao esporte. Acreditamos que essa condição impacta diretamente a oferta de ações e política de esporte no âmbito da universidade, já que os principais burocratas responsáveis pela área devem estar presentes. Se considerarmos que nos campi de Rondonópolis, Sinop e Várzea Grande não possuem estes profissionais, e que a universidade não contratou na forma legítima de prestação de serviços, podemos entender o fato de que os campi Rondonópolis (na maioria dos anos do recorte) e Várzea Grande não apresentarem projetos na base de extensão. Já o campus Sinop apresentou projetos em todos os anos do recorte. Uma explicação para tal fato seria que na base de extensão da UFMT, o servidor sendo docente ou técnico pode coordenar projetos de extensão, não delimitando o campo do conhecimento. Desta forma, na equipe executora deveria, em tese, ter os profissionais da área de educação física para a realização das atividades. Como a UFMT não contratou via prestação de serviços esses profissionais no recorte estudado, salientamos que esse processo poderia estar calcado em voluntarismo ou dar entendimento de vestígio de estar incorrendo em fazejamento, ou seja, projetos com fins de atendimento a uma demanda específica por atividades sem uma constituição de política pública robusta e implantada.

Não houve crescimento no número de projetos se forem considerados os anos de 2016 e 2017, porém de 2017 a 2019 o número de projetos teve um aumento substancial, chegando a triplicar em relação ao ano de 2017. Fatores que possam explicar essa evolução são: a partir do ano de 2017, houve uma organização buscando um padrão para o esporte da instituição, com foco principalmente no esporte universitário. Desta forma começaram a surgir novos projetos, bem como a já citada política da instituição de fomentar o registro das ações junto à extensão, além da criação de um orçamento específico para o esporte, o que antes inexistia.

Porém, observa-se que no ano de 2020 houve um declínio no número de projetos apresentados que foi associado como citado anteriormente principalmente devido à pandemia e à drástica redução de investimento no esporte, influenciada principalmente pela política de austeridade fiscal pelo governo federal.

Quanto à observação específica do campus de Várzea Grande que não apresentou projetos na temática desporto, há um relevante fator que poderia estar contribuindo com essa condição. O fato de o campus não ter sede própria, possuir número reduzido de servidores e estar alojado no campus Cuiabá, faz com que o mesmo desfrute dos projetos apresentados pelo Campus Cuiabá, desta forma não desenvolvendo seus próprios projetos. De certa forma,

isto não seria precípui, pois quando o campus passar a ocupar seu espaço próprio, vai ter que iniciar a constituição dos seus projetos, algo que poderia já estar fazendo aproveitando-se do know-how do campus de Cuiabá.

Na tabela 4, podemos verificar a participação relativa da temática desporto frente ao somatório das outras temáticas (comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção e trabalho).

Tabela 4. Frequência relativa (%) de projetos de extensão apresentados por campus da UFMT por temática extensionista

Temáticas	2016	2017	2018	2019	2020
Desporto	1,57	1,35	2,16	2,48	2,45
Outras temáticas	98,43	98,65	97,84	97,52	97,55
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Criação dos autores, conforme Relatório Coordenação de Extensão (UFMT, 2020b).

Podemos observar que a frequência relativa da participação da temática do desporto frente ao somatório total de projetos registrados é muito pequena, ainda que tenha mantido uma evolução desde 2017. Alguns fatores podem ser considerados como intervenientes: o financiamento do esporte tendo basicamente como única fonte o governo federal (e ainda dependente da discricionariedade do gestor público na divisão interna dos recursos), já que muitos projetos registrados não apresentam parcerias; falta de especialistas da área em campus que não tem o curso de educação física; a falta ou a precariedade de infraestrutura e materiais; a conjunção de objetivo único (política) para a instituição, uma vez que em nenhum dos projetos registrados foi mencionado a existência uma política pública institucional de esporte.

Na análise dos projetos, observa-se fatores inerentes à prática de política de esporte, tal como planejamento das ações, metodologia, desenvolvimento e avaliação, porém não foram encontrados nos registros dos projetos a menção a uma política pública de esporte institucional implantada nem mesmo um documento oficial de comprovação de tal política.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o número de projetos de extensão da área temática desporto registrado no SIEx da UFMT evoluiu gradualmente principalmente entre os anos de 2017 e 2019, porém houve um declínio no crescimento no ano de 2020 em decorrência de fatores como a pandemia, a austeridade fiscal do governo federal frente às universidades e a redução do financiamento da extensão. Em comparação relativa ao número total de projetos das outras áreas temáticas, a representatividade dos registros apresentados no período pesquisado 2016 e 2020 foi muito pequena. Esse fator pode ter sido impactado por aspectos como basicamente uma única fonte de financiamento (institucional) para as atividades realizadas, falta de

especialistas de educação física em alguns campi para elaboração, coordenação e execução de atividades e ações de esporte, falta ou precariedade de infraestrutura e materiais e ausência de objetivo(s) em comum.

Por fim, consideramos que o conjunto de projetos da base de extensão registrados no SIEx da UFMT apresentam algum indício de atendimento de política pública do esporte no âmbito universitário, porém não de forma uniforme entre os campi, denotando sistema de demanda e não foi mencionado e nem anexado documento no corpus pesquisado que a instituição possua uma política de esporte de fato implantada.

REFERÊNCIAS

BALYI, I.; HAMILTON, A. **Long-term athlete development: trainability in childhood and adolescence, windows of opportunity, optimal trainability.** Victoria: National Coaching Institute British Columbia and Advanced Training and Performance, 2004.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, ano VI, n. 12, p. 14-24, 2000.

BRASIL. **Lei n. 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **Lei n. 12.527**, de 18 de novembro de 2011. Regulamenta o acesso a informações. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Atleta na escola.** 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35714-escola>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 7.984**, de 8 de abril de 2013. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2013.

BRASIL. **Emenda Constitucional n. 90**, de 15 de setembro de 2015. Nova redação ao art. 6º da Constituição Federal, para introduzir o transporte como direito social. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Programa Segundo Tempo.** 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/segundo-tempo/programa-segundo-temp>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BRASIL. **Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC)**. Secretaria especial de Esporte. Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/outros/pelc/programa-esporte-e-lazer-da-cidade>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRASIL. **Diretrizes do Programa Segundo Tempo Universitário**. Secretaria especial de Esporte. Brasília, DF, 2019c. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/composicao/orgaos-especificos/esporte>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL. **Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento**. SIOP. Disponível em: <https://www.siop.planejamento.gov.br/modulo/login/index.html#/>. Acesso em: 14 out. 2021.

BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. 2008. 296 f. Tese (doutorado em Administração Pública e Governo). Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 295-316.

COSTA, F. R.; ROCHA, H. P. A.; CADAVID, M. A. A. Sobre a dupla carreira esportiva e o direito à educação. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 3, n. 1, p. 1-6, 2018.

ENGELMAN, S.; OLIVEIRA, A. A. B. Gestão pública em rede: o caso do Programa Segundo Tempo Ministério do Esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 543-552, 4. trim. 2012.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 21, p. 211-259, 2000.

GOELLNER, S. V.; JORAS, P. S. O lazer vai tomar conta da cidade e a cidade vai tomar conta do lazer. In: Organização GOELLNER, S. V., JORAS, P. S. **Programa esporte e lazer da cidade: os primeiros passos de sua História Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte/UFRGS**, 2016. p. 6-9.

GONÇALVES, V. L.; SILVA, D. S.; MARINS, J. C. B. Avaliação do Programa Segundo Tempo Universitário na Universidade Federal de Viçosa. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 1, p. 150-163, 2019.

LASSWELL, H. **Política: Quem ganha o que, quando, como**. Brasília: Universidade de Brasília, 1984.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MIRANDA, I. S.; LORENO, L. T. C.; COSTA, F. R. A dupla jornada do atleta universitário: perspectivas para a Conciliação entre estudos e treinos na universidade de Brasília. **Movimento**, v. 26, p. 1-18, 2020.

MENDES, A. D.; AZEVÊDO, P. H. Políticas públicas de esporte e lazer & políticas públicas educacionais, promoção da educação física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas? **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v. 32, n. 1, p. 127-142, 2010.

MENICUCCI, T. Políticas Públicas de lazer. Questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F., LINHALES, M. A. **Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 136-164.

NEIRA, Marcos Garcia. Entrevista cedida a RATIER, Rodrigo. **Educação Física escolar não deve formar atletas, diz professor da USP**. 05 agosto 2021. Universo Online. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2021/08/05/educacao-fisica-escolar-nao-deve-formar-atletas-diz-professor-da-usp.htm>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da Pandemia Covid-19**. Brasília. Disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 28 ago. 2021.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

PEREIRA, B. A.; SILVA, L. P. **Políticas de Esporte e Lazer nas Universidades Federais de Minas Gerais: Um olhar sobre as Associações Atléticas Acadêmicas**. Licere, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, dez 2019.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008, p. 1-36.

ROSSI, P.; OLIVEIRA, A. L. M.; ARANTES, F.; DWECK, E. Austeridade fiscal e o financiamento da educação no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 40, e0223456, 2019.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R., BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005. p. 1-24.

SANTOS, E. B. **Construção e validação de um instrumento de apoio escolar e parental na formação esportiva do adolescente**. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

SCALON, C. Desigualdade, pobreza e políticas públicas: notas para um debate. **Contemporânea**, São Carlos, n. 1, p. 49-68, 2011.

SILVA, D. D.; MARQUES FILHO, C. V.; SANTOS, B.; SCHMITZ FILHO, A. G. O programa atleta na escola: institucionalização em tempos de perenidade esportiva. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 4-20, 2017.

STAREPRAVO, F. A.; REIS, L. J. A.; MEZZADRI, F. M.; MARCHI JUNIOR, W. M. Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. Brasília, **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 131-148, 2010.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Aproximações, Intersecções, Rupturas e Distanciamentos entre os Subcampos Político/Burocrático e Científico/Acadêmico**. 2011. 422f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2011.

TUBINO, M. A educação física e o esporte do ocidente no século XX. **Arquivos em Movimento**, v. 1, n. 2, p. 99-100, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)a. **A UFMT**. Disponível em <https://www.ufmt.br/pagina/ufmt/112>. Acesso em: 12 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)b. **Sistema de Extensão - SIEx**. Cuiabá. Disponível em <https://www.ufmt.br/unidade/extensao-procev/pagina/siex-sistema-de-extensao/757>. Acesso em: 30 ago. 2021.



VIEIRA, A. A.; TEIXEIRA, J. C. A.; SILVA, R. F.; COUTO, A. C. P. Programa Esporte e Lazer da Cidade – PELC: Interfaces Entre o PELC e as Desigualdades Sociais. **Licere**, v. 20, n. 1, p. 161–180, 2017.

VERONEZ, L. F. **Quando o Estado joga a favor do privado: as políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Campinas, 2005.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA OBESIDADE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE

UNIVERSITY EXTENSION IN THE PREVENTION AND TREATMENT OF OBESITY IN PRIMARY HEALTH CARE

Maria das Graças Freitas de Carvalho

Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina,
Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia,
Goiás, Brasil

Lina Monteiro de Castro Lobo

Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia,
Goiânia, Goiás, Brasil

Marina Tissot de Oliveira

Programa de Pós-Graduação em Nutrição
e Saúde, Faculdade de Nutrição Universidade
Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Ana Caroline Marcelo Rodrigues

Bolsista de Extensão e Cultura
Projeto PIPOCA - PROEC/ UFG,
Goiânia, Goiás, Brasil

Renata Félix Honório

Secretaria Municipal de Saúde de
Goiânia, Goiânia, Goiás, Brasil
Coordenadora pela Secretaria Municipal
de Saúde do Projeto PIPOCA

Maria Claret Costa Monteiro Hadler

Faculdade de Nutrição, Programa
de Pós-Graduação em Nutrição e Saúde;
Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Saúde, Universidade Federal de Goiás,
Coordenadora pela UFG do projeto PIPOCA,
Goiânia, Goiás, Brasil

Resumo: A extensão universitária na área da saúde é fundamental para a formação dos estudantes pois proporciona vivência prática na comunidade. A formação do profissional nutricionista exige uma lógica humanista e social, sendo os projetos de extensão nesta área, bem sucedidos ao proporcionar o espaço necessário para o desenvolvimento dessas habilidades. Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo relatar as ações de tratamento e prevenção a obesidade de um programa de extensão universitária. Trata-se de um relato de experiência de ações de extensão para crianças e adolescentes na atenção primária em saúde. A partir do planejamento realizado em equipe multidisciplinar com a participação dos estudantes de Nutrição, foram realizadas 6 atividades educativas que contaram com temas de alimentação saudável e atividade física, sendo um total de 236 participantes. As atividades foram desenvolvidas de forma participativa e direcionada aos principais grupos de faixa etária: crianças e adolescentes. A partir das atividades relatadas, conclui-se que o projeto proporcionou o desenvolvimento profissional dos alunos de nutrição, fortalecendo habilidades e potencialidades, além de contribuir com conhecimentos acerca de hábitos saudáveis de vida para a comunidade.

Palavras-chave: Obesidade infantil; Educação Alimentar e Nutricional; Comportamento alimentar.

Abstract: The university extension in the health area is essential for the training of students as it provides practical experience in the community. The training of professional nutritionists requires a humanist and social logic, and extension projects in this area have been successful in providing the necessary space for the development of these skills. In this context, the present work aims to report the obesity treatment and prevention actions of a university extension program. This is an experience report of outreach actions for children and adolescents in primary health care. Based on the planning carried out in a multidisciplinary team with the participation of Nutrition students, 6 educational activities were carried out on healthy eating and physical activity themes, with a total of 236 participants. The activities were developed in a participatory manner and aimed at the main age groups: children and adolescents. From the activities reported, it can be concluded that the project provided the professional development of nutrition students, strengthening their skills and potential, in addition to contributing with knowledge about healthy lifestyle habits for the community.

Keywords: Pediatric Obesity ; Food and Nutrition Education; Feeding Behavior.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária traz diversas possibilidades de vivência para os estudantes, principalmente ao propiciar espaços de prática e interação com a sociedade. Nos cursos da área da saúde, esses contatos são especialmente relevantes para a formação do profissional de saúde, pois estimulam os estudantes a desenvolverem o processo de cuidar considerando a complexidade da relação saúde-doença no ser humano (BISCARDE; PEREIRA-SANTOS; SILVA, 2014).

No curso de Nutrição, a formação de nutricionistas exige um alto grau de compreensão da sociedade e de seus hábitos, além de considerar o cenário epidemiológico. Semelhante também são os projetos de extensão, que essencialmente nascem de demandas sociais da comunidade com vistas a colocar esses cenários desafiadores para os estudantes, contribuindo assim para a formação mais qualificada desses (COSTA *et al.*, 2020).

Considerando o cenário epidemiológico nutricional atual, as ações de prevenção e intervenção na obesidade são um dos eixos transversais de formação, visto que a prevalência desse agravamento aumenta a cada ano e surge cada vez mais cedo entre as crianças e adolescentes. Segundo o Ministério da Saúde, um aumento de casos de obesidade na população adulta do Brasil foi de 11,8% em 2006 para 20,3% em 2019 (BRASIL, 2019).

A obesidade em crianças e adolescentes é um problema de saúde pública mundial e o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de estimativas de países com maiores proporções de crianças e adolescentes com obesidade até 2030 (BRASIL, 2021). Além disso, o excesso de peso traz riscos de saúde associados como o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, dislipidemias e implicações sociais e emocionais para o desenvolvimento da criança ou adolescente (FRONTZEK; BERNARDES; MODENA, 2017).

Sabe-se que o tratamento da obesidade é complexo, pois é uma condição multifatorial e envolve aspectos genéticos, fisiológicos e metabólicos; porém o fator mais significativo que justifica o aumento do número de indivíduos obesos é o estilo de vida e os hábitos alimentares. No caso de crianças e adolescentes, os hábitos familiares possuem também grande influência (SILVA; ALMEIDA; BRAGA-COSTA, 2021). O consumo elevado de alimentos ricos em açúcares simples e gorduras, com alta densidade energética e a diminuição da prática de exercícios físicos, são os principais fatores. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o tamanho exagerado das porções dos alimentos servidas em restaurantes, bares e supermercados (HERAN; VILLAMOR; QUINTERO-LESMES, 2017).

Nessa perspectiva, em 2006 foi proposto um modelo de programa de prevenção da obesidade para crianças e adolescentes que

pudesse ser desenvolvido no mais alto grau de descentralização dentro do Sistema Único de Saúde e próximo à comunidade, e proporcionar um campo de prática para a extensão universitária.

Com o objetivo de prestar assistência nutricional para a comunidade e fornecer um campo de extensão e estágio universitário, o Programa de Intervenção e Prevenção da Obesidade para Crianças e Adolescentes (PIPOCA) funciona desde 2006 vinculado ao Centro de Atendimento Integral à Saúde em um bairro periférico da cidade de Goiânia.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo relatar as ações de combate à obesidade realizadas durante o segundo semestre de 2017, para crianças e adolescentes no âmbito do programa de extensão universitária PIPOCA na atenção primária à saúde.

2. MATERIAL E MÉTODOS

As ações descritas ocorreram no âmbito do Programa de Intervenção e Prevenção da Obesidade em Crianças e Adolescentes, no período de agosto a dezembro de 2017. O referido programa trata-se de um projeto de extensão mantido pela Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, Goiás, que possui como objetivo fornecer ações de educação alimentar e nutricional para crianças, adolescentes bem como seus familiares e/ou responsáveis, na atenção primária em saúde visando a promoção da saúde e do peso saudável entre os participantes. O programa contava nesse período com 1 estudante bolsista de extensão, 4 estudantes voluntários de extensão e também constituía campo de estágio para estudantes concluintes do curso de Nutrição da mesma instituição.

A vertente pedagógica do programa é constituída por atividades cujo tema principal é a nutrição e alimentação saudável, porém abordados sob a ótica de elementos do cotidiano das crianças e adolescentes. Dessa forma, as atividades educativas foram planejadas de forma direcionada, subdivididas em dois grupos: um para crianças de 3 a 9 anos e outro para adolescentes de 10 a 19 anos, para adequação de entendimento e para que houvesse homogeneidade do grupo, principalmente no intercâmbio de informações.

Outra característica essencial do grupo de educação em saúde são as discussões de vivências e trocas de experiências entre os participantes, pois as questões como alimentação e acesso a alimentos são muito dependentes das condições econômicas das famílias também. Assim, nesses debates são inseridas questões como cidadania, autonomia e liberdade, em busca de uma maior adesão dos mesmos, especialmente para o grupo de adolescentes.

Os pais e responsáveis participam de todas as atividades, uma vez que possuem um significativo impacto sobre a formação e/ou mudança dos hábitos alimentares. Além desses, como o grupo tem

um caráter multidisciplinar, os demais profissionais da saúde do Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS) Amendoeiras, professora do curso e os estagiários do 5º ano de Nutrição (FANUT/UFG) realizaram reuniões mensais com o grupo.

Como estratégia de planejamento, foram utilizados planos de atividade educativa nos quais eram definidos a data, responsáveis, objetivos, conteúdo programático, metodologia, avaliação e recursos humanos e didáticos necessários para a atividade. Esses planos foram elaborados pelos estudantes extensionistas e estagiários de Nutrição, sob supervisão da nutricionista da unidade e pela professora coordenadora. Para cada ação, foram projetadas dinâmicas educativas elaboradas pelos estudantes e revisadas pelos professores e equipe de saúde da unidade. Toda a atividade foi regida pelos estudantes para potencializar o seu papel de protagonismo na extensão universitária.

Como instrumento avaliativo, foram utilizados questionários de perguntas e respostas aplicados antes e após cada intervenção para avaliação do conhecimento adquirido do grupo. Além disso, após cada atividade o público alvo era convidado a registrar as fortalezas e fraquezas da metodologia, bem como sugestões para melhoria da abordagem.

Foram utilizadas metodologias lúdicas e criativas com vistas a propiciar uma maior participação do público, que visavam o conhecimento e a modificação comportamental para a prevenção e controle da obesidade, por meio de atividades educativas interativas com brincadeiras e conversas informais, adequadas à faixa etária para motivação dos participantes. A temática das atividades foi baseada nas demandas do próprio grupo e das observadas em consultório.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

As atividades educativas ocorreram na segunda (para a faixa etária de 3 a 9 anos) e quarta (para a faixa etária de 10 a 19 anos) semanas de cada mês, nas segundas-feiras, às 9h no auditório da unidade de saúde no bairro Parque das Amendoeiras, Goiânia, Goiás, durante o segundo semestre de 2017. Dias antes das atividades, foi realizada a busca ativa de todos os pacientes inscritos no programa via chamada telefônica e envio de mensagens de texto por aplicativo de mensagens.

Foram realizadas 6 atividades que contaram com 236 participantes entre crianças, adolescentes e familiares. As atividades realizadas foram:

- Pipoca na horta;
- Especial dia das crianças;
- Halloween às avessas;
- Boa saúde tem, quem se alimenta bem!
- Movimente-se!
- Bingo das frutas.

3.1 PIPOCA NA HORTA

A atividade “*Pipoca na horta*” teve como objetivo o incentivo à alimentação mais in natura e orgânica com a estratégia de produção doméstica de alimentos. Para isso, contou-se com a colaboração do coordenador da Oficina de Plantio do Projeto Horta Escolar da Secretaria Municipal de Educação, Nestor Valverde para a assessoria técnica na criação de uma horta de cultivo orgânico.

A oficina foi projetada de forma a permitir a interação da comunidade, crianças participantes do projeto PIPOCA e da Escola de Circo Dom Fernando localizada próxima à unidade de saúde. A atividade foi dividida em 3 etapas:

- Aspectos relacionados ao plantio de mudas na prática;
- Como cuidar das plantas;
- Benefícios de ter uma horta em casa.

Após a atividade, foi realizado um lanche no auditório do CAIS, com variedades de frutas, sucos, bolos e pães com patês. Os insuamos para esse lanche também evidenciam uma característica fundamental da extensão universitária: a intersetorialidade. Os estudantes buscaram parcerias ativamente para viabilizar a atividade e dentre os apoiadores estão a Central de Abastecimento de Goiás, a Secretaria Municipal de Educação e os próprios trabalhadores da saúde da unidade.

Dessa forma a atividade educativa da construção de hortas, além de contribuir para a merenda escolar, proporciona a aquisição de bons hábitos alimentares, estímulo ao consumo de hortaliças e frutas, bem como resgate de hábitos regionais e locais, sendo essencial para a alimentação mais saudável no combate à obesidade (PIMENTA, 2011).

O recurso pedagógico da horta propiciou a abordagem do tema de forma lúdica e leve, principalmente para as crianças, uma vez que alguns enfrentam resistência para consumir legumes e verduras. A possibilidade de compreender como se faz na prática e de onde eles vêm já foi relacionado em outro estudo como recurso muito positivo para a mudança de comportamento (COELHO; BÓGUS, 2016).

3.2 ESPECIAL DIA DAS CRIANÇAS

Na atividade comemorativa do dia das crianças a proposta foi estimular a prática de atividades físicas por meio de gincanas e brincadeiras além de abordar o tema do consumo alimentar mais saudável. Para isso foram propostas brincadeiras como amarelinha das frutas, corrida do saco e bingo de brinquedos.

Os estudantes conduziram todo o planejamento e buscaram também parcerias para a doação de brinquedos educativos entre

os comerciantes da região. Essa atividade é fixa do projeto e toda a comunidade é convidada para participar, portanto tem uma boa adesão e um impacto significativo sobretudo para a divulgação do programa.

A presença do lúdico nas atividades de educação em saúde promovem um aprendizado significativo e mais participativo. Costrato, Pina e Mello (2010) estudando intervenções lúdicas nas ações de educação em saúde constataram que as dinâmicas realmente têm um grande impacto na mudança de hábitos, além de ter uma capacidade maior de transmissão de mensagem pois prende a atenção do espectador ao possibilitar sua interação deste no processo.

3.3 HALLOWEEN ÀS AVESSAS

“Halloween” é uma data comemorativa americana para os Dia das Bruxas e têm ganhado cada vez mais o mercado brasileiro. A festividade conta com uma tradição histórica na qual as bruxas atraíam crianças por meio da oferta de doces. Dessa forma, nessas comemorações as crianças costumam ganhar muitos doces e guloseimas densamente calóricas e ricas em açúcar, além de não conter nutrientes.

Nesse contexto, a atividade “Halloween” às avessas buscou ressignificar os hábitos de consumo de doces por meio de receitas mais saudáveis com a utilização de biomassa de banana verde e outros vegetais. Essa atividade teve especial adesão devido à curiosidade em relação à imitação dos sabores de doces.

A ressignificação da alimentação por meio de hábitos já adquiridos na sociedade representa uma estratégia de impacto muito positiva sobretudo para mudanças de hábitos alimentares (SILVA; AMPARO-SANTOS; SOARES, 2019). Ao experimentar as novas possibilidades, saborosas e mais saudáveis, um universo de possibilidades se abre para essas crianças e adolescentes, ao viabilizar o consumo alimentar sem a culpabilização tão presente em seu cotidiano.

3.4 “MOVIMENTE-SE”

O incentivo à prática de atividade física é um dos eixos transversais no âmbito do programa PIPOCA e é abordado também de forma lúdica mais voltado para as brincadeiras infanto-juvenis e adequado para a faixa etária. Para isso, essa atividade contou com o apoio dos estudantes de educação física que são grandes parceiros do projeto.

O “Movimente-se” foi proposto de forma a repensar a prática de exercícios físicos sob a ótica da realidade dos participantes do grupo. Ou seja, os estudantes extensionistas tiveram que repensar os desafios da região e as limitações físicas e financeiras do grupo para atingir as recomendações de saúde. Essa característica da ex-

tensão é duplamente benéfica: para os acadêmicos pois possibilita repensar a prática em suas dificuldades sob a luz da teoria, e para a comunidade que tem acesso às informações e ao cuidado em saúde. (SILVA; RIBEIRO; SILVA-JÚNIOR, 2013).

Ao final da atividade foi realizado trocas saudáveis com receitas práticas e saborosas e equilibradas nutricionalmente, também pensadas pelos estudantes.

3.5 “BOA SAÚDE TEM, QUEM SE ALIMENTA BEM!” E BINGO DAS FRUTAS

Nas atividades *“Boa saúde tem, quem se alimenta bem!”* e *Bingo das frutas* os temas tratados foram a diversidade alimentar e o consumo de alimentos mais saudáveis com apresentação de alimentos in natura como frutas, legumes e verduras, estimulando o seu consumo de forma lúdica e participativa. E também contaram com o apoio intersetorial para que ocorressem.

De forma semelhante às demais atividades, ambas foram projetadas e conduzidas pelos estudantes da extensão com apoio dos estagiários, e possibilitaram o desenvolvimento de habilidades como identificação de problemas, planejamento, e comunicação. Para a elaboração da atividade os estudantes buscaram também a formação de parcerias e puderam experienciar a passagem de orientações e as condutas para a educação alimentar e nutricional.

De acordo com Costrato, Pina e Mello (2010) a abordagem de temas em saúde por meio de metodologia lúdica, especialmente na área da alimentação contrabalança o aspecto “médico” e biológico do assunto. As recomendações alimentares para o controle de peso estão presentes em praticamente todos os tratamentos vigentes. Por isso existe um cuidado pedagógico para tratar todos os temas no grupo PIPOCA, cuidados e estratégias que os estudantes aprendem e que agregam em sua formação acadêmica.

De forma geral, podemos destacar que o projeto PIPOCA trouxe grande contribuição de aprendizado para os alunos de nutrição, possibilitando desenvolver habilidades práticas, antes vistas apenas na teoria da graduação. Além de contribuir no aprimoramento de capacidades como humanização, vivência de novas realidades e empatia. Esse projeto desenvolveu papel fundamental na formação dos alunos, articulando diferentes setores, a nível universitário e comunitário. (BISCARDE; PEREIRA-SANTOS; SILVA, 2014).

Para a população usuária as ações educativas proporcionadas pela extensão universitária, possibilitaram o envolvimento, a aproximação usuário-profissional, profissional-profissional e usuário-usuário, compartilhando experiências, vivências e aprendizados na busca de maior autonomia, autoestima, crescimento e cidadania. (SILVA; RIBEIRO; SILVA-JÚNIOR, 2013).

Além disso, percebe-se que na comunidade o projeto é bem

aceito, tendo grande popularidade entre o público-alvo da região onde é realizado. Isso se deve, principalmente, à forma como o trabalho é desenvolvido, com atividades lúdicas e atendimento nutricional com base nas particularidades de cada um, acolhendo a população e estimulando a escolha de hábitos saudáveis de vida, como alimentação e exercício físico. As metas traçadas no início deste ciclo foram alcançadas, na maioria das vezes, com sucesso, sendo destacáveis dificuldades como comunicação com os familiares dos pacientes para atualização de dados e convite para as reuniões. No entanto, o predomínio foi de situações onde as ações ocorreram como estavam previstas, sendo cumpridas as metas.

Pode-se ressaltar como aspectos positivos a harmonia do grupo executor (alunos de extensão, estagiários, equipe da unidade de saúde e professora orientadora), onde todos trabalharam em conjunto para execução do plano de trabalho. Além disso, pode-se citar como ponto positivo a oportunidade de conhecer novas realidades e aplicar na comunidade os conceitos vistos na universidade.

4. CONCLUSÕES

A extensão universitária possibilitou uma formação universitária mais holística e humana ao propiciar o contato para além dos muros da universidade com a sociedade. E para esta, possibilita um leque de ações de benéficas especialmente no âmbito do SUS, uma vez que os recursos são escassos e a população é carente de mais ações de promoção da saúde.

Dessa forma as ações de extensão enquanto um dos pilares da universidade, promovem justiça social na sociedade e autonomia para os estudantes ao incentivar e possibilitar a práxis centrada no empoderamento e promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

- BISCARDE, D. G. S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L. B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 177-186, 2014.
- COELHO, D. E. P.; BÓGUS, C. M. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 761-770, 2016.
- COSTA, A. C. P.; ARAGÃO, T. A. P.; PEREIRA, C. S.; NOGUEIRA, F. J. F.; RODRIGUES, M.C. Educação e saúde: a extensão universitária como espaço para tencionar e pensar a educação em saúde. **Brazi-**

lian Journal of Development, v. 6, n. 4, p. 21616-30, 2020.

COSCRATO, G.; PINA, J. C.; MELLO, D. F. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 257-263, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Atenção às Pessoas com Sobrepeso e Obesidade no âmbito da Atenção Primária à Saúde do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. 54 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico: estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

FRONTZEK, L.G.M.; BERNARDES, L.R.; MODENA, C. M. Obesidade infantil: compreender para melhor intervir. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 167-174, 2017.

HERRAN, O. F.; VILLAMOR, E.; QUINTERO-LESMESS, D. C. Intake of soft drinks and sugar sweetened beverages by Colombian children and adolescents. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 17, n. 3, p. 491-500, 2017.

PIMENTA, J.C.; RODRIGUES, K. S. M.. Projeto horta escolar: ações de educação ambiental na escola centro promocional todos os santos de Goiânia (GO). **Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade**, v. 2, p. 8-9, 2011.

SILVA, G. P.; ALMEIDA, S. S.; BRAGA-COSTA, T. M. Family influence on the nutritional status and eating habits of six to nine year-old children. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 34, p. e200165, 2021.

SILVA, A. F. L.; RIBEIRO, C. D. M.; SILVA-JÚNIOR, A. G. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Revista Interface Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 371-84, 2013.

SILVA, E. O.; L, AMPARO-SANTOS; SOARES, M. D. Interações entre práticas alimentares e identidades: ressignificando a escola pública e a alimentação escolar. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro v. 35, n. 11, e00217918, 2019.



EMISSORAS DE RÁDIO E TV NA UNIVERSIDADE COMO CANAIS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

RADIO AND TV BROADCASTERS AT
THE UNIVERSITY AS UNIVERSITY
EXTENSION CHANNELS

Marcelo Henrique da Costa
Ana Paula Silva Ladeira Costa
Thaís Rodrigues Oliveira

Grupo de Estudos e Pesquisa: Centro de Referência e
Investigação Audiovisual – CRIA / Laboratório de Pesquisas
Criativas e Inovação em Audiovisual – CriaLab | UEG
Goiânia/ GO - Brasil

Resumo: Aqui, fazemos uma reflexão acerca das ações empreendidas pela UEG TV e pela Rádio UEG Educativa durante a pandemia gerada pela Covid-19, período em que se buscou explorar as potencialidades da web para atender às demandas, com o recorte específico para o apoio / coprodução de conteúdos em parceria com projetos de extensão. Como resultado, percebeu-se que as emissoras se consolidaram enquanto espaço de difusão de conhecimentos e como local adequado à formação para a comunidade acadêmica.

Palavras-Chave: COVID-19. Rádio UEG Educativa. UEG TV.

Abstract: Here, we reflect on the actions taken by UEG TV and Rádio UEG Educativa during the pandemic generated by Covid-19, a period in which we sought to explore the potential of the web to meet demands, with a specific focus on support / co-production of content in partnership with extension projects. As a result, it was noticed that the stations were consolidated as a space for the dissemination of knowledge and as an appropriate place for training for the academic community.

Keywords: COVID-19. Educational UEG Radio. UEG TV

1. UNIVERSIDADES E COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Historicamente no Brasil as universidades públicas sempre empreenderam projetos de comunicação pública, uma vez que os veículos de comunicação institucional são potentes canais para a interlocução e, conseqüentemente, aproximação, entre as instituições de ensino e os seus diversos públicos, sejam eles internos ou externos. De acordo com Spenthof (1998, p. 153), a atuação das emissoras universitárias justifica-se pela “divulgação da produção universitária, a canalização da política de extensão das universidades, a atividade laboratorial e a democratização da comunicação e do conhecimento”.

É importante ressaltar que as emissoras de rádio e TV vinculadas às universidades passaram por grandes modificações nas últimas duas décadas, ocasionadas por duas questões estruturais: a ampliação do acesso às tecnologias de produção de conteúdos, propiciada pela popularização dos equipamentos e canais digitais de geração, edição e distribuição de imagens e sons, o que inclui a internet, e o surgimento das redes sociais que tornaram, pelo menos em tese, todas as pessoas que têm acesso a elas em geradoras de conteúdos e não somente consumidoras.

Nessa perspectiva, muitas instituições investiram na criação de emissoras de rádio e de TV na versão web. Modalidades mais baratas do ponto de vista de constituição, operação e manutenção. Dis-

pensando inclusive a necessidade de outorga por parte do Governo Federal. Em recente levantamento realizado pela Associação Brasileira de TVs Universitárias – ABTU das 183 emissoras catalogadas, 117 operam somente pela internet, o que representa 67% do total de TVs pesquisadas (ABTU, 2021).

Diante desse cenário, é inevitável discutirmos a importância dessas emissoras como propagadoras de ações de ensino, pesquisa e extensão de suas instituições de ensino, tornando-se importantes espaços para a difusão de informação, cultura e cidadania, além de propiciarem o diálogo entre as universidades e a sociedade.

2. A RÁDIO E A TV DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

A Rádio UEG Educativa iniciou suas atividades em outubro de 2017 e tem atuado como interlocutora entre a Universidade Estadual de Goiás e os seus diferentes públicos e também na difusão dos saberes científicos produzidos. Participam de suas atividades professores e estudantes dos cursos de Fisioterapia, Direito, Zootecnia, Ciências Econômicas, Medicina Veterinária e Pedagogia que desenvolvem projetos de divulgação científica e/ou culturais junto à emissora.

A Rádio tem buscado estabelecer conexões entre as diferentes áreas de conhecimento da Universidade, com o intuito de também ser campo de experimentação e amadurecimento profissional de estudantes da graduação e pós-graduação, o que tem possibilitado um rico processo de construção de conhecimentos e experiências no campo da produção de conteúdos sonoros. Com repertório jovem, conteúdos de entretenimento e de cunho educativo, a Rádio tem encurtado o caminho entre a Universidade e a sociedade. Como a Rádio ainda não possui sinal via satélite, sua operação se dá exclusivamente pela internet e os conteúdos podem ser acessados pelo sítio na internet www.radio.ueg.br e também por meio dos agregadores de podcasts.

Inaugurada em outubro de 2018, a UEG TV, emissora de TV da Universidade Estadual de Goiás (UEG), tem como finalidade oferecer programação que complete as atividades acadêmicas, auxiliando a cumprir os objetivos do ensino, da pesquisa e da extensão.

Como a UEG TV ainda não dispõe de transmissão de sinal via satélite, suas atividades são possíveis graças à distribuição de vídeo pela internet, principalmente através de plataformas de streaming. São utilizados como espaços de divulgação de seus conteúdos um site, cujo domínio pertence à Universidade Estadual de Goiás; um canal no YouTube; uma página no Facebook e um perfil no Instagram. A grade de programação é transmitida através do YouTube e do site. A plataforma YouTube serve, ainda, como um repositório das produções já realizadas. Os conteúdos produzidos pela UEG TV

podem ser acessados pelos sítios: www.tv.ueg.br e www.youtube.com/uegtv.

Assim, a UEG TV caracteriza-se enquanto uma TV universitária no formato Web TV. A WEB TV é definida por Tatiane Simone Magalhães, Raphael de Araújo e Anamelea Pinto (2014, p. 149) como

[...] todo e qualquer conteúdo audiovisual produzido por e para a rede, a qual gera programação própria por transmissões ao vivo ou conteúdo armazenado em um repositório. A WebTV universitária tem as mesmas funções e atributos que a WebTV, porém o que difere uma da outra é o seu conteúdo. Enquanto uma prima por transmitir informações de entretenimento ou é direcionada a um público específico, a outra prioriza os conteúdos educativos e pedagógicos na sua programação.

As emissoras de rádio e televisão encontram-se vinculadas ao CriaLab|UEG, o Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual, que é responsável pela interface acadêmica da Rádio e da TV, uma vez que, é por meio dele, que pesquisas aplicadas e acadêmicas são desenvolvidas.

As emissoras de rádio e TV que operam pela web são serviços com baixo custo de implementação e realização, que permitem o uso de conteúdos disponibilizados pelas plataformas por todos os usuários e todos os setores da comunidade universitária. (GÓMEZ, 2012; MATEUS, 2015).

Desde o início de suas atividades, a UEG TV tentou empreender um projeto semelhante àquele proposto por Alzimar Ramalho (2010): “uma web TV universitária que privilegia as ferramentas de interatividade, não apenas enquanto possibilidades tecnológicas mas, sobretudo, na construção participativa do conteúdo”. Neste sentido, foram investidos esforços na realização de conteúdos multimídia que agregassem recursos da Rádio UEG Educativa, das redes sociais da Universidade Estadual de Goiás e também da UEG TV. Programas realizados pela Rádio UEG Educativa, como Música de Trabalho e UEG em Sintonia eram transmitidos semanalmente através de lives, num esforço de chegar a um maior número de espectadores e ouvintes. Interprogramas, como Minuto UEG, noticiário com informações institucionais, e podcasts realizados pela Rádio UEG Educativa são postados no feed do Instagram. Esta rede social totaliza aproximadamente 2.340 seguidores em dezembro de 2021.

Em março de 2020, diante das primeiras medidas restritivas causadas pela pandemia de Covid-19, as atividades presenciais da Rádio UEG Educativa e da UEG TV foram suspensas e a proposta de transmissão contínua de programação, deu lugar à produção de conteúdos de modo adaptado.

A partir daí, a Rádio UEG Educativa passou a investir na produção de podcasts e, para isso, foi realizada uma chamada para a comunidade universitária e externa para a seleção de propostas. Por

sua vez, a UEG TV passou a atender a transmissão de eventos institucionais, e a produção de programas ao vivo produzidos por plataforma remota.

3. A RÁDIO UEG EDUCATIVA E OS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Com o objetivo de ampliar a participação da comunidade universitária, a Rádio UEG Educativa abriu no mês de janeiro de 2021 chamada para a submissão de propostas de novos programas. A chamada admitia propostas de programas de diferentes formatos dos gêneros informativo (programa de entrevista, programa de opinião, mesa-redonda), de entretenimento (programa de humor, musical) e de educação (instrutivos e educativos). Os programas poderiam ter a duração de até 60 minutos.

Dentre as propostas apresentadas e selecionadas, foi possível contemplar projetos de diversas áreas do conhecimento, como direito, fisioterapia, cinema, zootecnia e medicina veterinária. Essa aproximação de áreas que inicialmente não tem proximidade com a produção de conteúdos multiplataforma é muito positiva, uma vez que possibilita uma experiência nova para docentes e estudantes, a adequação da linguagem científica para uma tradução mais simples e adequada ao público não acadêmico, a aproximação entre a Universidade e a sociedade, a ampliação do alcance dos projetos de extensão e também a formação de estudantes de diversos campos do conhecimento para a produção digital de narrativas.

Apresentamos abaixo os projetos realizados pela Rádio UEG Educativa e cursos vinculados:

Quadro 1 - Apresentação dos programas da Rádio UEG Educativa

NOME DO PROJETO	CURSO (S) VINCULADO (S)
Podcast Turminha do Bem	Direito
Podcast Papo de Rúmen	Zootecnia e Medicina Veterinária
Podcast Ser Fisioterapeuta	Fisioterapia
Podcast Pretas, Pobres e Soberbas	Cinema e Audiovisual
Podcast Glossário do Bem	UEG TV e Rádio UEG Educativa
Podcast Som do Livro	UEG TV e Rádio UEG Educativa
Podcast Estante de Roteirista	Cinema e Audiovisual
Podcast Diálogos Econômicos	Ciências Econômicas
Podcast Sapi Convida	Comunidade e Rádio UEG Educativa
Programa de rádio “Acusticando”	Pedagogia
Programa de rádio “Qual é o Estilo?”	Rádio UEG Educativa
Programa de rádio “K-Talk”	Cinema e Audiovisual

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir estão descritos os projetos de extensão desenvolvidos em regime de coprodução com a Rádio UEG Educativa e com o CriaLab | UEG:

Ser Fisioterapeuta

“Ser Fisioterapeuta” é um podcast quinzenal, com duração de 30 minutos produzido em parceria com o PET FISIO do curso de Fisioterapia da UEG. É também um espaço para reflexões sobre o que é exercer a Fisioterapia em toda sua complexidade, a partir do olhar, da vivência profissional e da trajetória de fisioterapeutas egressos do curso de Fisioterapia da UEG. Cada episódio é dividido em quatro blocos, o primeiro apresenta um tema técnico acerca da profissão, o segundo uma entrevista, o terceiro é o Pet Stop, sempre trazendo informações úteis sobre a profissão e por fim o Pet Explica, tirando dúvidas dos ouvintes.

Papo de Rúmen

O Podcast “Papo de Rúmen” é um conteúdo produzido quinzenalmente, com duração média de 15 minutos, e produzido em parceria com os cursos de Zootecnia e Medicina Veterinária. Os episódios tratam de assuntos relacionados à Buiatria - área que trata das informações voltadas aos aspectos sanitários e produtivos de bovinos, ovinos, caprinos e bubalinos.

Estante de Roteirista

É um podcast produzido em parceria com o projeto de extensão TRAMA- Narrativas audiovisuais e criação de roteiros. Esse podcast faz uma leitura comentada de livros de roteiro, aproximando-se do formato de audiolivro de forma bem didática.

Programa K-Talk

O programa K-talk é um programa de rádio semanal que trata da cultura sul-coreana. O programa aborda o cenário vibrante musical e de filmes produzidos dentro dessa cultura.

Sapi Convida

“Sapi Convida” é um podcast mensal, com duração de 30 minutos, produzido em parceria com a produtora Panaceia Filmes. Os episódios tratam sobre a história recente do audiovisual brasileiro e procura caminhos, por meio de experiências, projetos e principalmente pessoas, para a sobrevivência do audiovisual independente no Brasil. A cada novo episódio um ou dois convidados tratam sobre um tema relacionado ao universo audiovisual.

Os Goianinhos

É um projeto que está em fase de desenvolvimento. A parceria é com o curso de Direito. Ao todo serão 8 episódios protagonizados

por uma turma de amigos e que irão apresentar temas inspirados na Declaração Universal dos Direitos das Crianças e também no Estatuto da Criança e do Adolescente. O objetivo é disseminar para o público infanto-juvenil informações sobre seus direitos garantidos pela legislação. Por se tratar de uma produção que necessita de investimentos financeiros para sua execução, o projeto está em fase de captação de recursos externos.

Acusticando

O programa é um projeto em parceria com o curso de Pedagogia e com a Rádio Jornal FM do município de Inhumas – GO. O programa tem cerca de 90 minutos de duração e vai ao ar ao vivo pela Rádio Jornal aos domingos e gravado pela Rádio UEG Educativa às segundas-feiras. A programação tem repertório musical variado, com ênfase e valorização para as músicas produzidas em Goiás. Conta também com a expressiva participação da população e do comércio local, que patrocina prêmios para os ouvintes.

Glossário do Bem

Esse podcast semanal surgiu como forma de discutir o uso de palavras obsoletas, expressões de cunho preconceituoso. A linguagem não é neutra, ela evolui com o tempo e com o uso que fazemos dela. Por isso, é importante pensar a linguagem politicamente incorreta como uma arma política e social, que visa angariar adeptos, por motivos diversos (promoção de certos grupos políticos, racismo etc.). Sua reversão é importante, principalmente entre a comunidade acadêmica, que entrará em contato com novas gerações e passarão adiante ou não essas expressões preconceituosas.

4. A UEG TV E OS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A UEG TV estará sempre disponível para acolher sugestões, propostas de conteúdos televisivos, tanto da comunidade universitária como da comunidade externa, se configurando em importante espaço de diálogo e conexão entre a Universidade e a sociedade goiana. Para realização das produções, divulgação e administração, a UEG TV conta com uma equipe reduzida de funcionários. Vale lembrar que, por se tratar de uma TV Universitária, a emissora tem como princípio a ampla participação da comunidade acadêmica. Por isso, seu conteúdo é produzido, em sua maioria, por acadêmicos do curso de Cinema e Audiovisual, por professores e funcionários da UEG. Assim, a TV universitária também se constituiu em um campo para o desenvolvimento de atividades práticas de ensino, pesquisa e extensão do corpo discente, docente e técnico-administrativo da UEG, mediante apresentação de projetos a serem desenvolvidos em parceria.

Abaixo apresentamos os programas exibidos pela UEG TV e cursos vinculados à sua execução, criação e distribuição:

Quadro 2 - Apresentação dos programas da UEG TV

NOME DO PROJETO	CURSO (S) VINCULADO (S)
Podcast Turminha do Bem	Direito
Podcast Papo de Rúmen	Zootecnia e Medicina Veterinária
Podcast Ser Fisioterapeuta	Fisioterapia
Podcast Pretas, Pobres e Soberbas	Cinema e Audiovisual
Podcast Glossário do Bem	UEG TV e Rádio UEG Educativa
Podcast Som do Livro	UEG TV e Rádio UEG Educativa
Podcast Estante de Roteirista	Cinema e Audiovisual
Podcast Diálogos Econômicos	Ciências Econômicas
Podcast Sapi Convida	Comunidade e Rádio UEG Educativa
Programa de rádio “Acusticando”	Pedagogia
Programa de rádio “Qual é o Estilo?”	Rádio UEG Educativa
Programa de rádio “K-Talk”	Cinema e Audiovisual

Fonte: Elaborado pelos autores.

Desde 2020, alguns conteúdos foram desenvolvidos em conjunto com a Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da UEG, com os cursos de Ciências Econômicas e de História. Destacamos, então, algumas ações realizadas desde o início das medidas sanitárias restritivas, em março de 2020:

Festival de Cultura da UEG

Tradicionalmente, o Festival de Cultura da UEG sempre ocorreu na cidade histórica de Pirenópolis – GO durante o mês de outubro. Em virtude da pandemia, o modelo do evento foi ajustado para o formato online e passou a contar com a correalização da UEG TV.

Na edição online de 2021, foram veiculadas 17 atrações culturais, entre rodas de conversas com temas associados ao universo da arte e cultura, além de performances voltadas para música, teatro, dança, audiovisual e literatura. O evento ocorreu ao longo de 3 dias, no mês de dezembro, reuniu a comunidade acadêmica e externa em torno da produção cultural na Universidade e contou com mais de 3.500 acessos.

Diálogos Econômicos

O que é o PIB? Ele interfere no meu dia a dia? E a taxa Selic? O que significam as taxas e porcentagens divulgadas nas seções voltadas à economia nos noticiários? Com o intuito de refletir sobre essas questões, a UEG TV, em parceria com o Núcleo de Pesquisas Econômicas da Universidade Estadual de Goiás (UEG), transmite toda terça-feira, às 19h, o programa Diálogos Econômicos. O programa é um projeto de extensão do núcleo de pesquisa e se tornou um

espaço de entrevistas a convidados, no qual são discutidos temas referentes à economia (estadual, nacional e internacional) e que foram destaques na semana. O programa está no ar desde abril de 2020.

Histórias do Contemporâneo

O Histórias do Contemporâneo, que vai ao ar toda quarta-feira, às 17h, é um programa do gênero informativo, com duração de 60 minutos. Nele, entrevistador e convidados debatem problemas cotidianos, mas cujas raízes históricas devem ser resgatadas para que os fenômenos sejam entendidos. É um projeto de extensão vinculado ao curso de História da UEG que, em parceria com a UEG TV, tornou-se uma oportunidade de buscar caminhos para compreender melhor o mundo e realizar um objetivo comum, que é promover, contribuir e participar dos processos sociais de forma útil e positiva para o público. Está no ar desde setembro de 2020.

Pretas, Pobres e Soberbas

Pretas, Pobres e Soberbas é o resultado de uma parceria com um coletivo de mulheres negras e podcasters, da comunidade externa, que busca trazer problematizações motivadas a partir das vivências dos participantes (apresentadoras e convidados). O programa busca abordar o protagonismo cotidiano vivido por três mulheres pretas de Goiânia a partir das questões de gênero e raça. Semanalmente elas narram suas histórias costuradas pelas suas vivências e experiências. Com linguagem jovem, informal e descontraída, as podcasters e seus convidados repercutem assuntos que fazem parte de suas rotinas de vida.

Durante a pandemia de Covid-19, no período de março de 2020 a novembro 2021, a UEG TV ofereceu apoio na realização de 91 eventos acadêmicos, totalizando aproximadamente 257 transmissões online de conteúdos como aulas inaugurais, simpósios, seminários, colóquios, congressos e palestras. Também neste período, foram exibidos programas próprios (Quadro 01), que totalizaram mais de 300 transmissões.

A partir desses dados, verificamos que, entre 16 de março de 2020, dia que marca a suspensão das aulas presenciais na UEG e o dia 13 de novembro de 2021, a UEG TV realizou 1.039 transmissões de conteúdo, que obtiveram um alcance de 7,5 milhões de impressões de vídeos no canal do Youtube. Interessante ressaltar que, no período analisado, 90% do conteúdo divulgado pela UEG TV foi de vídeos transmitidos ao vivo. Desse modo, é possível inferir que houve uma mudança de atuação da UEG TV com a finalidade de atender às demandas da comunidade acadêmica no período de restrições sanitárias.

Figura 1 – Materiais de divulgação dos conteúdos produzidos pelos projetos de extensão



Fonte: UEG TV / Rádio UEG Educativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período pandêmico oportunizou uma maior aproximação das emissoras de Rádio e TV da UEG com a comunidade universitária. As diversas parcerias com projetos de extensão, vinculados a variadas áreas do conhecimento, propiciou a ampliação da repercussão das ações da Universidade, sobretudo junto ao público externo, e também a integração de docentes e estudantes aos processos de produção de conteúdos para plataformas digitais. Ao mesmo tempo, a audiência dos canais das emissoras foi ampliada de forma significativa durante o período compreendido entre março de 2020 e dezembro de 2021, pois cerca de 40 mil novos seguidores passaram a acompanhar as produções e mais de 141 mil horas de conteúdos foram consumidas nesse mesmo período no canal da UEG TV no YouTube.

Tais números são resultado de ações norteadas pelo interesse social e pela finalidade de comunicar a ciência através de uma linguagem capaz de atingir um público mais amplo. Buscou-se, ainda, através de ferramentas de acessibilidade e de interatividade, estabelecer uma relação mais estreita com a comunidade acadêmica e a comunidade externa. Diante do que foi possível apresentar neste texto, é possível observar que as emissoras universitárias de rádio e TV se constituem em potentes canais para a difusão da produção extensionista das instituições.

REFERÊNCIAS

- ABTU. **Mapa 4.0:** TV Universitária Brasileira. Disponível em: <https://www.abtu.org.br/mapa-4-0>. Acesso em: 10 set. 2021.
- GÓMEZ, J. I.A. Nuevas ondas para a television universitária: la web tv. In: Edmetic, **Revista de Educación Mediática y TIC**. 1(1), 2012.
- MAGALHÃES, T. S. C.; ARAÚJO, R. P.F.; PINTO, A. C. _WebTV: um recurso didático pedagógico para o ensino superior. In: **Revista Trilha Digital**, v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/TDig/article/view/8213>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- MATEUS, Lara de Souza. **TV 1.9: a experiência das Web-TVs Universitárias**. 2015. 91f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RAMALHO, A. R. **O perfil da TV Universitária e uma proposta de programação interativa**. 2010. 173f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.
- SPENTHOF, Edson Luiz. A importância das rádios e TVs universitárias como laboratórios. In: **Revista Comunicação e informação**, v. 1, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 1998.



DESAFIOS NA EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES EXTENSIONISTAS EM PERÍODO PANDÊMICO – PET EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR

CHALLENGES IN EXECUTING EXTENSION ACTIVITIES IN A PANDEMIC PERIOD - PET INTERDISCIPLINARY EDUCATION

Fernanda Madeira da Silva

Universidade Federal de Rondonópolis
- Pedagogia - PET Educação Interdisciplinar
Rondonópolis MT - Brasil

Ana Carolina Ferreira Echeverria

Universidade Federal de Rondonópolis - Letras
Português - PET Educação Interdisciplinar
Rondonópolis MT - Brasil

Isabella Alves Ferreira

Universidade Federal de Rondonópolis
- Letras Português - PET Educação
Interdisciplinar - Rondonópolis MT - Brasil

Kaline Oliveira Almeida

Universidade Federal de Rondonópolis
- Letras Português - PET Educação
Interdisciplinar - Rondonópolis MT - Brasil

Thaynara dos Santos Bezerra

Universidade Federal de Rondonópolis - Pe-
dagogia - PET Educação Interdisciplinar
- Rondonópolis MT - Brasil

Orientador/a: Eglen Sílvia Pipi Rodrigues

Universidade Federal de Rondonópolis
- Pedagogia - PET Educação Interdisciplinar
- Rondonópolis MT - Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre a realização dos projetos de extensão no ano de 2021 do PET Educação Interdisciplinar da Universidade Federal de Rondonópolis/MT, considerando dificuldades entre a execução das ações de modo presencial e de maneira remota, explanando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e participantes. Os projetos de extensão enfrentaram diversos obstáculos para serem executados, como problemas técnicos com a internet e falta de conhecimento de informática dos participantes. Entretanto, existiram pontos positivos, como, a construção de conhecimento e a partilha de experiências em grupo mesmo que a distância. Assim, é possível dizer que mesmo em tempos de pandemia e com as dificuldades encontradas, o PET Educação Interdisciplinar resiste e não cessa suas atividades.

Palavras-Chave: Conhecimentos; Projeto de Extensão; PET Educação Interdisciplinar.

Abstract: This chapter for the Serex event e-book aims to reflect on the implementation of extension projects in the year 2021 of the PET Interdisciplinary Education at the Federal University of Rondonópolis, pondering difficulties between performing the actions in person and remotely way, explaining the difficulties faced by executors and participants. These extension projects faced negative points, such as technical problems with the internet. However, there were positive points, such as the construction of knowledge and the sharing of experiences, even at a remote way⁴. Therefore, even in times of pandemic and with the difficulties encountered, PET Educação Interdisciplinar resists and does not cease its activities.

Keywords: Knowledge; Extension Project; PET Interdisciplinary Education.

1. INTRODUÇÃO

Em 2013 constituiu-se o grupo PET Educação Interdisciplinar integrando os cursos os cursos de Pedagogia, Letras, Matemática e Sistema da informação. Tal programa, realiza atividades voltadas à formação profissional reflexiva, subsidiada por bases teórico-metodológicas pautadas em ações dialógicas buscando favorecer aos estudantes uma formação ampla e de qualidade. O grupo busca desenvolver a partir de ações realizadas pelos petianos bolsistas e não bolsistas são desenvolvidas na Universidade e nas escolas públicas do município de Rondonópolis, especialmente nas escolas situadas em áreas de maior concentração de famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social, considerando também o público da universidade, envolvendo docentes, discente, outros servidores e comunidade de entorno.

Nesse sentido, o PET Educação Interdisciplinar desenvolve ações educativas nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como eixo condutor os princípios da Aprendizagem Dialógica, com objetivo em desenvolver diálogos que promovam a criação de sentido, oportunizar trocas de experiências, abranger a comunidade em geral para expressar diferentes ideias e valorizar o respeito às diferenças.

Por meio da aprendizagem dialógica cada pessoa vai construindo novas compreensões sobre a vida e o mundo e refletindo sobre sua cultura e demais culturas, podendo escolher com maior liberdade sua maneira de viver e de se relacionar com os outros, bem como desenvolve o senso de que este processo ocorre com outras pessoas, criando-se respeito aos diferentes modos de vida. (MELLO, BRAGA, GABASSA, 2012, p. 78).

Sendo assim, os projetos de extensão desenvolvidos pelo PET Educação Interdisciplinar durante a pandemia, tais como Círculo Dialógico, Tertúlia Dialógica Literária, Poesia ao Pé do Ouvido e Semana da África, foram organizados e pensados para que os estudantes e a comunidade de diferentes idades dialoguem sobre assuntos pertinentes na atualidade. Além destes projetos o PET Educação Interdisciplinar realizou muitos outros, porém, estes foram pensados e ofertados durante o período pandêmico. Vale ressaltar que todas as ações aqui mencionadas, realizadas durante a pandemia COVID-19 foram desenvolvidas pela Plataforma Google Meet.

No que diz respeito ao Círculo Dialógico, o encontro promove a construção conjunta do conhecimento, com os princípios na participação em grupo, no respeito às diferenças, na relação com o outro, fomenta discussões acerca de assuntos presentes em nossa sociedade. Os Círculos Dialógicos é uma ação inspirada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire (1991), educador, que tem como proposta oportunizar a problematização de temas que elevam a transformação intelectual a partir do diálogo. Deste modo, o PET ofertou o projeto de extensão Círculo Dialógico: conhecimentos e saberes com objetivo de elevar o diálogo para além da comunidade acadêmica, oportunizando trocas de saberes e promover o processo de ensino e aprendizagem a partir de diálogos sobre situações do cotidiano.

Em relação à Tertúlia Dialógica Literária, tal atividade é fundamentada nos princípios da Aprendizagem Dialógica (Diálogo Igualitário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferenças). É uma atividade que propõe a partir leitura uma interação entre as pessoas participantes, propiciando trocas de saberes e experiências por meio dos diversos olhares sobre os fatos decorrentes da leitura da obra escolhida, a experiência individual de ler torna-se uma ex-

períencia intersubjetiva, e a incorporação das diferentes vozes, experiências culturais gera uma compreensão que ultrapassa aquela a que se pode chegar individualmente. Para Paulo Freire, o aprendizado da leitura não se reduz a um ato mecânico descontextualizado, mas deve ser uma abertura ao diálogo sobre o mundo e com o mundo (FREIRE, 1994; FREIRE & MACEDO, 1989).

Nesse sentido, considerando a perspectiva não acadêmica da leitura da obra, visando a partilha de ideias, sentimentos e opiniões, mediado pelo diálogo igualitário, o que possibilita a construção de conhecimentos e saberes, promover a fala igualitária na roda de partilha e incitar reflexões.

Sobre a atividade *Poesia ao Pé do Ouvido*, este projeto tem como objetivo proporcionar aos participantes o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a capacidade de argumentação, reflexão e o aumento do vocabulário. “Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes: a arte de viver” (Bertolt Brecht). Na direção da citação de Bertolt Brecht. Com base neste propósito é que foi desenvolvida a atividade *Poesia ao Pé do Ouvido*, pelos PETianos junto aos integrantes do Núcleo de Estudos e Atividades da Terceira Idade – UFR, ofertada para o Programa Viver: Envelhecimento Ativo e Saudável, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MNDH) da Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDPI).

Entendemos que a poesia é uma linguagem potente e de muitas possibilidades de aprendizagens, destacando aqui o processo de formação de leitores, já que ela é de manifestação cultural, linguística, verbal e, essencialmente social, com a intenção de expressar aquilo que há de mais subjetivo e metafórico,

Ao compartilhar estudos e experiências com os mais jovens, os idosos se enriquecem e fazem enriquecer, reavaliando seus conceitos e preconceitos, em atitude que facilita a socialização. Essa relação intergeracional é valorizada sob a forma de solidariedade (LEITE, PINHO, 2016, p. 833).

Assim, a poesia está diretamente relacionada à formação de cidadãos conscientes de seu papel social. Essa atividade tem como objetivo apresentar a literatura em forma de poemas por meio de materiais audiovisuais produzidos pelos estudantes do PET. Objetiva também mostrar ações artísticas e culturais das vivências acadêmicas dos estudantes com base na Aprendizagem Dialógica de Flecha (1997), gerando espaços de reflexão, crítica e sensibilidade, com intuito de sensibilizar a população sobre a importância da educação e da literatura, nos dias atuais. Também propõe a partilha de estudos e experiências entre jovens, adultos e idosos.

Outra ação desenvolvida no período de pandemia (COVID-19) foi o evento *Semana da África – Epistemologias Africanas: Saberes*,

Crenças e Conhecimentos. A *Semana da África* foi um evento que se constituiu em uma semana com assuntos gerais da África, como a cultura, dança, conhecimentos e a liberdade. A data 21 a 25 de maio, foi em homenagem à libertação do continente, 25 de maio. A data foi definida em referência à fundação da Organização da União Africana (OUA) que foi em 1963 em que os líderes de 30 dos 32 países africanos independentes à época reuniram-se contra ao processo de emancipação do povo do continente africano, que foi conhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) renascença africana em 1972.

Sendo assim, a proposta da atividade justifica-se na intenção de promover aos discentes guineenses, à comunidade universitária e seu entorno, um memorial comemorativo desse marco da história do povo Africano, compartilhando assim, seus saberes e crenças culturais. Visto que, o evento foi organizado junto aos estudantes da Guiné-Bissau pertencentes à comunidade de Rondonópolis e os estudantes do PET Educação Interdisciplinar.

Tal evento contou com palestrantes convidados da África (Guiné-Bissau e Angola) e Brasil. O objetivo desta celebração foi reunir pessoas que tivessem interesse em conhecer aspectos da cultura africana e proporcionar um debate em relação à valorização das epistemologias do sul, destacando a importância desta cultura em relação à língua, escrita, práticas religiosas, história política, cantos e danças etc. Além disso, buscamos assegurar espaço de fala aos discentes guineenses, para compartilhar seus conhecimentos e experiências, possibilitando espaço para o diálogo igualitário.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O PET Educação Interdisciplinar ofertou os projetos de extensão de forma remota, para que todos os interessados pudessem participar no momento pandêmico ao qual nos encontramos. Todos os projetos são baseados na aprendizagem dialógica, que se dá através de sete princípios, sendo eles o Diálogo Igualitário, a Inteligência Cultural, a Transformação, a Dimensão Instrumental, a Criação de Sentido, a Solidariedade e a Igualdade de Diferenças.

A Aprendizagem Dialógica acontece nos diálogos que são igualitários, em interações em que se reconhece a inteligência cultural de todas as pessoas, e está orientada para a transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto socio-cultural, como meio de alcançar o êxito de todos. A Aprendizagem Dialógica acontece em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecendo a criação de sentido pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de solidariedade, em que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores (AUBERT *et al.*, 2008, p. 167).

Desta forma, o projeto de extensão *Círculo Dialógico Conhecimentos e Saberes* contou com um levantamento de dados dos PETianos para atender o interesse da comunidade e definir temas para os Círculos. Os encontros do grupo foram ofertados por meio da plataforma Google Meet. Teve mediadores para conduzir perguntas dos participantes e contou com o apoio de palestrantes convidados pelo PET como, a Prof Dra. Raquel Salgado mobilizou discussões enriquecedoras e emocionantes com o tema “Infância, gênero e educação”, outro palestrante convidado foi o Dr. Benjamin Filho, que proporcionou um diálogo interativo com o grupo e abordou o tema: “Espanto, epifanias, e emoções: literatura e vida”, outra convidada que elaborou um diálogo construtivo foi a palestrante Prof Dra. Alice Lecci, com o tema “Saberes e práticas ancestrais iorubá no candomblé ketu”, a convidada Itelvina Masioli, militante do Movimento Sem Terra, abordou um tema bastante necessário para a discussão na atualidade “Os desafios da luta pela terra na atualidade”. Os encontros mobilizaram interessados além do campus acadêmico, portanto, o PET disponibilizou as transmissões no canal do YouTube [PET - Educação Interdisciplinar](#).

A Tertúlia Literária Dialógica também foi realizada via plataforma Google. No primeiro encontro todos os inscritos receberam uma lista com sugestões de leituras clássicas e indicaram suas obras em um processo de apresentação de argumentos em favor da leitura sugerida. Por meio de consenso foi escolhida a obra “Orgulho e Preconceito” da autora Jane Austen. Esta escolha deveu-se ao critério fundamental de refletir sobre obras clássicas da literatura universal. Depois da escolha da obra houve a divisão do número de páginas ou capítulos a serem lidos a cada encontro.

A Tertúlia Dialógica Literária é um encontro mediado por uma pessoa que organiza as inscrições de fala para um momento de destaque e um momento de comentários sobre os destaques. É combinado também quantas páginas ou capítulos para a tertúlia do dia, sendo assim, compartilhado e disponibilizando a obra escolhida em formato de PDF para todos. Com duração de duas horas, o encontro é semanal e em dia fixo. A cada tertúlia dialógica existe um mediador diferente que fica responsável em distribuir as falas de forma igualitária, mas seguindo os princípios da Aprendizagem Dialógica, além de um segundo mediador que anota os comentários feitos pelos inscritos e no final do encontro compartilha com todos o que foi relatado na tertúlia daquele dia.

A realização do evento da Semana da África foi feita a partir da junção de integrantes estudantes africanos guineenses, da Universidade Federal do Mato Grosso e da comunidade externa para que tivessem a possibilidade de compartilhar sua cultura e seus conhecimentos com demais pessoas, então, primeiramente foram feitas reuniões com os organizadores da ação para discutir a temática, os palestrantes, as datas e horários, os minicursos e as mesas redondas

a serem ofertadas durante o evento. Em seguida, o grupo PET subdividiu-se em frentes de trabalho para organizar questões técnicas que foram a criação da página do evento, imagens e divulgação em redes sociais, criação de salas nos portais de videoconferência: YouTube, Google-meet e StreamYard e a mediação dos encontros.

A programação ocorreu da seguinte maneira: no dia 21/05 houve a Conferência de abertura e uma mesa redonda - Luta e resistência na África e no Brasil: as problemáticas da Pandemia COVID/19; no dia 22/05 houve apresentações artísticas (poesia/canto/música), minicursos e duas mesas redondas - União de Negros pela Igualdade – UNEGRO e Estudantes Guineenses no Brasil: Experiências, vivências e perspectivas futuras; no dia 23/05 houve apresentações artísticas (poesia/canto/música) e minicursos; no dia 24/05 houve duas mesas redondas, Saberes e conhecimentos na educação: diálogos entre Angola e Brasil e Comunidade Quilombola Mata Cavallo; no dia 25/05 houve a mesa de encerramento: Educação para as Relações Étnico-Raciais. Foi necessário a mobilização de uma equipe técnica composta por participantes do PET Educação Interdisciplinar que possibilitou livre acesso aos vídeos do canal do PET e através do Google Meet em momentos ao vivo. [PET - Educação Interdisciplinar](#).

Em relação à atividade *Poesia ao Pé do Ouvido*, foi desenvolvida em três estágios: primeiro os PETianos realizam pesquisas e foram coletadas poesias de vários autores sobre critério dos discentes; no segundo estágio os estudantes gravaram dois vídeos, o primeiro contendo a poesia escolhida e o segundo com uma pequena biografia do autor e reflexões sobre o poema; na terceira parte os vídeos foram encaminhados. Após serem editados, foram disponibilizados aos participantes do programa Viver NEATI em seu grupo de WhatsApp, dessa forma os participantes da terceira idade puderam refletir e dialogar sobre as poesias transmitidas. O PET trabalha semanalmente na elaboração destes materiais para que o grupo do *Poesia ao Pé do Ouvido* no WhatsApp seja alimentado.

2.1 FIGURAS

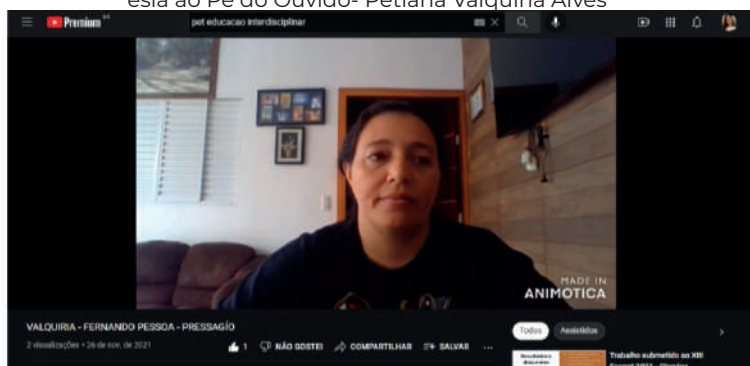
Alguns encontros que o PET ofertou foi possível capturar imagens, então selecionamos algumas para expor. Apresentamos as telas capturadas em alguns encontros. A figura 1 apresenta a montagem da família petiana e os colaboradores, a figura 2 apresenta a citação do *Poesia ao Pé do Ouvido*, realizado por uma petiana, a figura 3 apresenta a captura de tela de um dos encontros da Semana da África, a figura 4 conta com uma imagem de um dos encontros do Círculo Dialógico e a figura 5 apresenta um dos encontros da Tertúlia Literária Dialógica.

Figura 1- Família Petiana e os colaboradores no ano de 2021



Fonte: acervo dos autores.

Figura 2- Citação da poesia "Presságio" de Fernando Pessoa. Projeto Poesia ao Pé do Ouvido- Petiana Valquíria Alves



Fonte: acervo dos autores.

Figura 3- Conferência de encerramento do evento Semana da África, oferecido pelo PET Educação Interdisciplinar



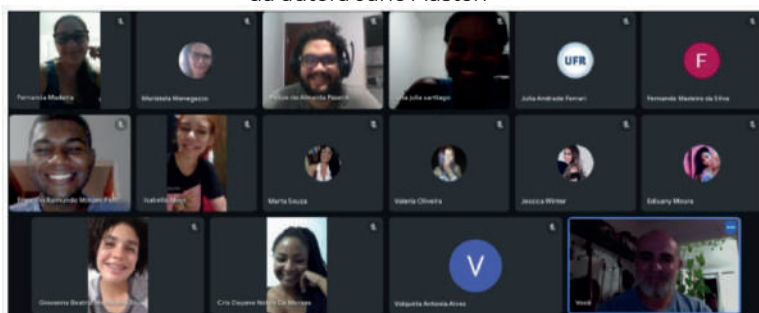
Fonte: acervo dos autores.

Figura 4- Círculo Dialógico “Infância, gênero e educação” com a convidada Prof Dra. Raquel Salgado



Fonte: acervo dos autores.

Figura 5- Tertúlia Literária Dialógica com a obra Orgulho e Preconceito da autora Jane Austen



Fonte: acervo dos autores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O remanejamento dos projetos do PET Educação Interdisciplinar para o modo virtual e o impedimento dos encontros presenciais resultou parcialmente em pontos dificultadores, tais como a inibição nas falas, escassez na participação das atividades e também a ausência dos encontros presenciais que possibilitam maior acolhimento dos estudantes.

Entretanto, foram observados diversos pontos de resistência e transformação na realização dos projetos de forma remota, tais como, a adaptação a tecnologia, por exemplo os participantes do Viver NEATI que se adaptaram ao novo contexto pandêmico e utilizam da tecnologia para interagir com os demais do grupo, alguns participantes do projeto de extensão Poesia ao Pé do Ouvido relataram que os vídeos dos poemas lhes trouxeram reflexões sobre

a vida e o envelhecimento e de como a poesia é uma linguagem linda.

Além disso, podemos relatar que a relação intergeracional foi valorizada sob a forma de reflexões e opiniões positivas dos participantes no grupo, após o envio semanal das poesias, provocando emoções e reflexões pessoais sobre os temas abordados, como afirma Leite e Pinho (2016): “A solidariedade intergeracional pode ser um fio condutor para a reversão de determinados valores, contribuindo para a ruptura de preconceitos, como o ageismo, e promovendo um efeito positivo para a saúde e o bem-estar dos mais velhos”.

Neste sentido, a relação intergeracional entre os participantes do NEATI e os estudantes do PET Educação Interdisciplinar pode proporcionar experiências transformadoras em relação à criação de sentidos, inteligência cultural, dimensão instrumental do conhecimento, rede de solidariedade, contribuindo para a ruptura de preconceitos, como o ageismo/idadismo, na perspectiva de contribuir para a saúde o bem-estar das pessoas de maior idade.

Neste sentido, podemos perceber a arte e a leitura como instrumentos potentes e importantes aliados à saúde mental, pois transformam e ampliam o entendimento de mundo, propiciando o acesso à informação e reflexão com liberdade, além de estimular a reflexão crítica e a troca de ideias.

Os participantes do evento Semana da África informaram que a partir do evento foi possível refletir sobre a cultura e ter compreensão em relação ao passado e presente, expansão de novos conhecimentos de nossas origens. Foi fundamental para obter um novo olhar sobre África e Brasil, assim poder trocar experiências e vivências, analisar problemas sociais e conhecer sobre a cultura ajuda a combater preconceitos, dualismos e intolerância, dando lugar para valores como a solidariedade e o respeito.

Importante ressaltar, que o Brasil é um dos maiores países negros e muito influenciado pela cultura africana. Participantes do evento relataram que por meio dos diálogos ocorridos no evento, puderam se reconhecer melhor, por meio da história Africana, possibilitando uma melhor compreensão sobre a ideia de romper com a opressão e combater o racismo. Tivemos no total de 560 pessoas inscritas, possibilitando desenvolver uma visão ampliada de questões importantes para os povos africanos, além de conhecer também costumes e cultura em geral. Os estudantes do PET Educação Interdisciplinar relataram contribuições na aprendizagem da organização de eventos de médio porte, desenvolvimento da dialogicidade ao lidar com o público e o respeito à diversidade.

Em relação ao Círculo Dialógico: conhecimentos e saberes, houve bastante procura e muitas foram as inscrições durante os encontros mensais que contribuíram para que o diálogo acontecesse. Os encontros foram mediados pelo diálogo igualitário, garantindo a

todos o direito de ser ouvido e de partilhar suas experiências com os demais participantes.

A partir da Tertúlia Dialógica Literária, com a obra *Orgulho e Preconceito* da autora Jane Austen, obtivemos frequentes comentários de comparação entre a sociedade atual e a sociedade do século XVIII, com muitos relatos a respeito comportamentos condicionados por padrões estéticos e sociais. Apesar da história ser retratada em época distante, há comparações imensas com a atualidade. Diversos destaques que chamaram atenção para as concepções do papel da mulher na sociedade do tempo da obra e no tempo atual, afirmando que algumas mudanças já aconteceram, mas é preciso ainda que a sociedade mude, compreenda melhor a mudança do papel da mulher, para que ela seja mais valorizada e respeitada.

Salientou-se também sobre a superficialidade do que é considerado belo ou bonito, sobre o orgulho e o preconceito do ser humano, sobre o que é ser feliz na vida e no casamento, sobre violência contra a mulher, sobre a diferença entre classes sociais e sobre a negligência. Percebe-se que Tertúlia Dialógica Literária é uma atividade que auxilia no ato da humanização com a leitura, sendo responsável por proporcionar experiências e conscientizar as pessoas sobre a importância e os benefícios do ato de ler e da construção de sentidos do ser e viver.

O PET Educação Interdisciplinar planejou e desenvolveu os projetos de extensão com o intuito de contribuir com o estímulo a vida, ao afeto e amor, permitindo que pessoas de diferentes e idades e culturas participassem juntas, mesmo que distantes fisicamente e assim contribuíssem um com o outro na criação de sentidos e vivências.

4. CONCLUSÃO

Considerando o contexto de isolamento social e a suspensão de atividades presenciais no ambiente acadêmico, causado pelo COVID-19 em que se encontra a sociedade ao qual fomenta a solidão e individualismo, o PET Educação Interdisciplinar elaborou projetos de extensão para possibilitar diálogos enriquecedores e adquirir conhecimentos para contribuir com a formação intelectual dos participantes, possibilitando trocas de saberes mesmo à distância e uma aproximação da cultura, a fim de oportunizar espaços de diálogo por meio de encontro (mesmo que de modo virtuais) com pessoas de diferentes idades e etnias, no intuito de garantir espaços de interação e reflexão neste difícil tempo de pandemia.

Sendo assim, apesar dos desafios encontrados para a realização dos projetos, o PET Educação Interdisciplinar se empenhou para ofertar da maneira mais acessível possível, para que todos pudessem compartilhar da experiência e da vivência por meio dos encontros virtuais, partilhando assim o conhecimento e a experiência

de vida que ambos possuímos. Portanto, os estudantes petianos do PET Educação Interdisciplinar resistem firmes na continuidade dos trabalhos na tríade: ensino-pesquisa-extensão.

REFERÊNCIAS

AUBERT *et al.* **Aprendizaje dialógico em la Sociedad de la Información.** Barcelona: Editorial Hypatia, 2008. 258p.

FLECHA, R. **Compartiendo palabras:** el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós, 1997.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S.l.], v. 27, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971/11602>. Acesso em: 29 ago. 2021.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. **Aprendizagem Dialógica.** Caderno adaptado do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona. Disponível em: <https://comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/3/bbea4bd-3004329144308d8efcc1c8061.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2021.

LEITE, Soniárlei Vieira. FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. A Importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 16, n. 3, 2016.

MBEMB, A. (2017). Necropolítica. **Arte & Ensaios**, 2(32). Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MELLO, R. R.; BRAGA, M. F.; GABASSA, V. **Comunidades de Aprendizagem:** outra escola é possível. São Carlos: EduFscar, 2012.

MUNAGA, K. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo.** Universidade de São Paulo Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

SANTOS, B. S. Pedagogia do oprimido, investigação-ação participativa e epistemologia do Sul. In: SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 349-374.

TONIOLO, J. M. dos S. de A., & Henz, C. I. Paulo Freire no âmbito da pesquisa: os círculos dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos círculos de cultura e auto(trans) formação permanente com professores. **Revista Inter Ação**, 42(2), 2017. p. 519–537.

VIDEO AULA: **Como organizar uma Tertúlia dialógica pedagógica?** Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L661K39LQmY>. Acesso em: 29 ago. 2021.



PROJETOS DE EXTENSÃO: TEMAS DE INTERESSES DOS ALUNOS DO CURSO DE MATEMÁTICA DA UEG/UNU-POSSE

EXTENSION PROJECTS: TOPICS OF
INTEREST OF THE MATHEMATICS COURSE
STUDENTS AT UEG/UNU-POSSE

Layza Karolyne Soares Dourado,
Universidade Estadual de Goiás (UEG) -
Unidade de Posse, Posse – Goiás – Brasil

Cristiane Batista Xavier,
Universidade Estadual de Goiás (UEG) -
Unidade de Posse, Posse – Goiás – Brasil

Givanilde de Assis dos Santos Oliveira,
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
- Unidade de Posse
Instituto Federal Goiano (IF Goiano)
- Câmpus Posse, Posse – Goiás – Brasil

Roberto Felício de Oliveira
Universidade Estadual de Goiás (UEG) -
Unidade de Posse, Posse – Goiás – Brasil

Resumo: Os projetos de extensão são atividades que estabelecem uma ligação entre a universidade e a sociedade de um determinado local. No que tange ações transformadoras e que visa contribuir para as soluções de problemas associados aos aspectos sociais, como por exemplo, conscientizar a comunidade sobre um determinado assunto, capacitar a comunidade referente algum conteúdo e utilizar ferramentas tecnológicas para auxiliar no ensino e aprendizagem da comunidade assistida. Diante disso, este estudo tem por objetivo identificar os temas de interesses de projetos de extensão de 21 acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática da UEG/Unu-Posse. Por meio desta identificação de temas de interesse, esperamos que os alunos possam participar efetivamente dos projetos de extensão ofertados pela Unidade de Posse-GO. Essa presente pesquisa utilizou uma ampla classificação em relação aos tipos de pesquisa: (i) quanto a natureza é aplicada, (ii) quanto ao objetivo é descritiva, (iii) quanto a abordagem é quantitativa e qualitativa e, (iv) quanto ao procedimento é do tipo questionário, pelo qual elaboramos um conjunto ordenado de perguntas que foram respondidas pelos acadêmicos todos devidamente matriculados no curso de Licenciatura em Matemática, questionário foi aplicado de forma remota devido às questões pandêmicas seguindo o protocolo da vigilância sanitária, como o distanciamento. Nossos resultados são apresentados por nuvens de palavras com os tópicos de interesse de projetos de extensão em relação aos conteúdos matemáticos. As informações contidas nesta pesquisa abrem reflexões para direcionar os professores do curso na proposição de novos projetos diretamente relacionados com o perfil de interesse dos acadêmicos.

Palavras-Chave: Extensão; Universidade; Formação; Matemática.

Abstract: Extension projects are activities that establish a link between the university and society in a given location. Regarding transformative actions that aim to contribute to the solutions of problems associated with social aspects, such as raising awareness in the community about a certain subject, training the community regarding some content and using technological tools to assist in teaching and learning in the assisted community. Therefore, this study aims to identify the topics of interest in extension projects of 21 academics from the Licentiate Degree in Mathematics course at UEG/Unu-Posse. Through this identification of topics of interest, we hope that students can effectively participate in the extension projects offered by the Posse-Go Unit. This present research used a broad classification in relation to the types of research: (i) how much nature is applied, (ii) how much the objective is descriptive, (iii) how much the approach is quantitative and qualitative, and (iv) how much the procedure It is of the questionnaire type, through



which we created an ordered set of questions that were answered by academics, all duly registered in the Licentiate Degree in Mathematics, a questionnaire was applied remotely due to pandemic issues following the health surveillance protocol, such as distancing. Our results are presented by word clouds with topics of interest for extension projects in relation to mathematical content. The information contained in this research opens reflections to guide the course professors in proposing new projects directly related to the interest profile of academics.

Keywords: Extension; University; Formation; Math

1. INTRODUÇÃO

Extensão Universitária é a comunicação estabelecida entre universidade e sociedade (CALDERÓN; SAMPAIO, 2002). Ela faz parte das competências necessárias no processo interdisciplinar integrado à matriz curricular, visando à produção de conhecimentos e à interlocução das atividades acadêmicas de ensino e de pesquisa (BRASILEIRAS, 2006). Além disso, promove o desenvolvimento social, através de projetos e programas de extensão que levam em conta os saberes e fazeres populares em que a universidade está inserida.

Os projetos de extensão, são atividades práticas providas de estudos universitários, que viabilizam a aprendizagem educativa, cultural e científica entre universidade e sociedade (SILVA e NUNES, 2011, p. 120) que visam sanar os problemas existentes, de relevância e necessidade da sociedade em que as insere (SOUZA, 2000). Além disso, abrangem ações de conscientização, capacitação, disseminação da informação, tecnologia, cultura e entre outras. Por isso, a extensão pode ser considerada indispensável na formação do aluno.

Com isso, é de suma importância um projeto de extensão bem-sucedido. E existem diversos fatores que propicia o sucesso de um projeto de extensão, tais como um maior engajamento dos estudantes e a familiaridade deles com os temas propostos nas ações extensionistas para o desenvolvimento de habilidades e competências. No entanto, a ausência desta relação pode acarretar uma desmotivação aos estudantes e, em muitos casos, levar ao insucesso dos projetos de extensão propostos (ZEN, 1980).

Portanto, é fundamental buscarmos a opinião dos acadêmicos em relação aos temas de interesse que venham a ser ofertados nos departamentos acadêmicos. Sendo assim, nosso objetivo de pesquisa envolve identificar os temas de interesses de projetos de extensão dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade de Posse. Além disso, direcionar os professores do curso na proposição de novos projetos diretamente relacionados com o perfil de interesse dos acadêmicos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Curso de Licenciatura em Matemática da Unidade-Posse

A Universidade Estadual de Goiás Unidade de Posse tem como propósito a produção e a socialização, através de seus conhecimentos científicos e sua prática. Provedendo ações culturais e a capacitação total de seus profissionais tornando pessoas aptas e capazes de inserir criticamente, estabelecendo diálogo e discussões no meio social. Podendo assim, contribuir com a qualidade de vida da sociedade assistida por meio de ações estratégicas e concretas.

O curso de Licenciatura em Matemática da UEG-Posse tem um papel fundamental para a transformação da realidade da sociedade, pois assume o ensino superior como fator engenhoso visando o crescimento e o sucesso, sendo assim, com objetivo de promover a igualdade de oportunidades, cidadania, inclusão social e solidária. Sendo que, sejam capazes de transformar o ensino em seus diferentes aspectos, cumprindo assim, sua função social, que é a formação de professores para o ensino fundamental e médio (PPC, 2015).

Desta forma, o curso de matemática visa formar graduandos, capazes de desenvolver habilidades e competências, utilizar das ferramentas tecnológicas e metodologias variadas, aliadas à investigação científica e à redinamização do ensino de Matemática. Além disso, oferecer capacitação adequada e consistente de docentes capazes de realizarem transformações na sua região em seus diferentes níveis, cumprindo assim, sua função social, e consequentemente contribuindo para a melhorar a qualidade de vida das pessoas (PPC, 2015).

Vale ressaltar que o curso de Licenciatura em Matemática tem um vasto campo de atuação profissional, como, na área financeira, econômica e informática. No entanto este curso é especificamente à docência atendendo às diversas instituições de ensino. Desta forma, o professor de matemática deve ter uma visão abrangente do seu papel social que contribui e se baseia no estudo científico para, assim, poder exercer com liderança, respeito e criatividade suas atividades referentes a sua formação.

Perez apud SOUZA (1995), declara que a capacitação de professores é eficaz, pois o professor terá condições adequadas para ensinar aos seus alunos uma nova visão relacionado às exatas, por meio de teóricos e suas metodologias estimulando-os ao exercício da autonomia e ao raciocínio lógico podendo utilizar conceitos estudados tais como, métodos didáticos, modelos científicos que são realizados e socializados na formação acadêmica de professores, logo quando lecionarem utilizarão como ferramentas essenciais para o ensino e aprendizagem.

3. OBJETIVOS

Pouco se sabe se os temas dos projetos de extensão atualmente oferecidos pela UEG na Unidade Universitária de Posse atendem as expectativas dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática. Diante desse exposto, o presente trabalho busca entender com clareza: Quais os temas de interesse de projetos de extensão sob a ótica dos acadêmicos do curso de Licenciatura Matemática na UEG/UnU Posse?

4. METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

Ao longo do tempo, a pesquisa científica vem contribuindo junto à sociedade no que se refere a troca de conhecimento e a geração de novas descobertas. Ela tem como propósito investigar, analisar, compreender e resolver as situações problemas do nosso cotidiano por meio de procedimentos científicos. Partindo deste pensamento, projetamos um estudo que engloba uma classificação ampla em relação aos tipos de pesquisa. Assim, quanto natureza nosso estudo é categorizado como pesquisa aplicada, acerca do objetivo é categorizada como descritiva, quanto abordagem é categorizada como quantitativa e, por fim, acerca dos procedimentos é categorizada como uma pesquisa do tipo survey, isto é, um questionário.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Esta pesquisa envolveu 21 acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática da UEG/UnU-Posse. Para participar da pesquisa, eles tiveram que aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os Quadros 1 e 2 apresentam o perfil dos participantes.

Quadro 1: Características Gerais dos Participantes

Características Gerais					
ID	Gênero	Semestres Cursados	ID	Gênero	Semestres Cursados
P1	F	9	P12	F	7
P2	F	5	P13	M	8
P3	F	7	P14	F	5
P4	F	8	P15	F	5
P5	F	7	P16	M	8
P6	F	7	P17	F	5
P7	F	9	P18	F	8
P8	F	7	P19	F	7
P9	F	8	P20	F	6
P10	F	5	P21	F	10
P11	F	9	-	-	-

Fonte: Autor.

Quadro 2: Características Específicas dos Participantes

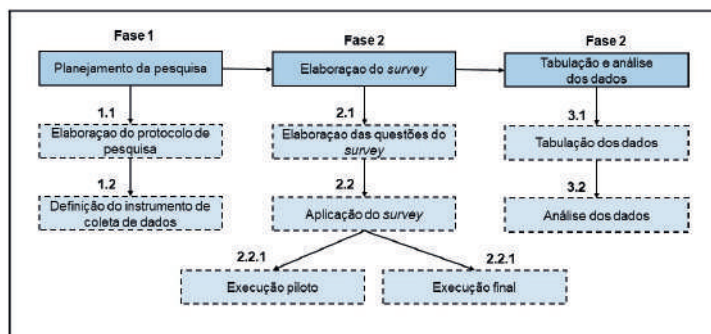
Características Específicas	ID
Compreende o termo Extensão Universitária	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P21.
Participou de projetos de extensão	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21.
Curiosidade motivou minha participação em projetos de extensão	P2, P3, P4, P5, P6, P10, P14, P17, P18, P20, P21
Aproveitamento da carga horária extracurricular motivou minha participação em projetos de extensão	P1, P2, P3, P5, P6, P7, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P20, P21
Possibilidade de desenvolver habilidades e competências motivou minha participação em projetos de extensão	P1, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P12, P13, P15, P16, P17, P18, P19, P21.
Incentivo financeiro motivou minha participação em projetos de extensão	P5, P13, P15

Fonte: Autor.

4.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Figura 1 apresenta em ordem de acontecimentos as 3 (três) fases da pesquisa que são representadas por retângulos sólidos, e suas respectivas atividades, as quais são representadas por retângulos tracejados.

Figura 1. Procedimentos Metodológicos



Fonte: Autor.

4.2. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Como instrumento para coleta de dados, elaboramos e empregamos um questionário semiestruturado. Esse instrumento é composto por perguntas fechadas e abertas, as quais foram distribuídas em três seções: (i) dados gerais dos participantes, (ii) dados específicos dos participantes e (iii) dados sobre temas de interesses para projetos de extensão.

Visando responder nossas QP, realizamos a tabulação dos dados em uma planilha eletrônica, posteriormente determinamos nuvens de palavras visando expressar a frequência numérica que os termos apareceram nas respostas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Figura 2 apresenta por meio de uma nuvem de palavras os tópicos de interesse de projetos de extensão em relação aos conteúdos matemáticos. Uma nuvem de palavras, também conhecida como nuvem de tags, é um recurso gráfico usado para descrever os termos mais frequentes de um determinado texto (SURVEYGIZMO, 2012). Em uma nuvem de palavras, o tamanho da fonte em que a palavra é apresentada representa sua frequência no texto: palavras mais frequentes são apresentadas em fontes de tamanho maior (Ex. Matemática Financeira), palavras menos frequentes são apresentadas em fontes de tamanho menor (Ex. Aplicações de Equações Diferenciais).

Figura 2. Frequência de tópicos de interesses em relação aos Conteúdos Matemáticos



Fonte: Autor.

A visualização dos dados através de uma nuvem de palavras proporciona uma compreensão rápida e intuitiva dos resultados. Por exemplo, percebe-se que o tópico matemática financeira é o mais mencionado pelos participantes. Isso pode ser reflexo da importância que esse tópico possui no dia a dia das pessoas. A matemática financeira se designa como a área da aplicação do conhecimento matemático, sendo este por meio de cálculos orientados para que assim possa haver organização e controle financeiro. Segundo Schneider apud Santos, “a matemática financeira está sendo muito procurada pela sociedade devido a diversos problemas financeiros decorrentes da vida moderna”.

Atualmente o Brasil encontra-se com as altas inflações e infe-

lizmente atinge no custo dos produtos comercializados como os alimentos, gás, combustível e outros, por isso é necessário um conhecimento amplo sobre a matemática financeira e seus conceitos na prática, para saber lidar de forma precisa com as situações-problemas. Segundo Novaes (2009), no entendimento sobre a análise e situações financeiras, o consumista terá condições mais efetivas de exercer sua cidadania, tendo mais clareza dos seus direitos por dominar a exata envolvida nessas situações. Portanto, este conhecimento financeiro possibilita à sociedade a conscientização, compreensão, pensamento crítico e o raciocínio lógico das situações do nosso dia a dia.

Além disso, a matemática financeira pode contribuir precisamente no ensino e aprendizagem do aluno tanto na vida profissional como também no pessoal. Pois através das ferramentas matemáticas, ou seja, fórmulas como, juros simples, compostos e porcentagens permite ao aluno uma visão ampla do poder de tomar decisões, por exemplo na aquisição de uma casa, se será comprada à vista com desconto ou a prazo com juros.

Diante desses resultados, os professores da UEG Posse podem elaborar projetos de extensão alicerçados aos conteúdos de matemática financeira e, assim, aplicar de forma prática o conhecimento já estabelecido na sala de aula, tais como de juros compostos e simples. Desta forma, os professores podem potencializar a formação dos acadêmicos de modo a torná-los ainda mais especialistas sobre o assunto. Além disso, a oferta de projetos de extensão relacionados à matemática financeira é de suma importância para a comunidade, visto que, as transações comerciais fazem parte do nosso cotidiano, assim, torna-se necessário a compreensão de operações relacionadas à economia.

A Figura 3 apresenta os tópicos de interesse dos acadêmicos para elaboração de projetos de extensão voltados às práticas matemáticas. Os dados demonstram que matemática no cotidiano é o tópico mais frequente nas respostas dos participantes. Seguido por matemática inclusiva, jogos matemáticos, matemática e tecnologia etc.

Figura 3. Frequência de tópicos de interesse em relação às práticas matemáticas



Fonte: Autor.



A matemática no cotidiano está relacionada com noções básicas de matemática que fazem parte da nossa rotina, tais como, calcular o valor de produtos ou compreender as medidas de uma receita. Porém, essas noções são aprendidas muito antes do ingresso na sala de aula e, muitas vezes, impulsionam conhecimento pessoal e/ou profissional de cada indivíduo. No entanto, essas noções podem e devem ser aprimoradas através de projetos de extensão que demonstram que a matemática não é um conteúdo isolado, mas sim, um conteúdo presente em quase tudo ao nosso redor.

Segundo Andrade (2013) “o estudo da matemática para a sociedade é considerado como um desafio a ser vencido na própria instituição de ensino”. É o estudo da matemática geralmente ensinada até hoje da mesma forma, ou seja, tradicional naquele mesmo quadro negro ou na lousa. No entanto, esta forma de ensinar torna as aulas monótonas, cansativas e menos apreciadas pelos os alunos. Diante disso, observamos também que os alunos necessitam aprender a matemática de forma concreta e visual levando em consideração as abordagens matemáticas sobre sua importância e aplicações do nosso dia a dia.

Por isso, a matemática é essencial para a nossa vida utilizamos diariamente, sendo por meio das horas do relógio, o aparelho celular e outros. Segundo Chagas (2016) “estes objetos possuem fundamentos matemáticos desde a sua construção até no seu manuseio”. Observamos que desde dos primórdios até os dias atuais a matemática é muito utilizada e precisa na vida das pessoas, já se percebe uma certa dependência referente a ela. Então projetos de extensão voltados a este tema, matemática no cotidiano sendo destinado aos universitários e também para sociedade em si, poderá potencializar ainda mais a respeito do conhecimento reflexivo, crítico e principalmente sua aplicação que é tão requisitada pelos alunos.

Segundo Ogliari (2017) “a matemática muita das vezes sempre foi alvo de uma ciência distinta de seus objetivos e até mesmo considerada completamente isolada”, acredita-se que isso foi idealizado por professores que infelizmente não conseguiram realizar e transmitir associações referentes a matemática no cotidiano aos seus alunos pois instiga ao professor mais dedicação com o seu planejamento, por exemplo compreender novos meios e estratégias na hora de lecionar. E ainda “devido à maneira como é feita abordagem e a ênfase dada somente por simbologia e não ao contexto pode sim apresentar como uma ciência isolada é que não está presente no cotidiano”. Diante disso, é preciso rever essas situações pois futuramente podem ser prejudiciais no contexto de ensino e aprendizagem dos alunos.

Vale ressaltar que inúmeras pessoas desconhecem a utilização da matemática e o seu valor no dia a dia. Souza apud Sarmento (2017) “A exata no cotidiano, passam por despercebidos, ainda que

sejam apoiadas as propriedades exatas, sendo aplicadas de qualquer forma, fica ainda mais difícil ser perceptível no cotidiano”. Diante disso, é fundamental a realização de projetos alicerçados a matemática no cotidiano, para que os universitários possam desenvolver a capacidade associativa, argumentativa, e aplicá-la por meio de projetos no que tange contribuir efetivamente para compreensão dos alunos a respeito da aplicação da exatas no dia a dia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em geral possui um papel muito importante ao nosso mundo principalmente a comunidade acadêmica, através dela compreendemos, relatamos, fazemos descobertas em diversos pontos, sempre buscando a qualidade e melhoria de vida das pessoas. Assim, por intermédio desta pesquisa identificamos os temas de interesses de projetos de extensão. Os resultados fornecidos desta pesquisa foram todos manifestados pelas opiniões individuais de cada acadêmico que se encontra devidamente matriculado no curso de Licenciatura em Matemática da UEG-UnU-Posse-GO. Visto que, essas informações de fato possibilitaram a compreensão a respeito das expectativas dos alunos no quesito tema de projetos de extensão.

Observa-se como os projetos de extensão são essenciais aos alunos do curso de matemática no caráter formativo, reflexivo e intelectual. É de fato indispensável para o norteamento da vida acadêmica, em que o aluno possui a extensão de um determinado conteúdo prático. O mesmo consiste em capacitar e conscientizar o aluno tornando-o especialista no assunto e possibilitando o estudo específico na área de interesse. Neste aspecto, os projetos de extensão precisam ser revistos pela universidade juntamente com os professores que a compõem. No que diz respeito à aplicação dos temas de interesse e o engajamento dos alunos na participação dos projetos de extensão.

Observando estes resultados constatamos a importância dessas temáticas serem associadas a projetos de extensão e aplicadas para a sociedade em geral. Visto que possibilita maior aproximação da disciplina matemática no que tange expandir informações a respeito de um determinado assunto, capacitar os participantes em algum conteúdo e utilizar das ferramentas para que possa auxiliar na vida de cada pessoa que vier desfrutar destes projetos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cíntia Cristiane de. **O ensino da matemática para o cotidiano**. 2013. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20861/2/MD_EDUMTE_2014_2_17.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

BRASILEIRAS. **Indissociabilidade Ensino–Pesquisa–Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESU, 2006.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio; SAMPAIO, Helena (Org.) **Extensão universitária: ação comunitária em Universidades brasileiras**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

CAMPOS, S.P.G. **Matemática e música: práticas pedagógicas em oficinas interdisciplinares**. Vitória. 2009. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_165_GEAN%20PIERRE%20DA%20SILVA%20CAMPOS.pdf. Acesso em: 01 set. 2021.

CHAGAS, Giselle Aparecida. **A matemática no cotidiano**. UFSJ. 2016. Disponível em: http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/46/GISELLE%20APARECIDA%20CHAGAS_12334_assignsubmission_file_Giselle%20tcc.pdf?sequence=1. Acesso em: 07 dez. 2021.

NOVAES, Rosa Cordelia Novellino de. **Uma abordagem visual para o ensino de matemática financeira no ensino médio**. 2009. Disponível em: http://www.pg.im.ufrj.br/pemat/MSc%2018_Rosa%20Cordelia%20Novellino%20de%20Novaes.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

NUNES, A.; SILVA, M. D. **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. Mal-Estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60>. Acesso em: 22 jun. 2021.

OGLIARI, Lucas Nunes. **A matemática no cotidiano e na sociedade: Perspectivas do Aluno de Ensino Médio**. PUCRS. 2017. Disponível em: <http://www.portalgeobrasil.org/colab/artigos/matematica-cotidiano.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2021.

PEREZ, Geraldo. Formação de professores de matemática sob a perspectiva do desenvolvimento profissional. In: **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PPC-**Projeto Pedagógico de Curso Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás-UEG/Unu-Posse**, 2015.

SARMENTO, Carlos Vitor da Silva, GAMA FA, SALVADOR LS, SANTOS MS, SARMENTO CF, CRUZ MA. **A vivência da matemática no contexto escolar e social**: Estudo de caso no Distrito de Curral Novo. UFPE.2017 Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_vivencia_da_matematica_no_contexto_escolar_e_social.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.

SCHNEIDER, I. J. **Matemática financeira**: um conhecimento importante e necessário para a vida das pessoas. 2008. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/728>. Acesso em: 01 set. 2021.

SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. P. **Métodos de pesquisa**. UFRGS. Porto Alegre (2009). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 maio 2021.

SURVEYGIZMO. **Using Word Clouds To Present Your Qualitative Data**. Sandy McKee. Disponível em: <https://www.surveygizmo.com/survey-blog/what-you-need-to-know-when-using-word-clouds-to-present-your-qualitative-data>. Acesso em: 01 set. 2021.

SOUSA, Ana Luíza Lima. **A história da extensão universitária**. 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. 138 p.

ZEN, Ana Maria Dalla. **A atividade de extensão na UFRGS: êxitos, falhas e perspectivas**. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre, UFRS. 1980.



AGRURAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

HISTORICAL BITTERNESSES OF
BRAZILIAN EDUCATION

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho

Universidade Federal de Rondonópolis (UFR),
Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil

Resumo: Propõe-se neste trabalho uma reflexão sobre as principais discussões realizadas no projeto de extensão *“Fundamentos da educação: política, formação, trabalho e cultura”*, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, em 2017. O projeto tratou de estudos sobre a educação brasileira, com o objetivo de conhecer seu passado para compreender melhor seu presente. Organizada pela metodologia ativa, a ação reuniu docentes, discentes e público externo.

Palavras-Chave: educação; política; trabalho.

Abstract: This work proposes a reflection on the main discussions held in the extension project *“Fundamentals of education: policy, training, work and culture”*, carried out at the Federal University of Mato Grosso (UFMT), Rondonópolis Campus, in 2017. The project dealt with studies on Brazilian education, with the aim of knowing its past in order to better understand its present. Organized by the active methodology, the action brought together professors, students and external audiences.

Keywords: education; policy; work.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *“Fundamentos da educação: política, formação, trabalho e cultura”* foi proposto e aprovado no âmbito da Coordenação de Extensão (CODEX) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e realizado, sob coordenação de Benjamin Rodrigues Ferreira Filho, no Campus Universitário de Rondonópolis, que hoje é uma universidade autônoma, Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). O evento ocorreu de 13 a 17 de fevereiro de 2017. O projeto contou com conferências teóricas e apresentações artísticas e procurou abranger vários aspectos da educação: história, política, currículo, formação, trabalho, experiência, relação com o sistema prisional, aspectos sociológicos e culturais. O chão da escola foi considerado em sua plena realidade, pois diretoria escolar, professores da rede de ensino, o sindicato da categoria – Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público (SINTEP), subsele de Rondonópolis – e o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) foram convidados.

Desta forma, uma ampla discussão sobre educação ocorreu no decorrer do evento, a partir de diferentes perspectivas. Nas sessões culturais, momentos de emoção e divagação foram proporcionados pelas paisagens musicais delineadas por instrumentos e vozes. Vamos, aqui, retomar o evento, desenvolver uma reflexão sobre sua realização e seus questionamentos e permitir que repercussões sobre

os diálogos acontecidos na ocasião emergjam novamente no tempo presente.

Vejamos as questões discutidas no projeto. É senso comum a ideia de que a educação pode melhorar a sociedade, o país, o mundo. O autor deste trabalho conversou, informalmente, sobre este tema, com diversas pessoas. Uma constante nas falas é justamente a ideia de que a educação pode contribuir muito com a busca de um mundo melhor. Em um país que apresenta tanta pobreza e tanto sofrimento social, como é o caso do Brasil, João Carlos Barrozo (2007, p. 232) registra a ideia comum de que a educação pode assegurar um bom futuro para a pessoa escolarizada e também o fato de filhas de garimpeiros terem garantido certa segurança social a partir de sua dedicação aos estudos: “As informações colhidas na pesquisa com os garimpeiros mostram que muitas de suas filhas ascenderam socialmente através da qualificação adquirida na escola”.

Considerando a sociedade brasileira, são históricos os problemas da educação, desde o tempo colonial, quando os jesuítas catequizavam os indígenas, em busca da adequação deles à cultura ocidental, o que caracterizava violência, desrespeito e até extermínio de culturas autóctones, em favor da cultura invasora. Ou seja, a educação indígena empreendida pelos jesuítas se caracterizou pela injunção e pela aculturação. Pero de Magalhães de Gândavo (2004, p. 169) já observa, em sua mirada eurocêntrica, o processo de doutrinação:

Por todas as capitanias desta província estão edificados mosteiros dos padres da Companhia de Jesus, e feitas em algumas partes algumas igrejas entre os índios que são de paz, onde residem alguns padres para os doutrinar e fazer cristãos; o que todos aceitam, facilmente, sem contradição alguma. Porque como eles não tenham nenhuma lei, nem coisa entre si a que adorem, é-lhes muito fácil tomar essa nossa.

Após salientar a “facilidade” do processo, Gândavo aponta as dificuldades que os padres enfrentam para impor a fé cristã e observa que os religiosos investem sistematicamente nas crianças, que são, segundo ele, menos rígidas, em seus caracteres, que os adultos.

Este aspecto histórico da educação brasileira, desde o período colonial até os tempos atuais, foi discutido, no evento de extensão, por Aguinaldo Rodrigues Gomes, na conferência “O eurocentrismo na história e na política educacional brasileira”, e por Flávio Vilas-Bôas Trovão, na conferência “Neoliberalismo e educação nos Estados Unidos”, que considerou aspectos mercadológicos e políticos da educação, já em escala internacional.

Questões curriculares e problemas relacionados à gestão foram abordados por Érika Virgílio Rodrigues da Cunha (“Políticas de cur-

rículo em tempos de Base Nacional Comum Curricular”) e Lindalva Maria Novaes Garske (“Gestão e democracia: para onde o Estado caminha?”).

A formação profissional na educação foi discutida pelas professoras Rosana Maria Martins (“Caminhos iniciáticos: o impacto das políticas de formação de professores na inserção docente”) e Merilin Baldan (“História, política e (de)formação humana: análise do projeto moderno de educação”); e também por Sílvia Matsuoka de Oliveira (“Formação continuada e desenvolvimento profissional docente na rede pública do estado de Mato Grosso na perspectiva do Centro de Formação dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO)”) e Roseli Batista de Jesus (“A formação continuada dos profissionais de educação básica de MT no contexto escolar”).

O diretor escolar Rodrigo Leandro Lemes Gonçalves tratou, em sua fala, sob o ponto de vista da direção, de problemas pragmáticos do dia a dia do estabelecimento de ensino (“Considerações sobre o trabalho docente”) e a professora Adriana Socorro Galan (“Um olhar sobre a experiência docente construída em cotidiano escolar”) aprofundou, em perspectiva docente, a mesma discussão.

Problemas políticos e trabalhistas foram levantados e discutidos por Ivanete Rodrigues dos Santos (“As políticas neoliberais e a carreira docente”) e Maria Celma de Oliveira (“Questões trabalhistas da carreira docente”).

A educação foi considerada sob as perspectivas filosófica e sociológica pelos professores Marlon Dantas Trevisan (“A corrosão do símbolo e o desinteresse discente nas rotinas pedagógicas”) e Selton Evaristo de Almeida Chagas (“Diálogos entre sociologia e educação: caminhos de discussão”).

As relações entre educação e cultura foram estabelecidas pelas professoras Eglen Sílvia Pipi Rodrigues (“A inteligência cultural e a descolonização do mundo da vida”) e Thaís Leão Vieira (“A cultura é de todos? Estética e política na contemporaneidade”).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-BID) foi tema da conferência da professora Emiliana Fernandes Bonalumi (“Experiências do PIBID”) e, fechando as exposições teóricas, a professora Priscila de Oliveira Xavier Scudder apresentou uma discussão sobre o cárcere em relação com o sistema educacional: “Cultura, encarceramento e vontade de poder”.

A programação cultural do projeto de extensão “Fundamentos da educação: política, formação, trabalho e cultura” foi coordenada por Wayne Teixeira Junior (UFMT/UFR) e Adergildo Cardoso Mendes (Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT). Nas apresentações artísticas, professores e estudantes da UFMT e do IFMT e seus convidados ofertaram, com seus talentos imprescindíveis, para o público, momentos de fantasia, sensibilidade, concentração e reflexão, a partir das letras e das músicas que ajudaram a desenhar a composição coletiva da ação de extensão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A partir de um foco básico e panorâmico, podemos perceber duas linhas opostas de proposta de educação: uma, bastante restritiva, que procura limitar a educação à esfera da elite; outra, ampla, que entende que a educação deve ser democratizada, levada para todos os segmentos da sociedade, universalizada. Entendendo a educação como um direito, no cerne de uma sociedade letrada, podemos relacioná-la com a cidadania e pensar em formação como uma preparação para o enfrentamento dos problemas que acometem a sociedade.

É nesse sentido, de educação como responsabilidade social e política, dentro de um mundo letrado, que podemos exigir, das autoridades e do próprio país como entidade política, uma preocupação constante com a formação escolar da população. Há um desenvolvimento epistemológico permanente no mundo, a produção de conhecimento não cessa e o avanço técnico-científico se adianta cada vez mais. Essa configuração, por si, já requer de uma sociedade, em termos educacionais, respostas às demandas de cada momento.

Maria José Garcia Werebe (1995, p. 377), referindo-se ao século XIX, quando o Brasil já era independente, observa a atenção dada aos problemas sociais mais graves nas assembleias políticas:

Os políticos brasileiros do século passado, medíocres na sua maioria, de grande valor na sua minoria, eram todos eles completamente distanciados da população e dos problemas do país. A sua atividade quando não consistia simplesmente em favorecer os interesses de grupos e de pessoas, resumiam-se em críticas, por vezes bem formuladas e até profundas, que eram lidas diante de assembleias parlamentares desinteressadas.

Quanto à educação nacional, da mesma maneira, Maria José Garcia Werebe (1995, p. 378), descreve todo o empenho em analisá-la e propor os meios de conduzi-la, no contexto político do Brasil imperial:

Os debates na Assembleia, sobre o ensino geral, bem como os relatórios nela lidos e discutidos limitavam-se, frequentemente, a constatar e a lamentar os descabimentos da situação vigente. Nenhuma questão era tratada de maneira lúcida, equacionada corretamente e não se propunham soluções adequadas e efetivas para os problemas apontados.

Uma exceção a esse quadro de gratuidade era, para a autora, Rui Barbosa – com seus pareceres técnicos “sobre o ensino secun-

dário e superior, apresentados em 1882, e sobre o ensino primário e normal, no ano seguinte” (WEREBE, 1995, p. 378). Ela entende que Rui Barbosa “fundamentou seus pareceres não apenas na análise quase exaustiva das deficiências do ensino no país”; ele igualmente se baseou “no estudo da história das teorias e práticas educacionais das nações mais adiantadas e ainda nas contribuições teóricas dos mais eminentes educadores da época” (WEREBE, 1995, p. 379).

Contudo, para a pesquisadora, influenciado “certamente pelas ideias progressistas sobre a educação, Rui Barbosa não soube, porém, compreendê-las no seu devido contexto social, político e econômico”; deste modo, “propôs para o Brasil um projeto educacional que não se adequava às condições do país naquela época e que, por isso mesmo, foi considerado romântico e não teve consequências práticas”; e, do mesmo modo, foi incapaz “de equacionar corretamente os problemas educacionais, no tempo e no espaço, de maneira a inseri-los na realidade econômica e social” (WEREBE, 1995, p. 382).

Finalmente, a autora avalia o esboço e o alcance das análises e recomendações de Rui Barbosa: “Propôs ‘um sistema público de educação, o mais amplo e o mais perfeito’, preconizando a implantação, entre nós, da escola primária obrigatória gratuita e leiga”, a qual, no contexto da infeliz realidade brasileira, “até hoje, ainda não conseguimos concretizar plenamente” (WEREBE, 1995, p. 382).

Em relação ao cuidado com a educação, Maria José Garcia Werbe não vê grandes diferenças entre as atuações políticas do Brasil imperial e do Brasil republicano.

Em suas pesquisas, Celso de Rui Beisiegel apresenta e discute a ampliação do ensino no Brasil após 1930. Ao longo dos anos, em geral, cresce o número de matrículas escolares e diminui o analfabetismo; também são aplicadas medidas que pretendem atingir jovens e adultos em defasagem escolar. A partir dos estudos de suas fontes, o autor apresenta números do crescimento da escolaridade no Brasil. Consideremos, em primeiro lugar, o aumento da porcentagem de população alcançada pelo ensino primário a partir da matrícula escolar (BEISIEGEL, 1995, p. 384): 3,4% (1920); 7,4% (1940); 8,4% (1950); 10,6% (1960); 14,7% (1970). Vejamos, em segundo lugar, a “diminuição das taxas de analfabetismo na população brasileira” (BEISIEGEL, 1995, p. 385): 56,17% (1940); 50,48% (1950); 39,35% (1960); 33,01% (1970).

Não é necessário avançar mais nas estatísticas comentadas por Celso de Rui Beisiegel, dada a própria limitação de páginas aqui necessária. Comenta ele: “Observam os analistas que a democratização do ensino no Brasil veio ganhando substância” (BEISIEGEL, 1995, p. 383). A pergunta, porém, que fica é: houve democratização do ensino? A atenção dada à educação, no Brasil, ao longo da história é uma questão grave, a ser discutida pontualmente. O poder político e econômico, no Brasil, sempre considerou a educação como

um privilégio das elites e sempre dificultou a educação popular. Em momentos pontuais de investimento em educação pública, os inimigos da educação popular – conservadores e oportunistas – logo reagem.

A partir dos números apresentados pelas pesquisas de Celso de Rui Beisiegel, cabe indagar e discutir, historicamente, por que motivo, em relação à educação, não há maiores diferenças entre as políticas públicas do Brasil imperial e do Brasil republicano, como entende Maria José Garcia Werebe. Os números da ampliação do ensino não são suficientes, nem são satisfatórios. Obedecem a uma tendência – a uma exigência – demandada pelo próprio contexto histórico. Desde as revoluções industriais, os avanços científicos e tecnológicos, em várias frentes, reclamam por trabalhadores que necessariamente empreguem inteligência em seus labores. A proliferação de linguagens cobra dos cidadãos que leiam e interpretem, a todo momento, o universo de textos que se multiplicam ao seu redor. O desenvolvimento cultural, intelectual e epistemológico do mundo, além de exigir intelecto das pessoas em geral, nas circunstâncias mais variadas, em extensões espaciais cada vez maiores, promove concorrência no contexto geopolítico. Existe uma demanda por educação que não se submete exatamente aos caprichos de autoridades políticas trapaceiras, desconfiadas e estultas (ou de autoridades cultas, conservadoras e sagazes, também interessadas em minar a democratização da educação).

Enquanto isso, temos, no Brasil, em termos históricos concretos, uma educação pública abandonada pelas autoridades e até mesmo sabotada pelos poderes político-econômicos. A educação sempre sofreu seus reveses, sempre vivenciou suas agruras, afinal.

Na Rússia do século XIX, o vasto campo de visão contido na obra de Liev Tolstói também inclui um olhar sobre a educação, uma prática educacional, um afeto que incide sobre livros, narrativas, estudos, pensamentos e estudantes. “Quem deve aprender com quem a escrever: as crianças camponesas conosco ou nós com as crianças camponesas?” é o título de um artigo de Tolstói (2018, v. 2, p. 654-675) que indica toda a sua preocupação com a educação, sobretudo com a educação no campo. A dedicação pedagógica de Tolstói teve lugar nos campos russos, entre crianças pobres que não teriam acesso à educação e que, no entanto, revelaram, junto ao escritor, sob sua admiração, os seus talentos de escrita, as suas aptidões gerais.

No Brasil do século XX, Rubem Fonseca (1989, p. 13-29) publica um conto, “O Cobrador” (que dá título ao livro), no qual um polêmico e assustador protagonista, que se proclama Cobrador (daí o título), traz, em si mesmo e na conjuntura de sua existência, de sua pobre cidadania, de sua revolta, uma angustiante imagem da violência social do Brasil. O Cobrador lamenta: “Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo,



tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida” (FONSECA, 1989, p. 20). Fica descrita, no conto, lateralmente, a destruição da escola. Fica descrita, no conto, lateralmente, a educação – noturna – dos cidadãos em defasagem escolar, que lutam o quanto podem por sua escolarização, muitos deles trabalhadores que vão à escola após os turnos de labuta, dentro do abismo da escuridão da noite brasileira.

É importante voltarmos à ideia de que a educação pode melhorar as sociedades, os países e até o mundo, porque esta visão utópica pode ser questionada. Como tudo o que é humano, a educação não é algo seguro e unidirecional; é uma questão complexa, tomada de contradições. Michel Foucault (1999) aproxima o sistema educacional do sistema prisional quando analisa a educação como disciplina e a relaciona com o controle de tempo, de espaço, de movimento, na operação ubíqua que o poder empreende de formar os “corpos dóceis”.

Parece evidente que um país formado por cidadãos críticos tenha, em seu seio social, um alto padrão de exigência em relação ao desempenho de suas autoridades, em termos políticos e administrativos. Desta forma, uma educação que leve a uma formação fundamentada e crítica só pode ser vista com desconfiança por autoridades preocupadas em usar o Estado para favorecer grupos de pressão (e muitos representantes diretos de grupos de pressão se tornam autoridades). Como mostra Aristófanes (2000, p. 38-39), de maneira satírica, já na Grécia antiga, agentes econômicos estão sempre cobiçando riquezas que deveriam ser comuns: “Dá-lhe, dá nesse patife a sombra negra dos Cavaleiros, esse cobrador de impostos, um poço sem fundo, a Caríbdis da rapinagem”. Caríbdis é, na mitologia grega, um monstro cuja voracidade é desmedida (GRIMAL, 2005, p. 74). É a voracidade econômica que impede a distribuição de renda, a divisão da riqueza da sociedade entre as camadas sociais. É a voracidade econômica que leva à acumulação de valores desmedidos por pequenos números de pessoas, no quadro da pirâmide social. Em outra passagem da peça, podemos ler: “Tu que sempre e em toda parte pousas na flor da corrupção, oxalá tão facilmente como te veio parar às mãos, pusesses cá para fora o pedaço que abocanhaste” (ARISTÓFANES, 2000, p. 46). O contexto apresentado na comédia de Aristófanes, em que se multiplicam os arroubos demagógicos, mostra claramente representantes de grupos econômicos vorazes se beneficiando da máquina do Estado. Resta verificar, nas operações políticas e econômicas do mundo todo, ao longo de toda a história, a permanência dessas manobras políticas e econômicas; e não é diferente no Brasil. A economia predadora que destrói o mundo não tem preocupação social (KRENAK, 2019).

É com o objetivo de manter o *status quo*, a ordem estabelecida, que, no Brasil, a educação é atacada ao longo de toda a história e sua possível força transformadora é neutralizada. E então, do ponto de vista do poder estabelecido, a educação deve ser controlada,

com a reduzida função de preparar para o mercado (para serem explorados) cidadãos precários e funcionais, que tenham inteligência restrita para operar ferramentas imediatas de trabalho. O que o poder tem intenção de formar: corpos dóceis e sujeitos assujeitados. E então a educação, como dispositivo de poder, funciona como um mecanismo disciplinar, segundo a análise de Michel Foucault.

Voltando para a abordagem de educação como possibilidade de desenvolvimento crítico e desenvolvimento social, podemos ler as palavras de Otaviano Helene (2013, p. 2):

O diagnóstico deixa claro que nossa situação educacional está aquém do que desejamos, precisamos e podemos ter, além de mostrar que, no Brasil, em lugar de a educação ser um instrumento que ajuda na superação dos grandes problemas nacionais, acaba por reproduzi-los, contribuindo para que eles se perpetuem.

Então podemos ter a clareza de que a educação é usada politicamente e que seu poder de transformação é combatido (no Brasil ela sofre sabotagem contínua ao longo da história); no entanto, em sua própria vitalidade, a educação guarda em si poderosas energias, que podem atuar no desenvolvimento do intelecto, da sensibilidade e da ação. A educação pode gerar, sim, benefícios sociais, apesar das forças contrárias, como mostram, por exemplo, tratando do ensino de geografia, Cristiane Cardoso, Michele Souza da Silva e Antônio José Teixeira Guerra (2020), que organizam reflexões sobre ensino/aprendizagem como forma de prevenção e enfrentamento de problemas socioambientais.

Podemos ver com senso crítico o seu contexto geral e ao mesmo tempo guardar alguma esperança de que a educação seja digna e possa auxiliar na superação dos problemas sociais do sofrido povo brasileiro (RIBEIRO, 2007). O Brasil tem uma história política bastante lamentável (IGLÉSIAS, 2001), pois a preocupação meramente econômica sempre favorece grupos de poder, não busca empreender uma infraestrutura razoável e, ao invés de resolver os problemas sociais, sempre os agrava, ao longo da história – e quando eventualmente são implementadas políticas sociais estas são combatidas com ódio pelo poder estabelecido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão *“Fundamentos da educação: política, formação, trabalho e cultura”* reuniu, em 2017, professores, estudantes e público externo do Campus de Rondonópolis da UFMT, hoje UFR, em torno de questões fundamentais da educação brasileira. Várias faces e dimensões da educação foram discutidas. Na ocasião, o talento artístico de professores e estudantes da UFMT e do IFMT

e de seus convidados pôde reluzir e alentar os participantes, todos, correspondentes, durante as sessões culturais.

A história da educação brasileira expõe as agruras que professores, estudantes e, afinal, toda a população brasileira enfrentam com os seus problemas gerais e específicos. Desde o período colonial até pouco tempo, o descaso com a educação e com a democratização do ensino era algo abstruso e raramente assumido. As tentativas de implementação da educação popular ao longo do tempo foram sempre combatidas pelos conservadores. O desengano maior é causado, hoje, pela postura oficial de ataque e de aleivosia – em gestos abertos e explícitos – contra a educação, os professores, os estudantes, a ciência e o conhecimento. Em um tempo de tamanho acúmulo de saberes e informações, existir em uma sociedade tal anomalia, em um contexto de tal publicidade, é algo por si aberrante que, no entanto, se mantém enquanto os maiores poderes interessados julgarem pertinente. A desqualificação das autoridades atuantes deve prejudicar os interesses desses grupos de poder para poder ser execrada; porém, como afirma Michel Foucault (2001, p. 15), o poder não descarta admitir “a possibilidade de transmitir seus efeitos, e muito mais que isso, de encontrar a origem de seus efeitos” em um agente/suporte “que é manifestamente, explicitamente, voluntariamente desqualificado pelo odioso, pelo infame ou pelo ridículo”.

Eis a dimensão da necessidade que temos de estudar e discutir a educação, no Brasil, na América Latina e no mundo.

Realização coletiva de todos os seus participantes, o projeto de extensão “*Fundamentos da educação: política, formação, trabalho e cultura*” propôs um diálogo bastante abrangente sobre educação e procurou reunir todos os segmentos do campo educacional. Realizado, provocou debates que não se esgotam jamais, pela complexidade de suas múltiplas faces. Deixou no ar a possibilidade de uma segunda ação extensionista sobre educação (continuação da primeira) – que talvez se concretize no futuro.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. **Os cavaleiros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BARROZO, J. C. **Em busca da pedra que brilha como estrela:** garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai – Diamantino. Cuiabá: EdUFMT; Tanta Tinta, 2007.

BEISIEGEL, C. de R. Educação e sociedade no Brasil após 1930. In: PIERUCCI, A. F. de O. et al. **O Brasil republicano:** economia e cultura (1930-1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 381-416 (História geral da civilização brasileira, t. 3, v. 4).

CARDOSO, C.; SILVA, M. S. da; GUERRA, A. J. T. **Geografia e os riscos sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

FONSECA, R. **O Cobrador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GÂNDAVO, P. de M. de. **A primeira história do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HELENE, O. **Um diagnóstico da educação brasileira e de seu financiamento**. Campinas: Autores Associados, 2013.

IGLÉSIAS, F. **Trajetória política do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOLSTÓI, Liev. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018 (2 volumes).

WEREBE, M. J. G. A educação. In: ELLIS, M. et al. **O Brasil monárquico: declínio e queda do Império**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 366-383 (História geral da civilização brasileira, t. 2, v. 4).



PEQUI CRÍTICA: FLORESCIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE O CINEMA A PARTIR DA CRÍTICA

PEQUI CRÍTICA: FLOWERING OF
NEW PERSPECTIVES ON CINEMA
FROM CRITICISM

Edeizi Monteiro Metello

Bolsista PBEX (2021) Projeto Pequi com Câmera
Faculdade de Comunicação e Artes
Universidade Federal de Mato-Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

Marcella Peroni

Faculdade de Comunicação e Artes
Universidade Federal de Mato-Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

Maryelle Campos

Faculdade de Comunicação e Artes
Universidade Federal de Mato-Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

Leonardo Gomes Esteves

Coordenador projeto Pequi com Câmera
Faculdade de Comunicação e Artes
Universidade Federal de Mato-Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

Resumo: O capítulo relata as atividades do Pequi Crítica, encontros semanais de crítica cinematográfica dentro do Pequi com Câmera, projeto de extensão e produtora experimental na Universidade Federal de Mato Grosso, em 2021. É apresentado o crítico Walter da Silveira e seus textos, que foram utilizados como complemento teórico dos encontros, bem como o diretor Luis Buñuel e seus filmes da última fase francesa. Por fim, discorre-se sobre o que foi agregado através dos filmes do cineasta mencionado e dos textos externos.

Palavras-chave: cinema; crítica cinematográfica; Luis Buñuel.

Abstract: This chapter reports the activity of Pequi Crítica, weekly meetings of film critics within Pequi com Câmera, extension project and experimental publishing at Federal University of Mato Grosso, in 2021. The critic Walter da Silveira and his texts are presented, which were used as theoretical complement in the meetings. Furthermore, the director Luis Buñuel and his movies from the last French phase are presented. Finally, it discusses what was added through the filmmaker's films and external texts.

Keywords: cinema; film critic; Luis Bunuel.

1. INTRODUÇÃO

O Pequi com Câmera é um projeto de extensão que começou em março de 2018. É uma produtora experimental do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso com a participação de alunos de diversos cursos. Até o momento, houve parcerias com o curso de Psicologia da UFMT, a Associação Mato-grossense de Dislexia, o Festival Feminino Tudo sobre Mulheres, o curso de Saúde Coletiva da UFMT e o MT-Hemocentro, o curso de Física da UFMT, a MAUAL (Mostra de Audiovisual Universitário Independente da América Latina), o SESC Arsenal, entre outros.

Dentro do projeto existe o “Pequi” Crítica, atividade que teve início em 2019 com encontros semanais que estavam vinculados à Sessão Belo Belo, sessão de filmes selecionados por discentes do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT. No Pequi Crítica há debates sobre as críticas que os alunos produzem e textos de críticos externos. As produções textuais discentes estão no site do projeto: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/>. Atualmente, abriga 46 críticas, de 16 filmes diferentes.

A partir de 2020, as reuniões passaram a ser feitas à distância devido ao contexto pandêmico, propiciando a discussão de apenas um filme, **Mank (2020)**, rendendo unicamente três críticas. Já em

2021, para retomar as atividades, adotou-se pela primeira vez a revisão em ordem cronológica e sistemática da filmografia de um cineasta. O espanhol Luis Buñuel foi o diretor escolhido, totalizando sete filmes de sua última fase francesa. Os textos externos escolhidos foram do crítico baiano Walter da Silveira. Essa atividade do Pequí Crítica desenvolvida em 2021, envolvendo o cineasta mencionado e o crítico brasileiro, será o foco deste trabalho.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 WALTER DA SILVEIRA

Walter da Silveira (1915-1970) foi um crítico de cinema baiano, historiador e advogado. Foi responsável pela fundação do Clube de Cinema da Bahia, pelo Curso de Cinema na UFBA e pela organização de festivais de cinema.

Para as reuniões do Pequí Crítica, realizadas por videoconferência de julho a setembro de 2021, foram debatidos os textos presentes no livro Walter da Silveira e o cinema moderno no Brasil (organizado por Cyntia Nogueira): “Função da crítica cinematográfica”, “Do método na crítica cinematográfica”, “A crítica como fator de desenvolvimento do cinema brasileiro”, “O papel vanguardista da crítica cinematográfica no Brasil”, “Da necessidade de uma revista nacional de crítica cinematográfica”, “Por uma crítica responsável” e “O cangaceiro”, este último, uma crítica do filme homônimo de Lima Barreto.

Em “Função da crítica cinematográfica”, o autor reitera a necessidade de ter uma crítica “organizada e consciente” (NOGUEIRA, 2020, p. 48), capaz de contribuir com a arte em si no Brasil. Afirma que o cinema seria a arte que mais precisaria de intervenção da crítica, como forma de “dominar, interpretar e explicar a teoria e a prática cinematográfica” (2020, p. 49). Além disso, ele observa que a crítica existente no Brasil se assemelha a anúncios, sem ser dado o devido valor a críticos competentes. Posto isso, quem perde é o público que seria influenciado por um cinema sem crítica, que se arrisca “à impureza e à infidelidade” (2020, p. 50), proporcionando uma visão equivocada da realidade.

Em “Do método na crítica cinematográfica”, Silveira afirma o cinema como arte narrativa que se parte do particular para o geral. O conceito de forma e conteúdo é trabalhado, sendo a forma aquilo que é capaz de elevar a arte. Afirma-se, então, que “o cinema não pode ser criticado sob outro método do que o da prevalência do conteúdo” (2020, p. 86), pois o papel do crítico não seria o do julgamento, mas o da interpretação. E esse crítico se encontra na posição de transmitir a mensagem aos “menos capazes” (2020, p. 86). Ao se limitar com a forma, o crítico ficaria comprometido, e não haveria como escapar da dualidade de forma e conteúdo, apesar de algu-

mas obras turvarem o limite existente entre essa dualidade.

Em “A crítica como fator de desenvolvimento do cinema brasileiro”, o crítico retoma a necessidade de uma crítica “organizada, consciente” (2020, p. 134), dando o exemplo de que as artes não seriam as mesmas sem o papel do crítico em cada uma delas. Afirma que o cinema seria a arte que mais necessitaria desse tipo de atividade, devido à sua popularidade. Também situa o Brasil no cenário internacional, dizendo que os críticos brasileiros sofreriam grande pressão dos donos de imprensa, ao mesmo tempo que as revistas e jornais não dariam o devido valor ao cinema, deixando de lado a crítica e abrindo espaço para “improvisadores e diletantes, que [...] contribuem para o desprestígio do cinema como atividade cultural” (2020, p. 135). Também há uma preocupação do autor com o tratamento da crítica perante o cinema nacional, desprezando-o completamente ou louvando qualquer produção. Por isso, a crítica cinematográfica brasileira deveria “assumir um papel de orientação, de vanguarda e de defesa do cinema nacional como arte, como indústria [...], como veículo de educação popular.” (2020, p. 135) Para isso, o crítico afirma que deveria haver um desenvolvimento industrial do cinema, de forma que o público só aceite aqueles filmes que sejam culturalmente significativos. Aqui, há uma rejeição do autor ao conteúdo cinematográfico “cosmopolita e internacionalizante” (2020, p. 136), e uma preocupação em temas essencialmente nacionais.

Em “O papel vanguardista da crítica cinematográfica no Brasil”, o autor traz a crise permanente no cinema brasileiro. Afirma que não existe cinema nacional, mas cinema carioca e cinema paulista. Segue dizendo que o primeiro não possui “qualquer audácia artística” (2020, p. 169), e o segundo pretende reproduzir a experiência artística de outros, como se esse último fosse alheio ao próprio Brasil em que se encontra. Ele reitera a necessidade de se ter uma identidade nacional, que não se encontre nestes dois eixos, mas que se encontre na cultura do país.

Em “Da necessidade de uma revista nacional de crítica cinematográfica”, o autor ressalta a relevância de um periódico para a reflexão cinematográfica. Ele cita revistas nacionais de cinema que existiram por algum tempo, com destaque para uma da Bahia, Artes & artistas. O crítico defende que a revista de cinema poderia servir como forma de reconhecimento do trabalho dos críticos. Por isso, a importância da criação de uma revista com circulação nacional. Assim, para além da experiência de assistir o filme, torna-se sistemática a unificação do trabalho desses críticos.

Em “Por uma crítica responsável”, Walter da Silveira traz novamente a figura do crítico como um intérprete do cinema. Faz um levantamento histórico da crítica na Europa e no Brasil, retomando a necessidade do país ter uma crítica “permanente, lúcida e corajosa” (2020, p. 342). Também ressalta que essa crítica não se dá com apoio ou ataque sem discriminação ou com o silêncio. Ele traz a ideia de

que o crítico interpretaria o filme a partir de si mesmo, e que os “mistérios técnicos e estéticos do cinema não podem ter proprietários” (2020, p. 343). Dessa forma, o crítico se aproxima do público sem se colocar em uma posição de superioridade.

Na crítica de **O cangaceiro (1953, Lima Barreto)**, que também foi escrita no mesmo ano de lançamento do filme, o crítico utiliza a divisão de forma e conteúdo que aparece, em 1959, em seu texto “Do método na crítica cinematográfica”.

Sobre o filme, Silveira afirma que conseguiu “a posição singular de fundador de uma escola brasileira de cinema” (2020, p. 137). O filme é elogiado por trazer um tema genuinamente brasileiro, apesar de que ainda com ressalvas, pois o crítico reflete na tentativa do cineasta de tornar o filme comercial, ao invés do longa-metragem ser popular.

Silveira comenta sobre a crítica se referir às características do filme - como sobre os vestuários e incoerências históricas - e afirma que essas características são “absolutamente secundárias no conjunto do filme” (2020, p. 137). Esses comentários sobre a estética já são indícios do autor sobre abordar o filme valorizando o conteúdo ao invés da forma. O crítico também aponta que há “preconceito ou desonestidade” (2020, p. 138) da parte daqueles que só apontam defeitos no filme, sendo que o longa tem mais importância por trazer a temática do cangaço às telas.

Silveira defende que Lima Barreto deveria ter mais coragem em “completar e aprofundar a sua obra” (2020, p. 138), pois isso traria mais veracidade à temática trazida pelo filme. Dessa forma, o longa representaria mais a coletividade.

O autor afirma que o cineasta teve limitações em relação à produtora. Por isso, Barreto não explorou a origem política e histórica do cangaço. No entanto, Silveira declara que é inadmissível desconhecer “totalmente as raízes sociais do cangaço” (2020, p. 139), pois esse retrato acaba trazendo uma visão “formalista, não realista” (2020, p. 139) do fenômeno nordestino. Isso resulta em “homens desgarrados na caatinga, sem princípios e sem fim” (2020, p. 139) o que indica a desconexão do filme com os fatos históricos. O crítico também comenta as motivações de um personagem, Teodoro, que tem motivos pessoais para se juntar ao cangaço, e que não representam a realidade.

Silveira defende ainda que os brasileiros desejavam “menos uma brilhante experiência de composição cinematográfica do que a visão autêntica e poderosa do agreste brasileiro” (2020, p. 139), o que reitera a visão do autor sobre a prevalência do conteúdo acima da forma. O crítico defende que há um sentimento de que o filme foi até onde deveria ir, e que ele poderia ter sido menos narrativo e mais episódico, a custo de “comprometer a homogeneidade e o equilíbrio artístico e argumental da fita” (2020, p. 139). O autor também considera que o filme poderia ter passado por uma revisão

“que lhe retirasse aquele estranho e inútil romantismo comercial de amor e medo e lhe acrescentasse todas as cenas capazes de ligá-lo intimamente à terra, ao povo, à realidade” (2020, p. 139), o que revela a preocupação de Silveira sobre existir uma obra que seja mais fiel à realidade brasileira.

Não se restringindo ao conteúdo, o autor não deixa de comentar sobre a forma, o que não é dissonante em relação ao seu texto “Do método da crítica cinematográfica”, já que ele propõe uma crítica que não se limite à forma, e não total desprezo da forma.

Sobre a fotografia de Chick Fowle, ele diz ser “sabiamente iluminada e dinâmica” (2020, p. 139). Sobre a montagem de Oswald Hafenrichter, Silveira aponta que há “uma precisão de montagem, raramente infeliz” (2020, p. 139). Sobre a utilização da música Muiê rendêra, o crítico afirma que esse uso comprova que as “fontes populares do nosso mundo tradicional” (2020, p. 140) são suficientes para dar uma experiência auditiva genuína ao público brasileiro. O autor continua comentando sobre décor e vestuário de Carybé, e admite certa vergonha sobre a falta de capacidade dos próprios brasileiros de transferir as vestimentas e decorações populares para “as artes eruditas” (2020, p. 140).

Silveira encerra sua crítica retomando a importância de O cangaceiro, que foi defendida no início do texto, tanto nacional, em sua vontade de “apertar a mão de um brasileiro que [...] é o primeiro de quantos estudamos, escrevemos ou realizamos cinema” (2020, p. 140), quanto no contexto do cinema mundial.

Nessa crítica, foi possível ver as ideias já defendidas pelo autor, em seus textos anteriores ou posteriores. Silveira não ataca nem defende o filme, mas o interpreta. Também aparece a sua vontade de ver a identidade nacional representada nas telas, apesar do filme ser feito na produtora Vera Cruz e o autor afirmar, mais tarde, que os filmes paulistas não tem “audácia artística”, como escreve em “O papel vanguardista da crítica cinematográfica no Brasil”, em 1960.

2.2 LUIS BUÑUEL

O Surrealismo como movimento artístico e literário surgiu na década de 1920. Seu conceito defendia a associação e o automatismo psíquico no contexto do pensamento e da criação espontânea, além da prevalência da análise dos sonhos e do processo de experimentação de diversos estados da consciência. O movimento, rompendo com a primazia da compreensão racional, orientava seus princípios pela crença em uma realidade absoluta. Essa camada de surrealidade era alcançada pela transformação do cotidiano em algo desconhecido, com a fusão de elementos e signos distantes – até mesmo contraditórios – e pela representação da atmosfera dos processos oníricos, sendo seu fim último a busca pela liberdade em relação à existência degradante da humanidade. Segundo Eduardo Peñuela Cañizal:



Os grandes pintores surrealistas acreditavam que limitar a representação das coisas aos moldes formulados pela consciência era restringir de maneira intolerável a liberdade e, além disso, reduzir a um mínimo insignificante as riquezas e possibilidades significativas da existência (MASCARELLO, 2006, p. 145).

No cinema, o movimento surrealista rompe com as convenções da decupagem clássica – adotado pelo modelo industrial – e nega a montagem como elemento para a construção de um espaço verossímil; em contrapartida, a montagem criaria uma “cadeia associativa de imagens que frustra as expectativas de quem espera uma narração trivial com referências de espaço e tempo claras” (XAVIER, 2005, p. 113). Nesse contexto, as metáforas estruturam um discurso com mensagens polivalentes e o desenvolvimento dos textos visuais, coordenado pela junção de diferentes códigos, possui o intuito de aproximar o espectador e o filme com cinematografias estranhas que eliminam as lacunas entre a realidade e o sonho, instigando o imaginário e a curiosidade das pessoas em relação às obras construídas de forma não-linear e aparentemente desconexas. No quadro de diretores do cinema surrealista, destaca-se a figura de Luis Buñuel.

Buñuel nasceu em 22 de fevereiro de 1900 na cidade de Calanda, Espanha. Em sua infância presenciou uma sociedade estagnada, segmentada e extremamente religiosa. A morte e a fé eram duas coisas muito presentes em seu cotidiano, tornando-se temas evidentes em suas obras. Em 1917, muda-se para a Residência de Estudantes, em Madri, onde continua seus estudos. Decorre aí um período conturbado em relação ao direcionamento acadêmico de Buñuel. Contrariando os próprios interesses e guiado pela vontade do pai, cursou engenharia agrônoma. Alterou os estudos para engenharia industrial, mas, com sua aversão ao campo das matemáticas, passou a trabalhar durante um ano no Museu de História Natural. Por fim, graduou-se em Filosofia com viés em História. A ditadura de Miguel Primo de Rivera despertou seu lado político, enterrando-se nas obras marxistas e anarquistas assim como na constituição de seu grupo de amigos mais próximos: Rafael Alberti, Federico García Lorca e Salvador Dalí, poetas e pintores, englobados na chamada, Geração de 27, que buscavam trabalhar com formas vanguardistas de arte e poesia.

A morte de seu pai desperta a vontade de sair de Madri e, dirigindo-se a Paris (1925-1929), inicia sua carreira no cinema. Sendo fascinado pelos sonhos e cada vez mais atraído pela forma de expressão surrealista, realiza seu primeiro filme **O cão andaluz (1929)**. A ideia surgiu pela convergência de um sonho de Buñuel e outro de Dalí. Escreveram o roteiro em uma semana e a única regra era de não aceitar nenhuma ideia que desse lugar a uma explicação

racional, psicológica ou cultural. Com a noção de que o filme seria incomum e que nenhum sistema convencional o aceitaria, pediu dinheiro para sua mãe a fim de produzi-lo ele mesmo. Depois que metade do dinheiro já havia sido gasto em festas, decidiu concentrar-se seriamente na produção. Com uma equipe pequena, o filme foi concluído e sua primeira projeção reuniu os grandes aristocratas, escritores, pintores (Picasso, Le Corbusier, Jean Cocteau, Christian Bérard, Georges Auric) e o grupo de surrealistas. Buñuel ficou atrás da tela alternando os acompanhamentos musicais e carregava pedras no bolso para atirar no público caso o filme fosse um fracasso. As pedras não foram necessárias.

A obra, com um sucesso inesperado, o tornou mais conhecido e abriu outros espaços para suas futuras produções. No entanto, com suas críticas ácidas a instituições importantes como a igreja, enfrentou em 1930 ataque e censura. Quadro que voltou a se repetir nos EUA. Mudou em 1938 para lá, mas devido a perseguição a comunistas foi para o México, onde produziu vários filmes de caráter comercial. Em 1951 recebeu o prêmio de melhor diretor em Cannes por **Os esquecidos (1950)**. É premiado novamente com a Palma de ouro por **Viridiana (1960)**.

Suas últimas produções ocorreram na França, onde gradativamente intensificou suas críticas à burguesia, casamento, hipocrisia e convenções sociais, dogmas religiosos, autoritarismo e defesa da liberdade. Suas obras lhe rendem o título de um dos maiores cineastas surrealistas, bem como um dos que instrumentalizou de forma sagaz toda criatividade em prol de suas visões.

2.3 FASE FRANCESA

Os filmes da última fase francesa de Buñuel são: **O diário de uma camareira (1964)**, **A bela da tarde (1967)**, **A via láctea (1969)**, **Tristana (1970)**, **O discreto charme da burguesia (1972)**, **O fantasma da liberdade (1974)** e **Esse obscuro objeto do desejo (1977)**.

Em **O diário de uma camareira (1964)**, Luís Buñuel retrata a experiência da camareira Celestine com a família Monteil. **A bela da tarde (1967)** explora a vida dupla de Séverine, uma jovem que não sente prazer em seu casamento. Já **A via láctea (1969)** retrata o caminho de dois andarilhos em direção à Santiago de Compostela, encontrando no caminho diversos dogmas cristãos. Em **Tristana (1970)**, uma jovem perde sua mãe e passa a viver com seu aristocrático tutor. Em **O discreto charme da burguesia (1972)**, seis personagens buscam jantar juntos entre variadas situações controversas. **O fantasma da liberdade (1974)** trata de vários arcos narrativos envolvendo múltiplos personagens em sequências surreais; e **Esse obscuro objeto do desejo (1977)** segue Mathieu, um francês apaixonado por uma garçone.

Nessa fase, um dos poucos filmes a se construir sob uma nar-

rativa linear é **O fantasma da liberdade (1974)**. Buñuel, assim como em produções anteriores, mantém-se coerente com o núcleo temático tecido por críticas à sociedade e principalmente à burguesia, trazendo intersecções entre as divergentes narrativas, cuja articulação uma com a outra forma uma só.

Naturalmente, dado o seu caráter surrealista, o longa abre caminhos para múltiplas interpretações. Pode-se dialogar com opostas perspectivas que vão desde o repertório interno no sentido da psique humana, estritamente individual, até um entendimento a partir do contexto social e político, cuja abrangência é coletiva. Isso confirma-se com as produções do Pequeno Crítico.

Com a exploração efêmera de distintos arcos narrativos, em que cada um é demarcado por uma especificidade, tanto no que se refere à crítica quanto à construção de personagens e contexto, Buñuel oferece possibilidades de aprofundamento pelo público. Isso porque

em suas produções reside uma teia de complexidades decorrente da existência humana. Família, religião, polícia, regras sociais, elite, escola e casamento constituem parte essencial que Buñuel tratou de destrinchar gradativa e paralelamente [...], em um intuito evidente de mostrar suas mazelas" (CAMPOS, 2021, S.P).

Traçando uma aproximação dessa afirmativa com as críticas elaboradas pelo projeto, destaca-se, portanto, a diversidade de captação e apreensão do filme.

Se há fantasma, significa que algo morreu. O que restou são sobras, cascos vazios daquilo que um dia já foi. Esses cascos perpassam a existência de todos os personagens, transitando entre eles livremente como um desencarnado, sem limites físicos que o prendam. Por isso a ausência de preocupação em acompanhar a trajetória de um personagem, ou a solução de um mistério. O personagem principal é o fantasma, aquilo que não pode ser visto, mas que a câmera tenta, obstinadamente, mostrar. Cabe ao espectador fazer a conexão entre esses elementos e encontrar o fantasma por si mesmo (METELLO, 2021, S.P).

Destoando dessa reflexão, em outra crítica produzida, o enfoque é outro:

O ambiente de confraternização é uma mesa e suas cadeiras são os vasos sanitários. Falar de comida na mesa é um ultraje e, ao retirar-se do cômodo, distante do centro, a sala de jantar é um quarto pequeno e privado. Logo, temos uma evidente inversão de valores e costumes, exacerbada pela quebra para com a realidade e aproximando-se cada vez mais do absurdo. Assim reconstitui-se a realidade sob o manto do surrealismo, negando a própria moral de padrões e impondo as novas possibilidades, antes negadas (PERONI, 2021, S.P).

Colocando esses fragmentos críticos em perspectiva, confirma-se as possibilidades de diferentes versões de leitura da obra. Enquanto em um deles há um foco em compreender o que seria o fantasma da obra no sentido geral, em outro há uma absorção de sentidos no aspecto singular de uma das micro narrativas.

Um dos arcos narrativos composto por elementos distintos e distantes um do outro em suas naturezas, sendo eles um avestruz, um relógio, um galo, um carteiro e uma vela apagada mobiliza o desenvolvimento de sentidos e signos conforme a recepção no âmbito particular, como se comprova neste trecho:

[...] vários dos símbolos colocados, como o galo, relógio e a vela que, organizados nessa ordem, fazem uma nítida referência cronológica cíclica. O amanhecer, a passagem do tempo e o breu logo dão lugar a duas figuras mais cabalísticas: o carteiro e o avestruz, que retorna no encerramento do longa. Essa cena de sonho talvez seja uma das mais enigmáticas da obra e que pode fluir por diferentes cunhos interpretativos. A vela pode não representar somente a noite como o próprio fim da vida, uma vez que não só está relacionada ao breu como assim como representa o luto em diversas culturas. O fato de o avestruz retornar ao final do filme em um completo caos reforça novamente o imaginário de um absurdo que permeia todas essas etapas existenciais (FERNANDES, 2021, S.P).

Outra captação da viabilidade de significados desse mesmo arco narrativo denota a potencialidade de uma fração da obra.

Em outro momento, vemos o pai da jovem das fotos tendo sonhos que falam sobre o tempo representado pelo galo que pode significar a aurora; a viúva com a vela apagada que representa a passagem do tempo; o carteiro que representa a lembrança; e, por último, o avestruz que aparece como ser sem sentido e sem razão, mas que demonstra uma elegância ao se pôr em tela. Interessante momento em que ele termina de contar seu sonho aparece uma emergência, como se diz ser de mais importância por se tratar de algo físico e não intelectual (MIRANDA, 2021, S.P).

Nessa linha de raciocínio pode-se discorrer sobre as inúmeras formas que uma ideia moldada sob a lógica onírica proposta pelo surrealismo pode ser interpretada, acessada e colhida conforme a galeria emocional, política, cultural e social de cada um. Dentro das obras de Buñuel, as significações, mais do que construídas pelo diretor, são capturadas e reelaboradas pelo público. Portanto, a fluência conduz-se pela construção e desconstrução.

Um detalhe interessante está na escolha do nome para o filme, que é produto de uma referência a um trecho de O manifesto comunista (1848). Logo, demonstra expressivamente parte da composição crítica e política do diretor, pois a liberdade é capturada como

um aspecto vinculado ao comunismo.

Buñuel brincou ao promover um processo criativo que entrelaçou o absurdo, o quase cômico, a crítica às convenções sociais e ao papel das autoridades. O que, expõe o cerne da mensagem de viés político. Ou seja, um retrato indiscutível de como o cinema enquanto arte pode atuar, simultaneamente, como instrumento de reivindicações, denúncias e manifestações.

Mesmo com muitos anos decorridos desde a produção deste longa, a mensagem ainda se mantém coerente. Buñuel capturou temáticas tão inerentes ao ser humano que alcançou o âmago das configurações sociais e culturais. No desenvolvimento de suas críticas e colocação escancarada de sua visão de mundo, envolvida pela vertente artística surrealista, Buñuel talvez quisesse ilustrar a insanidade inconsciente. Assim, como os sonhos se apresentam distante do factível, a vida humana é cheia de contradições, ainda que composta por elementos com sentidos considerados racionais. Ao fazer suas críticas com a roupagem do surrealismo em sua última fase francesa, o diretor foi pragmático em promover um retrato consciente das contradições e absurdos que residem em teoria no campo onírico, mas que se encontram concretos na realidade empírica do mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do projeto ter retornado suas atividades há pouco tempo, as produções têm demonstrado resultados satisfatórios, como as análises fílmicas; o debate sobre questões relacionadas ao cinema nacional; discussões sobre expressões ímpares; e o surgimento de novas possibilidades do audiovisual ao incorporar real e ficcional.

As obras de Luis Buñuel são determinantes ao expor um cinema crítico ao sistema vigente que observa as instituições e aponta suas falhas; ao ser um exemplo de vanguarda nesta arte.

As ideias de Walter da Silveira também contribuem ao apresentar o papel do crítico frente ao cinema, principalmente o nacional; o papel do cinema na sociedade, a crítica da forma versus conteúdo e a reafirmação do Brasil com uma identidade nacional única.

Além disso, esse módulo também marca a primeira vez que há mulheres escrevendo no Pequí Crítica: Edeizi Metello, Marcella Peroni e Maryelle Campos, sendo a última aluna do curso de Jornalismo e a Marcella, caloura do curso de Cinema e Audiovisual.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maryelle. O fantasma da liberdade. **Pequí com Câmera**, 2021. Disponível em: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/critica/19>. Acesso em: 9 dez. 2021.

FERNANDES, Olavo. O fantasma da liberdade. **Pequi com câmera**, 2021. Disponível em: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/critica/19>. Acesso em: 9 dez. 2021.

MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

METELLO, Edeizi. Liberdade: conjecturas em uma realidade onírica. **Pequi com Câmera**, 2021. Disponível em: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/critica/19>. Acesso em: 9 dez. 2021.

MIRANDA, Michell. O fantasma da liberdade. **Pequi com câmera**, 2021. Disponível em: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/critica/19>. Acesso em: 9 dez. 2021.

NOGUEIRA, Cyntia (Org.). **Walter da Silveira e o cinema moderno no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2020.

PERONI, Marcella. Liberdade condicionada. **Pequi com Câmera**, 2021. Disponível em: <http://pequicomcamera.cuiaba.br/critica/19>. Acesso em: 9 dez. 2021.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.



CARTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: NARRATIVAS DE IDOSAS PRATICANTES DE GINÁSTICA PARA TODOS

LETTERS IN PANDEMIC TIMES: ELDERLY WOMEN NARRATIVES PRACTITIONERS OF GYMNASTICS FOR ALL

Michelle Ferreira de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Diretora do Instituto Acadêmico de Ciências da Saúde e Biológicas - UEG
Docente do Curso de Educação Física -UnU ESEFFEGO
Coordenadora do Grupo Cignus
Membra do Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginásticas - LAPEGI
Membra do Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF/UNICAMP

Thais Aguiar Rufino

Secretaria Municipal de Educação Aparecida de Goiânia
Co-Coordenadora do Grupo Cignus
Membra do Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginásticas - LAPEGI
Membra do Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF/UNICAMP

Eliana de Toledo

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Docente do Curso de Ciências do Esporte, da FCA /UNICAMP
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da FEF-UNICAMP
Coordenadora do Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginásticas - LAPEGI
Membra Fundadora e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Ginástica da FEF UNICAMP

**Grupos de Pesquisa: LAPEGI e GPG;
Grupo de Estudos: CIGNUS.**

Resumo: O envelhecimento vem se constituindo como um tema de estudo multi e interdisciplinar, e se manteve na pandemia. Esse trabalho objetiva ser um lócus de apresentação e análise dos registros de idosas praticantes de Ginástica para Todos (GPT) num projeto de extensão da Universidade Estadual de Goiás (UEG), durante o período pandêmico (2020 e 2021). Utilizou-se o método de narrativas, tendo como fontes cartas e mensagens eletrônicas, de 18 idosas. As narrativas trazem a valorização da escuta, do diálogo, do coletivo e das experiências propiciadas vividas em grupo (como viagens).

Palavras-Chave: Envelhecimento; Ginástica para Todos; Extensão Universitária.

Abstract: Aging has become a multi and interdisciplinary study theme, and in the pandemic scene it was maintained. This work aims to be a locus of presentation and of the records and analysis from elderly women practicing Gymnastics for All an extension project of the State University of Goiás (UEG), during the pandemic period (2020 and 2021). The narrative method was used, with letters and electronic messages as sources, with 18 elderly women as sample. The narratives bring the appreciation of listening, dialogue, collective and experiences provided in groups (such as travel).

Keywords: Aging; Gymnastics for All; University Extension.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento têm se tornado um assunto recorrente desde o final da década de 1990, por inúmeros motivos.

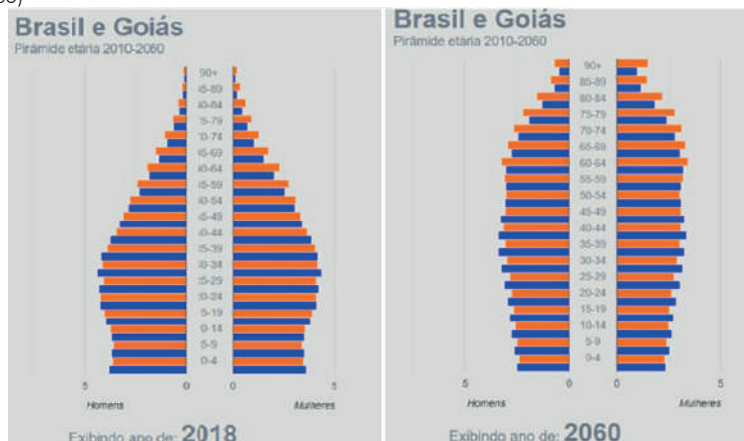
Leme (1997), aponta que o aumento progressivo da população idosa em todo o mundo, e particularmente no Brasil (com uma projeção de aumento significativo).

Tal projeção sucinta debates sobre a qualidade de vida desta população, bem como a relação sobre a sua maior longevidade.

Em 2019, o Brasil chegou a 32,9 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade; sendo que em Goiás, estes idosos representam 11,57% do total de habitantes do Estado, e deste montante, as mulheres apresentam maior longevidade e representam 6,18%, enquanto os homens 5,39% (IBGE, 2021).

A expectativa de vida ainda permanece na média dos 75 anos, e a projeção do IBGE (2021) para 2060 é que haja um aumento na expectativa de vida e na população com mais de 60 anos de idade, conforme os gráficos a seguir:

Gráficos 1 e 2: Expectativa de vida dos(das) habitantes do Brasil e de Goiás (2018; 2060)



Fonte: IBGE, 2021.

A área de Educação Física e Ciências do Esporte vêm se preocupando com esta temática da atividade física, saúde e qualidade de vida para a população idosa, não somente no âmbito acadêmico-científico, como também aparentemente em seus contextos de intervenção, como em clubes, associações, projetos públicos, dentre outros.

Em consulta à base científica de dados do Scielo, utilizando o filtro de recorte temporal de 2016 a 2020, e a palavra-chave terceira idade[1], *et al.* e foram encontrados 81 resultados de trabalhos publicados. Cinco deles fazem referência à atividade física ou exercício físico, sendo três publicados por um grupo de pesquisa sob a coordenação de um mesmo docente, no ano de 2020 (OLIVEIRA *et al.*, 2020a, OLIVEIRA *et al.*, 2020b, OLIVEIRA *et al.*, 2020c), e realizando análise de dados por meio de aplicação de testes, o que configura um tipo de pesquisa com dados quantitativos.

Um dos artigos foi publicado por Alves *et al.* (2020), que por sua vez, realiza um estudo transversal com cruzamento de dados por meio de aplicação de Escala de Autoestima de Rosenberg, Escala de Resiliência de Wagnild & Young, Escala de autoeficácia geral percebida, WHOQoL Bref, Miniexame do estado mental, Self-report Questionnaire (SRQ20) e o Questionário Internacional de atividade física (IPAQ). Os dados foram analisados pelos testes Kolmogorov-Smirnov, Qui Quadrado, Exato de Fisher, teste t, U de Mann-Whitney e pelos Modelos Lineares Generalizados, para diagnosticar qualidade de vida dos idosos da UNATI de Campinas-SP.

E, um último trabalho publicado por Harris *et al.* (2020), que realiza entrevista com idosos para conhecer os motivos de adesão

em academias de ginástica voltadas à terceira idade. Essa pesquisa buscava compreender os motivos de ingresso e permanência dos idosos em academias, foram entrevistados 369 idosos de ambos os sexos frequentadores de 58 academias da terceira idade (ATI). Os motivos encontrados para adesão estão ligados a saúde (evitar problemas de saúde e conselho médico) e para a permanência questões sociais (gostar do professor e se sentir bem). Harris *et al.* (2020, p. 11) concluíram que “(...) embora os motivos ligados à saúde figurem como importantes para os idosos ingressarem nas ATIs, a permanência no programa depende do gosto destes pela atividade e pelo ambiente de prática”.

O contexto universitário teve esta preocupação, não somente em suas pesquisas, mas em projetos de extensão voltados para o público idoso (alguns deles relacionados à pesquisa). Um projeto de destaque foi o da docente Silene Sumire Okuma, que de forma ousada trouxe novas perspectivas para a atividade física com os idosos, numa abordagem fenomenológica, como um projeto de extensão da Escola Superior de Educação Física (USP) – Campus Butantã, parte do Programa Autonomia para Atividade Física (em 1999), que culminou na publicação de artigos e livros (OKUMA, 1996; ANDREOTTI; OKUMA, 2003). Outro projeto paulista de destaque, e que gerou pesquisas, foi o Projeto Sênior, do Curso de Educação Física, da Universidade São Judas Tadeu (VELARDI, 2003; CAMARA, 2006), também numa perspectiva qualitativa, inclusive em relação à capacidade funcional dos idosos (CAMARA *et al.*, 2008).

Em busca de contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população goiana, a Universidade Estadual de Goiás, por meio de sua Unidade Universitária – a ESEFFEGO (Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia), desenvolveu um programa de atividades para atender esse público, sendo que, já haviam iniciativas anteriores ao programa

Na ESEFFEGO[2] as atividades com os idosos se iniciaram a partir de um Programa de uma Colônia de Férias para crianças, no qual as avós e avôs acompanhavam os netos e ficavam ociosos(as) (BALESTRA, 2021). Ou seja, inicialmente a proposta era voltada para o público infantil, “como de praxe em muitos projetos e programas universitários” mas a partir de um diagnóstico de um público essa proposta se efetivou. Em 1982, no Congresso Internacional de Esporte para Todos, Balestra (2021, p. 3) relata que:

Isso rendeu para a ESEFFEGO em 82 no Congresso Internacional de Esporte para Todos, uma fala minha. Eu estava no congresso assistindo o congresso em Curitiba e alguém falou “gente, poderia fazer uma colônia de férias para idosos” aí eu levantei a mão e falei “uai, mas, Goiás já fez” e aí virou uma mesa redonda, virou uma coisa grande e nós tínhamos 600 idosos.

Esta proposta se fortaleceu, e as atividades com as idosas se mantiveram nos anos seguintes, sendo implementada a Universidade Aberta para a Terceira Idade, em 1985 (TAVARES, 2010). Segundo Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015, p. 89), “As ações realizadas pelas universidades denominadas Universidades Abertas para a Terceira Idade (UNATI) advêm das primeiras atividades educacionais para idosos, que surgiram na década de 1970”.

No ano de 2014, foi implementada a ação “Ginástica para Todos com idosos”, um projeto de extensão que tem até a atualidade como proposta: oportunizar a prática da Ginástica para Todos (GPT) para pessoas com idade acima de 60 anos (UEG, 2014). A participação de mulheres foi extremamente ativa nessa ação, tendo uma média de 40 participantes por semestre. Em contrapartida, a participação masculina não se efetivou, sendo que inicialmente houve a participação de dois homens, que não permaneceram.

A trajetória deste projeto evidenciou três aspectos importantes (UEG, 2019): 1) a baixa rotatividade e alta adesão; 2) a ausência de pessoas do sexo masculino; 3) alto grau de compromisso nos encontros e em festivais de ginástica (nacionais e internacionais).

Diante do cenário imposto pela pandemia do COVID-19, principalmente a partir de março de 2020, foi necessário repensar as práticas e buscar formas de aproximação, para além do canal já existente de comunicação com todas (pelo aplicativo WhatsApp). Durante o ano de 2020, algumas estratégias foram fortalecidas e outras criadas, visando a manutenção do grupo e de seu objetivo, como: contatos telefônicos, mensagens privadas e coletivas pelo WhatsApp, reuniões e aulas pelas salas no Google Meet e atendimento individualizado na sede da Organização Não Governamental apoiadora (CIGNUS), seguindo todos os protocolos sanitários. E em 2021, uma nova estratégia foi vislumbrada: o envio de cartas.

É neste contexto que esse trabalho emerge, tendo como objetivo ser um lócus de apresentação e análise de narrativas de idosas goianas praticantes de Ginástica para Todos, em um período pandêmico.

2. O MOVIMENTO DA GINÁSTICA PARA TODOS (GPT) NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O GRUPO CIGNUS UNATI

A Ginástica para Todos (GPT) vem se desenvolvendo há algumas décadas no contexto universitário, e inicialmente com ações extensionistas, como festivais, cursos e projetos comunitários. Segundo Toledo (2018) a trajetória histórica desta manifestação gímnica é marcada por estas ações, como os Festivais e o Grupo de Ginástica Geral da Universidade Federal de Viçosa (UFV – MG) na década de 1980, e pelos primeiros cursos internacionais da então Ginástica Geral promovidos na Universidade Paulista “Julio Mesquita” (UNESP-SP), no final desta década e início da de 1990, trazendo professores

de renome e com o apoio da Federação Internacional de Ginástica (FIG). E já em 1999 ocorre o primeiro Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, promovido pela parceria da Faculdade de Educação Física (da Unicamp) e pelo Sesc Campinas (parte do Sesc-SP).

Patricio, Bortoleto e Toledo (2019) ainda ressaltam que no processo de institucionalização federativa desta manifestação, o movimento das universidades foi muito importante, tanto por ações extensionistas, como projetos para universitários e/ou adultos da comunidade, festivais, eventos científicos, seminários e palestras; assim como, pela constituição de Grupos de Pesquisa e pela ampla produção de pesquisa (em artigos, livros, monografias, dissertações e teses), fator esse último corroborado por Lima *et al.* (2016) e Oliveira *et al.* (2021).

A pesquisa de Batista (2019, p. 82) trouxe dados acerca da importância da experiência com a GPT na extensão universitária, e concluiu que: “As contribuições mais significativas da extensão universitária reveladas foram referentes à formação humana, ou seja, para além do processo de formação acadêmica.” E ainda revela que:

No que se refere à Universidade, para além do ensino e da pesquisa, a extensão universitária pode ser considerada um mecanismo com potencial significativo para impulsionar e difundir a prática gímnica. Ademais, compreendê-la como um meio importante no processo de formação do profissional de Educação Física neste espaço. (BATISTA, 2019, p. 83).

Em Goiânia, o movimento da Ginástica para Todos (GPT) na extensão universitária da UEG, teve início em 2010, com o cadastro da ação denominada CIGNUS (UEG, 2010), que tinha como principal objetivo a difusão da prática da GPT no Estado de Goiás. Esse projeto atendia acadêmicos, jovens e adolescentes da comunidade.

Figura 1 – Treino do Grupo CIGNUS (2011)



Fonte: Acervo CIGNUS.

Os encontros do grupo ocorriam em ginásio aberto e despertavam a curiosidade das pessoas que por ali passavam, especialmente, das idosas que realizavam outras práticas corporais no mesmo espaço, como ioga, jogos recreativos, hidroginástica, entre outros. Suas práticas, estavam vinculadas à Universidade Aberta à Terceira Idade, apresentada anteriormente, programa desenvolvido na Unidade Universitária ESEFFEGO, da Universidade Estadual de Goiás.

No ano de 2014, a partir do projeto CIGNUS, foi criado e registrado uma nova proposta de ação extensionista, com a perspectiva de propiciar a vivência da Ginástica para Todos para idosos. Até o ano de 2017, nos registros oficiais da UEG (2014, 2015, 2016, 2017), o nome do projeto era “Ginástica para Todos com idosos”. No ano de 2017, segundo relatório (UEG, 2018), o programa UNATI foi extinto da Universidade e, as idosas participantes do projeto se posicionaram, solicitando que, elas fossem denominadas como “CIGNUS UNATI” em sinal de resistência e resiliência ao momento, uma vez que se entendiam como parte do processo e não conseguiam compreender o porquê da extinção do programa.

O projeto foi inicialmente coordenado pela professora Maria Aparecida Teles Rocha (conhecida como Cida Teles), servidora da Universidade Estadual de Goiás e que atuou como docente nessa instituição por muitos anos, assumindo posteriormente função administrativa, tendo apoio da professora Michelle Oliveira. Após algum tempo, em virtude de algumas mudanças institucionais e em detrimento do processo de aposentadoria da Cida Teles, a coordenação e o apoio se inverteram entre elas.

Desde o ano de 2018, nos registros oficiais da Universidade, o nome da ação passou a ser “Ginástica para Todos com idosos – CIGNUS UNATI”. Esse registro é de fundamental importância, uma vez que demonstra o que Fraíz (2015) aponta sobre as identidades de um grupo. Cabe salientar que, as idosas que integram esse projeto registram ano a ano seu pedido de continuidade no projeto, sendo que, foram as poucas entradas e/ou saídas de participantes.

Posto isso, reforçamos os aspectos do projeto no que diz respeito à Ginástica para Todos: as idosas vivenciam experiências motoras e movimentos ginásticos, participam da composição coreográfica e se apresentam em festivais.

O grupo em questão já se apresentou em diversos eventos, dentre eles:

no Fórum Internacional de Ginástica para Todos (FIGPT, 2021) em 2016 e 2018; no Congresso de Ginástica para Todos 2015 e 2017 (em Goiânia-GO) e 2019 (em Caldas Novas-GO); e da World Gymnastrada, em 2019 (em Dornbirn - Áustria), o maior festival de GPT do mundo, organizado a cada quatro anos pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), desde 1953.

Figura 2 - Coreografia Tempo apresentada no VIII FIGPT (2016)



Fonte: Acervo CIGNUS.

Figura 3 - Coreografia Flores apresentada no VII CONGPT (2017)



Fonte: Acervo CIGNUS.

3. METODOLOGIA

Em busca de deslindar o objetivo desse trabalho, e em consonância com os estudos e pesquisas realizados sobre as temáticas que permeiam a Ginástica para Todos, o Envelhecimento e a Extensão Universitária, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo narrativa, uma vez que ela “[...] é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18).

O universo da pesquisa foi composto inicialmente por 30 idosas, tendo como critérios de inclusão: serem mulheres, estarem inscritas no Grupo Ginástico CIGNUS UNATI (Projeto de Extensão da UEG), ter idade superior a 60 anos e terem assinado o Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), portanto aceitado participar da pesquisa.

A explicação sobre a pesquisa foi feita de forma virtual a todas elas, por meio de uma reunião na plataforma Google Meet e encaminhado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) por correio eletrônico (email). Foram viabilizadas duas formas de entrega dos (TCLEs) pelas idosas: 1) impressão em casa e entrega do arquivo na sede da ONG (onde ocorrem as atividades práticas); 2) agendamento de atendimento individual na ONG com os protocolos de segurança, para o preenchimento do documento.

Todas as idosas que compunham o universo da pesquisa (30) receberam cartas em abril de 2021, redigidas pela treinadora do grupo, quando completava-se o primeiro ano de distanciamento social, em virtude da pandemia mundial provocada pelo Coronavírus (COVID-19). A expectativa, era que elas respondessem também em cartas, com narrativas sobre o que vivenciaram e como estavam se sentindo naquele momento pandêmico. A amostra do estudo foi composta por 18 idosas, dado que apenas estas entregaram o TCLE, e identificamos que o cenário ainda pandêmico, de algum modo, interferiu negativamente nesta adesão e/ou entrega documental.

O processo de postagem e recebimento de cartas via correios pareceu ser algo inusitado para a maioria delas neste momento, pleno século 21. A priori, o objetivo do envio das cartas era estabelecer uma nova forma de comunicação, no qual o contato entre as participantes e a treinadora se mantivessem. Permitindo, inclusive, que aquelas que quase não se manifestavam nos grupos de WhatsApp, tivessem um espaço mais reservado e intimista para diálogo.

Entretanto, a maioria das respostas obtidas não foi por meio de cartas escritas, mas sim, no próprio grupo do WhatsApp ou no privado para a treinadora (de forma escrita ou por áudio). Outras poucas ainda realizaram chamadas telefônicas para a treinadora.

De modo geral, este retorno foi imediato e muito emocionado, com narrativas de comoção, de cuidado, de lembrança das cartas dos namorados, e principalmente de gratidão. Identificou-se também um sentimento de pertencimento, de se sentirem de fato parte de um coletivo no qual as relações humanas são priorizadas.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma etapa de uma maior, denominada *“De Freire às Marias: sobre o empoderamento de idosas na Ginástica para Todos”*, aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número: 40126620.6.3001.8113.

4. NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COM A GINÁSTICA PARA TODOS NUM CENÁRIO PANDÊMICO

Esta pesquisa adota o conceito de Ginástica para Todos proposto por Perez Gallardo e Souza (1995):

[...] uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e **contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes**. (PEREZ GALLARDO e SOUZA, 1997, p. 35 – grifo nosso)

Segundo Paoliello *et al.* (2014) a proposta do Grupo Ginástico Unicamp, associada a este conceito, valoriza a formação humana. Nessa perspectiva estão Menegaldo e Bortoleto (2020), quando afirmam que a GPT opera com a presença de companheiros e tem, como característica dominante, a cooperação. Ao longo dos anos, percebemos que o processo instaurado no grupo, vinculado a uma proposta de extensão universitária para uma prática corporal, estava estreitamente relacionada à cooperação e ao companheirismo como vemos a seguir no depoimento de uma das participantes: “tenho a maior estima pelas colegas e professoras. Todos são para mim bençãos de Deus. Enquanto eu der conta de fazer minhas atividades, quero estar com vocês” P1.

Os estudos de Matsudo (2004), apontam a relação entre o estilo de vida ativo como uma chave para o envelhecimento bem-sucedido, refletindo sobre as questões fisiológicas do corpo e a necessidade de estímulo às atividades físicas como forma de manter a independência funcional. A pessoa com mais de 60 anos de idade, com a capacidade funcional preservada sente-se ‘forte’ para manter as relações sociais. E por meio desta pesquisa, gradativamente identificamos que o contrário se faz verdadeiro: as relações sociais fortalecem a adesão a programas de atividade física.

Praticamente todas as idosas, ao responderem as cartas, relataram a relação entre as atividades físicas realizadas e a construção social estabelecida:

Me considero uma idosa saudável graças às atividades. Peço a Deus que volte os tempos bons e Deus mande um alívio, acabe essa luta que estamos passando, para viajarmos de novo, fui a Campinas com nossa turma, a Cida e você também, tempo é inesquecível. (P2)

Os relatos das viagens realizadas, tratam de momentos significativos em suas vidas. Trench (2004, p. 195), aponta que a discussão da meia-idade “não é apenas a menopausa ou o cessar do ciclo ovariano ou reprodutivo, mas sim o entrecruzamento de diferentes discursos de uma cultura em relação à mulher, reprodução, sexualidade e envelhecimento”.

Envelhecer, para as mulheres vinculadas a esse projeto, não significa apenas suas relações com o corpo, com doenças, com meno

pausa ou com o ficar em casa. Ao contrário, a participação nesse projeto potencializou novas experiências, ou o reencontro com suas histórias de adolescência. Muitas mulheres mudaram suas rotinas após o casamento e, sequer viajaram com amigas até fazerem parte do projeto.

[...] Sempre gostei de fazer ginástica, desde adolescente participei dos campeonatos no colégio. Cheguei inclusive a viajar, fui a Campinas, onde voltei com o CIGNUS com a Cida, Michelle e toda turma da ESEFFEGO. Me senti adolescente de novo, pois nunca tinha viajado sozinha depois de casada. Espero passar essa pandemia para podermos reunir de novo, viajar e abraçar a todos. (P1).

São relações sociais construídas entre elas, vínculos que permitem que vejam e vivam suas vidas de outra forma.

Sabe-se que é efêmero tudo que permeia as relações, contudo, construir vínculos é primordial no envelhecimento, visto que possibilita o distanciamento da solidão, bem como o reconhecimento de si dentro de um determinado contexto, atribuindo novos (e mais produtivos) sentidos à vida, estimulando atitudes mais implicadas com a qualidade de vida e bem-estar. (MENDONÇA e BEZERRA, 2021, p. 23).

Para além das relações sociais estabelecidas entre as integrantes do grupo, há também uma relação individual: de si com sua própria realidade. Ao dizer que “nunca tinha viajado sozinha depois de casada” e que se sentiu como uma adolescente, demonstrando o desejo de dar continuidade em momentos como esses, é como se construíssem novas possibilidades que transcendem os seus cotidianos, num cenário presencial.

Alguns destes aspectos também foram mencionados nos estudos de Moreno e Tsukamoto (2018), no estado de São Paulo em um projeto de Extensão na USP, assim como nos estudos de Shizuka, Silva e Bortoleto (2021), num cenário presencial na Universidade Estadual de Campinas, no Programa UniversIDADE.

Outro aspecto a ser mencionado é o de pertencimento, em determinados momentos a cidade em outros ao contexto local:

[...] estou com 69 anos, graças a Deus, por ter vivido até aqui, não sou goiana, mas, me considero com muito orgulho. (P1)

Então, quando me aposentei descobri a ESEFFEGO e, mergulhei de cabeça... e, lá se vão alguns anos. (P6)

Eu cheguei na ESEFFEGO em 2004, para aulas de hidroginástica e fui me envolvendo com tudo. (P18)

Algumas idosas relataram que tiveram que fazer esforços para participar das atividades da ESEFFEGO, fato justificado pela alta demanda que sempre houve quando as práticas ocorriam no Setor

Leste Vila Nova, região onde a maioria reside.

Durante uns 3 anos, andei sozinha na pista da Esefego, depois passei por várias turmas de formandos. Dança, yoga, musculação, etc. gosto de fazer exercícios, estou também na turma da vida ativa, de segunda a sexta. (P7)

Em 2005, lutei para entrar na ESEFFEGO, mas fui barrada várias vezes, 2006 consegui, fiz ioga, hidroginástica, equilíbrio e Ginástica para todos e mais outras que não me lembro. (P14)

Um dos relatos que provocou uma reação de sorrisos coletivos, ainda que virtuais, foi o que fez menção ao recebimento de contas pelo correio e as cartas dos namorados da juventude:

Quando recebi a cartinha, levei um susto. Fiquei emocionada, lembrei da época de troca de cartas com os namorados, foi algo inesperado... hoje a gente só abre a caixa do correio para receber conta. Me sinto viva e lembrada, com saudade das nossas viagens, andanças e de ir para outro evento como aquele da Áustria. Foi inesquecível. (P17)

Tal qual nas palavras finais do livro “Memórias de vida”, onde as organizadoras destacam que “As vivências aqui registradas são reflexos de construções individuais que unidas formam grandes mosaicos, estimulam amizades, fortalecem as experiências vividas e compartilham expectativas [...]” (OLIVEIRA;OLIVEIRA, 2016, p. 347), as vivências registradas pelas idosas no grupo, suas experiências, suas falas, trouxeram expectativas e esperanças.

Em meio a um processo de distanciamento social, onde muitas, em momentos anteriores, eram extremamente ativas, tiveram suas rotinas totalmente alteradas: se encontraram isoladas em suas casas, passaram a não se encontrar com amigas, filhos, netos e familiares de forma geral. Momentos como os narrados traziam à pauta expectativas trazendo à tona as viagens vividas e a possibilidade de sonhar com o término da pandemia e novas viagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que mesmo num cenário pandêmico, foi possível à treinadora promover diferentes estratégias de comunicação, contato e especialmente de cuidado para com a manutenção de um Grupo de GPT extensionista (e suas relações interpessoais). E que a resposta a uma delas, o envio de cartas, trouxe diferentes narrativas das idosas participantes, sentimentos e experiências, todas elas singulares e fundamentais num contexto de isolamento social e de perspectiva para o futuro.

Assim, a carta mostrou-se ser não somente “mais um tipo de comunicação ou estratégia de manutenção de um grupo”, mas,

sobretudo, uma escolha por um formato sutil, intimista e de apelo memorístico para muitas delas que ao longo da infância, adolescência e fase adulta, escreveram ou receberam cartas. Como bem nos lembra Ayoub (2021, p. 19) “Com a chegada da internet e dos e-mails, as cartas cederam lugar a outros tipos de comunicação. No entanto, continuam presentes em momentos especiais, naqueles em que a materialidade da folha de papel, com sua textura, cores e cheiros, recupera a concretude perdida na comunicação virtual”.

A pesquisa deflagrou também um processo de valorização da formação humana, tão cara aos preceitos da GPT, assim como de valorização da cidadania, em consonância com os objetivos da extensão universitária.

Mostrou que independente da situação vivida, de isolamento e distanciamento, a esperança por dias melhores se mantém. A vontade de viver e reviver momentos em grupo, continua e se estende por aquelas que mantiveram o contato, mesmo que virtualmente.

Podemos considerar também que o ato do envio das cartas, não somente despertou o sentimento de lembrança como o de pertencimento, e confirmou como há a necessidade do diálogo e voz que todas elas possuem. Experiências e vivências que podem e devem ser compartilhadas para além de conceitos e concepções acadêmicas, e/ou, em diálogo com os mesmos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Valéria Melo Claudino; SOARES, Vinícius Nagy; OLIVEIRA, Daniel Vicentini de Oliveira; FERNANDES, Paula Teixeira. Variáveis sociodemográficas, psicológicas, atividade física e qualidade de vida em idosos da UNATI de Campinas, São Paulo. **Revista Fisioterapia em movimento**. Curitiba, v. 33, 2020, <https://doi.org/10.1590/1980-5918.033.AO10>

ANDREOTTI, Márcia Cristina; OKUMA, Silene Sumire. Perfil sócio-demográfico e de adesão inicial de idosos ingressantes em um Programa de Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, n. 17, v. 2, p. 142-153, jul./dez. 2003.

AYOUB, Eliana. **Memórias da Educação Física na Escola**: Cartas de Professoras. Campinas: Pontes Editoras, 2021.

BACHA, Maria de Lourdes; STREHLAU, Vivian Iara; PEREZ, Gilberto. A compreensão do termo terceira idade pela terceira idade em São Paulo. In: **Anais** do II Encontro de Marketing da ANPAD - II EMA. 03 a 05 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ema2006-mktb-391.pdf>

BALESTRA, Carmencita. **Carmencita Balestra: Entrevista sobre a UNATI na ESEFFEGO**. [nov.2021]. Entrevistadora: OLIVEIRA, Michelle Ferreira de Oliveira. Goiânia: Google Meet, 2021.

BATISTA, Mellina Souza. **Extensão Universitária:** análise dos Grupos de Ginástica para Todos. 96f. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CAMARA, Fabiano Marques. **Percepção da capacidade funcional de idosos:** do incremento da força à força das conexões significativas. 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

CAMARA, Fabiano Marques; GEREZ, Alessandra Galve; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus; VELARDI, Marília. Capacidade funcional do idoso: formas de avaliação e tendências. **Revista Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 249-256, 2008.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONTESSOTO, Gabriela Simoneti de Moraes; MENEGALDO, Fernanda Raffi; PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para Todos para corpos experientes: um diálogo entre a ginástica e outras práticas corporais. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Candido Rondon, v. 19, n. 2, p. 57-63, 2021.

CONGPT – Congresso Brasileiro De Ginástica para Todos. **Histórico**. Disponível em: www.congpt.com.br. Acesso em: 15 dez. 2021.

FIG. Fédération Internationale de Gymnastique. **The philosophy of Gymnastics for All**. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/disciplines/pres-gfa.php>.

FORUMGPT – FORUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA PARA TODOS. **Sobre**. Disponível em: www.forumgpt.com. Acesso em: 10 dez. 2021.

FRAÍZ, Teresa Orosa. Programa de educación com mayores en Cuba: las Cátedras Universitarias de Adultos Mayores. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **A Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

GALLARDO, Jorge Sérgio Perez, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp. In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de; GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. (orgs.). **Coletânea:** Textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997. p. 25-32.

HARRIS, Elizabeth Rose Assumpção; RESENDE, Helder Guerra de; PORTO, Flávia; SILVA, Nádia Souza Lima da. Motivos da adesão de idosos às Academias da Terceira Idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, n. 23, v. 2, 2020, <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200117>.

LEME, Luiz Eugenio Garcez. **O envelhecimento**. São Paulo: Contexto, 1997.

LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz; MURBACH, Marina Aggio, BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; NUNOMURA, Myrian; SCHIAVON, Laurita Marconi. A produção acadêmica em ginástica na pós-graduação em Educação Física das Universidades Estaduais de São Paulo. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 52-68, 2016.

MENDONÇA, Érika de Souza Mendonça; BEZERRA, Maria Eduarda Simões. Nos entrelaces da vida partilhada: convivência entre pares como suporte social ao envelhecimento. In: SANTOS, Claudimara Chisté; JUNQUEIRA, Franco Andrei da Cunha. **Ensaios sobre o envelhecimento: reflexões a partir das atividades de pesquisa e extensão**. Recife: EDUPE, 2021.

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Ginástica para todos: o que a Praxiologia Motriz diz sobre isso?. **Conexões**, Campinas, SP, v. 18, p. e020014, 2020.

MORENO, Natália Lopes; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Influências da prática da Ginástica Para Todos para a saúde na velhice: percepções dos praticantes. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 4, p. 468-487, 2018.

OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; GIACOMIN, Leonardo Lopes; ANTUNES, Mateus Dias; GRANJA, Carla Thamires Laranjeira; SILVA, Eliakim Cerqueira da; NASCIMENTO, Kácia Valéria Miranda Oliveira; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. Aptidão física de idosos com hipertensão arterial sistêmica usuários das academias da terceira idade de Maringá-PR. **Journal Physics Education**.31,2020, <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v31i1.3130>.

OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; PIVETTA, Naelly Renata Saraiva; SCHERER, Fabiana Cristina; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. Força muscular e capacidade funcional de idosos praticantes de dois exercícios contra resistência. **Revista de Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, n. 33, 2020, <https://doi.org/10.1590/1980-5918.033.AO49>.

OLIVEIRA, Daniel Vicentini de; YAMASHITA, Felipe Carmona; SANTOS, Rafaela Merim; FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; PIVETTA, Naely Renata Saraiva; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. A duração e a frequência da prática de atividade física interferem no indicativo de sarcopenia em idosos?. **Revista Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, n. 27, v. 1, Jan-Mar 2020, <https://doi.org/10.1590/1809-2950/19004527012020>.

OLIVEIRA, Lucas Machado de; PIRES, Ademir Faria; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; PIZANI, Juliana. A ginástica como tema de investigação nos Programas de Pós-graduação em Educação Física no Brasil (1980-2020). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.43, e009321, 2021.

OLIVEIRA, Rita de Cassia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Flávia da Silva. A Universidade Aberta para a terceira idade na UEPG/Brasil: o idoso no contexto extensionista da universidade. In: OLIVEIRA, Rita de Cassia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa (orgs). **A Universidade Aberta para a terceira idade: o idoso como protagonista na extensão universitária**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; OLIVEIRA, Olga Bueno Cordeiro (orgs.) **Memórias de vida**. Ponta Grossa: UATI/UEPG, 2016.

OKUMA, Silene Sumire. **O significado da atividade física para o idoso: um estudo fenomenológico**. 376f. 1997. Tese (Doutorado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

OKUMA, Silene Sumire. **O idoso e a atividade física: pesquisa e fundamentos**. Campinas: Papirus, 1998.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de; AYOUB, Eliana; Bortoletto, Marco Antonio Coelho; GRANER, Larissa. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 anos**. Editora Unicamp. Campinas, 2014.

PATRICIO, Tamiris Lima; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; TOLEDO, Eliana de. Institucionalização da ginástica para todos no Brasil: três décadas de desafios e conquistas (1988-2018). **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.61240. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/61240>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SHIZUKA, Jéssica Yahiro da Silva Oliveira; SILVA, Felipe de Souza Silva; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A Ginástica para Todos praticada por corpos experientes. In: FLORIANO, Isabel Cristina Araújo *et al.* **Programa Universidade da Unicamp**. 1ed.Campinas: UNICAMP, 2021, v. 1, p. 198-220.

TAVARES, Marcelo. **ESEFFEGO realiza formatura de turma da UNA-TI**, Notícia publicada em 19/08/2010. Disponível em: http://www.ueg.br/noticia/8188_eseffego_realiza_formatura_de_turma_da_UNATI. Acessado em: 19 dez. 2021.

UEG. **CIGNUS**. Projeto de Extensão. Protocolo: 2010PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2010.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG – CIGNUS UNA-TI**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2018.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG – CIGNUS UNA-TI**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2019.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG – CIGNUS UNA-TI**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2020.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG – CIGNUS UNA-TI**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2021.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG**. Projeto de Extensão. Protocolo: 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2014.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG**. Projeto de Extensão. Protocolo: 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2015.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE0100001, deferido na Câmara de Extensão, 2016.

UEG. **Ginástica para Todos com idosos na UEG**. Universidade Estadual de Goiás. Plataforma Pégasus. Protocolo, 2014PRE01000

WG2019. World Gymnaestrada 2019. **Events**: programm. Disponível em: <https://www.wg2019.at/wg2019/en>. Acesso em: 15 dez. 2021.

- 
- 1 Segundo Bacha *et al.* (2006, p. 4), o termo terceira idade refere-se à “[...] um estilo de vida ativo e independente na velhice”. E este foi o motivo pelo qual, inicialmente, esse levantamento foi realizado com o termo terceira idade, e não com o termo idoso, uma vez que a pesquisa refere-se a um público acima de 60 anos de idade que pratica atividade física (ginástica para todos) regularmente.
 - 2 A ESEFFEGO passou a ser denominada ESEFFEGO com 2 FF a partir de 1994, quando foi criado o curso de Fisioterapia. E em 1999, ela deixa de ser uma autarquia e é integrada à Universidade Estadual de Goiás.

MAPEAMENTO COLABORATIVO: CARTOGRAFIA DA ARBORIZAÇÃO URBANA E SUA RELAÇÃO COM AS ILHAS DE CALOR E ZONAS DE CONFORTO TÉRMICO EM GOIÂNIA (GO)

COLLABORATIVE MAPPING:
AFFORESTATION CARTOGRAPHY
URBANA AND ITS RELATIONSHIP WITH
THE HEAT ISLANDS AND AREAS OF
THERMAL COMFORT IN GOIANIA (GO)

Raiany Cristina Ribeiro Santos

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Goiânia, Goiás, Brasil

Amiel Araujo Soares Santos

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Goiânia, Goiás, Brasil

Patrícia de Araújo Romão

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Goiânia, Goiás, Brasil
Universidade Estadual de Goiás,
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

Diego Tarley Ferreira Nascimento

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Goiânia, Goiás, Brasil
Universidade Estadual de Goiás,
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

Ivanilton José de Oliveira

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Goiânia, Goiás, Brasil

Gislaine Cristina Luiz

Universidade Federal de Goiás, IESA,
Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Goiânia, Goiás, Brasil

Resumo: A aglomeração urbana é um dos fatores que mais contribui para mudanças ambientais na cidade. Além disso, é comum nas áreas urbanizadas, a ocorrência do fenômeno da ilha de calor, que está relacionado à diferença de temperatura entre as áreas menos e mais ocupadas e ao consequente desconforto térmico. Assim, essa ação teve como principal objetivo, envolver a comunidade que no setor Campinas trabalha ou transita, no entendimento do referido fenômeno. Para isso, a produção de dados consistiu nas etapas de levantamento bibliográfico e cartográfico, e de trabalho de campo para coleta de dados. Foi possível observar que nas áreas residenciais, mais periféricas e arborizadas desse setor, a diferença da temperatura local comparada às mais densamente ocupadas, é notória. A participação da comunidade na observação desse fenômeno, bem como a disponibilização dos resultados da pesquisa para a sociedade auxilia na própria conscientização dessa população de que a existência da vegetação associa-se ao conforto térmico, bem como no esclarecimento da importância da arborização para melhoria de sua qualidade de vida.

Palavras-chave: urbanização; arborização; ilha de calor.

Abstract: Urban agglomeration is one of the factors that most contributes to environmental changes in the city. Moreover, it is common in urbanized areas, the occurrence of the heat island phenomenon, which is related to the temperature difference between the less and more occupied areas and the consequent thermal discomfort. Thus, the main goal of this action was to involve the community that works or passes through the Campinas sector in the understanding of this phenomenon. For this, data production consisted of a bibliographic and cartographic survey, and field work for data collection. It was possible to observe that in the residential, more peripheral and forested areas of this sector, the difference in local temperature compared to the more densely occupied areas is notorious. The participation of the community in the observation of this phenomenon, as well as the availability of the research results to society, helps to make this population aware that the existence of vegetation is associated with thermal comfort, as well as to clarify the importance of afforestation to improve their quality of life.

Keywords: urbanization; afforestation; heat islands.

1. INTRODUÇÃO

A migração das zonas rurais para as urbanas, o desenvolvimento e a expansão desordenada e acelerada das cidades, com o consequente aumento de sua população, alteram significativamente esses locais, principalmente as áreas mais adensadas, gerando problemas sociais, econômicos e ambientais (MARTINI; BIONDI; BATISTA, 2011; PÉREZ, 2017; LIMA, LOPES; FAÇANHA, 2017).

Em consonância, Nascimento (2011) acrescenta que há uma diversidade de impactos referentes às atividades antrópicas, associados à ocupação, destacando-se as alterações do clima urbano. Nascimento (2011, p. 20) afirma ainda que “o fenômeno de ilhas de calor é a mais bem conhecida modificação climática de ordem antropogênica”. Assim, um dos principais fenômenos causados pela aglomeração humana relaciona-se às ilhas de calor, gerando microclimas. De acordo com Camargo *et al.* (2007, p. 5.127), essas modificações nos tipos de cobertura do solo interferem “nos fluxos de calor sensível e latente”.

Colaborando ainda para esta discussão, Gomes e Amorim (2003) afirmam serem nítidas: a relação entre as alterações geradas pela cidade e a modificação de seu campo térmico, distanciando-se cada vez mais de sua condição original, que consistia na disponibilidade muito maior de elementos naturais, dentre eles, as árvores. Desse modo, a formação da ilha de calor, ligada às mudanças no uso do solo, que se relacionam à escassez de arborização, e ainda às condições do relevo, consiste em uma das principais causas do que pode ser denominado de desconforto térmico urbano.

Outros fatores causadores desse desconforto gerado podem ser apontados, como é o caso da existência de uma alta densidade de edificações; de calçamentos e pavimentação asfáltica; de circulação intensa de pedestres e de veículos automotores; bem como a poluição atmosférica (LOMBARDO, 1997; CARMO; SILVA, 2011).

Por outro lado, a presença de áreas verdes e de mananciais hídricos influencia o clima local, criando ilhas de frescor. De acordo com Gouvêa (2007) a vegetação contribui para a manutenção de temperaturas mais amenas, pois, além de gerarem sombras, as árvores transferem a umidade do solo para os baixos níveis da atmosfera, por meio da evapotranspiração. Portanto, a formação de ilhas de frescor favorece o conforto térmico, o qual “implica necessariamente na definição de índices em que o ser humano sinta confortabilidade em decorrência de condições térmicas agradáveis ao corpo” (GOMES; AMORIM, 2003, p. 96).

Além da relação com o relevo e com a existência ou não de cobertura vegetal e de mananciais hídricos, as variáveis climáticas do conforto térmico (temperatura, umidade, direção e velocidade dos ventos, e radiação solar incidente) associam-se ao ritmo climático das chuvas, às propriedades dos solos, dentre outras condições as-

sociadas às modificações realizadas por atividades antrópicas (CARMO; SILVA, 2011).

Em suma, o grau de conforto ou de desconforto térmico nas cidades advém de uma dinâmica complexa, referente a diversos processos ambientais, naturais e artificiais, e é sentido pela população, de acordo com a sua percepção, resultante da conjugação entre elementos como (a) o funcionamento metabólico de cada organismo; (b) os próprios fatores ambientais; e até mesmo (c) a vestimenta, que inclui a roupa, o calçado, dentre outros acessórios (CARMO; SILVA, 2011).

Neste contexto, destaca-se o conforto térmico como um dos fatores a serem considerados, para que o cidadão e a comunidade tenham condições mínimas que garantam sua qualidade de vida, seu bem estar e a qualidade ambiental do lugar de moradia, de trabalho e de lazer (LOPES, 2019). Por isso, enfatiza-se nesta ação de extensão, a importância da arborização para o alcance do bem estar, e melhoria da qualidade ambiental, nos locais de trabalho e dos que transitam pelo setor Campinas, que pode ser considerado como um dos principais espaços públicos de passagem (JANTSH; PIOVESAN, 2020), no município de Goiânia.

Quanto ao conforto térmico em relação ao Sistema Clima Urbano (S.C.U.), ressalta-se ainda que, Lima, Pinheiro e Mendonça (2012), em uma análise da influência do Carlos Augusto Monteiro, na denominada por eles, escola brasileira de climatologia, e de seu reflexo nos trabalhos realizados desde a sua criação, discorrem dentre outros, sobre o canal de percepção do Conforto Térmico ligado ao subsistema Termodinâmico do S.C.U. Segundo esses autores, o canal envolve componentes provindos do calor, da ventilação e da umidade. Nesse sentido, Viana (2013) afirma que “a importância do conforto térmico relaciona-se não só com a sensação de conforto das pessoas, mas também, com o seu desempenho no trabalho e à sua saúde”.

A partir deste contexto, destaca-se que esta ação de extensão tem como objetivo principal, envolver a comunidade no entendimento do fenômeno da ilha de calor e da importância da existência de áreas verdes e de árvores isoladas no conforto térmico, principalmente nas áreas mais densamente urbanizadas do setor Campinas, observadas por meio do mapeamento desse processo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

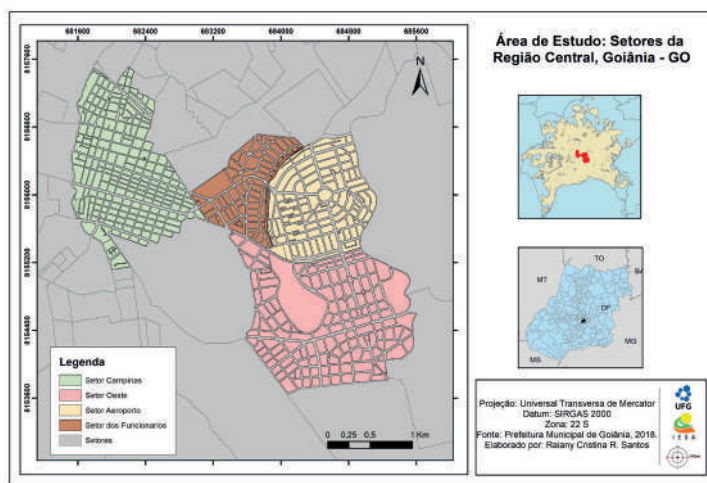
A área de estudo principal situa-se no setor Campinas. Com a finalidade de comparação, foi também englobada a do Parque Lago das Rosas, localizado no Setor Oeste. Ambos os bairros estão situados no município de Goiânia, Goiás. O setor Campinas é uma área de comércio do município com grande fluxo de pedestres e veículos, com pouca densidade arbórea, principalmente na área comercial.

Trata-se de uma configuração oposta à do Parque Lago das Rosas, que fica próximo ao parque zoológico de Goiânia, com uma extensa área verde. Como é possível observar na Figura 1, os dois setores ficam próximos, separados apenas pelo setor dos Funcionários.

Após a escolha da área, a ação de extensão foi dividida em três etapas. De acordo com as etapas, de início, foi feita revisão bibliográfica sobre conceitos de: ilhas de calor, conforto térmico, sua relação com a sociedade e arborização. Na produção do mapa de localização e de áreas verdes, foram utilizados dados vetoriais da plataforma de dados abertos da Prefeitura de Goiânia que foram processados na plataforma ArcMap 10.3/ESRI, juntamente dos dados gerais, como limites municipais e estaduais do IBGE (2010), disponibilizados na plataforma do SIEG - Sistema Estadual de Geoinformação de Goiás.

Na segunda etapa, em sequência, um trabalho de campo foi realizado no dia 19/09/2019 para a coleta dos dados de Umidade Relativa e de Temperatura do ar, utilizando-se um Higrômetro (com bulbo seco e úmido), para a coleta em três horários diferentes do dia, às 9:00, 12:00 e 15:00 horas, realizando-se observações descritivas sobre os locais de coleta. Foram escolhidos dez pontos, em locais variados, para a maior diferenciação entre os dados, além da coleta dos mesmos dados no Lago das Rosas, para melhor comparação.

Figura 1. Mapa de localização dos setores da Região Central, Goiânia (GO), onde se situa a área de estudo



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para o entendimento da configuração atual, tendo em vista a evolução do uso do solo, atentando-se para a escassez atual de árvores isoladas na parte comercial do setor, foi realizada também

uma análise da arborização desde 2004 por imagens de alta resolução. Assim, por meio da utilização da plataforma Google Earth Pro, as alterações foram analisadas, principalmente das áreas verdes, incluindo a observação da existência de árvores isoladas, desde 2004 até 2016, no setor Campinas.

O ano de 2016 foi escolhido como limite temporal para a análise por ter sido investigada a existência de áreas verdes e de árvores isoladas para esse ano, em específico, para a produção no âmbito do projeto, do mapa de áreas verdes, utilizando-se fotografias aéreas ortorretificadas de alta resolução espacial, disponibilizadas pela Prefeitura de Goiânia, recortadas para o referido setor de Campinas. Essa imagem foi segmentada e classificada na plataforma SPRING/INPE e finalizado o mapa na plataforma ArcMap 10.3/ESRI. Na etapa posterior, foram realizados: o cálculo da temperatura efetiva, dos dados coletados em campo e a comparação com os mapas elaborados no âmbito do projeto de extensão, correlacionando com dados e informações dos mapas de áreas verdes, do relevo e de ilha de calor.

Com o isolamento imposto pela pandemia, em continuidade, foi produzida uma pesquisa online na plataforma Google Formulário, disponibilizada e divulgada pelo meio de comunicação do Instituto de Estudos Socioambientais e pelos integrantes do projeto, para um parecer da comunidade relacionado ao conforto/desconforto térmico sentido ao frequentar o setor Campinas. A realização da pesquisa sobre a percepção da comunidade sobre o desconforto sentido no local em análise foi investigada por meio de um questionário anônimo, aplicado de forma remota, por meio de formulário eletrônico, no sentido de buscar a colaboração da população local para o mapeamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o decorrer dos anos, a remoção da vegetação aconteceu de forma gradativa, principalmente na área comercial na qual já não havia muitas árvores. Com os mapas de áreas verdes, e o estudo da modificação da vegetação em um espaço temporal com imagens de alta resolução, observou-se que muitos locais já não possuem as escassas árvores, coincidindo com as regiões mais quentes. Como pode ser visto na Figura 2, ocorrem áreas no setor que não possuem nenhuma arborização, principalmente na comercial, representada no mapa na cor verde, ainda existindo árvores isoladas apenas nas áreas que ainda são residenciais no setor.

Como pode ser visualizado na Figura 3, o mapa apresenta os referidos onze pontos de coleta de dados de temperatura efetiva e umidade relativa do ar, incluso o ponto do Parque Lago das Rosas situado a sudoeste do mapa.

Na coleta de dados no campo, foi possível ser observado que nas

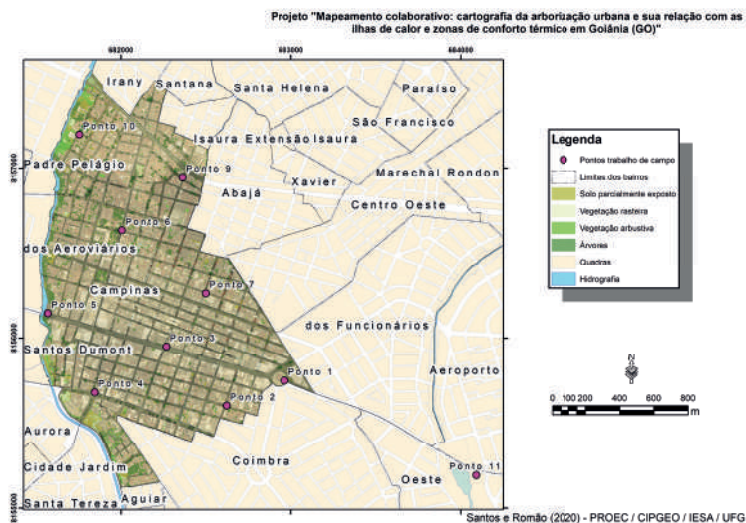
áreas residenciais, com uma porcentagem um pouco maior de áreas verdes, a sensação de calor foi menos intensa, comparando-se às áreas comerciais. E de acordo com os dados coletados, essa diferença da temperatura local de um lugar para o outro variou de 1 a 2 °C.

Figura 2. Mapa das áreas verdes no setor Campinas em Goiânia (GO) em 2016



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 3. Mapa dos Pontos de coleta de temperatura efetiva e umidade relativa do ar, em 2020



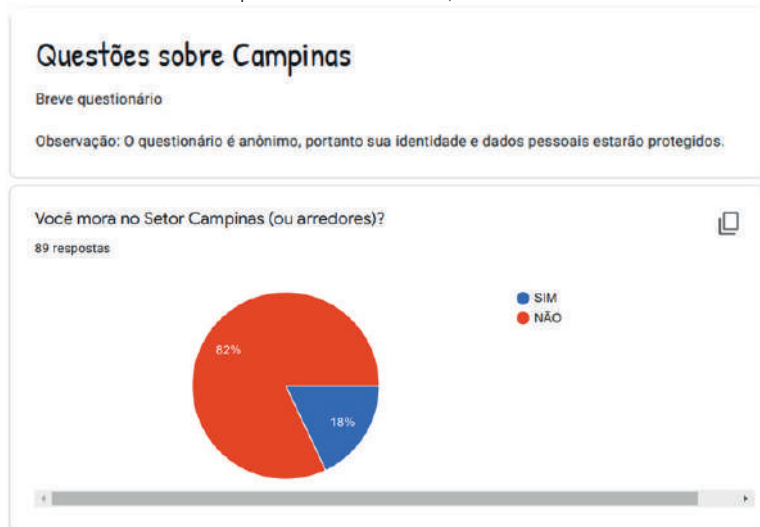
Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas áreas comerciais, além da falta de arborização, há um fluxo maior de veículos e pedestres, diferente das áreas residenciais. Isso comparado com a área do Lago das Rosas mostra uma discrepância expressiva, uma vez que essa área possui uma maior densidade arbórea. Já a área comercial possui um grande fluxo de movimentação diurna, além de as sombras fornecidas para os pedestres serem apenas associadas às marquises e às edificações, que podem chegar até três pavimentos.

Do cotejamento entre o que dizem os autores de referência para as análises (como é o caso de NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2011) e dados coletados em trabalho de campo, do cálculo da temperatura efetiva, além da análise da evolução da alteração, especialmente da parte comercial do setor, comparando-se ainda com os dados e informações obtidos por meio da colaboração da comunidade que frequenta o setor, é possível destacar alguns pontos principais. Um destaque pode ser dado ao mapeamento dos elementos da área urbana com a análise da arborização associada, da ilha de calor e do desconforto térmico sentido pela população, especificamente no setor Campinas. Por exemplo, a colaboração expressiva da comunidade, com as respostas dadas às questões existentes no questionário aplicado (Figura 4) mostrou que, das 89 pessoas entrevistadas, apenas 18% morava nos arredores do setor Campinas. Apesar de ser um dado amostral, nessa pesquisa, observou-se que os que responderam são os que transitam por lá. Portanto, esse quantitativo de

82% das pessoas que responderam que só transitam pela região pode ser um indicativo de que a maior parte da população, que torna o setor mais densamente ocupado em horários comerciais, reside em outros setores da cidade. Por causa do intenso fluxo de pessoas e de veículos, percebe-se que, além da falta de arborização, a intensa pavimentação contribui para a existência de ilhas de calor e, consequentemente para o desconforto térmico. Considera-se assim que as temperaturas maiores parecem também estar associadas ao horário comercial.

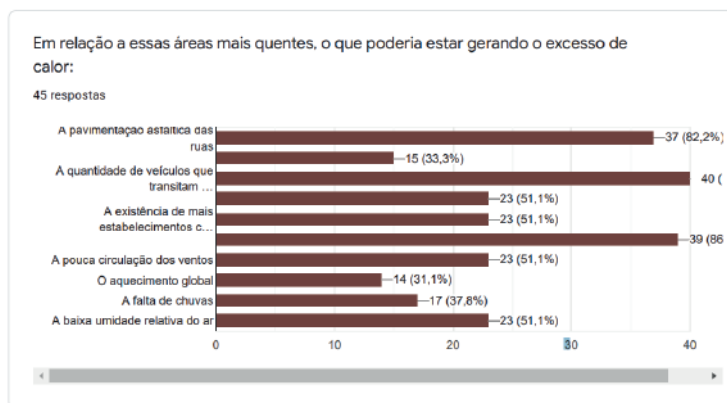
Figura 4. Respostas dadas à primeira pergunta da seção 1, do questionário anônimo feito para a comunidade, feito de modo remoto



Fonte: Elaborado pelos autores, por meio do formulário Google Forms.

De outra parte do mesmo questionário, das 38 respostas dadas à questão que solicitou a indicação de três ruas que elas sentiam mais calor no setor, 33 pessoas (aproximadamente 87%) responderam que uma das ruas mais quentes era a Avenida 24 de outubro; 16 (aproximadamente 42%), que era a Avenida Anhanguera; e 8 pessoas (aproximadamente 21%), que se tratava da rua José Hermano. Uma resposta se destacou, pois indicou as ruas do centro de Campinas praticamente todas, como mais quentes. Da enquete feita de qual eram os principais fatores que geravam o excesso de calor (Figura 5), resultou o gráfico com 45 respostas, nas quais a maioria marcou a opção de que a quantidade de veículos na região é responsável pelo excesso de calor. Como afirmação, em outra enquete que perguntava se há mais carros que circulavam nessas áreas mais quentes do que em outros bairros, 97,8% das pessoas responderam que sim.

Figura 5. Respostas dadas à primeira pergunta da seção 2, do questionário anônimo feito para a comunidade, feito de modo remoto, dos fatores que influenciam no excesso de calor



Fonte: Elaborado pelos autores, por meio do formulário Google Forms.

Como respostas de outras enquetes, 91,1% de 45 pessoas indicaram que há menos árvores nessas áreas mais quentes do que em outras partes do setor. Dessas mesmas, 63,6% indicaram que não há presença de corpo hídrico nas proximidades e 20,5% não se lembram. Da mesma forma foram solicitadas sugestões de melhorias, e de 17 respostas dadas, neste caso, à essa questão discursiva, foi apresentado principalmente: a redução da impermeabilização, arborização, plantio de árvores, aumento das áreas verdes, inclusive nas calçadas (apesar de alguns acharem difícil, indicaram a necessidade), maior cuidado com as praças já existentes, e duas responderam que poderia ser a diminuição do trânsito de veículos. Uma análise pode ser realizada previamente quanto a essas respostas, que existe uma considerável conscientização da comunidade, ou mesmo que talvez a própria pesquisa anônima, por meio do formulário aplicado tenha despertado a ideia de que existem possibilidades de resolução de problemas ambientais, como alternativa à condição de desconforto térmico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disponibilização dos dados, além da colaboração da comunidade, por meio virtual, para o questionário e entendimento do desconforto ou conforto térmico, poderá auxiliar na sua própria conscientização de que a existência da vegetação associa-se ao conforto térmico, esclarecendo-a da importância da arborização para melhoria de sua qualidade de vida. No questionário as propostas da comunidade para melhoria da sensação térmica da região seria o rodízio de carros na região atacadista e a proibição de veículos pe-

sados, pois o volume de gás carbônico contribui para o aumento de temperatura. Muitas das outras propostas foram o replantio de árvores nas calçadas e o aumento das áreas verdes como o cultivo de gramíneas em calçadas e a manutenção das áreas já existentes. Sendo assim, a população em si já tem consciência de como resolver o problema, o que falta é uma mobilização coletiva. Ao efetuar esta ação, foi possível identificar a importância da participação da comunidade em projetos de pesquisa realizados pela universidade, pois os resultados demonstraram o quanto ações da sociedade, junto às áreas habitacionais são relevantes.

REFERÊNCIAS

CARMO, J.P.A; SILVA, P.D.D. Percepção do conforto térmico no bairro Jardim Claret, Rio Claro-SP. **Revista Geográfica de América Central. Número Especial, EGAL.** Costa Rica. p. 1-13. 2011.

CAMARGO, F. F. *et al.* Análise multitemporal da evolução urbana e sua influência na modificação do campo térmico na Região Metropolitana de São Paulo para os anos de 1985, 1993 e 2003. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 13, Florianópolis. **Anais do XIII SBSR**, Florianópolis, 2007. p. 5127-5134.

GOUVÊA, M. L. **Cenários de impacto das propriedades da superfície sobre o conforto térmico humano na cidade de São Paulo.** 2007. Dissertação (Mestrado em Meteorologia) - Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GOMES, M. A. S.; AMORIM, M.C. de C.T. Arborização e conforto térmico no espaço urbano: estudo de caso nas praças públicas de Presidente Prudente (SP). **Caminhos de Geografia.** n. 7, v. 10, p. 94-106. 2003.

JANTSH, N; PIOVESAN, T. R. Conforto térmico em espaços públicos de passagem: estudo de caso na avenida Brasil, em Passo Fundo – RS. 2020. XXI Jornada de Extensão. **Anais.** 21. p. 1-6. 2020.

LIMA, N. R.; PINHEIRO, G. M.; MENDONÇA F. Clima Urbano no Brasil: análise e contribuição da metodologia de Carlos Augusto De Figueiredo Monteiro. **Revista Geonorte**, Edição Especial 2, v. 2, n. 5, p. 626-638, 2012.

LIMA, S. M. S. A; LOPES, W. G. R.; FAÇANHA, A. C. A relação entre as áreas urbana e rural em cidades contemporâneas: Estudo em Teresina, Piauí, Brasil. **Revista Espacios**, vol. 38, n. 24, 2017. p. 32-46.

LOMBARDO, M. A. Estudos interdisciplinares, metodologias e técnicas de análise do clima urbano. In: VI Encuentro de Geógrafos de América Latina, **Anais**, 6. Buenos Aires, Argentina, p. 298, 1997.

LOPES, G. O. **Aprimoramento do índice de qualidade de vida urbana: uma proposta aplicada na Região Metropolitana de Goiânia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

MARTINI, A. Estudo fenológico em árvores de rua. In: BIONDI, D.; LIMA NETO, E.M. de (Org.). **Pesquisas em arborização de ruas**. Curitiba, 2011. p. 29-48.

NASCIMENTO, D. T. F.; BARROS, J. R. Identificação de ilhas de calor por meio de sensoriamento remoto: estudo de caso no município de Goiânia – GO/2001. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 119-134, 2009.

PÉREZ, C. A. M. **Estudo do microclima e conforto térmico proporcionado por cinco espécies de árvores urbanas do município de Gurupi, TO**. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais). UFT. 2017.

Viana, S. S. M. **Conforto térmico nas escolas estaduais de Presidente Prudente/SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. 2013.





AGÊNCIA MAIS COMUNICAÇÃO: AÇÃO COMPRE DO VIZINHO CG

AGENCY MORE COMMUNICATION:
BUY ACTION FROM NEIGHBOR CG

Claudia Mara Stapani Ruas

UCDB. Campo Grande-MS. Brasil. claudia@ucdb.br

Eduardo Perotto Biagi

UCDB. Campo Grande-MS. Brasil. adobiagi@ucdb.br

Elton Tamiozzo de Oliveira

UCDB. Campo Grande-MS. Brasil. eltontamiozzo@ucdb.br

Gabriel Ferraciolli Soares

UCDB. Campo Grande-MS. Brasil. gabriel.ferraciolli@ucdb.br

Thiago Muller da Silva

UCDB. Campo Grande-MS. Brasil. rf3013@ucdb.br

Resumo: Em tempos de Covid-19, os pequenos negócios precisaram sobreviver. Para ajudar, a Agência Mais Comunicação, do curso de Publicidade e Propaganda da UCDB criou o projeto “*Compre do vizinho CG*”. Idealizado com o objetivo de divulgar, valorizar e levar os consumidores a reconhecer a importância em comprar de seu entorno, o projeto trouxe esperança e uma nova expectativa aos pequenos negociantes, que estavam observando suas vendas e lucros definharem.

Palavras-chave: Extensão. Publicidade e Propaganda. Covid-19.

Abstract: In the days of Covid-19, small businesses had to survive. To help, Agência Mais Comunicação, from UCDB's Advertising and Propaganda course, created the project “*Buy from the neighbor CG*”. Conceived with the objective of publicizing, valuing and making consumers recognize the importance of buying from their surroundings, the project brought hope and a new expectation to small businesses, who were watching their sales and profits dwindle.

Keywords: Extension. Advertising and marketing. Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apontar a importância de legitimar o papel da extensão, com intuito de minimizar problemas sociais, como os decorrentes do isolamento em virtude da quarentena imposta pelos órgãos responsáveis. Portanto, buscando apoiar a sociedade, com foco nos pequenos negócios de bairro e para que esses não entrassem em colapso e fechassem suas portas, Agência Mais comunicação, do curso de Publicidade e Propaganda da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), pioneiro no Estado de Mato Grosso do sul, uniu-se e criou o projeto Compre do Vizinho CG (Campo Grande).

Este projeto surgiu com a intenção de planejar, criar e veicular propagandas, nas plataformas digitais, a custo zero, para os pequenos comerciantes de bairro, que precisavam, urgentemente, anunciar seus produtos e serviços para não fechar as portas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Algumas parcerias mantêm uma estrutura simbiótica tão funcional que sua realidade antecessora não assume vias perceptíveis. A relação entre sociedade campo-grandense e a Agência Mais Comunicação, agência pedagógica do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), também



se organiza assim. E, desde 2002, tem colaborado no processo de ensino-aprendizado aos acadêmicos envolvidos, por meio de ações extensionistas as comunidades assistidas e sem fins lucrativos.

Sendo pioneiro do estado de Mato Grosso do Sul (1994), o curso de Publicidade e Propaganda da UCDB tem desenvolvido iniciativas significativas no ambiente profissional da área, e, principalmente, tem transformado realidades por meio de ações extensionistas que possibilitam resultados positivos tanto para os acadêmicos quanto para as comunidades (RUAS, 2020). A Agência Mais Comunicação tem sido essa energia produtora de ações. Tal cenário amplia as considerações de Torres & Goergen (2017) que, ao descreverem sobre o espaço pedagógico em um curso de Publicidade e Propaganda, chamam a atenção apenas à sua função de produção tecnicista. A possibilidade de trabalho com extensão, além de legitimar a tríade universitária (ensino, pesquisa e extensão) converge para a formação humanista do acadêmico, característica importante das coordenadas específicas da universidade residência, pois, em carta de navegação (UCDB, 2015) assume a Pastoral como vocativo orientador ao processo.

Sendo assim, torna-se nítida a relação recíproca (acadêmico-comunidade) elaborada estrategicamente pelas universidades em prol de um profissional mais cidadão (BRASIL, 1999). No curso de Publicidade da UCDB, a Agência Mais Comunicação atua como o braço reforçador necessário para eliciar esse comportamento. Ao compreender os apontamentos destacados por Martins (2004), percebe-se que a Agência se organiza como área de produção de conhecimento necessária à formação profissional, por meio de práticas que emergem da aproximação entre universidade e sociedade, cenário também percebido por Gurgel (1986). Tal reflexão destaca as atividades extensionistas como elo condutor de diálogo entre instituições de ensino superior e demais setores da sociedade.

Ainda fica a atenção sobre as considerações de Saraiva (2007), tão pertinentes ao objeto de discussão deste artigo. Segundo o autor supracitado, a extensão universitária proporciona ao acadêmico o desenvolvimento por uma formação compromissada com as diversas realidades brasileiras. O mesmo autor também evoca no acadêmico a experiência de vivências significativas sobre questões atuais, ao mesmo tempo em que o movimenta a expressar seu conhecimento adquirido e acumulado. Isto é, ao discente só é possível um trabalho assertivo quando a ação de extensão caminha alinhada aos propósitos pedagógicos que emergem.

2.1 MÚTUO CRESCIMENTO DO ENSINO E EXTENSÃO

Organizada e orientada pelo Projeto Político-Pedagógico do Curso (2016), a Agência Mais Comunicação segue diretrizes teóricas assumidas por Publio & Mader (2009). Tais autores asseveram

que as vantagens pedagógicas do setor, destacam a relevância humanista como algo processual ao desenvolvimento acadêmico dos participantes, sempre supervisionado por docentes especialistas em áreas de demandas locais. Tondato (2010, p. 121) ainda completa:

A agência experimental, por seu turno, é por excelência o espaço privilegiado da realização de muitos dos ideais pedagógicos, e deve ser entendida, e mantida, como: - espaço de atividades práticas realizadas segundo uma dinâmica de intensa interação professor-aluno, permitindo a desmistificação do processo ensino-aprendizagem baseado na transmissão professoral de conhecimento e a recompensa em forma de avaliação classificatória de desempenho, - espaço de experimentação do novo, de reflexão sobre os erros e compreensão dos acertos, num processo constante de avaliação formativa e somativa.

Sobre as considerações do autor, é importante destacar a inauguração de mais um espaço livre para a promoção de conhecimento. Um saber que concretiza teorias visualizadas em sala de aula, por meio de casos práticos – atividades essas que não tem a intenção de concorrência com empresas que atuam no segmento de propaganda. Sendo assim, desenvolve trabalhos sem remuneração para instituições que não teriam a capacidade de investir parte de sua renda para serem assistidas.

Mesmo articulando com as modificações necessárias ao movimento contemporâneo, Sampaio (1999) apresentou uma linha de raciocínio geral sobre as possibilidades de atuação das agências de propaganda, simuladas pelas experimentais, a saber:

[...] são as diversas funções que cabem às agências de propaganda. As principais são o planejamento da comunicação publicitária de seus clientes, a criação das mensagens mais indicadas, a produção física (interna e externa) dessas mensagens, o estudo e a planificação das melhores alternativas de uso dos veículos, o encaminhamento para veiculação das mensagens escolhidas e a aferição dos resultados de todo o esforço. A maior função da agência é, sem dúvida, a criação das melhores alternativas de propaganda para cada problema de cada cliente (SAMPAIO, 1999, p. 51).

A reflexão ainda é validada em tempos atuais, quando se percebe a dedicação de uma energia para a resolução criativa de uma demanda empresarial – o que movimenta no acadêmico em formação a iniciativa de pesquisa para operacionalizações eficientes. Mesmo com setores específicos de atuação, a Agência Mais Comunicação estimula os alunos a se envolverem com outros setores da área, conforme demanda específica. A atuação também concorda com os apontamentos de Robbs e & Morrisson (2008) que perce-

bem a dinâmica como tendência no espaço publicitário, assim, o profissional formado adquire uma perspectiva mais ampla sobre os processos da agência, ao mesmo tempo em que aprende a articular soluções alinhadas às possibilidades dos setores.

O diálogo apresentado destaca a importância de conversação sobre o axioma extensão como oportunidade estratégica para o processo de formação acadêmica profissional e humanista, ao mesmo tempo em que colabora para o enfrentamento de debilidades comunitárias. Na UCDB, a *Agência Mais Comunicação* tem sido a voz ativa que ecoa fora dos pátios acadêmicos. Ao imergir em um curso de comunicação social, respeitando suas limitações pedagógicas, possibilita uma atuação direcionada às diversas manifestações de trabalho social.

2.2 COMPRE DO VIZINHO CG: AÇÃO EM RESPOSTA A COVID-19.

Uma verdade tem sido apresentada com o passar das gerações: *“O mundo está em transformação”*. Entretanto, no ano de dois mil e vinte tem apresentado a afirmativa em experimentação latente. Mesmo anunciado no último mês do ano anterior com alguns casos na China, a Covid-19, acrônimo para Corona Vírus Disease, rapidamente cruzou fronteiras globais e conquistou com sua forma imperialista a rotina de países. Além do adoecimento humano, a economia também tem padecido gradativamente (BARBULHO, 2020).

O cenário descrito se apresentou em passos largos e progressivos. No vigésimo sétimo dia de janeiro do ano subsequente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) ratifica a avaliação de risco do COVID-19 e classifica o evento como nível elevado para um potencial Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Em resposta ao posicionamento, o governo brasileiro adotou a suspensão de algumas atividades a fim de suprimir a transmissão e, consequentemente, o colapso do sistema único de saúde (SUS).

Em continuidade, no sexto dia de fevereiro foi considerado o disposto na Lei nº 13.979 que descreve sobre medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública causadas pela pandemia do novo coronavírus, a qual vigorará enquanto perdurar o estado de emergência internacional. Após o registro do primeiro caso confirmado em território brasileiro do vigésimo sexto dia do mês, o Supremo Tribunal Federal (STF) decide que são prerrogativas dos gestores estaduais e municipais as ações de combate a pandemia – possibilitando assim, também após a confirmação de casos no estado de Mato Grosso do Sul no décimo quarto dia de março, ações de enfrentamento e isolamento social pela Secretaria Estadual de Saúde (SES-MS).

O Ministério da Saúde avalia que as estratégias de distanciamento social adotadas pelos estados e municípios, contribuem para evitar o colapso dos sistemas locais de saúde, como vem sendo obser-

vado em países desenvolvidos, como também uma ação estratégia de prevenção do contágio. Assim, atividades de caráter econômico e social que são consideradas de alto risco estão impedidas de seu funcionamento. O governador do estado de Mato Grosso do Sul e o prefeito municipal de Campo Grande, no uso de suas atribuições conferidas por lei, dispõe conforme artigo acrescentado no decreto nº 15.436 de 13 de Maio de 2020 e decreto nº 14.257 de 17 de Maio de 2020 a suspensão de aulas presenciais nas unidades escolares públicas e privadas pelo período de 19 de Maio a 30 de Junho de 2020.

Em resposta a atenção sobre a saúde pública, a UCDB seguiu as diretrizes sancionadas e, diante delas, declarou suspensas as atividades presenciais na instituição por tempo indeterminado e, declarando em sua resolução interna, a continuidade das atividades de forma remota. A realidade condicionou na comunidade acadêmica o uso de estratégias criativas para a continuidade e propagação do saber, a relação entre universidade-comunidade também tem sido assistida.

2.3 AÇÃO ESTRATÉGICA EXTENSIONISTA

Ao produzir reflexão sobre a nova realidade, Silva (2020) relembra a importância da Universidade para a legitimação de um processo assertivo frente às diversas conjecturas sociais, pois, assim, garante seu valor junto à sociedade. E, em tempo de pandemia, a extensão universitária também pode se apresentar como um mediador importante para promoção do desenvolvimento humano e ambiental. Em diálogo similar, Barbulho (2020) comenta que os projetos de extensão devem concentrar energias para a resolução de problemas e diminuição de impactos econômicos sociais, principalmente os que decorrerão dessa nova era.

Caldas & Barbosa (1995) apontam sobre os caminhos da extensão universitária no Brasil, quando descrevem sobre sua historicidade. Em suas considerações evidenciam como a atividade sempre foi focal às necessidades cívicas e humanitárias. O protagonismo docente e discente colabora para a construção eficiente de oportunidades de melhorias de cenários. Hansen (2013) também defende a importância dos dois agentes, mas, ao referenciar o professor, destaca-o como referência produtora de conhecimento para afetar o mercado. Sendo assim, o mediador para o protagonismo de novas gerações transformadoras.

Desde o alerta global sobre a Pandemia e suas consequências, a Agência Mais Comunicação tem produzido estratégias de enfrentamento e colaboração ao seu segmento de atuação. Entretanto, além da preocupação com a saúde humana, outro grupo tem evidenciado a carência de cuidados, o pequeno negócio. Guglielmi (2020) confirma que em resposta ao novo coronavírus, muitas empresas sentiram o impacto em suas vendas e lucros, principalmente

o pequeno empresário que, em sua maioria dos casos, não possui reservas financeiras.

Já existia há algum tempo uma discussão e um projeto na Agência Mais Comunicação de trabalhar com os pequenos, para demonstrar que a propaganda cabe em qualquer tamanho de empresa, não só nas médias e grandes. Com as restrições impostas pela Covid-19 surgiu a oportunidade de pôr em prática esse projeto - não como tinha sido imaginado anteriormente, mas, ainda assim, colocá-lo em prática (OLIVEIRA, 2020, n.p.)

O autor supracitado descreve o caminho processual para a elaboração da ação em discussão *“Compre do Vizinho CG”* que emerge em resposta à debilidade econômica na cidade de Campo Grande (MS), em tempo de pandemia. Entretanto, já apresentava elementos de inauguração frente a percepção de pouco investimento em comunicação pelo pequeno negócio. O desafio do projeto de extensão era, por meio da propaganda, anunciar o pequeno comerciante e o comerciante informal que estava perdendo renda devido às di-retrizes de enfrentamento a Covid-19 na capital. Ele ainda completa:

Nas discussões feitas com o grupo de alunos e professores da Agência, surgiu o nome Compre do Vizinho, [...]. A proposta também tinha relação com a ideia de que, se fosse para sair, que a distância fosse curta - é importante lembrar que, no início da pandemia, as informações disponíveis eram muito poucas, e o medo muito maior (OLIVEIRA, 2020, n.p.).

A ação que se iniciou contida entre docentes e discentes, logo se expressou de forma angular, por meio dos perfis nas mídias sociais Facebook e Instagram (@CompreDoVizinhoCG) – possibilidades de veiculações instantânea, atualmente. Não tão distante, a identidade visual elaborada se tornou comum nos debates de compras e vendas – devido ao sucesso de atuação que desenvolveu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua elaboração, a ação tem apresentado resultados otimistas. A eficiência mobilizou técnicos e acadêmicos da Universidade para estratégias assertivas com demandas pontuais para a operacionalização. Oliveira (2020) ainda comenta sobre alguns dos itens perceptíveis, assim como o desafio em desenvolver a atividade de forma remota.

Como todos os arquivos da Agência são sincronizados no Google Drive, não foi problema acessar marcas, fontes, imagens, mockups, entre outros. Entretanto, um empecilho foi o fato de que os alunos, agora em suas casas, não tinham a licença dos softwares que são utilizados na Agência, do pacote Adobe. Em conversa entre a coordenação do curso com o Departamento de Tecnologia e Informação (DTI) da UCDB,

foi solicitado que eles fizessem a intermediação com a Adobe para aproveitar a licença gratuita e temporária que a Adobe estava oferecendo, em função da pandemia (OLIVEIRA, 2020, n.p).

A relação inaugurada entre curso e demais setores deixa em evidência a energia promovida para a viabilização de uma atividade que opere no fortalecimento da sociedade, por meio da extensão – algo previsto e defendido no cenário destacado por Barbulho (2020), quando comenta sobre o lugar dessa via na formação e constituição da Universidade.

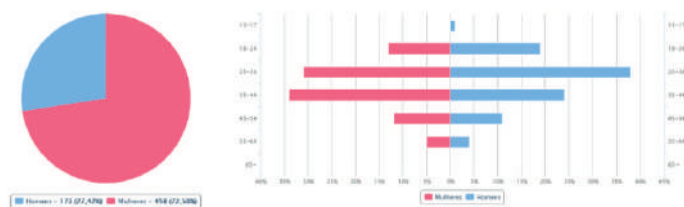
Ainda sobre a mecânica de promoção da atividade, Oliveira (2020) destaca sobre a importância da setorização, elaborando fluxo de responsáveis pela captação de clientes, produtores de conteúdo e responsáveis pela veiculação e programação da veiculação das peças - elaboradas por meio de softwares do pacote adobe como Photoshop e Illustrator, principalmente. O fluxo de trabalho e a criação e veiculação das peças publicitárias foram gerenciadas por aplicativos como Trello e mLabs, e publicadas nos perfis de redes sociais elaborado para a campanha, além do já existente do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica Dom Bosco (@PPUCDB).

3.1 BREVES RESULTADOS

Elaborada em resposta à realidade econômica da cidade de Campo Grande (MS), frente a situação pandêmica, a ação tem incentivado pessoas a se tornarem consumidoras de empresas em seu entorno – movimentando assim o capital local. Um dos desafios presentes trata-se do engajamento do público com a iniciativa. Para apresentação dos resultados será considerado apenas o perfil @copredovizinhocg no Facebook e Instagram, pois o no perfil @ppucdb – presente no Instagram, Facebook, Twitter, LinkedIn, TikTok e Youtube - são publicadas muitas outras informações, o que confundiria as estatísticas.

Biagi (2020) comenta sobre a influência que os discentes envolvidos possuem em seu público, pois, quando compartilhada a publicação em suas redes sociais privadas, proporciona mais visibilidade a campanha que estava sendo desenvolvida.

Figura 1. Perfil do seguidor no Instagram



Fonte: mLabs.

A interação do público, por meio do marcador #compredovizinhoCG ainda possibilitou uma breve descrição sobre características básicas de formação. Dados que são importantes para direcionamento estratégico em marketing e direção de criação publicitária (JUSTOS, 2017). Ainda sobre o cenário, Engel, Blackweel & Miniard (2005) comentam a importância desse exercício, pois, assim, alguns operadores práticos e assertivos podem ser promovidos, ao invés do uso de energia desnecessária com a produção de conteúdo amplo.

Sendo assim, o caminho estratégico da comunicação se organiza em um ambiente que se torna necessário, mesmo breve, do conhecimento de barreiras que possam dificultar o acolhimento de uma mensagem – entende-se que cada grupo possui filtros de percepção diferenciados, definido por idades e sexo, por exemplo.

Figura 2 - Interação com posts e stories



Fonte: mLabs.

Os números apresentados destacam a articulação das publicações onde o conteúdo são as pequenas empresas de diversos segmentos. O trabalho e articulação por stories e feeds proporcionaram às empresas atendidas uma visibilidade especializada – em tempos comuns, o que seria de alto valor financeiro investido em uma agência de publicidade.

Os gráficos apresentam mais que o sucesso que a ação tem conquistado, demonstram possibilidades de atuação protagonista na comunidade que, nesse momento de pandemia, também tem evocado debilidades para que a saúde de suas empresas continuem ativas. Compreende-se que esse efeito cascata pode surgir com o fechamento de um negócio, afinal, uma grande rede organizada por colaboradores e fornecedores são atingidos, também. Então,

fica a atenção na promoção de mais iniciativas que fomentem o enfrentamento às condições econômicas atuais responsáveis. A conectividade entre distintos setores demonstra a carência de ações pertinentes e especializadas – proposta de uma extensão visualizada como estratégia pertinente a mudanças sociais.

4. CONCLUSÕES

Com base nas pesquisas literárias e nos dados obtidos por meio das entrevistas com os professores supervisores do projeto “*Agência Mais Comunicação*”, inferiu-se que a tríade ensino, pesquisa e extensão se tornam indispensáveis, em momentos de crise como este que estamos vivenciando com o COVID 19.

Observa-se que a UCDB, por meio de seus projetos de extensão, preocupa-se em formar parcerias com os diversos cursos de graduação, para que juntos possam fazer a integração entre a universidade e a comunidade. Este contexto, não somente corrobora com o processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos envolvidos, como também estimula o pensar estratégico para desenvolver iniciativas que sejam implementadas na comunidade.

Este foi o caso da criação do projeto *Compre do Vizinho de CG*, que teve como objetivo contribuir com os pequenos negócios dos diversos bairros da cidade de Campo Grande, que estão sofrendo com a pandemia e assistem, diariamente, o efeito negativo em suas vendas e consequentemente em seus lucros. O projeto, por meio da propaganda veiculada nas redes sociais, de forma gratuita para os anunciantes, têm se mostrado uma poderosa ferramenta de comunicação, para atrair novos clientes e, portanto, proporcionar um aumento nas vendas destes pequenos negociantes, pois esta pandemia se torna um desafio cada dia maior.

Ao término das pesquisas observou-se a importância dos pequenos negócios instalados principalmente nas comunidades menos favorecidas e o destaque que tem um projeto dessa envergadura. “*Compre do Vizinho*” possibilitou com a divulgação de produtos e serviços de muitas empresas, o reconhecimento da importância desses negócios para o crescimento do bairro, levando os consumidores a comprarem deles.

Estes pequenos negociantes, sem recursos para investir em comunicação, tiveram e continuam tendo no projeto *Compre do vizinho* a parceria para criar a ponte entre seu negócio e os consumidores do bairro, por meio da propaganda, o que vem lhes dando a expectativa de sobreviver a esta tempestade e conseguir manter seus funcionários. Como disse Henry Ford: “Se eu tivesse um único dólar investiria em propaganda”.

REFERÊNCIAS

BARBULHO, Tiago. **Retomada da Extensão Universitária no contexto pós-pandemia**. Disponível em: <https://www.uema.br/2020/05/artigo-retomada-da-extensao-universitaria-no-contexto-pos-pandemia/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BIAGI, Eduardo Perotto. **Entrevista em profundidade** cedida em 08 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: MEC/CRUB, 1999. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves; BARBOZA, Josefa Pereira. O papel da extensão na formação do estudante de biblioteconomia. **Revista Informação & Sociedade**. João Pessoa/PB, v. 5, n. 1, p. 30-36, jan./dez. 1995.

ENGEL, J., BLACKWEEL, R. D., & MINIARD, P. D. **Comportamento do consumidor**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

GUGLIELMI, Marcos Yabuno. **Como driblar os efeitos do coronavírus no pequeno negócio?** Disponível em: <https://www.vendamais.com.br/como-driblar-os-efeitos-do-coronavirus-no-pequeno-negocio/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GURGEL, R. M. **Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986.

HANSEN, Fábio. As práticas pedagógicas no ensino e aprendizagem de criação publicitária. In: **III Pró-Pesq PP** - Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, 2012, São Paulo, SP. Anais. São Paulo: Schoba, 2013.

JUSTOS, C., S., P., B., Contribuições da Psicologia para Área do Marketing e do Conceito de Consumidor: **Uma Perspectiva Histórica**: Revista de Psicologia e Saúde, v. 9, n. 2, p. 107-120, maio/ago. 2017.

MARTINS, Juliane. Agência experimental como projeto de extensão universitária. **Extensão em Foco**, n. 10, 2014.

OLIVEIRA, Elton Tamiozzo. **Entrevista em profundidade** cedida em 24 de junho de 2020.

Projeto Político Pedagógico do curso de Comunicação Social – **Pu-
blicidade e Propaganda da Universidade Católica Dom Bosco**,
2016.

PUBLIO, Marcelo Abílio; MADER, Maria Paula Mansur. A relevân-
cia das agências experimentais na aprendizagem dos alunos de
Comunicação Social. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v. 1, n.
7, 2009.

ROBBS, Brett e MORRISON, Deborah. **Idea Industry: how to crack
the advertising career code**. Nova York, Estados Unidos: One Club
Publishing, 2008.

RUAS, Claudia Mara Stapani. **Entrevista em profundidade** cedida
em 08 de junho de 2020.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**. Rio de Janeiro: Campus,
1999.

SARAIVA, J. L. **Papel da Extensão Universitária na Formação de
Estudantes e Professores**. Disponível em: [https://pesquisa.bvsa-
lud.org/portal/resource/pt/lil-496083](https://pesquisa.bvsa-lud.org/portal/resource/pt/lil-496083). Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVA, Abraão Ramos da. **Oportunidades para extensão universi-
tária nos tempos de pandemia – Covid-19**. Disponível em: [https://
www.uema.br/2020/04/artigo-oportunidades-para-extensao-un-
iversitaria-nos-tempos-de-pandemia-covid-19/](https://www.uema.br/2020/04/artigo-oportunidades-para-extensao-universitaria-nos-tempos-de-pandemia-covid-19/). Acesso em: 10 jun.
2020.

TONDATO, M. Projetos Experimentais, projetos integrados e
agências experimentais: novas práticas pedagógicas no ensino de
comunicação. **Comunicação e Educação**, n. 2, a. XV, ECA/USP, São
Paulo, maio/ago 2010. Disponível em: [http://www.revistas.usp.br/
comueduc/article/view/44831/48463](http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44831/48463). Acesso em: 17 jul. 2020.

TORRES, Andrea Sanhudo; GOERGEN, Pedro L. **Agência experi-
mental e produção de conhecimento em Jornalismo**. Disponível
em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3116>.
Acesso em: 15 jul. 2020.

UCDB. Carta de Navegação da Universidade Católica Dom Bosco.
Disponível em: site.ucdb.br/institucional/1/boas-vindas/289/. 2015.



RECICLAR: PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COLETA SELETIVA DE PILHAS E BATERIAS PORTÁTEIS USADAS

RECYCLE:
ENVIRONMENTAL EDUCATION PROJECT,
SELECTIVE COLLECTION OF BATTERIES
AND USED PORTABLE BATTERIES

Eduardo Vieira dos Santos

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Câmpus do
Araguaia (CUA), Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICHS),
Curso de Geografia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil

Romário Rosa de Sousa

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Câmpus do
Araguaia (CUA), Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICHS),
Curso de Geografia, Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil



Resumo: Frente à evolução tecnológica verifica-se o crescente consumo de pilhas e baterias portáteis. O descarte inadequado deste material pode comprometer o ambiente, devido à presença de diversos elementos químicos extremamente perigosos. O objetivo deste projeto é realizar a coleta seletiva de pilhas e baterias portáteis usadas nas cidades de Aragarças-GO, Barra do Garças-MT e Pontal do Araguaia-MT. A metodologia está pautada na criação e distribuição de ecopontos com coletores devidamente preparados e personalizados, por locais de grande circulação de pessoas. Bimestralmente é realizada visita aos ecopontos para a coleta do material e ao final de cada ano é feita triagem, com contagem, pesagem e identificação. O material coletado é embalado e enviado aos fabricantes. Neste ano criamos perfis em mídias sociais para a divulgação do projeto, visando ampliar a conscientização da população. Acreditamos que, diante das ações do projeto, diversos cidadãos estão mudando sua forma de agir, para um agir mais consciente e se preocupando com a destinação correta do lixo que produzem. Também tem ocorrido a alteração da realidade do descarte em local inapropriado de pilhas de baterias portáteis usadas. A população não tinha pontos de coleta para este material e agora existe local apropriado para descarte. Até o presente momento foram efetuadas duas coletas nos ecopontos e recolhidos aproximadamente trinta quilogramas de material. Como o projeto encontra-se em andamento, a separação e o envio para a destinação correta ainda não foi realizada, mas já percebemos que a maior parte do material é constituído por pilhas do tamanho AA.

Palavras-Chave: ambiente; resíduo perigoso; ecopontos.

Abstract: Faced with technological evolution, there is a growing consumption of portable batteries. Improper disposal of this material can compromise the environment, due to the presence of several extremely hazardous chemical elements. The objective of this project is to carry out the selective collection of portable batteries used in the cities of Aragarças-GO, Barra do Garças-MT and Pontal do Araguaia-MT. The methodology is based on the creation and distribution of ecopoints with properly prepared and personalized collectors, in places with large circulation of people. Bimonthly visits are made to the recycling bins to collect the material and, at the end of each year, sorting is carried out, with counting, weighing and identification. The collected material is packaged and shipped to the manufacturers. This year, we created profiles to publicize the project on social media, aiming to raise awareness among the population. We believe that, in view of the project's actions, many citizens are changing their way of acting, towards a more conscious action and concerned with the correct destination of the waste they produce. There has also been a change in the reality of disposal of

used portable battery cells in an inappropriate location. The population did not have collection points for this material and now there is an appropriate place for disposal. So far, two collections have been carried out in the recycling bins and approximately thirty kilograms of material have been collected. As the project is in progress, the separation and shipment to the correct destination has not yet been carried out, but we have already noticed that most of the material is made up of AA-size batteries.

Keywords: environment; hazardous waste; ecopoints.

1. INTRODUÇÃO

A questão ambiental não é apenas um problema ecológico ou técnico. A sua solução não se reduz a incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos ou dispositivos tecnológicos aos processos produtivos (LEFF, 2012). O saber ambiental se constitui a partir de uma nova percepção das relações entre processos naturais, tecnológicos e sociais, na qual estes últimos ocupam um lugar preponderante em sua gênese e em suas vias de resolução (LEFF, 2012).

Neste contexto, sabe-se que a degradação ambiental, o risco de colapso ecológico e avanço da desigualdade e da pobreza são sinais eloquentes da crise do mundo globalizado (LEFF, 2012). A expansão da Humanidade está diretamente relacionada aos impactos ambientais recentes. Desde a revolução industrial, o homem vem utilizando intensamente os “recursos naturais” e as reflexões que têm sido feitas não têm gerado significativas mudanças do modo de produção e consumo mundial. Além disso, a crescente necessidade de recursos por parte da Humanidade não é acompanhada pela regeneração dos ambientes naturais, alterando significativamente o ambiente (CORSON, 1996).

Além da maior demanda por recursos, há na atualidade uma constante troca de produtos antes mesmo do fim de sua vida útil, e não apenas daqueles chamados descartáveis, mas de produtos tecnologicamente “ultrapassados”, levando a um preocupante aumento da produção de resíduos (RODRIGUES; CAVINATTO, 2003). As emissões de metais para o ambiente são originadas de uma grande variedade de fontes naturais e antropogênicas. Devido ao crescente número de fontes antropogênicas, verifica-se atualmente um grande aumento na circulação de metais no solo, água e ar e seu acúmulo na cadeia alimentar; o que inevitavelmente acaba atingindo o homem (DOUROJEANNI; PÁDUA, 2007).

Embora, alguns metais sejam indispensáveis ao bom funcionamento dos organismos vivos (e.g. ferro, cobre e zinco), outros (e.g. chumbo, mercúrio e cádmio) não possuem função biológica conhecida sendo, portanto, considerados não essenciais. Por conseguinte, estes metais podem causar efeitos tóxicos, mesmo quando ingeri-

dos em baixas concentrações, devido à sua capacidade de bioacumulação (SMITH; BELL; KRAMER, 2002).

A toxicidade de um metal, assim como sua disponibilidade (capacidade de interação de um contaminante com um sistema biológico) estão relacionadas com vários fatores, como: a forma química em que o metal se encontra no ambiente; as vias de introdução do metal no organismo humano; a sua capacidade de biotransformação em subprodutos mais ou menos tóxicos. Desta forma, da sua emissão para o ambiente até o aparecimento dos sintomas da intoxicação, vários serão os interferentes que influirão nos efeitos negativos causados pelos metais (BRASIL, 2003).

As pilhas e baterias configuram-se em uma, dentre várias outras fontes de metais oriundos de objetos que constituem os resíduos sólidos urbanos, pois contêm em sua composição inúmeras substâncias químicas, tais como metais pesados (e.g. chumbo, cádmio e mercúrio). As pilhas e baterias podem se apresentar sob várias formas (cilíndricas, retangulares, botões), conforme a finalidade a que se destinam. São classificadas de acordo com seus sistemas químicos. Além disso, podem ser divididas em primárias e secundárias, sendo esta última recarregável. Os tipos de pilhas e baterias mais consumidas no Brasil são: Zinco Carvão, Alcalina, Lítio, Óxido de Mercúrio, Óxido de Prata, Zinco Ar, Níquel Cádmio e Chumbo Ácido (MOTA, 2012). Quanto ao caso das baterias celulares, podem ser encontradas no mercado três diferentes tipos: as de níquel-cádmio (Ni-Cd), níquel-metal hidreto (Ni-MH) e as de íons de lítio (Li).

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT-NBR 10.004) as pilhas e baterias apresentam características de corrosividade, reatividade e toxicidade. Chumbo (Pb), cádmio (Cd), mercúrio (Hg), níquel (Ni), prata (Ag) e seus compostos conferem às pilhas e baterias as características de toxicidade e os demais metais conferem as características de corrosividade e reatividade. Segundo a (ABNT-NBR 10.004), a presença de Cd, Pb, Hg, Ni e Ag conferem periculosidade aos resíduos, bem como, a presença de Cd, Pb, Hg e Ag em concentrações acima de 0,5 mg/L; 5,0 mg/L; 0,1 mg/L e 5,0 mg/L, respectivamente, limites máximos no extrato obtido no teste de lixiviação, conferem às pilhas e baterias características de toxicidade, passíveis de classificá-las como resíduos perigosos, ambos os produtos químicos são perigosos para a saúde humana e para o ambiente.

É possível através de ações simples desviar as pilhas e baterias dos aterros sanitários, aterros controlados e “lixões”, incluindo as menos nocivas e legalmente enquadradas de acordo com a Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) nº 401 (BRASIL, 2008), segundo os limites previstos em suas respectivas composições de mercúrio, cádmio e chumbo, conforme disposto no artigo sétimo. Ainda versa sobre o tema, a Política Nacional de Resíduos Sólidos com a Lei nº 12.305, de 12 de agosto de 2010 (BRASIL

2010), obrigando as revendas e os fabricantes a receberem de volta pilhas e baterias usadas e desta forma dar a elas o destino adequado. O descarte de pilhas e baterias no lixo doméstico, assim como qualquer produto nocivo ao ambiente configura crime ambiental, de acordo com a Lei nº 9.605, de 12 fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998).

O crescente consumo de pilhas e baterias portáteis usadas está diretamente associado à evolução tecnológica de nossa sociedade. Acreditamos que o aumento do volume de pilhas e baterias descartadas pode vir a sobrepor a concentração de metais tóxicos considerada segura, permitida em cada pilha ou bateria de maneira individual. Na atualidade encontramos em nossas cidades pilhas e baterias de celulares usadas descartadas nas vias públicas, terrenos baldios, lixões e em vários lugares sem nenhum cuidado com o ambiente. Com isso, as pilhas e baterias de celulares poluem e contaminam o solo, ar e água.

Entendemos que, como medida de prevenção, a melhor alternativa consiste em proporcionar a coleta de todos os tipos e marcas de pilhas e baterias e, posteriormente, promover uma destinação final adequada. Diante da periculosidade para o ambiente e consequentemente o homem, são necessárias ações visando a conscientização da população, sobre a necessidade de um descarte correto desse material.

Projetos de Educação Ambiental são um processo participativo, onde o indivíduo assume o processo de ensino e aprendizado, participando no diagnóstico dos problemas ambientais em busca de soluções e valores que conduzam a uma convivência harmoniosa com o ambiente e as demais espécies (LEFF, 2008). Neste contexto, Sorrentino (2000) classifica as inúmeras propostas educativas nas seguintes correntes: conservacionista; educação ao ar livre; gestão ambiental e economia ecológica. Ainda segundo o mesmo autor, a educação conservacionista está bastante presente nos países desenvolvidos, preocupados com os impactos causados sobre a natureza pelos atuais modelos de desenvolvimento que estimulam os ambientalistas às reflexões sobre as causas e consequências da degradação ambiental.

Desse modo, visamos relatar o desenvolvimento no ano de 2021, de projeto de extensão com abrangência nas cidades de Aragarças (GO), Barra do Garças (MT) e Pontal do Araguaia (MT), no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus do Araguaia. Com o presente projeto buscamos, através da distribuição de ecopontos de coleta de pilhas e baterias, evitar o descarte irregular desse material e demonstrar para a população a necessidade de ações em equilíbrio com o ambiente.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento deste projeto de extensão está pautado em

oito etapas:

- Confecção de coletores de pilhas e baterias portáteis: coleta e personalização de garrafas pet's e/ou tubos de PVC, para serem utilizados como coletores. Independente da utilização de garrafas pet's ou de tubos de PVC, esse material deverá preparado para o uso como coletor, ser pintado e receber adesivos com as indicações de coletor e do projeto de extensão.

- Mapeamento e cadastramento dos ecopontos: busca por unidades de ensino (fundamental, médio, técnico e superior) públicas ou privadas, locais de grande circulação de pessoas, tais como, supermercados, mercearias, papelarias, livrarias, lojas e pontos estratégicos, que tenham interesse abrigar e zelar dos coletores.

- Criação dos ecopontos: distribuição dos coletores, devidamente personalizados, nos locais que tenham manifestado interesse em se tornar um ecoponto de recepção de pilhas e baterias portáteis usadas. Identificação de um responsável pelo ecoponto.

- Divulgação do projeto de mídias sociais: criar perfis em diferentes mídias sociais para a divulgação do projeto de extensão, como, a divulgação dos locais de ecopontos e a quantidade de material descartado.

- Coleta do material descartado: visitas em todos os ecopontos para a coleta das pilhas e baterias portáteis entregues pela comunidade.

- Triagem: identificação, separação, contagem, pesagem e identificação de todo material coletado.

- Destinação final: envio das pilhas e baterias portáteis para a destinação correta, conforme orientação de seus fabricantes.

- Avaliação: contabilizar o total de cada material descartado e estimar o número de pessoas atendidas pelo projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O início das atividades do projeto de extensão no ano de 2021, foi marcado pela construção de novos coletores, tendo em vista que o projeto já é executado desde o ano de 2015, havendo a necessidade de substituição dos coletores antigos. Os novos coletores foram elaborados a partir de tubos de PVC de 75mm e 100mm (Figura 1) encontrados e restos de construções. Estes tubos receberam algumas conexões visando a transformação em coletores e foram pintados e personalizados (Figura 1), assim constituindo efetivamente em coletores de pilhas e baterias portáteis usadas. A construção de novos coletores também visou criar um modelo que fosse de mais fácil disponibilização em estabelecimentos comerciais, sendo colocados em locais mais visíveis. O formato dos novos coletores possibilita sua fixação diretamente sobre o piso e, desse modo pode ser inserido em qualquer lugar dos estabelecimentos comerciais.

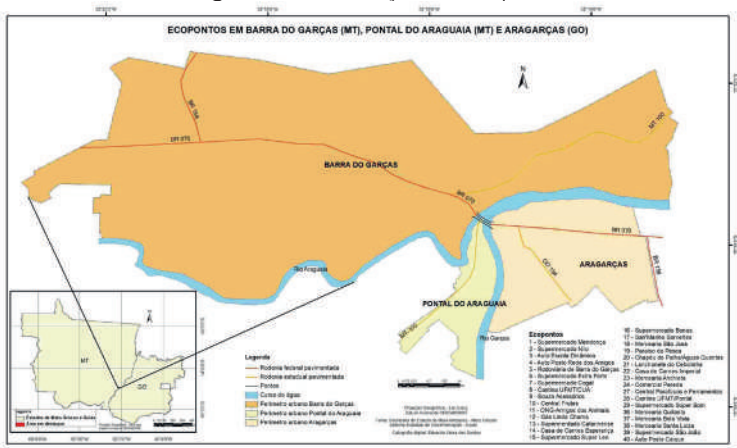
Figura 1 – Personalização dos tubos de PVC para criação de coletores de pilhas e baterias portáteis usadas



Fonte: Acervo do autor.

Após a construção dos coletores, os mesmos foram distribuídos em pontos de grande circulação pública. Estes novos coletores substituíram os antigos e também foram utilizados em novos ecopontos recém-criados. Atualmente, estão ativos dez ecopontos distribuídos nas cidades de Aragarças (GO) e de Barra do Garças (MT) (Figura 2). Os ecopontos da cidade Pontal do Araguaia (MT) estão todos inativos, inclusive o ecoponto localizado no Câmpus do Araguaia, Unidade I, Pontal do Araguaia, devido a suspensão de aulas presenciais.

Figura 2 – Localização do ecopontos



Fonte: Eduardo Vieira dos Santos – 2021.

Existem diversos ecopontos inativos, pois alguns coletores foram perdidos, destruídos por mau uso, jogados fora, roubados, enfim, evidenciando a falta de conscientização ambiental dos responsáveis pelos estabelecimentos em que estavam localizados estes coletores ou de pessoas que estiveram nos ecopontos.

Merece destaque a resistência de alguns estabelecimentos comerciais em participarem da ação de extensão. Segundo a legislação vigente todo estabelecimento que vende pilhas ou baterias deveria também receber esse material já utilizado. Outra dificuldade encontrada é que muitos dos estabelecimentos que aceitaram a exposição dos coletores acabaram não cuidando dos mesmos.

A ação de conscientização da população é realizada desde a própria exposição do coletor, chamando a atenção para o descarte de pilhas e baterias portáteis usadas (Figura 3), bem como, a divulgação do projeto em mídias sociais (Figura 4) e eventos especializados.

Figura 3 – Coletores expostos em estabelecimentos comerciais



Fonte: Acervo do autor.

Figura 4 – Divulgação do projeto em mídia social



Fonte: Acervo do autor.

Até o presente momento já foram efetuadas duas coletas nos ecopontos e foram recolhidos cerca de trinta quilogramas de pilhas e baterias portáteis usadas (Figura 5). Como o projeto encontra-se em andamento, ainda não foram feitas a separação do material e nem o envio à destinação correta. Ao final do projeto, o material será enviado ao Programa ABINEE Recebe Pilhas. Esse programa da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica reúne os fabricantes e importadoras de pilhas e baterias portáteis.

Figura 5 – Parte do material coletado no ano de 2021



Fonte: Acervo do autor.

Até o presente momento, a maior parte do material coletado se refere a pilhas do tamanho AA, sendo que o número de baterias de celular usadas é muito inferior ao número de pilhas. Além de pilhas e baterias portáteis usadas costumam ser descartados eletrônicos em geral, como aparelhos celulares e outros.

4. CONCLUSÕES

Diante das ações do projeto de extensão diversos cidadãos estão mudando sua forma de agir, para um agir mais consciente e se preocupando com a destinação correta dos resíduos que produz. Também tem ocorrido a alteração da realidade do descarte em local inapropriado de pilhas de baterias portáteis usadas. A população não tinha pontos de coleta para esse material e agora existe local apropriado para o descarte.

Acreditamos que os resultados parciais são positivos, pois conseguimos que elementos químicos altamente poluidores deixassem de chegar ao ambiente e causassem a contaminação do mesmo,

assim essa ação possuiu grande importância. A presente ação caminha para atingir seu objetivo de recolher pilhas e baterias portáteis usadas, e dar a destinação correta a este material, que seria descartado no lixo doméstico.

Embora sejam enfrentadas diversas dificuldades, o resultado parcial do projeto é positivo, desde a efetiva coleta de material de grande potencial poluidor até o fato de se chamar a atenção da população para a necessidade de realizar o descarte em local correto. Esperamos para os próximos anos conseguir melhorar a estrutura do projeto com o aumento do número de ecopontos e da conscientização da população.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10.004**: Resíduos sólidos – Classificação. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL. Agenda 21. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Brasília, DF: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução n. 401, de 4 de novembro de 2008**. Estabelece os limites máximos de chumbo, cádmio e mercúrio para pilhas e baterias comercializadas no território nacional e os critérios e padrões para o seu gerenciamento ambientalmente adequado, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=589>. Acesso em: 01 fev. 2015.

BRASIL. **Lei n. 9.605, de 12 fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 07 dez. 2021.

BRASIL. **Lei n. 12.305, de 12 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 01 fev. 2015.

CORSON, W. H. **Manual Global de Ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. São Paulo: Editora Augustus, 1996.

DOUROJEANNI, M. J. PÁDUA, M. T. J. **Biodiversidade**: a hora decisi-

va. Londrina: UFPR, 2007. (Série Pesquisa nº 56).

LEFF, E. Decrecimiento o desconstrucción de la economía: Hacia un mundo sustentable. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, [s. l.], v. 7, n. 21, p. 81-90, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/s0718-65682008000200005>. Acesso em: 07 dez. 2021.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOTA, H. A. F. da. **Reciclagem de pilhas**. 2012. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química industrial) - Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis, SP, 2012. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0611160523.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.

RODRIGUES, F. L.; CAVINATTO, V. M. **Lixo**: De onde vem? Para onde vai? 2. Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

SMITH. D. S; BELL, R. A.; KRAMER. J. R. 2002. Metal speciation in natural waters with emphasis on reduced sulfur groups as strong metal binding sites. **Comparative Biochemistry and Physiology Part C: Toxicology & Pharmacology**, [s. l.], v. 133, n. 1-2, p. 65-74, 2002. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1532-0456\(02\)00108-4](https://doi.org/10.1016/S1532-0456(02)00108-4). Acesso em: 07 dez. 2021.

SORRENTINO, M. de T. a T. A Educação Ambiental no Brasil. In: QUINTAS, J. S. (org.). **Pensando e praticando a Educação Ambiental na gestão do meio ambiente**. 3. ed. Brasília: IBAMA, 2000. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/pensandoepraticandoaeducacaoambientalnagestaodomeioambienteditigal.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2021.



A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE
UNIVERSITY EXTENSION

Luiz Carlos Bandeira Santos Júnior,

Universidade Federal de Jataí-UFJ, Unidade de Ciências da
Saúde – UAE-CISAU, curso de medicina, Jataí-GO

Sirlene Moreira Fideles

Universidade Federal de Jataí-UFJ, Unidade Especial de
Ciências Sociais Aplicadas – UAECSA, curso de direito, Jataí-GO

Resumo: O Projeto de Extensão “*Roda de Leituras*” teve como análise o tema: “Mulheres: trajetórias e diálogos”. A escolha do tema foi influenciada, principalmente, por verificar-se que existe a necessidade de formação política na comunidade acadêmica e, em geral, especialmente pelo crescente número de denúncias de violências contra as mulheres no ambiente universitário. E a seguinte problemática: como as mulheres enfrentam a opressão de gênero no sistema capitalista? Teve como objetivo fomentar o debate sobre as conquistas das mulheres ao longo do tempo, observando também, etnia, classe e sexismo e utiliza como metodologia a leitura e o debate de obras escritas por mulheres, sendo que os encontros foram realizados semanalmente com duração de duas horas cada um. Todos de forma “online”, por meio da plataforma “Google Meet”. Ao final do projeto as/os participantes puderam perceber a importância de se compreender a trajetória das mulheres ao longo dos anos, como elas estão conquistando seus direitos, além de estudarem as diversas categorias de violência e que estas se encontram presentes no ambiente estudantil, bem como conseguiram realizar uma crítica sobre o modelo patriarcal e capitalista construído.

Palavras-Chave: Mulheres; violências; ensino superior.

Abstract: The “*Reading wheel*” extension project analyzed the theme: “Women: trajectories and dialogues”. The choice of the theme was mainly influenced by verifying that there is a need for political education in the academic community and, in general, especially by the growing number of reports of violence against women in the university environment. And the issue: how do women face gender oppression in the capitalist system? Its objective was to foster the debate on the achievements of women over time, also observing ethnicity, class and sexism and uses as a methodology the reading and debate of works written by women, with the meetings held weekly, lasting two hours each one. All online, through the Google Meet platform. At the end of the project, the participants were able to realize the importance of understanding the trajectory of women over the years, how they are conquering their rights, in addition to studying the different categories of violence and that these are present in the student environment as well. how they managed to carry out a critique of the patriarchal and capitalist model constructed.

Keywords: Women; violence; university education

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema social que atinge toda a sociedade, já que pode ser percebida em todas as classes sociais e graus de escolaridade, podendo existir em maior ou menor intensidade.

Contudo, tem sido naturalizada e banalizada pelas pessoas que, mesmo percebendo a violência, tendem a não denunciar porque *“em briga de marido e mulher não se deve meter a colher”*; inclusive em pesquisa realizada em 2013, 58,4% dos respondentes confirmaram que não se deve intrometer nessas questões e 66,6% disseram *“que roupa suja se lava em casa”*. (IPEA, 2014, p. 15).

As mulheres enfrentam o machismo, o sexismo e o puro preconceito entre outras formas de discriminação, o que torna sua situação de vulnerabilidade mais evidente. E a mesma pesquisa aponta que 35,3% das pessoas acreditam que se a mulher soubesse se comportar os casos de estupros seriam menores (2014, p. 23). Essa ideia revela a culpabilização da mulher pela violência sofrida fazendo com que a mulher deixe de denunciar os abusos sofridos em razão da revitimização.

Além desses fatores de exploração, a mulher ainda conta com a exploração capitalista, já que desenvolve duas, três ou mais jornadas de trabalho, sendo estas remuneradas ou não. Trabalham, em média, três horas semanais a mais que os homens. (IBGE, 2019).

Mesmo com essa carga de trabalho a mulher ocupa os bancos escolares à procura de conhecimentos e profissão. No ensino superior, todas deveriam estar seguras, já que o espaço é (ou deveria ser) ocupado, em tese, por pessoas escolarizadas e cultas; todavia, sofrem as mesmas categorias de violências, pois, na verdade, o ensino superior reproduz a sociedade em que está inserido.

2. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência não é algo novo em nossa sociedade; a violência contra as mulheres, segundo as estatísticas governamentais, segue aumentado, ganhando especial relevo nesse período de pandemia.

A Organização Mundial da Saúde define a violência como:

o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002, p. 6).

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher define como *“qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”*.

E a Convenção, no seu artigo 2º aponta:

Entende-se que a violência contra a mulher abrange a violência física, sexual e psicológica.

- a) ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência, incluindo-se, entre outras turmas, o estupro, maus-tratos e abuso sexual;
- b) ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa, incluindo, entre outras formas, o estupro, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no local de trabalho, bem como em instituições educacionais, serviços de saúde ou qualquer outro local; e
- c) perpetrada ou tolerada pelo Estado ou seus agentes, onde quer que ocorra. (BRASIL, 1996).

A violência contra a mulher é decorrente de assimetrias, pois a mulher é vista como subordinada ao homem, mesmo nas relações em que as mulheres ocupem posições superiores em relação aos últimos. Todavia, socialmente, os homens são vistos como superiores às mulheres. Para entender essas diferenças é importante compreender o que significa gênero.

Scott aponta que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86).

O Brasil, após condenação na CIDH/OEA (Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos) e uma extensa luta das mulheres, editou a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”, que em seu art. 2º trouxe:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (BRASIL, 2006 online).

A Lei Maria da Penha trouxe mais duas categorias de violências, acrescentando as violências moral e patrimonial (art. 7º, I a V), além das estabelecidas na Convenção de Belém do Pará.

A violência pode ocorrer em casa, na escola, em hospitais, na rua, ou seja, nos mais diversos e variados lugares. Entretanto, a pesquisa realizada pelo Fórum Nacional de Segurança Pública, denominada: “*Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*” aponta que durante a pandemia da COVID-19, o lar é o local mais inseguro para as mesmas, já que “48,8% dos casos de violência vivenciados pe-

las mulheres nos últimos 12 meses aconteceram em casa; 19,9% das violências vivenciadas ocorreram na rua; 9,4% no trabalho e 1,8% no bar/balada”. (2021, p. 27).

Estudos realizados pela Organização Mundial da Saúde, apontam que 35% das mulheres do mundo já sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro, ou por terceiros, durante a vida. (OPAS, 2017). E o Atlas da Violência aponta que no ano de 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas. (2020, p. 37).

Como mencionado, a violência pode ocorrer em diversos ambientes e, o espaço do ensino superior foi uma preocupação do grupo extensionista, especialmente com a busca da justificativa do porquê essas violências tornam-se invisíveis por medo da denúncia, já que em alguns casos envolve a relação professor/a aluno/a.

Em que pese a violência contra as mulheres no contexto universitário ser um problema conhecido pela sociedade, os estudos voltados ao tema não puderam estipular, ainda, um efetivo quadro da situação vivida pelas discentes e docentes vítimas de violências e da atuação das IES em seu combate.

No ambiente universitário existem muitos casos de violência contra a mulher, como, por exemplo, estupro, assédios moral e sexual.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular com 1.823 universitários sobre a violência nesse ambiente, os resultados foram os seguintes:

[...] 67% das mulheres disseram já terem sofrido algum tipo de violência nas dependências da instituição de ensino superior em que estudam ou em festas acadêmicas, competições ou trotes; 42% já sentiram medo de sofrer violência no ambiente universitário; 36% já deixaram de fazer alguma atividade na universidade por medo de sofrer violência; 49% foram desqualificadas ou sofreram piadas ofensivas, ambos por ser mulher; 12% foram forçadas a ingerir bebidas alcoólicas; 11% foram coagidas a participar de desfiles, leilões ou outras atividades degradantes; 49% já sofreram desqualificação intelectual; 63% admitem não ter reagido quando sofreram a violência; 56% admitem que já sofram assédio sexual; 52% já sofreram assédio moral; 14% já tiveram suas fotos ou vídeos repassados sem autorização; 24% foram colocadas em ranking sem autorização; 78% das mulheres concordam que o tema violência contra a mulher deveria ser incluído nas aulas; 95% Acreditam que a faculdade deveria criar meios de punir os responsáveis por cometer violência contra mulheres na instituição (INSTITUTO AVON, 2015, p. 4-11).

A pesquisa revelou que o contexto das universidades não pode ser considerado um local seguro para as mulheres, já que 67% afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência nesse ambiente.

Esse contexto de violência vivenciado pelas mulheres no ensino

superior pode ser percebido nos diversos estados da federação com notícias divulgadas na internet. A título de exemplo, cita-se alguns desses casos:

Em 2017, um professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) foi denunciado por alunas sob a alegação de assédio sexual; após apuração, foi demitido do serviço público (G1, 2017).

Em 2020, um professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foi denunciado pela prática de assédio sexual contra alunas. De acordo com os relatos, em 2018 esse professor já havia sido afastado das atividades em razão das mesmas acusações (STROISCH, 2020).

Um professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) foi demitido após acusação de agressão e assédio sexual à aluna (TRIBUNAL DE MINAS, 2018).

Durante a solenidade de formatura, alunas da UNESP denunciaram casos de assédios moral e sexual que são praticados na instituição. E alguns cartazes foram erguidos pelas alunas com frases, como: “UNESP sem assédio”, “Quero aulas, não assédio”, “FAAC [Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação] sem assédio” (SOARES, 2018).

Um professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) foi denunciado por 4 alunas que alegaram que o docente praticou assédio sexual contra elas. Após o processo administrativo disciplinar o professor foi demitido, sendo o primeiro caso de demissão pela prática de assédio sexual naquela instituição (OLIVEIRA, 2018).

Essas são algumas das diversas notícias de assédio sexual e moral contra estudantes universitárias no país.

O Código Penal no art. 216-A do CP tipifica o assédio sexual como:

Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função (BRASIL, 1940).

O art. 216-A traz a exigência de condições como superioridade hierárquica ou “ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. Essa exigência leva juízes, tribunais e juristas a acreditarem que na relação professor-aluno não existe assédio sexual, vez que não há superioridade hierárquica nem “ascendência inerentes ao cargo”, pois não existe uma relação de emprego, mas de aprendizagem.

Entretanto, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) no REsp 1759135/SP entendeu que é possível a prática do crime de assédio sexual nas relações entre professor-aluno, trazendo uma inovação no entendimento para que juízes e tribunais tenham jurisprudência admitindo o crime.

O estupro é tratado no art. 213 do Código Penal como ato de

“constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.” (BRASIL, 1940, S.P).

E a importunação sexual está capitulada no art. 215-A do mesmo diploma legal, é definida como “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” (BRASIL, 1940, S.P). Margarida Barreto argumenta que o assédio moral pode ser demonstrado:

[...] pela degradação deliberada das condições de trabalho em que prevalecem atitudes e condutas negativas dos chefes em relação a seus subordinados, constituindo uma experiência subjetiva que acarreta prejuízos práticos e emocionais para o trabalhador e a organização. A vítima escolhida é isolada do grupo sem explicações, passando a ser hostilizada, ridicularizada, inferiorizada, culpabilizada e desacreditada diante dos pares. Estes, por medo do desemprego e a vergonha de serem também humilhados associado ao estímulo constante à competitividade, rompem os laços afetivos com a vítima e, frequentemente, reproduzem e reatualizam ações e atos do agressor no ambiente de trabalho, instaurando o ‘pacto da tolerância e do silêncio’ no coletivo, enquanto a vítima vai gradativamente se desestabilizando e fragilizando, ‘perdendo’ sua autoestima (2006, p. 138).

A violência moral nem sempre é percebida pelas estudantes, pois pode aparecer de forma quase invisível, como por exemplo: nas “piadas”, “brincadeiras”, interrupções durante a fala, além de inúmeras vezes os homens explicarem para a mulher determinado assunto que ela acabou de citar. Daí frases como: “deixa eu te explicar”, “ela quis dizer...”.

Além das violências de assédio moral e assédio sexual as mulheres, ainda, enfrentam no ensino superior os trotes violentos, importunação sexual, estupro etc. É importante que as IES combatam as violências, pois o país enfrenta o aumento no número de estupros quando comparamos o ano de 2015 e 2019. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública demonstra que, no ano 2015, a cada 11 minutos no Brasil acontecia 1 estupro; já no ano de 2019 esse crime passou a ser registrado a cada 8 minutos (2020, p. 132). E 85,7% das pessoas agredidas são mulheres (2020, p. 134).

O Anuário, ainda, revela que em 2018 foram registrados 4.215 casos, enquanto em 2019 o número foi elevado para 4.536. Em relação a importunação sexual em 2018 foram denunciados 1.341 e em 2019 foram 8.068 casos (2020, p. 131).

A Organização das Nações Unidas declarou que a violência contra a mulher pode ser encarada como uma pandemia. “De acordo com o documento divulgado pelo Banco Mundial em 2017, um levantamento feito em 2015 constatou que 49 países não têm legislação para punir os autores de violência doméstica”.

Outros países têm legislação, mas são falhas e acabam não punindo os agressores. Dos exemplos, aconteceu na Espanha, em 2016, quando 5 homens violentaram uma mulher de 18 anos. “No julgamento realizado em 2017, a Justiça espanhola decidiu por uma pena branda, de poucos meses de detenção”. A justificativa é que “as leis do país definem que só há estupro se houver agressão física. Como a vítima esta alcoolizada e desacordada, o grupo foi condenado por abuso sexual, um delito considerado de pouca gravidade”. E os agressores após pagarem multa foram libertados (VILELA; CHARRÃO, 2018).

Além das violências físicas as mulheres enfrentam a violência institucional quando estas se omitem na apuração das denúncias ou desestimulam-nas, para que não apresentem denúncias às instâncias superiores. Além disso, enfrentam dificuldades de ascensão aos considerados “melhores” cargos.

As mulheres sofrem, ainda, os estereótipos, já que são consideradas frágeis, agem mais pela emoção e por isso, existe uma grande diferença na ascensão aos cursos de graduação. Os cursos que envolvem cuidados de saúde têm majoritariamente mulheres, enquanto em outros cursos, como relacionados à tecnologia da informação, sua participação é pequena.

Os dados do Instituto SEMESP revelam que “as mulheres são maioria no ensino superior brasileiro. De acordo com o Censo da Educação Superior do INEP, elas ocupam 57% das vagas do país. Não importa a modalidade (presencial ou EAD), turno (noturno ou diurno) ou rede (pública ou privada); já “nos cursos de Licenciatura, por exemplo, mulheres ocupam 71,3% das vagas. Nos cursos de Bacharelado, esse número é de 54,9%. Nos cursos da área de Saúde e Bem-Estar, são 72,1% de estudantes mulheres. E “elas também são maioria na área de Ciências Sociais, Jornalismo e Informação (67,8%)”. (2020, p. 32). Quando a área é de “Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) o número cai, vertiginosamente, para 13,2%” (INSTITUTO SEMESP, 2020, p. 33).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “revela que 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais integravam a força de trabalho no país em 2019. Entre os homens, esse percentual foi 73,7%. A força de trabalho é composta por todas as pessoas que estão empregadas ou procurando emprego”.

As mulheres trabalham fora do lar e quando chegam em casa precisam cuidar dos filhos, do marido, da casa e se tiver algum parente idoso ou deficiente essa responsabilidade é dela também.

O estudo do IBGE levantou ainda o impacto das lides domésticas. “No Brasil, em 2019, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas semanais contra 11,0 horas)”.

A construção histórica de que a mulher é responsável pelas atividades domésticas, mesmo quando trabalha fora de casa, é uma

construção do patriarcado, do machismo e do capitalismo. Guillaumin traz a seguinte indagação: “Quais são os meios da apropriação da classe das mulheres? Respostas: a) o mercado de trabalho; b) o confinamento no espaço; c) a demonstração de força; d) a coação sexual; e e) o arsenal jurídico e o direito consuetudinário” (2014, p. 55).

A autora quando trata da demonstração de força física afirma:

A violência física exercida contra as mulheres, que também era, em certo sentido, invisível, na medida em que era considerada como ‘excesso’ individual, psicológico ou circunstancial (como os ‘excessos’ da polícia), é cada vez mais revelada como o que realmente é. Em primeiro lugar, ela não é, em termos quantitativos, excepcional e, acima de tudo, ela é socialmente significativa de uma relação social: ela é uma sanção socializada do direito que os homens se arrogam sobre as mulheres, tal homem sobre tal mulher e igualmente sobre todas as outras mulheres que ‘não andam direito’. Isso está relacionado ao confinamento no espaço e à coação sexual (GUILLAUMIN, 2014, p. 57-58).

Para a autora a coerção sexual, “sob a forma de estupro, de provocação, de paquera, de esgotamento etc., é, em primeiro lugar, um dos meios de coerção empregados pela classe dos homens para submeter e amedrontar a classe das mulheres”, concomitantemente “em que é a expressão do direito deles de propriedade sobre esta mesma classe” (idem, 2014, p. 58).

O fato de a mulher não estar casada, ou seja, exclusiva de um determinado homem, coloca-a na condição de disputa pelos demais homens. Com isso a mulher assume o papel de um objeto e está sujeita “[...] a competição entre os indivíduos da classe de sexo dominante para tomar (ou recuperar, ou beneficiar-se de...) toda mulher ‘disponível’, quer dizer, automaticamente, toda mulher cuja individualidade material não esteja oficial ou oficiosamente” reclusa, expressa “que o conjunto dos homens dispõe de cada uma das mulheres, uma vez que, entre eles, é questão de negociação ou de luta a decisão de quem vai arrebatá-la, segundo a mais exata das expressões” (idem, 2014, p. 58).

O estudo da violência contra a mulher no ensino superior, ainda, é incipiente no país, pois não se tem pesquisas estruturadas sobre o tema.

Existem estudiosos(as) que estão levantando o problema e com isso suscitando o debate. Esse debate é importante para que pesquisas sejam realizadas sobre a violência contra a mulher no ensino superior (e em outros níveis de ensino) para que políticas públicas possam ser pensadas, estruturadas e colocadas em prática para que a mulher possa ter o direito de estudar sem sofrer violências, como trotes desumanos, assédios moral e sexual, estupro e outras



violências.

O Brasil ratificou a convenção do Belém do Pará que, por sua vez, estabeleceu que a mulher tem direito de estudar sem sofrer nenhum tipo de violência. A partir dessa convenção e da luta de diversas mulheres, o país promulgou a Lei Maria da Penha (Lei nº. 11.340/2006) e se comprometeu a incluir nos currículos de todos os níveis e graus de ensino o combate à violência contra a mulher no ambiente doméstico (art. 8º). A convenção do Belém do Pará é uma convenção de direitos humanos; com isso pode-se pensar, de forma induzida, que o Brasil se comprometeu em inserir em todos os níveis de ensino o combate à violência contra a mulher em todos os locais; a partir desse raciocínio, deveria inserir nos currículos do ensino fundamental, médio e superior o combate à violência contra as mulheres.

A Lei 14.164, de 10 de junho de 2021 alterou a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, determinou a inserção do tema nos currículos dos ensinos fundamental e médio, mas permaneceu silente em relação ao ensino superior. Embora tenha a lei determinado a inclusão do assunto nesses níveis de ensino, somente o tempo e as pesquisas dirão como têm sido essa implementação, se realmente tem sido realizada ou é mais um tema que somente é trabalhado de forma secundária e sem ênfase.

Embora a lei não tenha abarcado o ensino superior, o Brasil já ratificou convenção que garante à mulher o direito de viver sem violência e como consequência, estudar sem sofrer agressões. Dessa maneira, cabe às instituições de ensino superior realizar gestão voltada para combater as violências em seus espaços e talvez, uma das primeiras atitudes seja admitir que a violência existe e a partir dessa constatação traçar políticas institucionais para que as agressões morais, físicas, sexuais, psicológicas, como as “piadinhas”, as “brincadeiras” supostamente inofensivas não sejam naturalizadas e fiquem na invisibilidade.

Que as pessoas, especialmente as mulheres, conheçam os caminhos institucionais para realizar denúncias, que sejam ouvidas sem revitimização. E se a violência for praticada por professores, que estes sejam afastados da sala de aula até apuração do processo administrativo disciplinar. Para que as mulheres não precisam expor as violências por si sofridas nas redes sociais e na comunidade para que as instituições tomem providências. Quando a mulher chega a levar a violência sofrida para os espaços extraescolares é porque já esgotou a confiança em sua instituição. Ela já não acredita que poderá ter seu caso analisado pela instituição que deveria apoiá-la e ampará-la.

Ao narrar sua história, especialmente nas redes sociais, sofre todo tipo de julgamentos que incluem desde a roupa que estava usando, se tinha bebido, como é seu comportamento etc., e com isso outras violências são praticadas contra essa mulher que é julgada pela comunidade estudantil e em geral.

3. MATERIAIS E MÉTODO

A ação extensionista foi pensada a partir de um projeto de pesquisa sobre violência contra a mulher nos espaços da Universidade Federal de Jataí e a crise sanitária do novo coronavírus.

Considerando que as aulas estavam suspensas e já existia um projeto de pesquisa envolvendo a violência contra a mulher, pensou-se na perspectiva de que um projeto de leitura na modalidade online seria uma possibilidade de aproximação com a comunidade acadêmica e uma forma de mantê-la com leituras e uso útil do tempo, evitando que a ociosidade pudesse contribuir para o surgimento de doenças, especialmente a depressão e a ansiedade.

O estudo contou com a participação de docentes e discentes da Universidade Federal de Jataí - UFJ, Universidade Federal de Goiás- UFG, Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, de outras instituições de ensino superior de diversos Estados da Federação e de pessoas da comunidade.

Com essa heterogeneidade de integrantes foi possível construir diálogos e debates importantes sobre o tema mulher, violência doméstica, assédios moral e sexual nas universidades entre outros temas relacionados à mulher, além de diversos outros, trabalhados durante os encontros semanais.

A cada semana, duas pessoas ficavam responsáveis pela apresentação do texto previamente indicado e pela condução do debate.

A partir dos debates, alguns trabalhos foram apresentados no 5º Congresso de Ensino Pesquisa e Extensão – CONEPE da UFJ em 2020.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência foi enriquecedora para o desenvolvimento dos/das participantes que puderam compreender a violência contra a mulher, bem como os seus diversos tipos, além de poderem perceber que essas violências também acontecem no ambiente universitário. E que a melhor forma de superá-la é com uma luta constante pela superação dos modelos de sociedade que temos hoje, mas que enquanto isso não é possível, que a luta seja pela igualdade de fato e de direito, com a superação das desigualdades na sociedade e em casa, ou seja, nas esferas pública e privada.

O projeto gerou o interesse dos participantes de continuar estudando e um novo Projeto de Extensão está sendo executado com tema voltado para os Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto 1.973, de 01 de agosto de 1996.** Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. **Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 03 set. 2021.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro.** Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 06 nov. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

G1. **Professor denunciado por assédio sexual contra alunas é demitido de universidade na Bahia.** 22 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/professor-denunciado-por-assedio-sexual-contra-alunas-e-demitido-de-universidade-na-bahia.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem.** 28/03/2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 01 mar. 2021.

INSTITUTO AVON. **Pesquisa Instituto Avon Data Popular:** violência contra a mulher no ambiente universitário. Disponível em: http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

INSTITUTO SEMESP. **Mapa da Educação Superior no Brasil 2020.** 10. ed. 2020. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/educacao-10/dados-brasil>. Acesso em: 04 nov. 2021.

OLIVEIRA, Hugo. **Professor da Agronomia é demitido da UFC após denúncias de assédio sexual.** 22 jun. 2018. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/professor-da-agronomia-e-demitido-da-ufg-apos-denuncias-de-assedio-sexual/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Violência contra as mulheres.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 01 set. 2021.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial sobre violência e saúde,** Genebra, 2002.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 16, n° 2, jul/dez 1990.

SOARES, Ana Lis Soares. **Alunas da Unesp-Bauru protestam contra assédio de professores durante formatura.** 15 mar. 2018. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2018-03-13/universitarias-unesp-denunciam-assedio.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.

STROISCH, Bruna. **Professor da Udesc acusado de assédio sexual é afastado do cargo.** 11 dez. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/educacao/professor-da-udesc-acusado-de-assedio-sexual-e-afastado-do-cargo/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TRIBUNA DE MINAS. **Professor acusado de assédio e agressão é demitido da UFJF.** 30 ago. 2018. <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/22-02-2017/professor-acusado-de-assedio-e-agresao-e-demitido-da-ufjf.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.

VILELA, Carolina; CHARÃO, Cristina. **Violência contra a mulher é considerada 'pandemia mundial'.** 25 nov. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/violencia-contra-a-mulher-e-considerada-pandemia-mundial-25112018>. Acesso em: 01 nov. 2021.



AÇÃO AFIRMATIVA NO ENSINO SUPERIOR: O PROCESSO FORMATIVO DE ESTUDANTES COTISTAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

AFFIRMATIVE ACTION IN HIGHER
EDUCATION: THE FORMATIVE
PROCESS OF QUOTA STUDENTS IN
UNIVERSITY EXTENSION

Lupita de Amorim Novais Silva,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Éverton Luis Mathias Medeiros,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Matheus Filipe Araujo e Silva,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Maurício Marinho da Silva,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Wandeir Maurício dos Santos,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Candida Soares da Costa,
NEPRE/UFMT/Cuiabá/Mato Grosso/Brasil

Resumo: O trabalho expõe, por meio do relato de experiência de estudantes extensionistas cotistas, a extensão universitária como parte do processo formativo durante a graduação. O objetivo deste artigo é ressaltar através das experiências vividas por estes estudantes a importância de integrarem um programa de extensão universitário no que se refere a produção de conhecimentos e permanência na universidade pública federal, articulando o ensino e a pesquisa. O Programa de extensão *“Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT”*, é realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação - NEPRE, sob coordenação da Profa. Dra. Candida Soares da Costa. Os projetos que compõem o programa, são: *“Cultura Preta: Ações Afirmativas de Cultura na UFMT”*; *“Ciclo de Cinema em Cena: Relações Raciais e Desigualdades Sociais”*; *“Ciclo de Estudos: Relações Raciais e Ações Afirmativas na UFMT”*. Para este artigo, trazemos o relato de experiências vivenciadas no âmbito de um dos projetos intitulado *“Capoeira Antiga de Angola: Articulando Vivências e Saberes na UFMT”*.

Palavras-Chave: Ações Afirmativas; Extensão Universitária; Relações Raciais.

Abstract: The work exposes, through the experience report of quota holder extension students, the university extension as part of the formative process during graduation. The objective of this article is to highlight through the experiences of these students the importance of integrating a university extension program with regard to the production of knowledge and permanence in the federal public university, linking teaching and research. The extension program “Affirmative Action in Higher Education: Articulations of experiences and knowledge at UFMT” is carried out by the Nucleus of Studies and Research on Racial Relations and Education - NEPRE, under the coordination of Doctor Candida Soares da Costa. The projects that make up the program are: “Black Culture: Affirmative Action Culture at UFMT”; “Cycle of Cinema on Stage: Racial Relations and Social Inequalities”; “Cycle of Studies: Racial Relations and Affirmative Action at UFMT”. In this article, we report on the experiences of one of these projects, entitled “Ancient Capoeira of Angola: Linking Experiences and Knowledge at UFMT”.

Keywords: Affirmative Action; University Extension; Racial Relations.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz, por meio do relato de experiência, reflexões sobre extensão universitária, fundamental à formação universitária. A discussão é desenvolvida a partir do relato de experiência de estudantes integrantes do Programa de Extensão “*Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT*”, que integra as ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob coordenação da Profa. Dra. Candida Soares da Costa. Este programa de extensão é financiado por meio do Edital N° 04/2021 PBEXT/AF/2021 Programa Bolsa Extensão para Ações Afirmativas da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Vivência - PRO-CEV/UFMT/CAMPUS CUIABÁ.

O programa, proposto e executado pelo Nepre, tem por objetivo desenvolver atividades de extensão, propiciando aos estudantes ingressantes por políticas de ações afirmativas e ampla concorrência um espaço de convivência e de troca de conhecimentos, acesso e/ou aprofundamentos de conhecimentos sobre as relações raciais na sociedade brasileira. As ações do programa envolvem a participação de extensionistas, professoras, professores, estudantes de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) e estudantes de distintos cursos de graduação, sendo em 2021, Ciências Sociais, Direito, Geografia e Letras Língua Portuguesa/Literatura.

Em 2017 e 2018, o “*Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT*” foi elaborado e executado na categoria de projeto de extensão. Entretanto, devido à quantidade e relevância de suas ações, a partir de 2019 foi transformado em programa de extensão. Em 2021 o programa é composto por quatro projetos: 1) Cultura Preta: Ações Afirmativas de Cultura na UFMT; 2) Ciclo de Estudos Relações Raciais e Ações Afirmativas na UFMT; 3) Capoeira Antiga de Angola: Articulando Vivências e Saberes na UFMT; 4) Ciclo de Cinema em cena: Relações Raciais e Desigualdades Sociais.

O projeto “*Cultura Preta: Ações Afirmativas de Cultura na UFMT*”, integra as ações do Programa de Extensão “*Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de vivências e saberes na UFMT*”, e se realiza articulado à Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira compondo a programação cultural, sendo executado paralelamente ao Seminário de Educação - SemiEdu, evento do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. Este projeto está na sua 5ª edição e apresenta-se como uma vitrine de manifestações culturais quilombolas, afro-brasileiras e africanas de artistas e grupos regionais, contendo mostra de artes, artesanatos, oficinas de danças e apresentações musicais.

A metodologia do projeto é desenvolvida a partir de reuniões semanais com abordagem sobre as questões referentes ao plane-



jamento, execução e avaliação das atividades, como por exemplo o convite aos artistas, planejamento das formas de divulgação e os registros das atividades para os relatórios finais. Nos anos de 2020 e 2021, com ocorrência da pandemia do Covid-19 e sua inviabilização de interação com público de maneira presencial, procuramos adaptar a execução das ações do projeto, na qual utilizamos das redes sociais, como as transmissões ao vivo pelo Youtube e as publicações de imagens via Instagram, propiciando a continuidade da programação cultural da Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira.

Ao longo de suas 5 edições, o projeto “Cultura Preta: Ações Afirmativas de Cultura na UFMT”, os extensionistas têm buscado apoio por meio do Edital Auxílio Vivência da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Vivência - PROCEV/UFMT. Tal apoio é utilizado para subsidiar as ações da programação cultural que ocorrem no âmbito da Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira. A realização destas atividades tem sido executadas em parceria com o movimento social negro Coletivo Negro Universitário UFMT/Campus Cuiabá (CNUUFMT).

O projeto “Ciclo de Estudos de Relações Raciais e Ações Afirmativas”, constitui-se em um espaço potente de debates, trocas de experiências e vivências, escrita e produção, as quais as pessoas envolvidas nas atividades podem, por meio da apropriação e aplicação dos conceitos analíticos estudados sobre relações raciais, ações afirmativas, classe, gênero, sexualidade, produção do racismo e desigualdades raciais, compreender as dinâmicas sociopolíticas e histórica brasileira, através da literatura especializada: textos clássicos, artigos de periódicos, produções audiovisuais e sonoras sobre relações raciais e temas correlatos.

No segundo semestre de 2021, no período de junho a dezembro, as atividades aconteceram remotamente devido à pandemia de Covid-19. As pessoas que contribuem com os diálogos são sujeitas e sujeitos que ocupam diversos espaços de atuação profissional e política: escolas, universidades, movimentos sociais e espaços institucionais. Em busca de escuta, compartilhar vivências, apropriar-se dos conceitos acadêmicos para os mais diversos fins (mestrado, doutorado, graduação e etc), a fim de analisar a realidade brasileira, complexa e com diversas matizes, porém racista em sua ontogênese colonial, capitalista, patriarcal a qual perpetua-se e reproduz a vida social, não sem contradições, explorações e violências.

Ao promover espaços formativos sobre relações raciais e ações afirmativas, observa-se a relevância de grupos como os do “Ciclo de Estudos” na Universidade Federal de Mato Grosso, visto que traz à tona discussões que abordam múltiplos conhecimentos acadêmico, com pessoas com formações em distintas áreas, e desta maneira correlacionar com o já acumulado no pensamento social brasileiro, sejam o de cunho histórico, filosófico, psicológico, sociológico, eco-

nômicos, antropológicos e políticos, possibilitando que os envolvidos no projeto reflitam sobre as discriminações vividas no cotidiano e proponham enfrentamentos antirracistas e emancipatórios nos locais de estudo e trabalho.

O projeto “Ciclo de Cinema em Cena: Relações Raciais e Desigualdades Sociais”, tem o objetivo de colocar em cena o debate e gerar reflexões acerca das relações raciais e desigualdades sociais através de filmes-documentários. Justifica-se a importância do cine debate por permitir aos participantes refletirem e compreenderem os mecanismos de produção de desigualdades e suas consequências sociais. Esta atividade é utilizada enquanto um instrumento de práticas pedagógicas promovendo o fomento aos diálogos e debates que beneficiam todo o corpo social.

Enquanto público-alvo, o projeto é voltado para o público interno e externo da universidade, discentes de graduação e pós-graduação, movimentos sociais e estudantes de escolas públicas. A metodologia utilizada nas ações realizadas tem as seguintes etapas: apresentação da atividade; exibição do documentário; debate; avaliação da atividade. A escolha dos filmes-documentários é feita a partir de 3 temáticas, são elas: “A População Negra no Brasil”; “A Saúde da População Negra no Brasil”; “Raça e Gênero: Diálogos Necessários”.

Para desenvolver as atividades no âmbito do programa de extensão, compreendem-se a importância em termos de metodologia as fases de elaboração, planejamento, execução e avaliação das ações dos projetos e da articulação coletiva dos bolsistas em todos os processos, visto que este movimento compõe um dos objetivos do programa que é desenvolver a formação dos bolsistas, no que diz respeito à formulação e gestão de projetos sociais. As decisões que envolvem as fases mencionadas são decididas em reuniões nas quais são apresentadas as ideias que são discutidas pelo grupo até que se defina o que será feito. Tudo isso sob orientação da coordenadora.

Conforme consta no projeto do programa, uma das justificativas que apontam a importância de sua realização se expressa na contribuição de forma significativa na trajetória acadêmica dos estudantes que dele participam, constituindo-se um ganho para a universidade, por permitir que a mesma,

[...] avance no cumprimento do seu papel de promover educação que contribua para a superação do racismo e do etnocentrismo arraigados no imaginário social brasileiro e que tem impedido o reconhecimento e valorização das dimensões fundamentais impressas pelos africanos e seus descendentes negros à cultura brasileira. (COSTA, 2021, p. 1).

A importância deste programa é apresentada neste resumo por meio do relato de experiência de estudantes cotistas que integram o programa que desenvolve extensão em interface com o ensino a pesquisa.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/2003 E DAS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO.

O movimento negro, “[...] que vem a ser o movimento social mais antigo no Brasil, pois atua desde os primórdios do escravismo, isto é, desde meados do século XVI” (JACCOUD; BEGHIN, 2002, p. 15), desempenha na história brasileira um investimento intelectual, político e de vida na busca pela superação do racismo. Nesse sentido, tem obtido avanços, à medida que algumas de suas reivindicações têm sido transformadas em políticas públicas de Estado, a exemplo a lei 10.639/2003, bem como a lei 12.711/2012, conhecida como “lei de cotas”. (GOMES, 2019).

A Lei nº 10.639 aprovada em 2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996) para incluir os artigos 26A e 79B torna obrigatório o ensino de História e Cultura da África e dos Afro-brasileiros nas escolas. O artigo 26 A foi alterado no ano de 2008, por intermédio da Lei nº 11.645, para, complementarmente, incluir também obrigatoriedade de ensino também sobre a História e Cultura Indígenas. Como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana:

[...] não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia, por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. (...) bem mais do que a inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas”.(Parecer CNE 03/2004).

A população negra e os povos indígenas são invisibilizados pela herança colonial eurocêntrica nos currículos escolares, originados no etnocentrismo europeu. Sendo assim, o país calcado em uma estrutura racializada, a qual opera não se falando em racismo, alimenta a continuidade de sua reprodução. (GONZALEZ, 2018).

Em razão disso, a sociedade precisa ser reeducada em um processo pedagógico, com o objetivo de superar, promover, substituir imaginários equivocados e romper os silêncios do racismo institucional, estrutural e interpessoal.

No ano de 2012, após um longo período de debate na esfera po-

lítica, institucional e pública, temos a aprovação da Lei nº 12.711, a qual “Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências” (BRASIL, 2012 S.P). Essa Lei, em seu artigo 5º, estabelece que:

Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE (BRASIL, 2012, S.P).

Nesse advento, um número maior de docentes e discentes negras, negros, indígenas, deficientes, pobres e de escolas públicas, adentraram as universidades brasileira o que representou um importante mecanismo político e simbólico de reparação e afirmação de direitos historicamente negados, em decorrência de relações sociais e raciais desiguais.

No que se refere à permanência de estudantes cotistas e bolsistas de extensão na universidade, por meio de seus relatos de experiências, podemos compreender as dimensões formativas na graduação. Tal afirmação é ressaltada na fala de estudantes cotistas que já passaram pelo Programa de Extensão desenvolvido pelo NEPRE/UFMT trazendo a relevância do mesmo enquanto política pública de permanência na universidade, nas palavras deles:

[...] em diversos momentos, foram criadas condições para que mantivéssemos a empolgação, frente às dificuldades cotidianas no ambiente universitário, em continuar e criar nossas perspectivas, pois, por meio da extensão, percebemos-nos capazes de ensinar, pesquisar e, sobretudo, aprender sobre política de ação afirmativa e relações raciais, o que constitui uma forma a mais de contribuir na luta antirracista na sociedade brasileira. (SANTOS; SILVA; NASCIMENTO; COSTA, 2021, p. 394).

Mediante exposto, o programa de extensão universitária “Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT”, no âmbito da UFMT, campus Cuiabá, possibilita aos estudantes cotistas e bolsistas de extensão, por meio de produções audiovisuais, estudos de referências bibliográficas, práticas e difusão da história, da cultura e da arte de matrizes africanas, acesso para a compreensão da relevância social e política de estudo das questões atinentes à história e cultura afro-brasileiras e africanas e às relações raciais brasileiras.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CAPOEIRA ANGOLA COMO EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O Grupo Quilombo Angola, coordenado pelo Mestre Olavo Perri, começou a atuar na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) no ano de 2007, sem vínculo com a instituição, somente através de eventos culturais organizados pelos estudantes. Em 2008, o grupo tentou se vincular à universidade como projeto de extensão, mas ainda não foi possível, pois não havia nenhum técnico ou professor que pudesse assinar o projeto.

Finalmente no ano de 2009, foi possível tornar a Capoeira Antiga de Angola como projeto de extensão, assinado pelo o professor Aquiles Lazzarotto, que era membro do Departamento de Geologia Geral. Sob a coordenação do professor Aquiles, o grupo criou o seminário “Pensando o jogar, jogando o pensar”, que ocorreu em 2009, 2011 e 2013. Este seminário possibilitou o intercâmbio e aprendizagem com mestres e professores de outros locais.

Em 2014, após aposentadoria do professor Aquiles, o Grupo Quilombo Angola firmou uma parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE). Esta parceria, propiciou aos participantes do projeto de extensão “Capoeira Antiga de Angola: Articulando Vivências e Saberes na UFMT”, uma promoção de diálogo entre a prática da capoeira angola, a extensão, o ensino e a pesquisa.

A parceria com o NEPRE possibilitou uma maior participação e interação com os alunos e com a universidade. Desde de 2014, vários alunos tiveram bolsas de extensão, apresentaram e publicaram trabalhos em eventos científicos. A Profa. Dra. Candida Soares da Costa passou a orientar esses alunos em suas pesquisas, promovendo um diálogo entre a cultura popular e a academia. O grupo participou ainda de diversas atividades acadêmicas, como por exemplo, a Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, evento realizado pelo NEPRE. Na Jornada, o grupo realiza uma atividade cultural de capoeira angola e samba de roda, gerando assim uma troca de saberes entre os grupos.

Ao longo desses anos como projeto de extensão alguns mestres, mestras e professores passaram pelas atividades desenvolvidas no projeto e contribuíram para a formação dos alunos que passaram pela extensão, entres eles: Mestre Lua Rasta (Gilson Fernandes), Mestre Barteló (José Barteló da Silva Filho), Mestre Pequeno (José Leandro Leite), Mestre Guaxini (Nahuel Mingote), Mestra Rosa Maria Araújo Simões, Mestre Giba (Gilberto Alexandre Goulart), Contramestre Louva Deus (Antônio Lázaro), Contramestra Bel (Isabel Froes Modercin), professor Calça Furada (Gilmar Oliveira), professor Éder Medeiros.

As atividades da Capoeira Angola, tais como, roda de capoeira,

samba de roda, musicalização e oficinas eram realizadas no espaço do Centro Cultural da UFMT, com franco acesso à toda comunidade universitária. Por causa da pandemia da COVID-19, essas atividades passaram a ser online, via google meet nas segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 18h30, com duração de uma hora e meia. As aulas são ministradas pelo professor de Capoeira Antiga de Angola, Everton Medeiros, formado pelo projeto de extensão e graduando do curso de bacharelado em Geografia, da UFMT, contando com a presença do mestre Olavo Perri, nas sextas-feiras, repassando todo o seu conhecimento através da oralidade e envolvendo a participação das pessoas presentes.

O ensino de Capoeira Angola acontece a partir da vivência com o mestre que direciona o aprendizado do aluno a entender a prática da capoeira não só como esporte, mas sim trazendo os fundamentos da capoeira. O mestre procura ensinar não só a luta, mas também a musicalidade, a fabricação dos instrumentos e o rito que compõem o jogo da capoeira, trazendo valores culturais de uma prática afro-brasileira, a partir da dança, música e história. Os valores e princípios dos mais velhos transmitidos através do diálogo e da prática do coletivo é elemento fundamental para o entendimento dos fundamentos.

O projeto desenvolve aulas, oficinas, rodas de capoeira Angola e o seminário “Pensando o jogar, jogando o pensar” que tem o objetivo de aproximar a prática da capoeira Angola com a comunidade interna e externa da universidade, trazendo pesquisadores e mestres da capoeira Angola, possibilitando aos alunos vivenciar aprendizado dos ritos da capoeira Angola.

Com isso, além da prática da capoeira Angola, é possível trabalhar a manutenção e a formação dos participantes de toda comunidade acadêmica, interna e externa, valorizando e protegendo uma sabedoria popular de resistência, gerando multiplicadores dessa expressão cultural. Essa ação acontece desde 2008 ininterruptamente, resgatando e zelando suas tradições, trabalhando a interdisciplinaridade e a manutenção de uma identidade e expressão afro-brasileira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da execução das ações dos projetos do programa de extensão, sustentada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão pode-se estabelecer um ambiente de formação para os estudantes cotistas extensionistas possibilitando um melhor desenvolvimento para sua atuação acadêmica e percepção da realidade, à medida que aprende a planejar, executar e avaliar ações com impactos positivos na formação acadêmica de cada extensionista, ao mesmo tempo que contribui para o combate às desigualdades sociais e raciais não só no ambiente acadêmico, mas, também, na sociedade brasileira.

Com relato do projeto de extensão “Capoeira Antiga de Angola: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT” podemos entender nitidamente esses impactos positivos, logo os mesmos resgatam os saberes ancestrais afro brasileiros, com manifestações artísticas com músicas, danças e ritualísticas da capoeira, além dos estudos apresentados em reuniões semanais da história das práticas da Capoeira Antiga de Angola. Participar de projetos de extensão como os apresentados no artigo nos propicia a ter acesso a conhecimentos diversos e nos ajuda a expandir nossos horizontes, portanto, interagir com esses múltiplos saberes consequentemente deixa nossa formação acadêmica mais completa.

Concluimos que, sob essa dimensão articuladora entre o ensino e a pesquisa, a extensão universitária desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação, por meio do programa de extensão “Ação Afirmativa no Ensino Superior: Articulações de Vivências e Saberes na UFMT” se constitui uma plataforma potencializadora de habilidades e intercâmbio de conhecimentos e saberes universitários e populares. Desse modo, tem um papel fundamental na trajetória de estudantes cotistas e não cotistas, pois age positivamente no processo formativo dos mesmos, possibilitando-lhes acesso a uma melhor qualidade em sua formação na educação superior pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Brasília-DF, 29 de agosto de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 30 ago. 2021.

COSTA, Candida Soares da. **Ação Afirmativa no Ensino Superior:** articulações de vivências e saberes na UFMT, 2021. Projeto de Programa de Extensão. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá-MT, 2021. Disponível em <http://sistemas.ufmt.br/ufmt.sisx/Programa/Detalhes?programaUID=869>. Acesso em 27. ago. 2021.

JACCOUD, Luciana de Barros; BEGHIN, Nathalie. **Desigualdades raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental.** Brasília : Ipea, p. 15. 2002. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160706_desigualdades_raciais_brasil.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras.** São Paulo: UCPA Editora, 2018.

SANTOS, Claudenilde Lopes dos. SILVA, L. A. N.; NASCIMENTO, R. R.; COSTA, C. S. Políticas Afirmativas no Ensino Superior: Extensão Universitária e Formação Acadêmica sob Perspectiva de Estudantes Extensionistas. *In*: CORDEIRO, Maria J. J. A.; LANDA, B. S.; DIALLO, C. S (ogr.) **Diversidade na educação**: desafios para a produção do conhecimento na formação inicial. – Dourados, MS: Editora UEMS, 2021, p. 369-394.



JOGOS DE TABULEIRO... VAMOS JOGAR ONLINE!

BOARD GAMES... LET'S PLAY ONLINE!

Hélia Vannucchi

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Paulo Cesar Lenço

Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Resumo: O espaço criado pelo projeto *Tardes Lúdicas* sempre visou oportunizar um ambiente lúdico, que por meio de jogos de tabuleiro, permitisse aos participantes se desligarem momentaneamente dos problemas e afazeres diários e se concentrarem apenas em divertimento e descontração. A história do projeto e a experiência de transportar esta experiência presencial para o ambiente online, de forma que a experiência lúdica e as oportunidades de socialização não fossem perdidas, é relatada neste artigo.

Palavras-Chave: lúdico; jogos de tabuleiro; espaço de socialização.

Abstract: The space created by the *Tardes Lúdicas* project has always aimed to provide a playful environment, which, through board games, allows participants to momentarily disconnect from daily problems and tasks and focus only on fun and relaxation. The story of the project and the experience of transporting this face-to-face experience to the online environment, so that the playful experience and socialization opportunities were not lost, is reported in this article.

Keywords: ludic; board games; socialization space.

1. INTRODUÇÃO

O *Tardes Lúdicas* é um projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) que disponibiliza jogos de tabuleiro com o intuito de criar um ambiente lúdico para os participantes, proporcionando um espaço para se desligarem momentaneamente dos problemas e afazeres diários, um espaço para divertimento e descontração, transformando o cotidiano, brincando com a realidade.

As sessões são realizadas uma tarde de sábado por mês e como estas sessões não acontecem em um sábado fixo dentro do mês, a divulgação pelas redes sociais é essencial para que os participantes saibam de suas datas. Durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, em que as sessões precisaram ser suspensas, as ações nas redes sociais tornaram-se ainda mais importantes para manter o vínculo com os participantes e, visando mitigar o afastamento das pessoas do projeto e proporcionar momentos de ludicidade, mesmo que remotamente, o projeto divulgou, em suas redes sociais, opções de jogos de tabuleiro que pudessem ser impressos em casa, os chamados print and play, e endereços onde alguns jogos de tabuleiro pudessem ser jogados online.

As restrições causadas pela pandemia cortaram o principal elo

da estrutura e da proposta do *Tardes Lúdicas*, a convivência e interação entre as pessoas e entendemos que apenas a divulgação de jogos ou espaços para jogar não eram o suficiente. Fazia-se necessário retomar, mesmo que virtualmente, o espaço de descontração criado pelo projeto, para que a experiência lúdica e as oportunidades de socialização que o projeto proporcionava não fossem perdidas. Para tanto, novas estratégias precisaram ser estabelecidas e, em 2021, as sessões de jogos foram retomadas virtualmente.

Apresentar um pouco da história do *Tardes Lúdicas* e as estratégias de como um projeto essencialmente presencial adaptou-se nestes tempos de isolamento social, desenvolvendo-se no ambiente online, é o objetivo deste artigo.

2. A INTERAÇÃO LÚDICA

Embora seja comum ver atividades lúdicas relacionadas ao público infantil, tal como Lopes (2005) entendemos que a ludicidade que é um estado que não é apenas característico da infância, mas compartilhado por todas as faixas etárias e, ao longo dos anos. No *Tardes Lúdicas*, a grande maioria dos participantes tem sido de pessoas de 18 anos ou mais, estudantes de graduação ou alunos dos cursos de extensão promovidos pelo Instituto de Linguagens.

Entendemos, tal como Salen e Zimmerman (2014, p. 36, vol.3), que “Interagir com um jogo é experienciar o jogo: ver, tocar, ouvir, cheirar e provar o jogo; mover o corpo durante o jogo, sentir emoções sobre o resultado do jogo em andamento, comunicar-se com outros jogadores, alterar os padrões de pensamento”.

A sensação que o jogador experimenta ao se envolver com o jogo, possibilita-lhe uma experiência particular, sem os riscos do mundo real. Esta sensação, Vannucchi (2021, p. 137-138) chama de imersão e propõe uma adaptação da tipificação proposta por Ryan (2021, p. 138-139) para ajudar a compreender o envolvimento do jogador com o jogo. Embora essa adaptação de Vannucchi vise os videogames, podem ser usadas, em certa medida, também para os jogos de tabuleiro. Como a autora observa, “há um incremento de grau que acompanha a ordem de sua apresentação”:

1. Espacial: o jogador compartilha o local dos acontecimentos com os personagens e/ou demais jogadores, sente-se inserido no mundo do jogo.

Observa-se este primeiro grau de imersão no momento em que o jogador entra no círculo mágico do mundo dos jogos e deixa pra trás as preocupações cotidianas.

2. Temporal: o jogador acompanha o tempo do evento e engaja-se em descobrir o que virá em seguida.

Mais do que estar inserido no ambiente do jogo, o jogador envolve-se com o prazer que este lhe proporciona desejando prolongar esta experiência.

3. Emocional: refere-se ao fenômeno do desenvolvimento de um apego pessoal aos personagens, à identificação do jogador com seu avatar no jogo.

O jogador sente-se emocionalmente apegado ao jogo de forma que assume a personalidade do seu avatar e identifica-se com ele. O jogador refere-se ao seu avatar em primeira pessoa.

4. Sinestésica: refere-se à aderência dos corpos dos jogadores aos movimentos do seu personagem, provocando reações em seus corpos sem passar pela atenção; diz respeito às sensações corporais provocadas pelos jogos.

Além da identificação emocional, o corpo do jogador está envolvido nas ações e reações do jogador.

Embora em muitos dos jogos de tabuleiro, o avatar do jogador seja um peão ou outra peça qualquer, o jogador ainda se envolve com o jogo, como se aquela peça o representasse pessoalmente no tabuleiro, tanto que é comum, em jogos como *Colonizadores de Catan*, por exemplo, um jogador dizer ao outro “ah, não! você vai colocar o ladrão na minha casa de novo?”

A imersão sinestésica, identificada por Vannucchi (2021), afigura-se à afirmação de Salen e Zimmerman citada acima, que inclui “mover o corpo durante o jogo” como parte da experiência de jogar.

Ao participar de ambiente lúdico, que possibilita momentos de descontração, os jogadores entregam-se voluntariamente a um mundo regido por regras próprias, diferentes da vida cotidiana, que Huizinga (1980) chama de “círculo mágico”, fazendo uma referência ao espaço ritual que o jogo cria.

3. O TARDES LÚDICAS

Como Lopes (2005), entendemos que “a essência da ludicidade pode ser localizada nos processos relacionais e interativos empreendidos pelo indivíduo ao longo de sua vida, e no qual ele investe suas ações com um significado lúdico”. O lúdico trabalha com a possibilidade humana de transformar uma coisa em outra, como “capacidade de se brincar com a realidade, de inventar novos sentidos e significados” (DEBORTOLI, 2006, p. 83) e para Bartholo (2001, p. 92), o lúdico e o criativo são elementos indispensáveis para uma vida produtiva e saudável.

O espaço criado pelo projeto *Tardes Lúdicas* objetiva a integração de alunos, professores, técnicos-administrativos e pessoas externas à UFMT de forma lúdica, descontraída, possibilitando que estes percebam a Universidade como um ambiente humano e acolhedor, ao mesmo tempo em que trabalha, a partir do lúdico e por meio dos jogos, a estimulação de raciocínios lógicos, a integração, a socialização e a criatividade de seus participantes, permitindo assim que possam aproveitar momentos de alegria, criatividade e

imaginação presentes num círculo mágico regido pela descontração e seriedade típicas do ato de jogar.

Até antes da pandemia, o projeto de extensão Tardes Lúdicas, que iniciou suas atividades em 2013, inspirado no evento Tabuleiros da Bahia¹, acontecia uma vez por mês, aos sábados, em sessões de 4 horas de duração, em um espaço aberto da UFMT, com mesas e cadeiras que permitiam o acesso livre dos participantes, como pode ser visto na Figura 1.

Por estarmos em Cuiabá, isto pode ser considerado uma desvantagem, uma vez que a cidade é quente o ano todo e o ambiente não é climatizado. No entanto, a escolha pelo lugar justifica-se por ser aberto e de fácil acesso, proporcionando visibilidade ao projeto e despertando a curiosidade de quem passa. Permite que pessoas que ainda não conhecem o projeto se aproximem para perguntar do que se trata e como fazem para se inscrever para participar, sendo rapidamente informados que não é necessário inscrição, basta escolher um jogo e participar.

Nas sessões presenciais disponibilizamos, em média, 40 diferentes jogos, levando em conta as preferências observadas ao longo do tempo e as solicitações dos jogadores participantes.

Figura 1: Espaço das sessões presenciais do Tardes Lúdicas



Fonte: imagem do acervo do projeto.

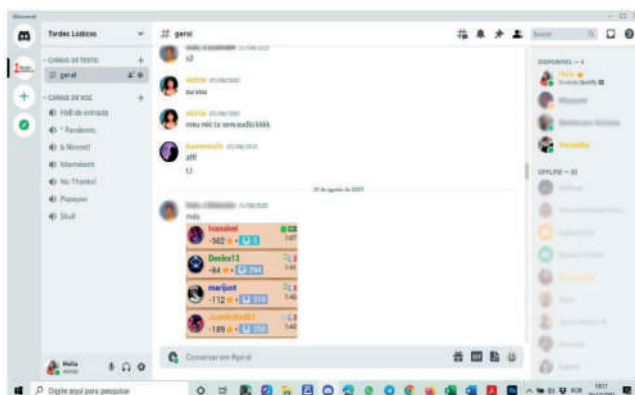
¹ Tabuleiros da Bahia é um evento filantrópico que proporciona ao público baiano o acesso aos jogos de tabuleiro de vários colecionadores locais. Diferentemente dos Tabuleiros da Bahia, o Tardes Lúdicas disponibiliza os jogos do acervo pessoal dos coordenadores do projeto para a comunidade cuiabana, ao mesmo tempo que permite que os participantes levem seus próprios jogos.

Durante as sessões presenciais, coordenadores e monitores atuam como mediadores, incentivando a participação das pessoas que se aproximam das mesas disponíveis para os jogos e colocando-se como facilitadores, explicando as regras e mecânicas dos jogos escolhidos pelos participantes, e jogando com eles.

Em diversas ocasiões a participação dos monitores enquanto jogadores foi fundamental para o desenvolvimento das partidas, seja para alcançar o número mínimo de participantes, uma vez que muitos chegam sozinhos para jogar, quanto para estimular os demais jogadores.

Ao adotarmos uma versão online para o projeto buscamos preservar algumas das características existentes no projeto original e encontramos no uso da plataforma Discord², uma dinâmica semelhante, com salas substituindo as mesas como espaço de jogo. O ambiente do Discord utilizado nas sessões online do Tardes Lúdicas pode ser visto na Figura 2.

Figura 2: Impressão da tela do Discord como espaço de socialização na versão online do Tardes Lúdicas



Fonte: Próprio autor.

O Discord é utilizado para a interação dos participantes durante os jogos. É por meio dele que os jogadores conversam durante as partidas, já que a plataforma permite o uso de voz e imagem, além do texto. O uso de voz durante as partidas recria, em parte, o ambiente de interação que os jogos proporcionam.

²Discord é um aplicativo de comunicação instantânea que você permite a troca de mensagens de áudio, texto e vídeo e possibilita a criação de servidores, que reúnem pessoas com um assunto em comum. Disponível em: <https://discord.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

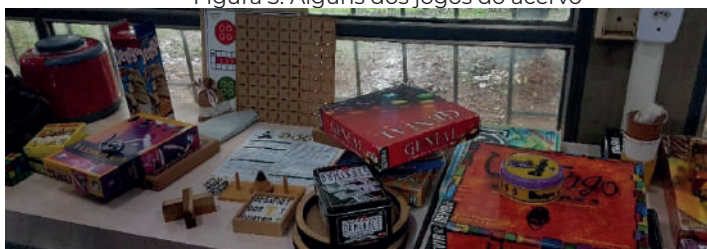
Além do Discord, como espaço de socialização, utilizamos uma plataforma com jogos de tabuleiro adaptados para o ambiente virtual. Foram analisadas duas plataformas, a Board Game Arena³ (existente desde 2010) e o Tabletopia⁴ (criado em 2014), e levamos em conta a quantidade de jogos, o custo, a língua utilizada na plataforma para apresentar os jogos e as regras e a quantidade de jogos disponíveis online que pudessem também ser encontrados em nossos acervos.

As duas plataformas possuem versões online de jogos de tabuleiro e ambas possuem acesso gratuito e pago (premium). A Tabletopia tem o maior acervo, contando com 1836 títulos, enquanto a Board Game Arena (BGA) tem apenas 364 jogos. Mas a quantidade de títulos não era o único, nem principal, fator para a escolha. Como já dissemos, desejávamos encontrar nestas plataformas, jogos que também estivessem presentes no acervo disponibilizado pelos coordenadores do projeto. Consideramos importante que as pessoas que já participaram do projeto pudessem encontrar pelo menos alguns dos jogos aos quais já estavam familiarizados e que aqueles que viessem ao projeto pela primeira vez, soubessem que encontrariam alguns destes jogos nas sessões presenciais, quando puderem ser retomadas.

O acervo conta atualmente com 174 títulos diferentes e começou a ser formado muito antes da proposição deste projeto, tendo sido adquiridos como referência para a criação de jogos, atividade desenvolvida por um dos coordenadores no período de 2001 a 2006. Nove dos jogos deste acervo foram desenvolvidos durante este período.

A Figura 3 traz alguns dos jogos do acervo disponibilizados na sessão presencial realizada em março de 2019.

Figura 3: Alguns dos jogos do acervo



Fonte: do acervo do projeto.

³Disponível em <https://boardgamearena.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

⁴Disponível em <https://tabletopia.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

E ainda que haja mais de uma centena de jogos no acervo, os participantes também podem levar seus jogos. Embora isso seja uma opção desde as primeiras sessões do projeto e esporadicamente algum participante tenha levado seus jogos para as sessões do Tardes Lúdicas, apenas em 2019 esta prática se tornou frequente. Em 5 das 9 sessões de 2019, 4 participantes levaram ao todo 7 jogos, que foram compartilhados com outros participantes do projeto. E em 2020, nas duas únicas sessões realizadas antes da necessidade de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, mais dois jogos foram levados pelos participantes.

Não temos registro da quantidade de jogos existentes no acervo pessoal dos coordenadores quando o projeto começou, em 2013. Mas, desde 2014 quando o registro começou a ser feito, foram adquiridos 92 novos jogos e 34 deles aguardam o retorno das atividades presenciais para serem apresentados ao público.

Dentre eles temos todos os jogos print and play divulgados durante o primeiro ano da pandemia, que foram impressos e integrados ao acervo utilizado pelo projeto, no intuito de apresentar aos participantes, quando as sessões presenciais puderem ser retomadas, jogos que se encontram disponíveis gratuitamente para serem baixados, impressos e jogados.

Figura 4: Jogos print and play impressos durante a pandemia



Fonte: do acervo do projeto.

Alguns, como o Kross Dice (que pode ser visto na Figura 4) precisam apenas das impressões e de alguns marcadores simples. Já o Ticket to Ride Stay at Home, lançado gratuitamente durante a pandemia, em uma versão print and play, é uma expansão do jogo

Ticket to Ride e requer o uso de algumas peças do jogo original.

Ao buscarmos as correlações entre as plataformas e o acervo utilizado pelo projeto, identificamos 25 correspondências no BGA e 16 no Tabletopia. Os jogos que se enquadram nestas correspondências têm tido destaque nas divulgações das sessões, e temos dado preferência a jogos que podem ser jogados por mais de dois jogadores, para permitir uma maior integração entre os participantes.

Esta análise, aliada ao fato do BGA estar todo traduzido para o português e permitir acesso a todos os seus jogos, inclusive aos premiums, desde que se espere por um jogador pagante, foram os fatores que levaram à escolha desta plataforma.

Ser pago ou ter a maior parte dos jogos com as regras escritas em inglês são problemas facilmente superados no âmbito do projeto. O *Tardes Lúdicas*, inclusive, possui uma conta premium no BGA para facilitar o acesso aos jogos desta categoria. E membros da equipe poderiam apresentar os jogos cujas regras estão em inglês aos participantes. No entanto, além de utilizar a plataforma durante as sessões do projeto, queremos que esta seja amigável para se tornar uma opção de espaço de descontração para além das sessões do *Tardes Lúdicas*, que acontecem apenas uma vez por mês. E verificamos que isto realmente tem acontecido, pelo menos dentre os participantes mais frequentes. Inclusive chegamos a pautar jogos para nossas sessões com base na indicação destes participantes.

E além de pautar jogos para nossas sessões, o entusiasmo dos participantes com alguns dos jogos experimentados online levou os coordenadores a adquirir sete novos jogos para o acervo.

Outra estratégia utilizada durante as sessões online foi a de selecionar sempre um jogo da sessão anterior, geralmente recaindo a escolha sobre o jogo que causou mais empolgação entre os participantes. Na divulgação feita nas redes sociais do projeto, este jogo vinha sob a rubrica de “+ uma chance pra jogar de novo”. A estratégia foi tão satisfatória que para a última sessão do ano os jogos foram escolhidos apenas entre estes que já haviam recebido uma chance para jogar de novo.

Notamos que as sessões online não tiveram a mesma adesão das sessões presenciais, mesmo assim, ao final do ano, já começávamos a ter participantes assíduos às sessões. Uma das hipóteses para isso é o cansaço das telas experimentado por parte dos estudantes, o principal público do projeto, uma vez que muitas das atividades são desenvolvidas na frente do computador, do celular ou do tablet, e nestes tempos pandêmicos são poucas as oportunidades de atividades fora das telas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao participar de ambiente lúdico, que possibilita momentos de descontração, os jogadores entregam-se voluntariamente a um mundo regido por regras próprias, diferentes da vida cotidiana, que

Huizinga (1980) chama de “círculo mágico”, fazendo uma referência ao espaço ritual que o jogo cria.

E buscando criar um círculo mágico e estimular a disseminação e a prática dos jogos de tabuleiro, temos buscado apresentar ao público jogos dos mais diversos tipos e de diversas origens. Em função disto, o acervo pessoal dos coordenadores conta com diversos tipos de jogos, incluindo jogos milenares, cujas regras ou tabuleiros remontam ao tempo dos faraós egípcios, como Senet e o jogo Real de Ur (precursores ou antepassados do Gamão), jogos considerados clássicos, por serem os mais conhecidos da maioria dos jogadores brasileiros, como Banco Imobiliário e War, jogos de tabuleiro modernos, como Colonizadores de Catan, Azul, One Key ou Dixit e jogos colaborativos como Hanabi e Pandemic. Esta variedade possibilita aos participantes do projeto, uma gama de experiências com diferentes de jogos, alinhadas com suas preferências.

No momento online do projeto, temos buscado manter essa variedade ao selecionar, na plataforma, os jogos das sessões. Pela baixa correspondência entre os acervos, procuramos selecionar jogos que tenham mecânicas diferentes entre si, incluindo jogos competitivos e colaborativos, independente de existirem no acervo do projeto. A inclusão de mais jogos cooperativos visa estimular a ação e o pensamento coletivos. Outro objetivo é aumentar a percepção de colaboração em detrimento da competição já tão presente no cotidiano da sociedade atual.

No retorno às atividades presenciais, o projeto não tem a pretensão de aumentar muito o número de participantes por sessão, em decorrência do espaço que ocupa e porque, como diz Caillois (2017, p. 85).

Uma partida só aceita um número limitado de parceiros, associados ou não. O jogo, portanto, geralmente aparece como uma ocupação de pequenos grupos de iniciados ou de aficionados, que em um canto e por alguns instantes entregam-se ao seu divertimento favorito.

Desde a proposição do projeto, em 2013, a intenção sempre foi criar um projeto longo, que permitisse criar um espaço para que jogadores pudessem se reunir e desfrutar de um espaço para se desligarem dos afazeres diários e encontrar um espaço lúdico de vivência, e a versão online deste ano foi desenvolvida para que este preservar este espaço e dar continuidade à interação lúdica e social que o projeto proporciona e se faz tão mais necessária nestes tempos de isolamento social.

Para os próximos anos, a nossa intenção é fortalecer o vínculo com os participantes e aumentar ainda mais o acervo de jogos, incluindo mais jogos cooperativos, buscando aumentar a percepção de colaboração em detrimento da competição já tão presente no cotidiano da sociedade atual, ao mesmo tempo em que nos permite oferecer mais opções para aqueles que se dispuserem a experimentar o ambiente descontraído e socializante do *Tardes Lúdicas*.

REFERÊNCIAS

Board Game Arena. Disponível em: <https://boardgamearena.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

Discord. Disponível em: <https://discord.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

Tabletopia. Disponível em: <https://tabletopia.com/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

BARTHOLO, Márcia Fernandes. O lazer numa perspectiva lúdica e criativa. In: **Cinergis**, Santa Cruz do Sul. v. 2, n. 1, p. 89-99, jan/jun, 2001.

CAILLOIS, Roger. **Le jeux el lês hommes**. Lê masque el lê vertige. Cher, Gallimard, 1958. Tradução brasileira com o título: Os jogos e os homens. A máscara e a vertigem. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

DEBORTOLI, José Alfredo. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, Alysso *et al.* **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. Haarlem, The Netherlands: H.D. Tjeenk Willink & Zoon N.V., 1938. Tradução brasileira com o título: **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LOPES, Maria Conceição. "Ludicity – a theoretical term". **Sixth Annual Convention of Media Ecology Association**. New York: Fordham University, Lincoln Centre Campus, 2005. Disponível em: <http://www.tasplay.org/tasplayfiles/pdfs/lopesludicitypaper.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RYAN, Marie-Laure. **Narrative as Virtual Reality: Immersion and Interactivity in Literature and Electronic Media**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

SALEN, Katie; ZIMMERMAN, Eric. **Regras do Jogo: Fundamentos do Design de Jogos**. São Paulo: Blucher, 2012. 4 v.

VANNUCCHI, Helia. **A importância das regras e do gameplay no envolvimento do jogador de videogame**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/importancia-regras>. Acesso em: 21 ago. 2021.



REVISTA DARCY NAS ESCOLAS: CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A FORMAÇÃO DISCENTE

DARCY MAGAZINE AT SCHOOLS:
CONTRIBUTIONS FROM THE
UNIVERSITY EXTENSION
TO SCIENTIFIC DIVULGATION AND TO
STUDENT TRAINING

Serena Gomes Veloso,

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Vanessa de Souza Vieira Rodrigues,

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Paulo Alziro Schnor,

Universidade de Brasília (UnB)
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo: A ciência brasileira avança em seu desempenho nos últimos anos e cresce a demanda por democratizar o acesso a este conhecimento. A revista *Darcy*, publicação de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, tem o compromisso, desde 2009, de levar o conhecimento para fora dos muros acadêmicos. Em 2021, este objetivo foi fortalecido por meio da extensão universitária. Este trabalho versa sobre contribuições deste campo para a divulgação científica e para a formação discente.

Palavras-Chave: revista *Darcy*; divulgação científica; *Darcy* nas escolas.

Abstract: Brazilian science has advanced in its performance in recent years and the demand for democratizing access to scientific knowledge is growing. The *Darcy Magazine*, publication of scientific and cultural journalism by the University of Brasília, has been committed, since 2009, to taking knowledge outside academic walls. In 2021, this goal was strengthened through university extension. This work deals with contributions from this field to scientific divulgation and to student education.

Keywords: *Darcy Magazine*; scientific divulgation; *Darcy* in the schools.

1. INTRODUÇÃO

A ciência brasileira tem avançado em seu desempenho nos últimos anos, resultado de fatores como incremento no número de pesquisadores, expansão das universidades e programas de pós-graduação, investimentos e ampliação de sua visibilidade internacional. Relatório da Clarivate Analytics (2019) para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) traça um panorama dessa evolução de 2013 a 2018 e revela que o Brasil é o 13º maior produtor mundial de publicações científicas, com impactos cada vez mais elevados em nível global.

No período mencionado, as pesquisas no país aumentaram em 30% – o dobro da média global. Só em 2018, pesquisadores brasileiros publicaram cerca de 50 mil artigos indexados ao *Web of Science*, plataforma referencial de citações científicas. A maior parte da ciência desenvolvida no Brasil (95%) vem das universidades públicas. Quinze destas instituições são responsáveis por 60% das pesquisas nacionais, entre elas a Universidade de Brasília (UnB). As contribuições científicas geradas são essenciais para o desenvolvimento social, econômico, tecnológico e cultural do país, e, consequentemente, para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.

Apesar de seus impactos, ainda é um desafio promover a circulação da ciência para além dos muros das instituições, em lingua-

gem acessível e de forma atrativa ao interesse da sociedade. A ausência de uma cultura de divulgação científica forte pelas próprias universidades é uma das lacunas na popularização da ciência no país (BUENO, 2014).

Além disso, a quinta rodada da pesquisa *Percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil*, realizada em 2019, mostra que apesar de os brasileiros reconhecerem os benefícios do fazer científico (fato confirmado por 73% dos entrevistados) e se interessarem por temas relacionados à ciência e tecnologia, o hábito de consumo de informações sobre o assunto na mídia ainda é baixo. Entre os participantes, a maior parte raramente buscava informações na internet e redes sociais (61%), em programas de televisão (52%), revistas (76%) ou jornais impressos (81%).

O estudo, promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o Centro de Estudos Estratégicos (CGEE), abrangeu 2.200 pessoas com idade superior a 16 anos, com cotas por gênero, idade, escolaridade, renda e local de moradia em todas as regiões do país.

Diante deste cenário, Bueno (2014, p. 5) defende ser necessário consolidar uma cultura que a valorize, o que, em sua avaliação, passa a “difusão ampla e competente da pesquisa científica e tecnológica, com destaque à divulgação científica em suas múltiplas possibilidades e ao jornalismo científico”.

Ampliar o acesso ao conhecimento científico entre os cidadãos é uma das premissas da *Darcy*, revista de jornalismo científico e cultural da UnB. Publicada pela Secretaria de Comunicação (Secom/UnB) desde 2009, a revista divulga temas contemporâneos de interesse público, pesquisas e iniciativas de ensino, extensão e cultura promovidas pela Universidade.

Para ampliar o alcance da publicação junto à comunidade escolar foi criado, em 2021, o *Projeto de Extensão da Revista Darcy*. Este busca alavancar a democratização da ciência produzida na UnB, ao levar a revista a escolas públicas do Distrito Federal (DF). Ainda, incentivar o debate sobre seus conteúdos em sala de aula e em webinários. Em outra via, o projeto alia a extensão acadêmica à formação de estudantes de Jornalismo da UnB, que participam da produção da revista na condição de extensionistas.

Esta publicação reúne reflexões sobre o potencial da extensão universitária como estratégia para fortalecer a divulgação científica e colaborar na formação de estudantes universitários, a partir da experiência do *Projeto de Extensão da Revista Darcy*. Em um panorama da iniciativa, pretende-se destacar as contribuições dessa interação para aproximar universidade e escola, agregar experiências jornalísticas ao currículo de acadêmicos da área e popularizar a ciência.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Contribuir para a democratização do acesso ao conhecimento científico é um dos pilares que fundamentam o *Projeto de Extensão da Revista Darcy*. Os materiais e métodos utilizados no projeto estão descritos abaixo.

2.1. A REVISTA DARCY

A revista [Darcy](#) dá visibilidade, em linguagem acessível, aos conhecimentos gerados em salas de aula e laboratórios da instituição. Como publicação de jornalismo científico, campo da divulgação científica destinado a comunicar “através dos meios de comunicação de massa ou dos meios alternativos e especializados, os avanços e retrocessos da C&T e tecnologia à maioria da população” (BORTOLIERO, 2009, p. 49), a Darcy favorece a popularização e a valorização da ciência.

A publicação contempla temas contemporâneos de interesse público, pesquisas e iniciativas de ensino, extensão e cultura promovidas pela Universidade de Brasília e por outras instituições de ensino e pesquisa do país e do exterior.

Exemplo disso, é a reportagem [Como reduzir as desigualdades](#), que integra o [Dossiê da edição 25](#) e aprofundou a temática de desigualdades por meio da análise de especialistas no assunto em diferentes áreas do conhecimento. A abordagem contribui para formar a opinião pública a partir de informação qualificada.

2.2 O PROJETO DE EXTENSÃO DA REVISTA DARCY

A Secretaria de Comunicação da UnB tem buscado aproximar a comunidade escolar do DF da revista *Darcy*. Nesse sentido, foi proposto em 2021 o *Projeto de Extensão da Revista Darcy*, inserido no Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex) do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DEX/UnB) – ação contínua de fomento à participação de graduandos na extensão da UnB.

Por meio do projeto, foi possível agregar recursos e ferramentas de extensão e de formação acadêmica aos processos de produção e circulação da revista. Dois eixos metodológicos estruturam as atividades: 1) formação discente, com a participação de graduandos de Jornalismo da UnB na produção da revista; e 2) extensão universitária, pelo qual são promovidas atividades junto às escolas, com apresentação e discussão dos conteúdos da publicação, estimulando o seu uso como material paradidático. Estes eixos são detalhados nos próximos itens, onde também são discutidas as contribuições da integração entre extensão universitária, divulgação científica e formação discente.

2.2.1. FORMAÇÃO DISCENTE E PRÁTICA JORNALÍSTICA

Experimentar o fazer jornalístico nas diversas etapas de produção da revista *Darcy* é uma oportunidade oferecida a estudantes do curso de Jornalismo da UnB no projeto. Como extensionistas, eles contribuem na definição das pautas, apuração e escrita de reportagens para a revista, entrando em contato com pesquisas científicas e iniciativas de ensino, extensão e cultura promovidas pela UnB. Durante o processo, os graduandos aprofundam conhecimentos sobre especificidades da produção jornalística e científica, o que permite a ampliação da bagagem acadêmica e profissional.

A atuação dos discentes é supervisionada por profissionais da Secom e coordenadores do projeto, que os orientam quanto aos processos de realização da reportagem: escolha e contato com as fontes, realização de entrevistas, seleção de informações para o texto, estruturação do conteúdo jornalístico, proposição de recursos visuais e infográficos para complementar as reportagens. A troca de experiências com os servidores da Secretaria, em avaliações e feedback dos conteúdos elaborados, favorecem o aprendizado profissional e o aprimoramento da escrita jornalística pelos graduandos.

Wilson Bueno (2012) ressalta que o jornalista, em seu ofício, deve se aprofundar no assunto sobre o qual está escrevendo, compreender como selecionar adequadamente as fontes que contribuirão para sua pauta, além de dominar as técnicas de entrevista e a produção do texto jornalístico. No campo do jornalismo científico, soma-se às atribuições necessárias à sua formação o comprometimento com a democratização do conhecimento, de forma que “não se afirme apenas como um mero reproduzidor, mas como um produtor de informações que contribua para o debate sobre prioridades em ciência e tecnologia e que inclua o cidadão no processo de tomada de decisão” (BUENO, 2012, p. 5).

A participação no *Projeto de Extensão da Revista Darcy* possibilita aos estudantes de Jornalismo da UnB desenvolver tais habilidades e a perspectiva crítica na atuação profissional, aplicando os conhecimentos obtidos em sala de aula na produção de conteúdos para a revista. Além disso, os estudantes compreendem na prática conceitos e técnicas específicas do jornalismo científico. José Marques de Melo (2006) menciona, entre as premissas deste campo, que ele

Deve ser uma atividade principalmente educativa. Deve ser dirigido à grande massa da população e não apenas à sua elite. Deve promover a popularização do conhecimento que está sendo produzido em nossas universidades e centros de pesquisa, de modo a contribuir para a superação dos muitos problemas que o povo enfrenta. Deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo cidadão comum. Deve gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando o interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens. (MELO, 2006, p. 118)

Ao se pautar por esses direcionadores na produção de conteúdos para a revista, espera-se que os extensionistas incorporem o princípio de educar para a ciência e desenvolvam reflexões críticas sobre os impactos da divulgação científica junto à sociedade.

2.2.1. CIÊNCIA NAS ESCOLAS PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O interesse do público jovem por ciência e tecnologia corrobora a perspectiva de fortalecer as pontes entre universidade e comunidade escolar por meio da extensão universitária e da divulgação científica. Pesquisa de 2019 do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) com mais de 2 mil jovens entre 15 e 24 anos de idade, de 21 estados e Distrito Federal, aponta que 70% deles reconhecem os benefícios e são atraídos por temas científicos e tecnológicos. Entretanto, apenas 26% buscam informações sobre o assunto com frequência.

A divulgação científica tem papel fundamental na expansão do acesso à ciência pela sociedade. Em interface à extensão universitária, amplia-se o potencial de retorno à população do saber gerado nas universidades e instituições de pesquisa. Como práticas indissociáveis ao ensino e à pesquisa, as ações de extensão constituem:

uma relação dialógica entre universidade e sociedade, através da troca de saberes entre o conhecimento comum (popular) e o conhecimento científico (acadêmico), materializando o confronto do conhecimento científico, tecnológico e filosófico produzido na academia com as experiências concretas vividas na realidade social (VILLAR, 2011, p. 54).

Como processo educativo, cultural e científico, que promove o diálogo entre ensino e pesquisa, além de aproximar universidade e sociedade, a extensão universitária “contempla, definitivamente, os pressupostos que conferem importância e legitimidade às ações de divulgação científica” (VALÉRIO, 2006, p. 82).

Apropriando-se destes princípios, o *Projeto de Extensão da Revista Darcy* institucionalizou e fortaleceu a parceria, iniciada em 2019, com o Centro Educacional 104 do Recanto das Emas (CED 104), cujo objetivo é contribuir com a educação científica dos secundaristas a partir da incorporação dos conteúdos da Darcy nas atividades escolares.

O projeto tem permitido estimular o uso da *Darcy* como material paradidático, em diálogo com o corpo docente da escola. Além disso, são promovidas atividades de extensão junto aos docentes e estudantes, resultando na aproximação da comunidade escolar à Universidade e ao saber científico por ela gerado.

Nesse sentido, a pesquisadora Fabíola Oliveira (2002, p. 13) res-

salta que o acesso às informações sobre ciência e tecnologia, além de favorecer o exercício da cidadania, colabora para fortalecer a formação de uma cultura científica e “para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações política ligadas a C&T”.

A *Declaração sobre Ciência e o Uso do Conhecimento Científico* da Unesco aponta a educação científica como imprescindível à democracia, ao desenvolvimento humano e sustentável, e ao combate às disparidades no mundo. A difusão de conteúdos científicos da revista *Darcy*, por meio de ações de extensão junto à comunidade escolar, corrobora esta perspectiva, pois favorece o aprendizado sobre ciência de forma simplificada, reflexiva e atrativa.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em 2021, o *Projeto de Extensão da Revista Darcy* se mostrou como uma iniciativa bem sucedida para fortalecer a divulgação científica, contribuir com a formação de universitários, e estreitar os elos entre universidade e sociedade.

No que tange à divulgação científica, houve aproximação entre a revista *Darcy* e a comunidade escolar do Centro Educacional 104 do Recanto das Emas (CED 104). Além de utilizar a publicação como material paradidático, a comunidade escolar pôde interagir com a equipe da *Darcy* e com seus conteúdos por meio de dois webinários promovidos pelo projeto como parte da programação da 27ª *Semana Universitária da Universidade de Brasília*, realizada de 27 de setembro a 1 de outubro.

Intitulados [1] *Darcy nas Escolas: conhecendo o fazer jornalístico a partir da reflexão sobre desigualdades e pandemia* e [2] *Darcy nas Escolas: olhares sobre desigualdades pelo fotojornalismo*, os webinários tiveram ampla participação dos secundaristas e também de estudantes de graduação interessados nas temáticas abordadas.

Figura 1 – Print do webinário *Darcy nas Escolas: conhecendo o fazer jornalístico a partir da reflexão sobre desigualdades e pandemia*



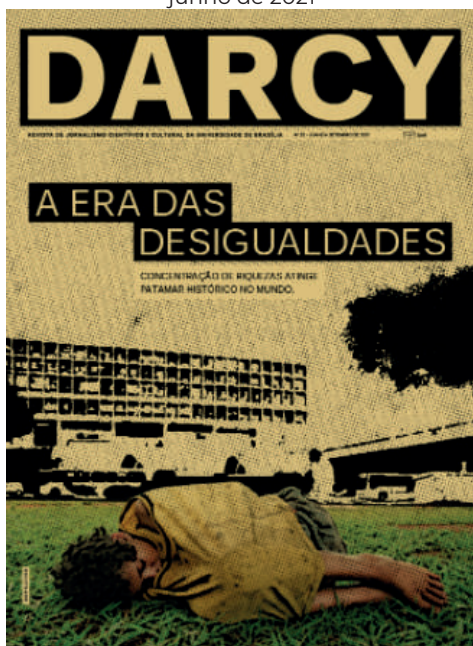
Fonte: próprio autor.

Transmitidos ao vivo pelo canal do DEX/UnB no YouTube, palestraram nos webinários profissionais da *Darcy*, professores da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB), extensionistas do projeto e professores do CED 104. Os secundaristas puderam interagir e tirar dúvidas por meio do chat da plataforma.

A prioridade foi, inicialmente, apresentar informações sobre histórico da Universidade de Brasília, formas de ingresso, cursos ofertados e canais institucionais de comunicação. Buscou-se, com isso, despertar o interesse de estudantes de escolas públicas pela formação superior, tendo em vista que eles são potenciais futuros ingressantes na universidade.

As atividades promoveram a apresentação e o diálogo em torno do conteúdo científico da edição 25 da revista, cujo Dossiê trata sobre o aumento das desigualdades no mundo. Entre os conteúdos abordados, está a reportagem do Dossiê *Como reduzir as desigualdades*, de autoria do extensionista Robson Rodrigues. Houve, ainda, apresentação da seção [Ensaio Visual](#) que, na edição 25, reuniu produções de Ivaldo Cavalcante – fotojornalista radicado em Brasília e premiado internacionalmente. O momento rendeu diversas interações com o público.

Figura 2 – Capa da edição 25 da revista *Darcy*, lançada em junho de 2021



Fonte: Revista *Darcy*, Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília.

Em linguagem acessível, os palestrantes trouxeram um breve panorama das etapas de produção da *Darcy*, desde o levantamento de pautas até a diagramação das matérias, além da divulgação nos canais de comunicação da Universidade e junto às escolas.

Os webinários também focaram na divulgação das práticas de jornalista e fotojornalista, detalhando a atuação em ambos os ofícios por meio do processo produtivo da revista, para despertar vocações profissionais entre os estudantes do ensino médio. Planejadas pela equipe do projeto de extensão e por professores do CED 104, as atividades atenderam a demandas da escola em apresentar aos secundaristas diferentes possibilidades de atuação no mercado de trabalho. A proposta dialogou com o projeto *Encontro das Profissões*, promovido pelo Centro Educacional com essa finalidade.

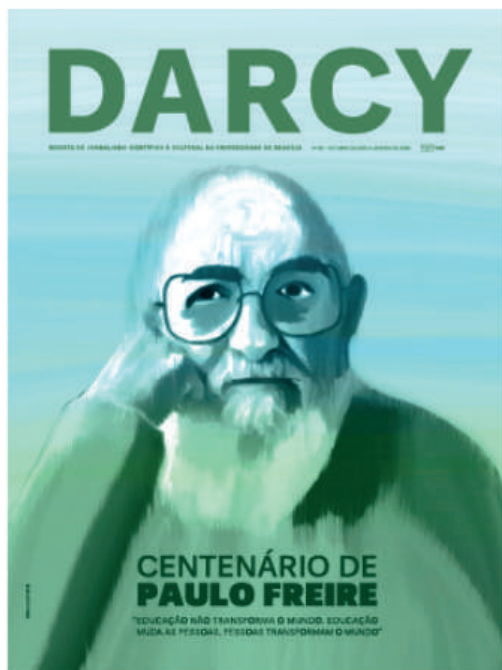
A experiência mostrou-se uma oportunidade de promover a divulgação científica e o acesso a informações sobre formação superior de forma prática, dialógica e interativa, aproximando os secundaristas desses conhecimentos em atividades que extrapolam os muros das salas de aula. Compreende-se, ainda, a importância de iniciativas como esta para reforçar o papel da popularização da ciência na promoção do direito à cidadania e como “uma das condições necessárias à formação e capacitação dos indivíduos para lidarem com o mundo em que estão inseridos” (SILVA; AROUCA; GUIMARÃES, 2002).

A gravação dos webinários está disponível pela internet, o que amplia o potencial de alcance da ação a outras escolas. Juntas, as duas atividades já tiveram mil visualizações no YouTube. Durante os webinários, também foi compartilhado com o público uma pesquisa de opinião sobre o conteúdo da revista *Darcy*, pela qual foi possível avaliar a qualidade da publicação, a linguagem, os temas de interesse dos leitores e o projeto gráfico e visual da revista. As informações coletadas permitirão aprimorar as estratégias de produção da revista, de forma que o conteúdo possa ser melhor direcionado ao público-alvo.

No que tange à formação dos graduandos envolvidos como extensionistas no projeto, além de participar das atividades junto à comunidade escolar durante a 21ª *Semana Universitária da Universidade de Brasília*, eles experimentaram o fazer jornalístico ao serem inseridos nos processos produtivos da revista.

Os extensionistas colaboraram na produção de reportagens do [Dossiê da edição 26](#), que homenageou o centenário de Paulo Freire, educador reconhecido internacionalmente. Para a elaboração dos conteúdos, que destacaram a vida e a obra de Freire, os graduandos se aprofundaram em pesquisa histórica, referenciados por notícias, bibliografias e informações levantadas em entrevistas com especialistas. Durante o processo, compartilharam os desafios da apuração e escrita do texto jornalístico e receberam orientações de servidores da Secretaria de Comunicação e do coordenador geral do projeto.

Figura 3 – Capa da edição 25 da revista *Darcy*, lançada em junho de 2021



Fonte: Revista *Darcy*, Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília.

Os discentes também apresentaram as atividades desempenhadas no projeto no *Encontro de Estudantes Extensionistas*, promovido pelo Decanato de Extensão (DEX) da UnB. Assim, foi oportunizado aos graduandos, na execução das atividades do projeto, aprender na prática as técnicas e o ofício no campo do jornalismo científico, estreitar vínculos e interagir com a comunidade escolar, e refletir sobre os benefícios da divulgação científica no campo da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências do *Projeto de Extensão da Revista Darcy* demonstram o potencial da extensão universitária para democratizar o acesso ao conhecimento científico, por meio da divulgação científica, e para contribuir na formação de estudantes universitários.

O projeto consolida elos entre universidade e comunidade escolar, ao aproximar estudantes de ensino médio de escolas públicas do DF da produção científica da UnB, por meio de diálogos sobre a revista e com o uso de seus conteúdos em classe. O contato com reportagens sobre ciência e temas de relevância social abordados na

Darcy contribui para o desenvolvimento da leitura crítica de mundo e formação científica dos secundaristas, além de estimular o acesso a informações jornalísticas de qualidade.

A extensão universitária também proporciona aos graduandos o aprendizado prático e o desenvolvimento de habilidades jornalísticas por meio da produção da *Darcy*. Além disso, oportuniza trocas de experiências entre extensionistas e secundaristas sobre ciência e fazeres jornalísticos, interação que enriquece os conhecimentos acadêmicos e profissionais dos universitários.

REFERÊNCIAS

BORTOLIERO, S. Papel das universidades na promoção da cultura científica: formando jornalistas científicos e divulgadores da ciência. In: PORTO, C. M. (Org). **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 45. Disponível em SciELO Books. Acesso em: 30 ago. 2021.

BUENO, W. C. A formação do jornalista científico deve incorporar uma perspectiva crítica. **Diálogos & Ciência**. Ano 10, n. 29, mar. 2012.

BUENO, W. C. A Divulgação da Produção Científica no Brasil: A Visibilidade da Pesquisa nos Portais das Universidades Brasileiras. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S.l.], jul. 2014. ISSN 2238-0701. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36340/22901>. Acesso em: 01 jul. 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/am.v0i7.36340>.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo executivo. Brasília, DF: 2019. 24p.

MELO, J. M. **Teorias do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, G.A.; AROUCA, M.C; GUIMARÃES, V.F. As exposições de divulgação da ciência. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2002, p. 155-164.

UNESCO. **Declaração sobre a Ciência e o Uso do Conhecimento Científico**. Brasília: UNESCO, Abipti, Fucapi, 2003.



VALÉRIO, M. **Ações de divulgação científica na Universidade Federal de Santa Catarina:** extensão como compromisso social com a educação em ciência e tecnologia. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

VILLAR, A. E. V. **Extensão universitária:** concepções e ações na UFRN sob a temática direitos humanos e justiça no período de 2008 a 2010. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN, 2011.

WEB OF SCIENCE GROUP. **Research in Brazil:** Funding excellence, 2019.





CONCEPÇÕES DE AGRICULTORES SOBRE EFEITOS DA LUA NA AGRICULTURA E NOS ANIMAIS

CONCEPTIONS OF FARMERS IN THE
NORTHWEST OF MINAS GERAIS STATE
ABOUT THE EFFECTS OF THE MOON ON
AGRICULTURE AND ON ANIMALS

Manoel Expedito Batista Viana,

Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina (FUP), Unai,
MG, Brasil

Nathan Carvalho Pinheiro,

Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina (FUP),
Planaltina, DF, Brasil

Erina Vítório Rodrigues,

Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina (FUP),
Planaltina, DF, Brasil

Patrícia Alves Barbosa,

Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina (FUP),
Buritis, MG, Brasil

Grupo de Estudos e Pesquisa:

CIMA Campo - Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências
da Natureza e Matemática na Educação do Campo

Resumo: A Lua possui simbolismo muito rico, assumindo lugar de destaque em diversas culturas. Ela é o único satélite natural da Terra e muitos povos acreditam que ela exerce influência sobre nosso planeta, trazendo consequências, por exemplo, para a agricultura e para a criação de animais, atividades importantes na vida do camponês. A observação da fase da Lua nas atividades do cotidiano do campo é uma prática cultural que vem sendo esquecida devido ao constante avanço tecnológico e à falta de transmissão oral. Para este trabalho fizemos uma revisão de artigos que discutem concepções dos povos do campo sobre efeitos lunares e resumimos alguns dos principais efeitos apontados. Posteriormente, fizemos entrevistas com cinco moradores na cidade de Unaí - MG. Os entrevistados mostraram suas concepções e seus conhecimentos em relação à Lua, e mesmo sem ter estudado sobre ela, pode-se notar que os camponeses possuem um meio de vida que envolve forte vínculo com o território em que se localizam. Com essas entrevistas fizemos uma análise e observamos que as opiniões sobre a influência da Lua foram bem diversificadas. Registrar e analisar essa prática é importante para a memória e a divulgação dela. Com este trabalho pretendemos deixar algo escrito para as futuras gerações saberem um pouco sobre como eram feitas as atividades no campo.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Ensino de ciências; Conhecimentos tradicionais;

Abstract: The Moon has a very rich symbolism, assuming a prominent place in many cultures. It is the only natural satellite of the Earth and many people consider that it exerts influence on our planet, bringing consequences, for example, for agriculture and animal husbandry, important activities in the peasant's life. For this work, we reviewed articles in relation to studies of field peoples' conceptions about lunar effects, as the use of Moon phase observation in field activities is a cultural practice that has been forgotten due to constant technological advances and the lack of oral transmission. We will show the conceptions of farmers who rely on the Moon for their daily activities. Interviews were carried out in the city of Unaí - MG, with five residents. The interviewees showed their conceptions and knowledge about the Moon, and even without having studied about it, it can be noted that the peasants have a way of life that corresponds to the link with the area in which they are located. It is possible with these interviews to analyze and observe that the opinions on the influence of the Moon were well diversified. Recording and analyzing this practice is important for its memory and dissemination. With this work we intend to leave something written for future generations to know a little about how activities were carried out in the field.

Keywords: Peasant Education; Science teaching; Traditional knowledge;

1. INTRODUÇÃO

A Lua possui um simbolismo muito rico, assumindo lugar de destaque em diversas culturas. Em vários países asiáticos, por exemplo, há festas nacionais dedicadas à Lua e ela serve de referência para o calendário chinês (SILVA, 2021). Ela é o único satélite natural da Terra e muitos povos consideram que ela exerce influência sobre nosso planeta, trazendo consequências, por exemplo, para a agricultura e a criação de animais, atividades importantes na vida do camponês.

Já é bem conhecido o papel da Lua em alguns fenômenos terrestres, como nas marés, que conseguimos explicar fisicamente considerando a gravitação da Lua e do Sol. Porém, outros possíveis efeitos lunares que fazem parte da cultura popular são alvo de debates e, em alguns casos, são contestados por pesquisas científicas (SILVEIRA, 2003). É o caso da possibilidade e da dimensão dos efeitos que os ciclos da Lua teriam sobre as plantas e os animais. Há um debate sobre o tema há muito tempo em áreas como Agronomia, Veterinária, Física e outras, que não encontra consenso, sendo possível encontrar na literatura tanto pesquisas que apontam esse tipo de efeito quanto as que o descartam ou minimizam sua escala.

Independente da existência de consenso nas pesquisas, o fato é que muitas populações se baseiam nas fases da Lua para plantar, colher as hortaliças, cuidar dos animais, castrar um animal e até mesmo cortar o cabelo e afirmam que cada uma dessas fases atua diferente sobre as plantas e os animais. Esse hábito é comum principalmente entre os “mais velhos”. Por exemplo, a lua minguante seria boa para plantar raízes, como beterraba, cenoura, batata, mandioca e outros tubérculos. Nesta fase, as raízes cresceriam mais que as folhas, pois a lua minguante faria a seiva ir para a direção das raízes. Seria uma fase boa para extrair madeira para construção de casas, pois ela ficaria mais resistente ao ataque de carunchos e cicatrizaria mais rápido impedindo a penetração de parasitas.

A utilização da observação da fase da Lua nas atividades do campo é uma prática cultural que vem sendo esquecida devido ao constante avanço tecnológico e à falta de transmissão oral. Registrar e analisar essa prática é importante para a memória e a divulgação dela. Com este trabalho pretendemos deixar algo escrito para as futuras gerações saberem um pouco sobre como eram feitas as coisas no campo.

1.1 ESTUDOS SOBRE CONCEPÇÕES DE POVOS DO CAMPO SOBRE EFEITOS LUNARES

Em diferentes culturas e mitologias, a Lua está relacionada com fertilidade, gestação e parto. Nos países asiáticos, por exemplo, há festas nacionais dedicadas à Lua, e ela serve de referência para o calendário chinês (SILVA, 2021). Ela é o único satélite natural da Terra,

e muitos povos consideram que ela exerce influência sobre nosso planeta, trazendo consequências, por exemplo, para a agricultura e a criação de animais, atividades importantes na vida do camponês.

Acredita-se que a Lua influencia na Terra, como as plantas e os animais. Andrade *et al.* (2018) reportam que quando a Lua está na fase minguante, é adequada para plantar rizomas, bulbos ou tubérculos, como beterraba, cenoura, batata e mandioca. Ainda conforme os entrevistados, nesta fase, as raízes crescem mais que as folhas, pois a lua minguante faz a seiva ir para a direção das raízes. É uma fase boa para extrair madeira para construção, pois esta fica mais resistente ao ataque de carunchos e cicatriza mais rápido, impedindo a penetração de insetos.

A Lua já é bem conhecida do ponto de vista da ciência, e a sua influência em fenômenos terrestres, como nas marés (SILVEIRA, 2003). Porém, parece haver mais controvérsia quanto à sua influência sobre as plantas e os animais, sendo possível encontrar na literatura pesquisas que apontam esse tipo de influência e que a descartam.

Independente dessas pesquisas, muitas populações da zona rural se baseiam nas fases da Lua (minguante, nova, crescente e cheia) para plantar, colher as hortaliças, manejo animal, castração e até mesmo para cortar o cabelo, e os camponeses afirmam que cada fase atua diferente sobre as plantas e os animais. Esse hábito é comum principalmente entre os “mais velhos” (DARROZ *et al.*, 2013).

Corroborando essas informações, Marques *et al.* (2007), ao realizarem pesquisa na aldeia indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema - BA, expressam que, segundo os tupinambás, entre a lua minguante e a nova, sugere-se que seja plantado tudo o que dá “abaixo do solo” (raízes, tubérculos, rizomas e bulbos comestíveis) a lua nova, é recomendada para a castração de animais e para plantio de árvores frutíferas com crescimento rápido e boa frutificação; plantar mandioca, pois cresce rápido e engrossa as raízes e não fica suscetível às doenças e patógenos e não é recomendado corte de madeira.

A Lua nova exerce influência direta no transporte de seiva, manifesta-se em maior quantidade no caule, em direção aos ramos, o que favorece o crescimento e desenvolvimento das plantas, principalmente no aproveitamento das folhas, como as hortaliças e ainda, esta fase lunar, torna-se atrativa ao plantio de árvores cujo objetivo é a produção de madeira (RODRIGUES *apud* MARQUES *et al.*, 2007, p. 565).

Entretanto, Grando e Little (2017), em estudo na Vila do Forte, Vale do Paran  - GO, afirmam que, na lua nova, não   recomendado plantar. De acordo com o público entrevistado, nesta fase, as plantas são vulneráveis a ataques de insetos e parasitas, que, neste ciclo, estão em grande atividade, podendo causar perda dos cultivos.

Marques *et al.* (2007) também afirmam que a lua crescente não é indicada para plantio de hortaliças, que tenham como o principal parte utilizada a raiz e o caule, pois, nesta fase, são as folhas que crescem. Como nessa fase a lua é escura, recomenda-se plantar cana, que os gomos engrossam e crescem, e não são sujeitos a ataques de patógenos, as galinhas têm potencial para chocar ovos e recomenda-se cortar crina e casco dos cavalos. Contrapondo esses argumentos, Grando e Little (2017), afirmam que a lua crescente é boa para plantar arroz e cana. Segundo os moradores do Vale, a colheita foi farta e livre de patógenos, por isso eles sugerem seguir o calendário lunar. Por outro lado, Da Silva *et al.* (2017), relataram que 50% dos entrevistados afirmaram ser a melhor fase para plantar folhosas.

Marques *et al.* (2007), salientam que na lua cheia, colhe-se cacau dos galhos, colocam galinhas para chocar, colhe-se a embira, para a produção de tangas. Não é aconselhável plantar grãos, e nem quiabo. Nesta fase, os frutos estão mais suculentos porque a seiva está em maior quantidade para colhê-los.

Segundo os entrevistados de Grando e Little (2017), a lua minguante é indicada para realizar o plantio de mandioca, feijão, milho e a maioria dos cultivos, devido ao maior rendimento, e são menos suscetíveis a patógenos. Marques *et al.* (2007) sugerem que os três dias depois da lua minguante podem ser utilizados para o plantio de mandioca, feijão guandu, mangalô, milho e plantas de grãos, abacaxi e laranja. Pode-se colher fibra de bananeira e podar árvores. Nessa fase as plantas têm menos seiva nos caules sendo recomendada a colheita/retirada de madeira para construção, pois ela é mais resistente ao ataque de pragas. As pesquisa de Andrade *et al.* (2018) encontrou relatos conflitantes em relação ao plantio na lua minguante: enquanto alguns relatam que é uma época recomendada para o plantio de raízes tuberosas, outros relatam que nessa fase da lua há menor produção e maior incidência de pragas. Ressaltam ainda que todas as fases da Lua foram recomendadas para algum tipo de plantio. Da Silva *et al.* (2017) explicam que não existe algo concreto que indique a melhor fase da lua, mas a maioria das pessoas entrevistadas afirmam ser a lua minguante a melhor fase para plantar raízes.

Portanto, percebemos nos trabalhos acima, que há o relato de fazer o plantio de tubérculos na lua minguante, pois o rendimento da produção é maior e menos suscetível ao ataque de patógenos. Muitos agricultores também afirmam que a poda das árvores e a retirada de madeira para construção são feitas durante a lua minguante, pois haveria menos seiva nos caules os deixando forte contra as pragas. Porém, Andrade *et al.* (2018) não concorda que nessa fase haja mais produção com menos incidência de pragas, ele ainda considera que o desenvolvimento das plantas está relacionado ao plantio em todas as fases da lua.

Apesar disso, há diversas pesquisas que investigam diferenças na percepção da influência da Lua, por exemplo, Andrade *et al.* (2018) conduziram um estudo em Rio Pomba - MG, e constataram que agricultores da região observaram diferenças entre plantas semeadas em diferentes fases da Lua, embora nem sempre haja concordância sobre como é essa diferença. Darroz *et al.* (2013) salientam, que as crenças sobre a Lua variam conforme o nível de escolaridade. Grando e Little (2017) mostraram, em um levantamento etnológico feito na Vila do Forte Vale do Paranã - GO. O plantio conforme as fases da Lua está cada vez mais escasso, devido aos novos métodos de plantio, com base nesse resultado, os autores defendem que “registrar um conhecimento tradicional local pode colaborar no desenvolvimento de técnicas de manejo mais sustentáveis” (GRANDO e LITTLE, 2017).

Simão (1958) reporta que a influência lunar sobre as plantas é um tema que todas as classes sociais falam sobre, mas até hoje não se chegou a uma conclusão. As opiniões das pessoas sobre esse tema podem ser divididas em três atitudes: os que acreditam, os que não acreditam e os que não negam por falta de provas. A utilização da observação da fase da Lua nas atividades do campo é uma prática cultural que vem sendo esquecida devido ao constante avanço tecnológico e à falta de transmissão oral.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Entrevistamos cinco moradores de Unaí - MG, sendo que duas das entrevistas foram feitas em dupla, totalizando três entrevistas. As perguntas foram sobre a influência da lua nas plantas, nos animais, no cotidiano dos entrevistados. Foram feitas entrevistas com pessoas que já residiram na zona rural, e tem conhecimento sobre o tema pesquisado, duas pessoas ainda moram na fazenda e três residem na cidade.

As entrevistas foram gravadas e depois anotadas, separando as influências de acordo com cada fase da Lua. Fizemos três entrevistas com moradores de Unaí - MG. No primeiro dia foi com o casal Amélia e José, que são os pais de um dos autores. No segundo dia, a entrevistada foi Maria, avó de um dos autores e com o casal Miranda e Oberon. Amélia e José são agricultores em uma fazenda a 20 km da cidade. Maria mora na cidade há cerca de 20 anos, e antes vivia na fazenda. Ela é a mãe do José. Miranda e Oberon moravam no campo e com o passar do tempo, o campo foi se transformando em na cidade de Unaí. Os entrevistados falaram sobre suas ideias e vivências com a Lua no seu cotidiano e expressaram a importância da Lua na sua vida. Algumas informações dos entrevistados estão no Quadro 1.

Quadro 1: Informações básicas dos entrevistados: Idade, Gênero, Grau de parentesco

Nome	Idade	Gênero
Amélia	56	Feminino
José	59	Masculino
Maria	82	Feminino
Miranda	83	Feminino
Oberon	74	Masculino

Fonte: Viana, Manoel. Luar do Sertão: Atividades vinculadas à lua sobre a Educação do Campo.

As entrevistas foram do tipo semi-estruturadas: a ordem e como foram feitas seguiu o fluxo natural da conversa e novos assuntos surgiram enquanto conversávamos. Todas as entrevistas foram feitas nas casas dos entrevistados buscando deixá-los o mais à vontade possível. Gravamos e fizemos anotações durante as entrevistas.

Todas as entrevistas foram feitas nas casas dos entrevistados, buscando deixá-los o mais à vontade possível. Registramos elas em gravação e fizemos anotações durante as entrevistas que ocorreram nos dias 04, 05 e 06 de Junho de 2019.

Durante a análise das entrevistas pudemos observar que as opiniões sobre a influência da Lua foram bem diversificadas. Os entrevistados falaram sobre suas ideias e vivências com a Lua no seu cotidiano e expressaram a importância da Lua na sua vida. A vivência de um dos autores na região também é uma das fontes de informação deste trabalho, porque vivenciou essa prática desde quando nasceu. Observar a Lua e suas influências ao nosso redor é intrínseco na vida do camponês.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os entrevistados apresentaram diferenças quanto ao grau de confiança que têm na possibilidade de influências da Lua. O casal Amélia e José comentaram que a Lua é usada para “capar porco”, cortar cabelo e plantar. Ao contrário da Maria, que disse usar muito quando morava na fazenda, há aproximadamente 50 anos, mas atualmente ela não acredita como antes, e acrescentou que muita gente não acredita na influência da lua.

Talvez isso ocorra devido à entrevistada residir na cidade por muito tempo e ter vários outros costumes e tradições adquiridas. Porém, a entrevistada demonstrou dúvidas sobre o assunto, ao afirmar que fez, recentemente, um sabão que não deu certo, e que o genro disse ser devido à fase da Lua (lua nova). Maria disse: “Eu acho que não acredito, mas agora acho que sim, porque a lua estava na nova e o sabão não endureceu”. Já o casal Miranda e Oberon, usam

as fases da lua até hoje, inclusive para fritar toucinho. Oberon relatou que “fritar toucinho ajuda se a gente for fritar na lua nova, dá muito mais óleo, na minguante quase não dá”. Miranda diz que “a pesca é boa na lua nova e a lua minguante é a pior para pesca, porque não pega peixe”. Essa diversidade de opiniões quanto à influência da Lua é similar à identificada por Simão (1958).

As principais informações colocadas pelos entrevistados sobre como utilizar a observação da lua em diferentes atividades foram sistematizadas no quadro 3. Colocamos essas informações no formato de frases curtas que indicam o que é recomendável fazer na fase lunar, o que não é recomendável ou alguma constatação de fenômenos observados nessa fase. Essas sínteses vêm acompanhadas por uma sigla que representa os entrevistados que a fizeram. No Quadro 2, destacamos as afirmações que se repetiram em mais de uma entrevista colocando-as em negrito, e marcamos com asterisco (“*”) os casos em que aparentemente não havia concordância completa sobre aquela afirmação entre duas pessoas entrevistadas simultaneamente. Cada entrevistado foi identificado pela abreviação das iniciais dos nomes; Amélia (A), José (J), Miranda (M), Oberon (O) e Maria (M).

Quadro 2 – Resumo das afirmações dos entrevistados sobre influências da Lua

Tema	Nova	Crescente	Cheia	Minguante
Plantas	A rama cresce mais - MO	Plantar mandioca - AJ Plantar tomate - AJ Plantar milho e sorgo - AJ*		Plantar raízes - MO Plantar feijão - MO Cortar madeira - MO e M
Animais	Castrar animais - MO Pescar - MO	Vacas tendem a parir fêmeas - AJ	Quase todos animais tendem a parir - AJ	Vacas tendem a parir machos - AJ Capar porco e cavalo - AJ
Humanos	Não cortar cabelo - AJ Aumentam dores no corpo - AJ e MO Cortar cabelo - MO	Cortar cabelo - AJ	Cortar cabelo - AJ Bebês tendem a nascer - MO	
Outros	Fritar toucinho - MO Não fazer sabão - MO e M			

Fonte: Viana, Manoel. Luar do Sertão: Atividades vinculadas à lua sobre a Educação do Campo.

Pode-se observar que houve concordância e discordâncias sobre alguns efeitos de influência da lunar. O corte de cabelo é o caso em que a discordância foi mais pronunciada.

Nota-se que, nas entrevistas realizadas com duas pessoas simultaneamente, também surgiram discordâncias sobre como utilizar as observações da Lua, informação essa que está marcada com asteriscos. Miranda e Oberon discordam de qual fase da Lua é a me-



lhor. Miranda relata que a melhor lua é a minguante, mas Oberon diz ser a nova, eles relatam exemplos de influências de cada uma das fases. Miranda fala que: “Na lua minguante é melhor para plantar raízes, como mandioca, batatas, cenouras”. Oberon fala sobre a fase da Lua, em que acredita que “a lua nova é melhor para cortar cabelo, castrar animal, é a melhor para fazer as coisas no geral”. Amélia e José discordaram, já que José fala que “para plantar milho e sorgo acompanho a lua no começo de outubro até o dia 15 de novembro. Porque a lua está caminhando pela estação de crescimento para a lua crescente que vai dar mais produtividade aí vai crescer”, e, por outro lado, Amélia discorda falando “o mês está certo porque tem a ver com a estação das chuvas, mas não tem nada a ver com a Lua”.

Os entrevistados fizeram também afirmações sobre a relação entre características da Lua e fenômenos terrestres que não estão associadas às fases da Lua. Por exemplo, Amélia e José citaram que quando há eclipse lunar ocorre a “queima da plantação”, e quando há um “círculo grande ao redor”, é sinal que vai chover, não importa o tempo.

As entrevistas abordaram também outros temas. Quanto à natureza da Lua, observamos grande variedade de ideias sobre o que ela pode ser. Amélia e José falaram “É um planeta diferente. Um planeta luminoso”, ao mesmo tempo, eles falavam que pode ser parte da Terra. Maria disse que “não faz a mínima ideia” e que Miranda e Oberon não responderam. Darroz *et al.* (2013) afirmam que as crenças sobre a Lua têm discrepância de acordo com as pessoas em seus diferentes níveis de conhecimento.

Isso foi observado nas entrevistas, pois em cada entrevista houveram diferentes compreensões sobre a Lua em diferentes níveis de conhecimento escolar e conhecimento tácito. Amélia e José, tiveram pouca escolarização, vi que eles conhecem a Lua, porém não sabem explicar. Maria mora na cidade, pode ser que teve conhecimento diferente em relação aos meus pais devido a todo o processo de urbanização (a população da zona urbana não usam a lua para suas atividades como os camponeses). E o casal Miranda e Oberon são os que mais entendem sobre o assunto e são os que apresentaram menor nível de escolarização.

Também constatamos que os entrevistados perceberam mudanças na relação das pessoas com a Lua ao longo do tempo. Amélia e José disseram que as pessoas ao redor de onde moram ainda “usam” muito a lua para plantar, colher, castrar entre outras coisas. Os vizinhos com grandes lavouras não usam porque eles olham o ciclo da chuva, por aplicativos e na mídia.

Miranda relatou que “muitas pessoas largaram de olhar, porque a tecnologia que tem hoje ignora a lua, com nada e que os “novinhos” não sabem nem o que é a lua”. Maria também fala que “hoje em dia as pessoas não olham mais para a Lua, inclusive ela”. Esses

relatos reforçam a importância de registrar o conhecimento dos povos locais que ajudam/colaboram com a adição de técnicas sustentáveis, como identificado por Grando e Little (2017).

Os entrevistados apresentam amplo conhecimento sobre o assunto mesmo sem ter estudado sobre ele, e este costume, passado pelos pais, que naquela época em que viviam na natureza tinham mais contato com o meio ambiente. Eles tinham um ciclo com a natureza, a relação era de dependência um do outro para sobreviver e usavam só o necessário ao contrário do que se vê hoje em dia, com a desumanização e o afastamento do homem ao mundo natural.

4. CONCLUSÕES

Podemos afirmar que os agricultores entrevistados apresentaram pontos de concordância e divergência sobre as melhores fases da Lua para a realização de diferentes atividades no campo. Nesse sentido, nossas entrevistas mostraram um padrão semelhante a outras relatadas na literatura. De todo jeito, as concepções sobre influências dos ciclos da Lua em suas atividades faz parte da cultura do povo camponês, e fundamenta a escolha da melhor época para cultivar hortaliças específicas.

Diante dessa constatação, entendemos que a Educação do Campo, em particular o Ensino de Ciências, pode ganhar muito com a promoção do diálogo de saberes junto a povos tradicionais. Assim podemos compartilhar os conhecimentos dos povos que se baseiam em formas sustentáveis e de relação sociedade-natureza, promovendo uma construção interdisciplinar do estudo vinculado à vida das pessoas. Ensinar em diálogo com suas tradições é importante para as comunidades que vivem da agricultura familiar, que se baseiam nas fases da Lua para planejar suas atividades.

Este tema abrange infinitas possibilidades no quesito Lua, campo e animais, já que as pessoas dessas comunidades possuem grande sabedoria relacionada ao tema. O que faz com que o trabalho seja rico em detalhes e exemplos de influências lunares. Escrever sobre esses conhecimentos tradicionais é muito importante, como sistematização da memória de um povo, e como contribuição para a preservação dela.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. F. R., SILVA, M. M., PEREIRA, N. C., & JOVCHELEVICH, P. (n.d.). Ritmos lunares e Agroecologia: Resgate do conhecimento empírico de agricultores e agricultoras de Rio Pomba-MG. *CADERNOS DE AGROECOLOGIA* – ISSN 2236-7934 – **Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF** – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

DARROZ, L. M., Rosa, C. T. W. da, Vizzotto, P. A., & Rosa, Á. B. da. (2013). **As fases da lua e os acontecimentos terrestres: a crença de diferentes níveis de instrução.** p. 73–85.

GRANDO, R. L. S. C., & Little, D. P. E. (2006). **Importância da Lua no Conhecimento Ecológico Local: estudo de caso na Vila do Forte, Vale do Paranã, Goiás.** p. 1–14.

JOVCHLEVICH, P. Revisão de literatura sobre a influência dos ritmos astronômicos na agricultura. **Revista NPI – Núcleo de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, p. 20–25, 2007.

SIMÃO, S. Influência lunar sobre plantas hortícolas. **Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz**, v. 14–15, n. 0, p. 91–106, 1958.

SILVA, Daniel Neves. **“Ano-Novo chinês”**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/china/ano-novo-chines.htm>. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVEIRA, F. L. Marés, fases principais da Lua e bebês. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 20, n. 1, p. 10–29, abr. 2003.

VOGT, K. A. *et al.* Indigenous knowledge informing management of tropical forests: The link between rhythms in plant secondary chemistry and lunar cycles. **Ambio**, v. 31, n. 6, p. 485–490, 2002.



OFICINA DE ELABORAÇÃO DE CARDÁPIO PARA O PNAE: UMA OPORTUNIDADE DE APRIMORAMENTO ACADÊMICO-PROFISSIONAL E EXTENSIONISTA

WORKSHOP FOR MENU PREPARATIONS
TO PNAE: AN OPPORTUNITY FOR
ACADEMIC-PROFESSIONAL AND
EXTENSIONIST IMPROVEMENT

Rafaela Flávia Notte Cardoso,
Faculdade de Nutrição - Universidade
Federal de Goiás (FANUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Mohamad Kalil Paiva Fontenele,
Faculdade de Nutrição - Universidade
Federal de Goiás (FANUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Vanessa Canêdo de Oliveira,
Faculdade de Nutrição - Universidade
Federal de Goiás (FANUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Marina de Sá Azevedo,
Faculdade de Nutrição - Universidade
Federal de Goiás (FANUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Camila Loiola de Castro,
Programa de Pós-Graduação em
Nutrição e Saúde - Universidade Federal de
Goiás (PPGNUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Karine Anusca Martins,
Docente Faculdade de Nutrição -
Universidade Federal de Goiás (FANUT-UFG)
Goiânia - Goiás - Brasil

Grupo de Estudos e Pesquisa:
Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição Escolar
da Universidade Federal de Goiás (CECANE UFG)

Resumo: Trata-se de um relato de experiência que objetiva expor a vivência dos estagiários no planejamento, execução e avaliação de uma oficina de elaboração de cardápios para o PNAE. Os temas abordados foram alimentação e nutrição escolar. A oficina alcançou mais de 4,3 mil visualizações e 252 retornos de “feedback” de 19 estados. Possibilitou aos estudantes um aprendizado prático da tríade ensino-pesquisa-extensão, com aprimoramento acadêmico-profissional.

Palavras-Chave: Relações Comunidade-Instituição; alimentação escolar; Segurança Alimentar e Nutricional.

Abstract: This is an experience report that aims to expose the expertise of students in planning, executing and evaluating a workshop for menu preparations to PNAE. Topics covered were school feeding and nutrition. The workshop achieved more than 4,300 views and 252 feedbacks from 19 states. It enabled the students to learn the teaching-research-extension triad in practice, with academic-professional enhancement.

Keywords: Community-Institutional Relations; School Feeding; Food and nutrition Security.

1. INTRODUÇÃO

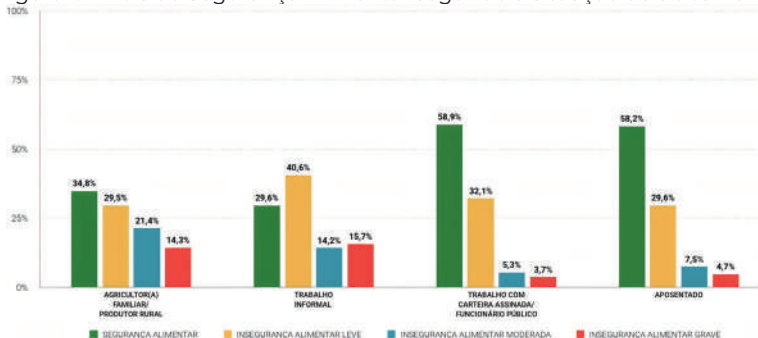
O histórico do cenário da alimentação e nutrição no Brasil passou por mudanças que transfiguraram o alto índice de desnutrição para a maior prevalência de sobrepeso e obesidade (BRASIL, 2013; IDEC, 2019). Esta transição nutricional, se tornou o novo problema de saúde pública a ser mediado por programas e políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável (DHAAS) (BRASIL, 2012). Especialmente ao considerar que a alimentação é um direito social de todos e dever do poder público alcançar sua exigibilidade (BRASIL, 2006).

O DHAAS e a SAN devem ser amplamente e continuamente pautados no âmbito das políticas públicas, com ênfase nas ações intersetoriais e multiprofissionais (SILVA, 2017). Ressalta-se a relevância do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), nesse contexto em consonância com as demandas do setor de alimentação e nutrição (BRASIL, 2020), em que se justifica a necessidade de sua manutenção e fortalecimento, especialmente, durante a pandemia de Covid-19 (PEREIRA *et al.*, 2020).

Um inquérito nacional recente destacou uma prevalência de Insegurança Alimentar e Nutricional (InSAN) no Brasil, na ordem de 55,0%, ou seja, 116 milhões de brasileiros com algum grau de InSAN, e 9,0% ou 19 milhões, em InSAN grave. Destaca-se em tal conjuntu-

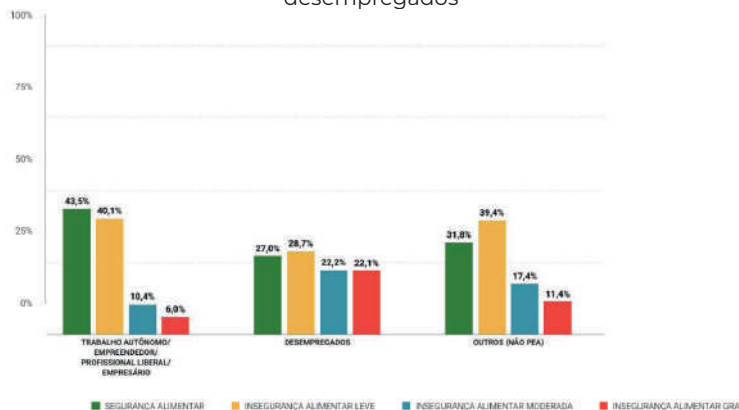
ra, às condições evidenciadas entre os agricultores familiares, com a prevalência de 65,2% em algum grau de InSAN e 14,3% em InSAN grave, público que apresenta destaque no PNAE com prevalência de 12,0% de InSAN grave, na zona rural (REDE PENSSAN, 2020). Nas figuras 1 e 2 estão apresentados os níveis de Segurança Alimentar segundo a situação de trabalho, bem como entre trabalhadores autônomos e desempregados.

Figura 1. Níveis de Segurança Alimentar segundo a situação de trabalho



Fonte: Próprio autor.

Figura 2. Níveis de Segurança Alimentar entre trabalhadores autônomos e desempregados



Fonte: Próprio autor.

A continuidade da execução de políticas públicas, em especial as de alimentação e nutrição, são cruciais na realidade atual. O PNAE, Programa com mais de 60 anos, é coordenado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação e opera em diversas frentes para promover a garantia do DHAAS e da SAN, inclusive na pandemia

(BRASIL, 1955; BRASIL, 2020; PEREIRA *et al.*, 2020). Em seu histórico passou por diversas alterações em seu arcabouço legal, sendo a publicação da Lei nº11.947/2009 um marco histórico, e a Resolução CD FNDE nº 06/2020, sua atualização mais recente, que traz, entre outros aspectos, mudanças nas normas de elaboração dos cardápios escolares (BRASIL, 2009; BRASIL, 2020).

Como forma de capilarizar as ações do FNDE, a estratégia adotada para maximizar a efetivação do monitoramento, avaliação e execução do Programa, e favorecer a superação das adversidades existentes, foi sistematizar a parceria com as Instituições de Ensino Superior (IES). Por meio destas, os Centros Colaboradores de Alimentação e Nutrição do Escolar (CECANE) foram estabelecidos por meio da Portaria Interministerial nº 1.010/2006 e da Resolução CD/ FNDE nº 38/2009, os quais realizam assistência técnica e operacional ao FNDE, com execução de ações de educação, conscientização, monitoramento e avaliação da execução do PNAE e atuam como centros de referência em alimentação e nutrição escolar. Os CECANEs alinham suas atividades às demandas das universidades, baseando-se na tríade “ensino-pesquisa-extensão” (BRASIL, 2006; BRASIL, 2009).

Quanto à perspectiva acadêmica, alinhada à tríade, em especial pelas ações de extensão, os CECANEs podem ser caracterizados como política pública (IPEA, 2018) e oportunizam aos estudantes experienciar a complexidade da vida profissional, com maior diálogo com a sociedade. Tal interação suscita a criticidade, converte em base de dados e propostas de aperfeiçoamento e construção de estratégias efetivamente niveladas às demandas (ALBRECHT; BASTOS, 2020).

Sendo assim, o CECANE da Universidade Federal de Goiás (CECANE UFG), realizou uma formação, em abril de 2021, com a participação ativa dos estagiários na construção, planejamento e execução da proposta focada nas(os) nutricionistas que atuam no âmbito do PNAE. A formação intitulada “Oficina de Elaboração de Cardápios para o PNAE” teve por premissa tratar das alterações na Resolução CD/FNDE nº06/2020 (BRASIL, 2020), e elencar estratégias para viabilizar/ favorecer a adequação dos cardápios do PNAE. Desta forma, o objetivo deste é relatar a experiência dos estagiários na construção e execução de uma oficina de elaboração de cardápios para o PNAE, bem como o aprimoramento acadêmico-profissional e extensionista nesse processo.

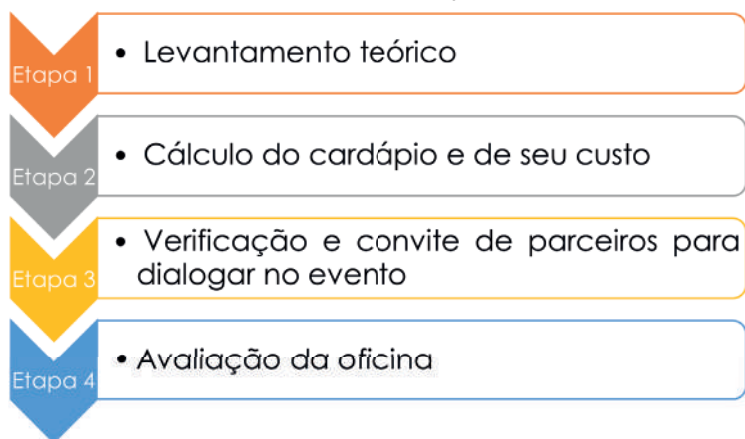
2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência de pesquisa-ensino-extensão desenvolvido por estagiários do CECANE UFG. A atividade elaborada (oficina de elaboração de cardápio) foi definida por meio da verificação do “feedback” fornecido pelos atores sociais e dos

formulários de avaliação de outras atividades desenvolvidas pelo CECANE UFG. Para determinação da atividade considerou-se a execução adaptada do PNAE em função da pandemia e a recente alteração dos parâmetros para elaboração de cardápios (BRASIL, 2020). A Oficina foi concretizada nos dias 26 e 27 de abril de 2021 das 14:30 às 17:30 na plataforma YouTube®.

Sua organização foi dividida em quatro etapas, conforme o fluxograma abaixo (figura 3): 1) levantamento teórico; 2) cálculo do cardápio e de seu custo; 3) verificação e convite de parceiros para dialogar no evento; 4) avaliação da oficina. As etapas da organização da oficina estão apresentadas no fluxograma da Figura 3.

Figura 3. Etapas de organização da oficina



Fonte: Próprio autor.

No levantamento teórico foi realizada a busca na literatura de materiais pertinentes à atividade, que abordassem receitas, alimentos regionais, sazonalidade, aproveitamento integral, per capita e índice de rendimento dos alimentos.

Na segunda etapa, a equipe distribuiu-se para realização do cálculo das preparações utilizadas e elaboração de cardápio para um mês para creches de período integral. Na sequência, organizaram uma tabela com os preços médios dos alimentos do cardápio, tendo por base a tabela de preços da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), preços de lojas atacadistas e a Central de Abastecimento (CEASA GO), e posteriormente calculou-se o custo dos cardápios utilizando-se da ferramenta Plan PNAE (BRASIL, 2020).

Na terceira etapa foram convidadas para palestrar três nutricionistas de diferentes áreas de atuação: 1) Nutrição materno infantil e Educação Alimentar e Nutricional; 2) Técnica dietética; 3) Nutrição clínica e alimentação escolar.

Os temas abordados na Oficina foram: a formação dos hábitos alimentares na infância, o impacto da Resolução CD/FNDE nº

06/2020 na elaboração de cardápio e os aspectos da técnica dietética. A Responsável Técnica encarregada da gestão da Oficina trouxe a convergência entre todas as temáticas apresentadas durante o evento, e apresentou alternativas para viabilizar e favorecer a adequação dos cardápios pelas nutricionistas do PNAE, com apresentação e discussão ao final do exemplar de cardápio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acompanharam a transmissão ao vivo da Oficina 252 pessoas e, até a data 09 de setembro, a Oficina, que permaneceu disponível no YouTube, alcançou mais de 4,3 mil visualizações. Ao avaliar os 252 retornos recebidos da lista de presença, a maioria dos participantes eram de Goiás, mas participaram também diferentes profissionais de 19 estados. Diversas dúvidas e comentários foram recebidos, pertinentes à nova legislação do PNAE, formas de adaptar os cardápios às suas realidades, problemáticas enfrentadas quanto ao déficit de manipuladores de alimentos, equipamentos, infraestruturas, e contrapartida do município/estado.

Com o aumento da InSAN, da inflação e consequentemente do preço dos alimentos, intensificaram-se os debates sobre manter uma alimentação variada, de acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014). Dentre estas alternativas tem-se o aproveitamento integral dos alimentos, a utilização de alimentos regionais e sazonais, formas de pré-preparo e preparo que maximizem o rendimento. Medidas estas passíveis de serem adotadas em âmbito individual e coletivo (GIRARDI, *et al.*, 2018; AGLIO; FUJITA; JÚNIOR, 2015; LAURINDO; RIBEIRO, 2014; ARAÚJO, 2020). Porém, independente de medidas alternativas para potencializar o uso dos alimentos pelas famílias, a dificuldade de acesso continua (REDE PENSSAN, 2020).

Quanto ao feedback da Oficina pelos participantes, podemos analisar pela seguinte tabela (quadro 1).

Quadro 1. Feedback da oficina pelos participantes

	Quantidade de avaliações	Percentual (%)
Nota máxima	59	41,8
Nota 9	42	29,8
Nota 8	33	23,4
Nota 7	7	5,0
	TOTAL: 143	100

Fonte: Elaboração dos autores.

Das sugestões/demandas recebidas para próximas atividades, as mais frequentes foram: uso do SIGPC, mais detalhamento das receitas dos cardápios, formação específica sobre as ferramentas PlanPNAE e IQ COSAN.

A atuação nos programas de extensão universitária é de grande relevância, pois permite a interação entre instituição e sociedade, que se concretiza a partir da troca de conhecimentos e experiências (DIVINO *et al.*, 2013). Considera-se o CECANE UFG como integrante do processo de ensino-aprendizagem das IES, pois integra a formação acadêmica, permite formar para atuação no PNAE, aprofundar no aparato legal, compreender os empecilhos enfrentados pelos atores sociais na execução local e pautar soluções.

Os estagiários puderam compreender, de forma prática, como ocorre o planejamento e execução de cardápios, para além da prática profissional. Além de se capacitarem para interlocução entre teoria e prática, aproximação da comunidade e desenvolvimento de um olhar crítico, com estímulo à reflexão sobre alternativas diversas para solucionar problemas.

4. CONCLUSÕES

A oficina possibilitou mais de 4.000 visualizações na plataforma de exibição, com alto fluxo de engajamento, relatos práticos de nutricionistas e experiências locais. Notou-se a presença de dúvidas diversas sobre a aplicação prática da legislação vigente, com a maior parte delas esclarecida por meio do feedback no chat.

Ademais, houve maior compreensão prática da atuação do nutricionista nesta área e seu aparato legal. Além do desenvolvimento acadêmico para pesquisas, extensões e futuros trabalhos na área. Para os estagiários, a atuação no CECANE-UFG e a participação ativa nos processos da elaboração de cardápio para o PNAE foi de suma importância para a prática profissional.

REFERÊNCIAS

AGLIO, C. S. *et al.* Cardápios sazonais como estratégia de portfólio para variabilidade e aumento de qualidade no mercado competitivo de restaurantes de hotéis: novas perspectivas de consumo no setor brasileiro. **Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 02, 2015.

ALBRECHT, E. *et al.* Extensão e sociedade: diálogos necessários. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 54-71, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 37.106**, de 31 de março de 1955. Institui a Campanha de Merenda Escolar. *Diário Oficial da União*, Brasília, v. 2, p. 465, 02 abr 1955. Seção 1.

BRASIL. FNDE. **Plan PNAE - Ferramenta de Planejamento de Cardápio**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-area-gestores/ferramentas-de-apoio-ao-nutricionista/item/12820-plan-pnae-ferramenta-de-planejamento-de-card%C3%A1pio>. Acesso em: 02 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.346**, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional-SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União, v. 143, n. 179, p. 1-2, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.947**, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. **Portaria Interministerial n.º 1.010**, de 08 de maio de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas**. Brasília, 2012.

BRASIL. **Nota técnica 1879810/2020/COSAN/CGPAE/DIRAE**, de 08 de maio de 2020. Alterações dos aspectos de Alimentação e Nutrição e de Segurança Alimentar e Nutricional da Resolução CD/FNDE nº 6, de 8 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, 2020.

BRASIL. **Resolução CD/FNDE nº 02**, de 20 de abril de 2021. Dispõe sobre os critérios para destinação de recursos financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE. Diário Oficial da União, Brasília, 2021.

BRASIL. **Resolução CD/FNDE nº 06**, de 08 de maio de 2020. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do PNAE. Diário Oficial da União, Brasília, 2020.

BRASIL. **Resolução CD/FNDE nº 38**, de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no PNAE. Diário Oficial da União, Brasília, 2009.

DIVINO, A. E. A. *et al.* A extensão universitária quebrando barreiras. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SER-GIPE, Sergipe**, v. 1, n. 2, p. 135-140, 2013.

GIRARDI, M. W. *et al.* Oferta de preparações culinárias e alimentos regionais e da sociobiodiversidade na alimentação escolar: um estudo na Região Sul do Brasil. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 29-44, 2018.

IDEC - Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Brasil). **A Síndrome Global da Obesidade, Desnutrição e Mudanças Climáticas** - relatório da Comissão The Lancet. São Paulo: IDEC, 2019. 20p.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Brasil). **Avaliação de políticas públicas: Guia prático de análise Ex Ante**. Brasília: IPEA, 2018. 202p.

SILVA, J. R. A. *et al.* fome e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) em filmes documentários brasileiros. **Comunicação em Ciências da Saúde**, Brasília, v. 28, n. 02, p. 205-215, 2017.

LAURINDO, T. R. *et al.* Aproveitamento integral de alimentos. **Inter-ciência & Sociedade**, Mogi Guaçu, v. 3, n. 2, p. 17-26, 2014.

REDE PENSSAN - Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **VIGISAN - Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2021. 66p.



ORGANIZADORES

Adriana Aparecida Ribon Ogera

Possui graduação em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus de Jaboticabal-1997). Mestrado em Ciência do Solo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), doutorado em Agronomia (linha de pesquisa-Ciência do Solo) pela Universidade Estadual de Londrina -UEL (2003), e Pós doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Campus de Jaboticabal (2011) na área de Ciência do Solo.

Email: adriana.ribon@ueg.br

Michelle Ferreira de Oliveira

Possui graduação em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás/UEG (2006), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2006) e mestrado em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação - FE/UFG (2015). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Goiás e doutoranda pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente é diretora do Instituto de Ciências da Saúde e Biológicas da UEG. Coordenou o SEREX 2021 e todo o processo de produção dessa obra.

Email: michelle.oliveira@ueg.br

Thyago Madeira França

Doutor em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Atua como professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG) nas áreas de Literatura, Linguística e Análise do Discurso. É co-líder e pesquisador do grupo de pesquisa CNPQ "Laboratório de Estudos Polifônicos" (UFU) e pesquisador do grupo "A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas" (UERJ).

Email: thyago.franca@ueg.br

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x22,5cm
Tipologia: Montserrat Pro
Papel de Miolo: Off-Set 90g
Papel de Capa: Triplex 250g
Número de Páginas: 276
Suporte do livro: e-Book

Todos os direitos reservados.

Universidade Estadual de Goiás
BR-153 – Quadra Área, Km 99 – 75.132-903 – Anápolis-GO
www.ueg.br / Fone: (62) 3328-4866

2022
Impresso no Brasil / Printed in Brazil



O fascínio pela extensão universitária sempre esteve presente na minha carreira acadêmica. Tive o privilégio de ser bolsista enquanto acadêmica e, anos depois, como docente, desenvolvi e continuo a desenvolver diversas ações extensionistas. A extensão universitária sem dúvida é o espaço mais vivo dos ambientes institucionais, é o lugar onde nos aproximamos da comunidade e onde a dialogicidade acontece... é onde todos nós somos sujeitos na prática educativa e estamos em constante formação. Freire (1982) já afirmava que o diálogo é o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, na relação eu-tu, nessa relação vamos nos constituindo e construindo novas relações. Esta obra é produto da 12ª Edição do SEREX – Seminário Regional de Extensão Universitária do Centro-Oeste, que foi sediado pela Universidade Estadual de Goiás, e traz um retrato da extensão universitária abordando diversas temáticas relacionados à cultura, formação, saúde, comunicação, meio ambiente, entre outros. Esta obra representa a diversidade e é um convite para que você também se inspire, conheça, proponha e/ou participe de ações de extensão.

Michelle Oliveira